

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO

Isabella de Sousa Gonçalves

Tecnologias da Memória:
o NYT Archives e a recirculação do passado no Instagram

Juiz de Fora

2019

Isabella de Sousa Gonçalves

Tecnologias da Memória:
o NYT Archives e a recirculação do passado no Instagram

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Comunicação. Área de concentração: Comunicação e Sociedade.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Christina Ferraz Musse

Juiz de Fora

2019

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Gonçalves, Isabella de Sousa.

Tecnologias da Memória : o NYT Archives e a recirculação do passado no Instagram / Isabella de Sousa Gonçalves. -- 2019.

187 p. : il.

Orientadora: Christina Ferraz Musse

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social. Programa de Pós Graduação em Comunicação, 2019.

1. Instagram. 2. New York Times. 3. Tecnologias da Memória. 4. Jornalismo. 5. Arquivo Digital. I. Ferraz Musse, Christina, orient. II. Título.

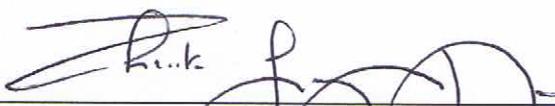
Isabella de Sousa Gonçalves

**Tecnologias da Memória:
o NYT Archives e a recirculação do passado no Instagram**

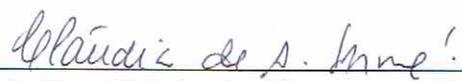
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial a obtenção do grau de Mestra em Comunicação Social, na linha de pesquisa “Competência Midiática, Estética e Temporalidade”.

Aprovada em 20 de Agosto de 2019

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Christina Ferraz Musse - Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora



Profa. Dra. Cláudia de Albuquerque Thomé
Universidade Federal de Juiz de Fora



Prof. Dr. Juremir Machado da Silva
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Dedico este trabalho aos meus pais, que me apresentaram à vida acadêmica. Obrigada por todos os livros presenteados e por todos os conselhos marcantes.

AGRADECIMENTOS

Tenho muito a agradecer. O meu mestrado foi curto, apenas 1 ano e meio, mas com certeza aprendi de forma intensa. Tal crescimento só foi possível a partir de contribuições várias.

Primeiramente, agradeço ao povo brasileiro, uma vez que a minha formação acadêmica ocorreu em uma universidade federal, pública e gratuita. Espero que as minhas pesquisas possam auxiliar à sociedade e que mais oportunidades como essa sejam dadas a outros brasileiros. Sabemos que a educação é essencial para o sucesso de um país, assim como a valorização da pesquisa e de seus pesquisadores.

Agradeço à minha família e, em especial aos meus pais, Antônio Augusto Gonçalves e Lenise Teixeira de Sousa, que valorizam a educação gratuita, pública e de qualidade e que acreditam que ela e a pesquisa são essenciais para o progresso do Brasil e para a diminuição das desigualdades sociais. Ambos são grandes pesquisadores e foram, dessa forma, influências para o meu percurso acadêmico.

Agradeço à Professora Christina Ferraz Musse, responsável por me ensinar a pesquisar. A orientação dela foi maravilhosa, especialmente ao me dar abertura a novas descobertas.

Agradeço ao Grupo de Pesquisa Comunicação, Cidade e Memória, que esteve presente durante a minha iniciação científica, no PET, e, agora, no mestrado. As leituras e contribuições de cada um que passou pelo grupo foram essenciais.

Agradeço ao PET Facom e ao Professor Francisco Pimenta. Mesmo não estando presente mais no programa, o grupo sempre será lembrado durante as minhas conquistas, uma vez que foi parte marcante de minha formação.

Agradeço às professoras Cláudia Thomé, Gabriela Borges e Mariana Musse pelas contribuições em minha banca de qualificação. Procurei agregá-las ao máximo possível neste trabalho e, tenho certeza, que a dissertação ficou ainda mais rica.

Agradeço ao Professor Juremir Machado da Silva, por ter aceitado participar da banca de defesa como professor externo.

Agradeço à professora Rosali Henriques por todas as indicações bibliográficas e pelo apoio essencial durante o meu processo seletivo para o Doutorado. Espero vê-la com constância do outro lado do oceano.

Agradeço a todo o corpo docente do Programa de Pós Graduação em Comunicação, secretaria da Facom e do PPGCOM, técnicos administrativos da instituição e aos colegas discentes, apoios constante durante o percurso do mestrado.

Agradeço aos amigos Carla Ramalho e Mateus Bertolini, parceiros de escuta e de luta durante o percurso do PPGCOM.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

RESUMO

Esta dissertação teve como objetivo analisar o Instagram NYT Archives, uma das contas criadas pelo *New York Times* para recircular, exclusivamente, imagens do arquivo do veículo. A partir de tal estudo, pretendeu-se perceber quais são os temas principais recirculados pelo jornal, observando-se, para tanto, elementos como: local em que a foto foi tirada; tema da imagem; pessoas, objetos e cenário retratados; dentre outras categorias. Para tanto, este trabalho utilizou a metodologia para a análise de imagens de Mauad (2005), que propõe uma ficha de elementos a serem estudados, de forma que seja entendido o conteúdo das fotografias. Além do estudo das imagens, a pesquisa também procurou refletir acerca da memória no contexto digital. Nesse sentido, foram abordadas reflexões que discorrem sobre a memória (Halbwachs, 1990; Huyssen, 2000; Nora, 1997; Pollack, 1989; Sarlo, 2007 e Thompson, 1996). Ademais, procurou-se elencar estudos sobre o cenário digital (Castells, 2005; Jenkins, 2009; Manovich, 2012 e Lévy, 2000 e 2003). Por fim, a dissertação refletiu acerca da memória no contexto da convergência e, em especial, sobre o conceito de tecnologias da memória, título desta dissertação (Canavilhas, 2019; Haskins, 2007; Henriques, 2004; Rumsey, 2016 e Van House, 2018). Além da análise e do estudo bibliográfico, a pesquisa também traçou um histórico do *New York Times*, veículo estudado, assim como do Instagram e de outras redes sociais. O corpus foi formada por publicações do ano de 2018, tendo sido analisada uma semana de cada mês. No total, foram 81 postagens estudadas. A partir da análise, concluiu-se que o NYT procura rememorar, principalmente, temáticas locais e nacionais, assim como imagens do cotidiano, não havendo, portanto, grande rememoração de personalidades. Além disso, percebeu-se que a década de 1970 foi a mais lembrada, uma vez que foi recontextualizada em 20 postagens, ou seja, 26,7% do conteúdo.

Palavras-chave: Instagram. New York Times. Tecnologias da Memória. Jornalismo. Arquivo digital.

ABSTRACT

This dissertation has the objective of analyzing the Instagram NYT Archives, an account created by The New York Times to post images from its archives. Through this study, it was possible to see which are the main themes remembered by this newspaper. To do so, the following elements were analyzed: local in with the picture was taken; image theme; people, objects and scenery portrayed; among other categories. This work used, as methodology, the image analysis proposed by Mauad (2005). The author has created an elements file to be studied so that photography's content can be understood. Besides the imaging study, the research also tried to reflect on the memory within the digital context. So, there were approached studies about memory itself (Halbwachs, 1990; Huyssen, 2000; Nora, 1997; Pollack, 1989; Sarlo, 2007 e Thompson, 1996). Besides, it was presented in the digital context (Castells, 2005; Jenkins, 2009; Manovich, 2012 e Lévy, 2000 e 2003). Finally, this work also reflected about the memory within the convergence context, especially through the 'technologies of memory' concept, this dissertation's title (Canavilhas, 2019; Haskins, 2007; Henriques, 2004; Rumsey, 2016 e Van House, 2018). Besides the analysis and the bibliographical study, this research also has described the history of The New York Times, Instagram, among other social networks. The year analyzed was 2018 and there was studied one week in each month, so, in total, there were 81 images analyzed. Through the page analysis, it was possible to conclude that the newspaper tries to remember mainly the local and national thematics and everyday images. So, the highlight is not national personalities, but ordinary people. Besides, the 1970 decade was the most remembered one, with the highest number of publications, 20 posts, so 26,7%.

Keywords: Instagram. The New York Times. Technologies of Memory. Journalism. Digital Archive.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	–	Timeline com o surgimento das redes sociais (1978 - 2018).....	32
Figura 2	–	Mapa com as redes sociais mais populares de cada país.....	34
Quadro 1	–	Novos projetos de documentação voltados para as Redes Sociais.....	37
Figura 3	–	Logotipos da Polaroid e Instagram.....	46
Figura 4	-	Nova Identidade Visual da Marca.....	49
Gráfico 1	-	Número de usuários ativos (em milhões) - 01/2013 a 06/2018.....	47
Figura 5	-	Demonstração dos elementos do Instagram.....	52
Gráfico 2	-	Crescimento do número de assinantes digitais do NYT.....	65
Gráfico 3	-	Resultados do New York Times até 2012.....	66
Figura 6	-	Times Video.....	68
Quadro 2	-	Comparativo das contas do NYT no Instagram.....	71
Figura 7	-	Site com as histórias das fotos postadas no Instagram.....	72
Figura 8	-	The New York Times Archives.....	79
Figura 9	-	Série de Stories do @nytarchives.....	80
Quadro 3	-	Meses e dias de análise.....	81
Quadro 4	-	Ficha de elementos da forma do conteúdo.....	82
Quadro 5	-	Elementos da Análise.....	83
Figura 10	-	Postagens de Janeiro.....	86
Figura 11	-	Postagens de Fevereiro.....	90
Figura 12	-	Postagens de Março.....	94
Figura 13	-	Postagens de Abril.....	98
Figura 14	-	Postagens de Maio.....	102
Figura 15	-	Postagens de Junho.....	106
Figura 16	-	Postagens de Julho.....	111
Figura 17	-	Postagens de Agosto.....	114
Figura 18	-	Postagens de Setembro.....	117
Figura 19	-	Postagens de Outubro.....	119
Figura 20	-	Postagens de Novembro.....	122
Figura 21	-	Postagem do dia 6/11/2018.....	123
Figura 22	-	Postagens de Dezembro.....	126
Gráfico 5	-	Porcentagens dos meses rememorados nas publicações.....	128

Figura 23	-	Mulheres que fotografavam no NYT na década de 1970.....	130
Figura 24	-	Alguns dos fotógrafos do NYT em 1948.....	131
Gráfico 6	-	Locais em que as fotografias foram feitas.....	132
Quadro 6	-	Postagens mais curtidas.....	133
Quadro 7	-	Postagens mais comentadas.....	134
Gráfico 7	-	A imagem retratava personalidades?.....	135

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	17
2	TECNOLOGIAS DA MEMÓRIA.....	21
2.1	A MEMÓRIA DIGITAL.....	21
2.2	AS REDES SOCIAIS E A MEMÓRIA DIGITAL.....	31
2.3	O JORNALISMO E A MEMÓRIA.....	40
3	O INSTAGRAM.....	45
3.1	BREVE HISTÓRICO.....	45
3.2	A MECÂNICA DA REDE.....	51
3.3	O INSTAGRAM E A MEMÓRIA	54
4	O <i>NEW YORK TIMES</i>	57
4.1	BREVE HISTÓRICO.....	57
4.2	A PRODUÇÃO JORNALÍSTICA DO NYT NO MEIO DIGITAL.....	63
4.3	A ATUAÇÃO DO NYT NO INSTAGRAM	74
5	O <i>NEW YORK TIMES ARCHIVES</i>.....	79
5.1	ANÁLISE DA PÁGINA.....	83
5.1.1	Janeiro de 2018.....	84
5.1.2	Fevereiro de 2018.....	87
5.1.3	Março de 2018.....	90
5.1.4	Abril de 2018.....	95
5.1.5	Mai de 2018.....	99
5.1.6	Junho de 2018.....	103
5.1.7	Julho de 2018.....	106
5.1.8	Agosto de 2018.... ..	114
5.1.9	Setembro de 2018.... ..	117
5.1.10	Outubro de 2018.... ..;	118
5.1.11	Novembro de 2018.....	120
5.1.12	Dezembro de 2018.....	124
5.2	RESULTADOS DA ANÁLISE.....	126
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	137
	REFERÊNCIAS	141
	ANEXO A – Corpus da Análise	149

1 INTRODUÇÃO

O século XXI traz uma dicotomia, por ser caracterizado pela velocidade e pela instabilidade, ao mesmo tempo em que há uma tentativa de se ancorar no passado. De acordo com Huyssen (2000), a atualidade é marcada por uma obsessão pela memória, que atua como uma forma de confrontar a modernidade na pós-modernidade, uma vez que, até 1980, a preocupação primordial era com o futuro, na busca pelo progresso. Diante do contexto atual, em que há um verdadeiro *boom* da memória e, ao considerar os jornalistas como senhores desta memória, é necessário entender quais fatos são recirculados pelos veículos de comunicação, já que eles são responsáveis por construir e reconstruir a memória (BARBOSA, 2004). A formação de uma memória, portanto, não se trata de um processo espontâneo, não sendo ela estática ou natural. Nessa perspectiva, tal construção ocorre por meio de disputas, ou seja, verdadeiras guerras de memória.

Nesse espaço de conflito, os meios de comunicação assumem um papel protagonista, tendo uma participação importante na construção de memórias individuais e coletivas (MARTINS, 2017). Para estudar tais embates memoriosos, é fundamental se debruçar sobre os arquivos de notícias, especialmente ao se considerar que, na modernidade, a memória é, acima de tudo, arquivística, estando ela baseada na imediatez da gravação, na materialidade do traço e na visibilidade da imagem (NORA, 1996).

Nesse sentido, ao pensar na temática da memória coletiva, seria descuidado não considerar a importância crescente das novas mídias na cultura memorial contemporânea. As diferentes mídias, de certa forma, sempre influenciaram a memória, mas tal fenômeno se intensificou ainda mais com o aumento da popularidade da internet como um veículo de memória (HASKINS, 2007). Nesse espaço, surgem novas vozes, mas os veículos antigos também aproveitam a oportunidade para ampliar as suas próprias, através de novas coberturas que surgem no espaço na web e com as redes sociais.

Uma dessas iniciativas é o Instagram Histórico @NYTArchives, que se diferencia, por encontrar valor notícia em fotos já arquivadas, contextualizando-as novamente e, por consequência, as ressignificando. Diante desse objeto, importa questionar o que merece ser lembrado pelo *New York Times*, um veículo que se destaca por sua relevância internacional. Ao mesmo tempo, merecem também atenção os eventos que são esquecidos, nessa luta constante entre o lembrar e o esquecer. Dessa forma, o objetivo desta pesquisa é analisar o Instagram @NYTArchives do *New York Times*, entendendo, assim, os principais temas rememorados.

Além da análise do objeto, considerou-se relevante contextualizá-lo, a partir de teorias que pudessem amparar o estudo. Para tanto, no primeiro capítulo, buscou-se abordar o conceito da memória digital, temática nova no Brasil e no mundo, entendendo a influência das novas tecnologias na transformação da memória coletiva. Para tanto, primeiramente, abordou-se o conceito da memória, a partir de autores, como: Halbwachs (1990); Huyssen (2000); Nora (1997); Pollack (1989); Sarlo (2007) e Thompson (1996). Posteriormente, foram utilizadas reflexões acerca do cenário digital, trazidas pelos pesquisadores: Castells (2005); Jenkins (2009); Manovich (2012) e Lévy (2000) e (2003). Por fim, a memória digital foi refletida por autores que fazem uma interseção entre as duas temáticas citadas, sendo eles: Canavilhas (2019); Haskins (2007); Henriques (2004); Rumsey (2016) e Van House (2018).

Ainda referente à memória digital, foi importante aprofundar as relações entre as redes sociais e a memória. Para tanto, utilizou-se, também neste primeiro momento, reflexões de Boyd e Ellison (2008), Henninger e Scifleet (2016), Henriques (2014) e Raymond (2010). Por fim, o capítulo também discorreu acerca das interseções entre o jornalismo e a memória, temática essencial para se entender o objeto, por ser ele produto do próprio jornalismo. Nesse sentido, foram relevantes as contribuições de Barbosa (2004), Palacios (2010) e Wolton (1999).

No segundo capítulo, o percurso da pesquisa nos levou até o Instagram, por ser esta a rede social estudada. Nesse sentido, inicialmente, procurou-se traçar um histórico da plataforma, a partir das ponderações de Barros (2017), Musse, M.F (2017) e de dados encontrados no próprio Website da plataforma, que procura documentar cada uma de suas iniciativas, em uma perspectiva histórica. Posteriormente, foi também fundamental entender a mecânica da rede, ou seja, o seu método de funcionamento, principais características e peculiaridades.

Por fim, ainda neste capítulo, como esta dissertação abarca, essencialmente, as relações entre o jornalismo e a memória no Instagram, procurou-se também relacionar tal rede social com o conceito, a partir de reflexões que abarcam a própria fotografia enquanto veículo de memória. Para tanto, alguns autores foram fundamentais, tais como: Gye (2007), Rettberg (2014) e Van House (2004),

Posteriormente, no terceiro capítulo, abordou-se o *New York Times* em si, jornal escolhido para atuar como objeto deste estudo. Novamente, é de interesse entender o percurso histórico do veículo e a evolução da sua influência ao longo do tempo, bem como transformações de suas iniciativas e métodos. Para entender tais perspectivas, foram utilizadas obras de Molina (2009), com seus estudos sobre os jornais mais relevantes, a nível mundial; Schudson (2010), que traça a relação do jornalismo com a objetividade e suas origens; e Talese (2000), jornalista renomado que atuou, durante grande parte de sua carreira, no veículo, e trouxe, em obra, a história do jornal.

Como a dissertação reflete acerca de uma das redes sociais do periódico, foi também fundamental entender as suas iniciativas digitais, tendo, assim, um panorama de suas estratégias, a nível de produção de conteúdo. Para isso, foi traçado um mapeamento de suas produções jornalísticas, no contexto digital, assim como a sua atuação específica no Instagram, rede social estudada.

Por fim, o quarto capítulo abordou o Instagram NYT Archives, objeto deste estudo. Primeiramente, foi feita uma breve análise do objeto, tendo sido apresentadas, assim, as suas principais características, como o tipo de conteúdo publicado, aspectos gerais das imagens, peculiaridades das descrições, assim como número de publicações, periodicidade e quantitativo de seguidores.

Feito isso, partimos para o percurso de análise de cada uma das imagens. Nesse sentido, o estudo foi descrito de forma detalhada, sendo elencadas as características observadas em cada uma das postagens encontradas nos meses analisados. Para o estudo, foi utilizada a metodologia de Mauad (2005), que propõe uma ficha com elementos para o estudo, de forma que se entenda, por meio dela, os principais temas rememorados, assim como as características comuns encontradas na página.

Com base na autora, foram objetos da análise elementos como: nome do fotógrafo; data da fotografia; período em que foi rememorada no Instagram; número de *likes*; número de comentários; local em que a imagem foi tirada; tema retratado; pessoas presentes na imagem; objetos encontrados; atributos das pessoas; aspectos das paisagens; cenário retratado; tempo retratado.

De forma que se tivesse uma análise completa do objeto, definiu-se, como corpus, o ano, como um todo, de 2018, tendo sido selecionada uma semana de análise a cada mês. Nessa perspectiva, foram 12 semanas estudadas, perfazendo o total de 84 dias de análise e 81 imagens, concentradas em 77 postagens.

Por meio do estudo, foi possível entender as características da rede social, assim como as temáticas rememoradas. A dissertação é relevante para o campo das ciências sociais aplicadas, por evidenciar novas formas de narrativas de rememoração que encontram, na web, os seus espaços. Estas, por sua vez, são produzidas por indivíduos, mas também por corporações, que criam, nesse espaço virtual, novos tipos de embates e disputas memoriais. Entender as formas de rememoração, por grandes veículos de comunicação, é também compreender as formações dessas memórias e, mais do que tudo, perceber aquilo que é silenciado por esses “senhores da memória”.

2 TECNOLOGIAS DA MEMÓRIA

Neste capítulo, apresentamos conceitos, assim como discussões teóricas, relacionados ao tema Tecnologias da Memória, título desta dissertação. Para tanto, três tópicos principais serão discutidos. O primeiro é a memória digital e a influência das tecnologias da memória na transformação da memória social, assim como as problemáticas e os potenciais desta nova configuração na dialética entre o lembrar e o esquecer. Posteriormente, no segundo tópico, são abordadas as relações das redes sociais com a memória, trazendo a definição de tais plataformas, um breve histórico, assim como as formas de memória possibilitadas por tais websites. Por fim, o último tópico aborda as interseções entre o jornalismo e a memória, já estudadas no campo da memória social e nas próprias pesquisas relacionadas à história da mídia.

Tais temas são importantes, uma vez que, para se entender a recirculação de acontecimentos históricos no Instagram, é preciso antes compreender o fenômeno da memória digital, o porquê da utilização do conceito tecnologias da memória, além das novas formas de lembrar e esquecer trazidas pelas redes sociais. Por nosso objeto empírico se tratar de um veículo jornalístico, é também fundamental abordar a relação do jornalismo com a memória. Apesar de o segundo tópico deste capítulo investigar especificamente a interseções das redes sociais com a memória, o Instagram não será abordado, uma vez que o segundo capítulo trata especificamente de tal plataforma digital.

2.1. A MEMÓRIA DIGITAL

A memória digital recebe atenção de muitos teóricos que procuram estudar as transformações da memória social, mas ela também é abordada por acadêmicos que pesquisam a Web 2.0¹, o jornalismo digital e o arquivamento em nuvem, uma vez que tal assunto permeia um entendimento transdisciplinar. Para compreender tal conceito, entretanto, é fundamental se debruçar sobre a própria temporalidade, ideia que também ganhou uma investigação marcante por teóricos após a revolução informacional.

É inegável que a relação da sociedade com o tempo se transformou profundamente e ainda sofre modificações, à medida que novas tecnologias são criadas. Estamos, hoje, vivenciando o apelo pelo tempo eterno (CASTELLS, 2005), sendo ele

¹ A característica que define a Web 2.0 é a possibilidade de criação e troca de conteúdos “sociais” criados por usuários (KAPLAN E HAENLEIN, 2010).

intemporal, diante da busca pelo imediato. Trata-se de uma consequência da supressão da sequência cronológica até o limite do instantâneo, que chega ao limiar do não tempo (ROSETTI, 2017).

Essa busca pelo instantâneo e pela supressão do tempo é impulsionada por uma tendência natural no ser humano. Embora o homem esteja no tempo e seja um ser temporal, ele naturalmente repudia o tempo, movido pelo instinto de preservação da vida. Isso acontece porque o tempo porta em si mesmo uma contradição entre o ser e o não ser, ou seja, entre o aparecimento e o desaparecimento das coisas.(ROSETTI, 2017, p. 92).

A tecnologia, ao permitir a redução da espera, diante da disponibilidade quase imediata da informação, provoca uma sensação de eternidade. O espaço digital, assim, é responsável por suprimir a ideia de um tempo linear, já que o usuário, por meio dos *hiperlinks* e do conteúdo *on-demand*, pode acessar as informações da maneira como desejar. Para tanto, deixou-se de haver uma curadoria perceptível daquilo que deve ser visto, tal como ocorria anteriormente, na televisão e na rádio, com o *broadcasting*, e, na imprensa escrita, com a seleção cuidadosa do texto e da imagem que ocuparia cada centímetro quadrado de página.

De fato, a nova lógica informacional, que já é uma transformação por si só, foi responsável por desencadear uma série de outras, havendo uma transformação, assim, na percepção da sociedade como um todo em relação a fenômenos que eram entendidos de maneira distinta. Além da lógica da imediatez do acesso a conteúdos novos, a internet também facilitou a disponibilização de todo o patrimônio informacional, por meio das bases de dados e do aperfeiçoamento de motores de pesquisa (NOGUEIRA, 2003). Nesse sentido, houve o aumento da existência de arquivos, bibliotecas e museus digitais, que passaram a aproximar o cidadão comum das informações da web.

Assim, pode-se dizer que a internet hoje é utilizada para recolher informações, da mesma forma que arquivos anteriores a ela. Estes, entretanto, tinham como característica o armazenamento espacial, que se organizava por meio de categorias e subcategorias em um lugar específico, como a Biblioteca Nacional. Os bancos de dados digitais, assim como os arquivos físicos, também trazem consigo essa lógica organizacional, por meio da classificação de palavras-chave, datas, autores, dentre outros. Além disso, eles foram responsáveis por, de certa forma, democratizar o acesso ao conteúdo, já que, com os arquivos físicos, o pesquisador era obrigado a se deslocar e despender um tempo que, com a busca on-line, é quase inexistente. Diante dessa constatação, e assim como Nora (1997) já defendia, pode-se dizer que a memória moderna é arquivística.

De acordo com Canavilhas (2003), não é exatamente a enorme quantidade de informação disponível que distingue a internet de outros meios de comunicação de massa, mas sim a possibilidade de arquivamento imediato. Esta característica faz com que o tempo da memorização ou arquivamento seja comprimido, uma vez que, a partir de tais bancos de dados, há a inexistência de espaço entre o momento do acontecimento e o momento da pesquisa.

Segundo o autor, a web também foi responsável por mudar a relação entre a importância e a duração, uma vez que a memória humana se caracteriza pela retenção de flashes, impressões, reconstruções. A memória dos indivíduos, portanto, é formada a partir de flutuações, que ocorrem em função do momento de articulação (POLLACK, 1992). É, assim, construída e feita a partir de um processo de organização, já que o homem, ao mesmo tempo que inclui, também exclui acontecimentos de suas lembranças pessoais, fazendo, assim, uma espécie de seleção.

Esse último elemento da memória - a sua organização em função das preocupações pessoais e políticas do momento mostra que a memória é um fenômeno construído. Quando falo em construção, em nível individual, quero dizer que os modos de construção podem tanto ser conscientes como inconscientes. O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização. (POLLACK, 1992, p. 4 e 5).

Na internet, por outro lado, é possível acessar fenômenos de modo contínuo, com referências do acontecimento a cada momento, que se constrói, a partir de gravações, imagens e textos, responsáveis por testemunhar cada segundo/minuto/hora do acontecimento. Nesse sentido, tal característica é responsável por também trazer a ilusão de uma memória infalível ou completa. Com essa nova configuração, a memória assume uma outra forma, sendo ela agora permeada pelo processo de pesquisa, pelo arquivamento em nuvem e por extensões do homem cada vez mais utilizadas, como o próprio celular, que acompanha e testemunha os mais diversos momentos da vida. Dessa forma, de acordo com Nogueira (2004), pode-se dizer que a internet é, em si, um veículo de memória, devido à sua capacidade de indexação, que é aliada à capacidade de armazenamento dos hardwares.

A ideia de guardar informação perde-se no tempo, e o espaço para criar dispositivos de preservação de memória colectiva ou individual (de entre os quais o mais notório talvez seja a biblioteca) assumiu várias formas ao longo da história. Mas esse esforço de salvaguarda do patrimônio tinha um horizonte de utilização incerto ao qual acresce a tradicional dificuldade do acesso. É precisamente neste ponto que a internet oferece grande novidade: o acesso imediato (e de certo modo mais democrático) ao patrimônio informacional. (NOGUEIRA, 2004, p. 160).

Hoje, vivemos em um cosmos informativo, que dá fim às fronteiras anteriores espaço-temporais, como os limites da fotografia, do livro, do filme, da televisão. No meio impresso e na programação televisiva, por exemplo, há a necessidade da curadoria para compor as páginas, as lacunas do horário. A internet expande essa lógica, em uma realidade participativa.

Segundo Gillis (1994), até a década de 1980, a memória institucional, que acabava por se entranhar na coletiva, preservava as concepções da elite, sendo ela especialmente masculina. Nessa perspectiva, a lógica da história oficial era patriarcal, não havendo espaço para vozes de minorias ou mesmo do homem comum. Além disso, havia um afastamento do público nos próprios museus, que era visto como observador e não participante. Entretanto, atualmente, diante da lógica participativa, tem havido uma nova concepção histórica e, por consequência, uma mudança na memória coletiva, por haver espaço, cada vez mais, para relatos daqueles que outrora eram esquecidos.

Essa nova realidade foi vista por muitos de forma otimista, sendo um exemplo o próprio filósofo francês Pierre Lévy (2000 e 2003), que trouxe conceitos importantes, como o da “cosmopédia”, no qual previa o surgimento da Wikipédia², além de ter abordado a facilidade de compartilhamento trazida pela rede. As ideias do autor também contribuíram para a criação de outras teorias importantes, tal como a inteligência coletiva e a cibercultura.

Além dele, Jenkins (2009) aborda temática similar, trazendo o conceito da cultura participativa de forma otimista, referenciando, para tanto, os usuários como “prosumidores”, uma vez que eles, ao mesmo tempo em que produzem conteúdo, também o consomem. Nessa perspectiva, o autor trouxe exemplos de movimentos importantes na cultura de fãs, que foram responsáveis por modificar a lógica de produção, que anteriormente obedecia, de certa forma, a uma configuração que vinha de cima para baixo, na qual os espectadores eram raramente ouvidos.

De fato, a Web 2.0 traz uma série de possibilidades que, ao primeiro olhar, parecem muito promissoras, com qualidades várias. A facilidade trazida pela internet para a emergência de novas vozes é, com certeza, uma característica que merece ser evidenciada. No passado, por exemplo, o mercado editorial tinha o ônus de esbarrar em um filtro não acessível, responsável por deixar muitos conteúdos fora do circuito de consumo. Dessa forma, era privilegiada a publicação de autores já consagrados, além daqueles bem relacionados. Muitos

² Projeto de enciclopédia livre, disponível em várias línguas, sendo os próprios usuários responsáveis pela edição da informação.

eram descobertos pelo olhar do editor cuidadoso, mas outros não tinham sequer os seus manuscritos lidos.

Nessa perspectiva, Rumsey (2006) pondera que, de fato, a internet traz a facilidade da publicação e, com isso, temos a sensação de termos perdido as restrições de antes. Assim, os usuários se sentem mais livres para produzir os seus próprios conteúdos, e a mídia tradicional também aumentou, diante deste mesmo contexto, o seu escopo de produção, investindo em iniciativas digitais. Um exemplo é o próprio *New York Times*, objeto de estudo desta dissertação, que será discutido mais adiante. Nesse contexto, as redes sociais, como o Facebook, o Twitter e o Instagram foram fundamentais para o nascimento de outras narrativas alternativas, sendo elas primordiais, atualmente, para a efervescência de uma “memória subterrânea” (POLLACK, 1989).

As fronteiras entre o oficial e o particular; o público e o privado; o permanente e o evanescente deixarão de importar, já que todas as histórias e imagens poderão representar e comentar o passado. Talvez como nenhum outro meio do passado, a internet fez da autoria coletiva uma realidade prática, preenchendo o desejo de muitos críticos de libertarem textos de restrições autorais. A maior parte dos textos midiáticos, na internet, são produtos da colaboração de múltiplos designers e usuários. (HASKINS, 2007, p. 405, tradução nossa).³

Ou seja, tais redes possibilitaram a efervescência de uma “história vista de baixo” (THOMPSON, 1966), havendo, para tanto, protagonistas até então esquecidos pela história institucional, aquela com H maiúsculo, a História dos vencedores, e não dos vencidos; a História dos grupos privilegiados, que detêm historicamente poder e determinam aquilo que deve ser lembrado e esquecido. “Ao invés de haver apenas narrativas oficiais disseminadas pela mídia de massa e pelo governo, todos os tipos de história se tornam agora parte de um *patchwork* envolvente de memória pública” (HASKINS, 2007, p. 405, tradução nossa)⁴.

No entanto, a perda do filtro também pode ser perigosa, já que, no século XXI, somos mergulhados em uma quantidade de conteúdo que nem sempre é benéfica. O excesso de informação tem como perigo a desorientação, já que o homem, agora, pode se deslocar em gravidade zero entre constelações várias, mas também pode esbarrar em um lixo espacial. Nesse contexto, o que orienta é o link, a indexação, o compartilhamento de amigos. A

³ Trecho original: The boundaries between the official and the vernacular, the public and the private, the permanent and the evanescent will cease to matter, for all stories and images will be equally fit to represent and comment on past. Perhaps like no other medium before, the internet has made collective authorship a practical reality, fulfilling many literary critics' desire to free texts from authorial constraints. Most new media texts are products of collaboration among multiple designers and users.

⁴ Trecho original: Instead of only official accounts disseminated by mainstream media and the government, all kinds of stories can now become part of an evolving patchwork of public memory.

curadoria, nesse sentido, assume outra forma e é até mesmo automatizada por algoritmos que indicam textos, músicas e que também ditam aquilo que deve ser lembrado.

Mesmo com esse novo tipo de curadoria, ainda assim acessamos uma quantidade massiva de dados, responsável por gerar uma verdadeira crise de atenção, como aborda Crary (2013). Como consequência, temos testemunhado a emergência de uma série de doenças ligadas à saúde mental, exemplificadas na depressão e na ansiedade. Segundo o autor, tal crise de atenção vem em decorrência do próprio sistema capitalista, que traz uma série de estímulos distintos, provocando, assim, a distração e revolucionando a própria experiência sensorial, já que os meios da percepção sofreram modificações a partir de tais transformações profundas.

Nessa perspectiva, o capitalismo faz com que tomemos como natural a alternância de atenção de uma temática a outra, fato que incentiva o consumo e, até mesmo, a cultura do desperdício. Como consequência, ao haver uma aceleração da troca e da circulação provocadas pelo capital, temos presenciado a emergência de um novo tipo de adaptabilidade humana, que está hoje mergulhada em um regime de distração, caracterizado pela perpetuação do processo transitório, nunca havendo, assim, um descanso para a subjetividade humana poder se acostumar e se acomodar com uma nova realidade (CRARY, 2013).

Para essa mudança na subjetividade humana, as denominadas tecnologias da memória, conceito utilizado no título desta dissertação, podem ter sido as principais protagonistas. A adoção de tal terminologia não é original, uma vez que outros teóricos também a utilizaram, já havendo artigo na revista *Memory Studies*, da *SAGE Publications*, que o aborda. De acordo com Van House e Churchill (2008), os dispositivos tecnológicos podem ser classificados enquanto tecnologias da memória, por serem eles responsáveis por atuarem na formação de memórias.

Uma vez que as memórias são construídas, produtos culturais atuam nessas formulações, sendo as tecnologias fundamentais nesse processo, por expandirem o alcance do conteúdo, assim como a sua durabilidade. O conceito de tecnologias da memória pode ser comparado, por exemplo, ao de tecnologias do imaginário, trazido por Silva (2006), já que, assim como a memória, o imaginário perpassa por uma construção. De acordo com o autor, para a construção do imaginário, tais tecnologias também assumem um papel primordial, podendo elas ser exemplificadas por jornais, livros, televisão, cinema, teatro, literatura, publicidade, marketing e relações públicas (SILVA, 2006).

Nessa mesma perspectiva, Sturken (2008) elenca esses dispositivos, alegando que podem ser definidas como tecnologias da memória não apenas dispositivos tecnológicos, como a televisão, o rádio, a internet e o celular, mas também objetos pessoais, como os

souvenirs. De acordo com ela, a produção de memórias é mediada por meio de tais tecnologias da memória.

Rumsey (2016) não utiliza o conceito tecnologias da memória, mas defende que as transformações tecnológicas são responsáveis por atuar na mudança da memória. A primeira delas, segundo a autora, é a própria invenção da escrita, que colocou em choque a relação entre o homem e a oralidade.

Há mais de 40 mil anos, os seres humanos descobriram como enganar a morte. Eles transferiram os seus pensamentos, sentimentos, sonhos, medos e esperanças para materiais físicos que não morriam. Eles pintaram nas paredes de cavernas, entalharam ossos de animais e esculpiram pedras que transportavam as suas vidas ao futuros. Ao longo de gerações, nós criamos tecnologias sofisticadas para armazenar os conteúdos de nossas mentes para objetos mais duráveis, compactos e portáteis (RUMSEY, 2016, tradução nossa, posição 37-41 do Kindle Edition)⁵.

De acordo com a pesquisadora, diante da nova forma do lembrar, Sócrates manifestou as suas preocupações, acreditando que a escrita poderia gerar a ignorância, através da produção do esquecimento. De fato, na Grécia Antiga, os indivíduos tinham uma outra relação com a memória, que era engatilhada por meio de associações mentais e emoções, além de espaços e objetos. A partir da palavra escrita, houve, então, a possibilidade do arquivamento. Nessa perspectiva, o homem passou a confiar em dispositivos para e sua própria lembrança, isentando-se, assim, da responsabilidade principal.

Essa confiabilidade em outras tecnologias se aprofundou ainda mais com o passar do tempo, à medida que os dispositivos de memória se tornaram mais móveis. Posteriormente, a escrita foi transposta para o papiro e, mais adiante, para os livros, fato que fez com que o arquivamento e o transporte de informações fosse facilitado. Todas essas mudanças aceleraram o fluxo informativo e, conseqüentemente, a própria percepção sobre o tempo. O ápice está no século XXI, por enquanto, com os smartphones, tecnologias denominadas em alemão como *Handy*, o que traz a ideia, portanto, de uma própria extensão da mão.

Tal como defendido por McLuhan (1974), as tecnologias atuam no próprio corpo humano, sendo responsáveis por alterar toda a experiência sensorial. Com os celulares, tal realidade fica ainda mais evidente, uma vez que o objeto pode ser levado a todos os lugares, tornando-se parte indispensável do cotidiano. A partir de tal perspectiva, é possível dizer que

⁵ Trecho original: Over forty thousand years ago, humans discovered how to cheat death. They transferred their thoughts, feelings, dreams, fears, and hopes to physical materials that did not die. They painted on the walls of caves, carved animal bones, and sculpted stones that carried their mental and spiritual lives into the future. Over generations we have created sophisticated technologies for outsourcing the contents of our minds to ever more durable, compact, and portable objects.

esta é a última tecnologia a ser vista antes de o indivíduo adormecer, e a primeira a ser utilizada ao acordar.

Oskam e Rautianinen (2003) alegam que o celular se transforma na memória digital do ser humano, portando-se, assim, como uma extensão. Nessa mesma perspectiva, Reading traz o conceito de *memobile*, expressão combinada das palavras *me* (eu) e *mobile* (móvel). De acordo com a pesquisadora, os celulares reconfiguram a experiência humana no tempo e no espaço, em especial, ao se considerar a facilidade de acesso e armazenamento de conteúdos. Este armazenamento, por consequência, tornou-se tema central das propagandas, que se utilizam do diferencial da memória digital como marketing. O aparelho vencedor é aquele que tem a maior quantidade de *gigabytes*, por trazer a promessa de tudo lembrar.

Van House e Churchill (2018) argumentam que um salto significativo, nos anos recentes, foi a disponibilização de tecnologias cada vez mais avançadas de captura, sendo elas menores, mais leves e baratas, além de terem longa bateria. Como resultado, há a explosão da produção de dados. Esta realidade, nesse sentido, evidentemente, trouxe alterações para a relação entre o homem e a memória, transformando, assim, a própria memória social. Dessa forma, a consequência das tecnologias da memória foi a permissão de que o mundo material fosse organizado de forma imaterial, trazendo, assim, a característica da fluidez.

A nossa memória cognitiva agora coexiste com a memória mnemônica, através dos sistemas de armazenamento em nuvem e dos dispositivos móveis. Se a industrialização está centrada no mundo da materialidade, mobilidade e aceleração, o mundo digital e virtual tem a imaterialidade como forma dominante. Nele, a virtualidade, o trabalho e o consumo invisíveis convivem, substituindo o modo material como aspecto central da realidade social de produção, consumo e formação de recursos. O mundo virtual introduz o nosso laço com o fluido e imaterial, permitindo a formação de novas imagens, que são transferidas através de uma economia viral, responsável por convidar novas formas de olhar, além de novos objetos de desejo. Esta fluidez e a ênfase no imaterial têm implicações na memória coletiva e nos projetos de lembrar e esquecer. (IBRAHIM, 2018, tradução nossa, p. 2)⁶.

Bauman (2003) argumenta que esta sociedade líquida tem como principal atributo a ausência de estabilidade e a incerteza, já que tudo, na modernidade, se torna temporário e, ao mesmo tempo, acelerado, o que contribui para a sensação de perda e controle. Nesse novo modelo, toda a solidez do mundo, ou seja, a sua previsibilidade, se torna líquida,

⁶ Trecho original: As such our human cognitive memory coexists with a mnemonic memory through cloud storage systems and mobile devices. If industrialisation centred a world of materiality, mobility and acceleration, the digital and virtual world presses immateriality as a dominant form where virtuality and invisible labour and consumption can accrue, displacing the material mode as a central aspect of the social reality of production, consumption and asset formation online. The virtual world induces our bind with the fluid and immaterial, where new images can be morphed, curated and ry and projects of forgetting and remembering.

havendo, então, uma profunda transformação de questões como a família, o trabalho, o amor, a amizade, a política e a própria identidade. Diante, então, dessa ausência de estabilidade, vivenciamos, como resultado, um “boom da memória”, uma vez que buscamos, no passado, uma âncora para o que a cultura presentista é incapaz de entregar (HUYSSSEN, 2004). Diante disso, vivemos a constante comercialização da memória, estando tal temática presente, inclusive, em discussões políticas. Tal obsessão, entretanto, se revela enquanto um sintoma de um risco muito mais profundo, o da amnésia, que se contrasta pela promessa de tudo lembrar.

O arquivamento indiscriminado pode provocar o efeito do esquecimento, como já identificado por diversos teóricos estudiosos da memória. De acordo com Gillis (1994), a suposta “democratização do passado” é permeada pelo desaparecimento de uma consciência histórica. Nessa mesma perspectiva, Rumsey (2016) defende que a memória digital é, atualmente, onipresente, mas, ao mesmo tempo, extremamente frágil e instável.

Substituímos o arquivamento de nossas informações em livros, fotografias impressas e arquivos físicos por códigos de computador. Estes últimos, entretanto, são mais instáveis do que a memória humana, embora ofereçam a ilusão da confiabilidade. Eles são rapidamente substituídos por novos códigos. Além disso, os dados digitais são dependentes de máquinas para renderizar o conhecimento e torná-lo acessível à percepção humana.

A promessa da memória eterna e infalível, nesse sentido, cai por terra, embora, mesmo sabendo de todas essas problemáticas, continuemos a acreditar nela, de forma quase religiosa. Fazemos o backup em mídias digitais que se tornam obsoletas, como o antigo disquete e os já fadados à morte CDs e DVDs. Além disso, confiamos que a nuvem poderá tudo armazenar, mesmo que todos esses dados passem a ser de responsabilidade de grandes corporações que, a qualquer momento, podem deletá-los ou usá-los sem a nossa permissão, quebrando a nossa privacidade.

Armazenamos tudo, com a confiança de que fazemos, assim, memória. Trata-se de um costume que procura uma âncora, uma estabilidade, uma segurança que o século XXI não consegue nos entregar, tal como defendeu Huyssen (2004). Guardamos tudo, porque temos medo da instabilidade trazida pelo presente, diante de todos os horrores do passado e da incerteza do futuro. Entretanto, em meio a essa tentativa, é importante entender que dados não são necessariamente conhecimento, e armazenamento não é sinônimo de memória, já que “a preservação de uma quantidade massiva de dados não significa a existência de um passado

usável” (HASKINS, 2007, tradução nossa, p. 419)⁷. Nessa mesma perspectiva, Cunha (2011) alega que:

Somados, redes sociais, com imagens, registros, narrativas, que falam de pessoas e lugares, conectados à digitalização permanente de documentos, o mundo vive um tempo em que a memória organizada em rede constitui uma grande e larga memória. A pergunta agora é em torno da apropriação que está sendo feita de tantas possibilidades. Paralelamente, com a abundância de informação em circulação, alguns autores apontam para uma era do esquecimento. (CUNHA, 2011, p.103).

Nesse sentido, a abundância informacional, ironicamente, acaba por gerar a desinformação, já que, com a quantidade de dados disponível a todo o tempo, aquilo que é lido e repercutido pode ser rapidamente esquecido. Da mesma forma, o excesso de memória também é responsável por provocar a amnésia, já que, ao rememorar excessivamente eventos e acontecimentos, o seu peso é perdido, a partir da banalização do conteúdo.

Talvez ainda estejamos sem saber, ao certo, como nos relacionar com esta nova configuração das redes digitais, este outro paradigma. Tal modificação ainda é nova, e a subjetividade humana não soube, ao certo, se adaptar a ela. É diante desta busca que os teóricos se reúnem para entender esse novo fenômeno da memória social. Rumsey (2016), ao se deparar com a memória digital, alega que, antes, a pergunta de ordem era “O que podemos guardar?”, uma vez que o arquivamento era caro, demandando espaço, além de recursos para a sua conservação.

Agora, entretanto, com a facilidade das novas tecnologias da memória, uma pergunta que ela considera importante é “O que podemos perder?”. E, de fato, a memória sempre dialogou com o esquecimento, uma vez que um não existe sem o outro, sendo o lembrar e o esquecer parte de um mesmo processo. A memória individual é construída a partir de impressões, havendo, para tanto, uma seleção daquilo que deve ser lembrado ou esquecido. Trata-se de um mecanismo saudável para a própria psique humana, que se protege, por exemplo, diante de eventos traumáticos, com o recalque ou com a reconstrução infiel dos acontecimentos.

Quando estudamos as memórias de uma determinada pessoa, seja através de gravações de depoimentos orais, ou mesmo em obras biográficas, não podemos deixar de levar em conta o fato de que a memória não é uma fotografia precisa dos fatos, mas as sensações que restaram dos fatos vividos. Não se trata de reproduzir os fatos, tarefa praticamente impossível, mas lembrar do que se passou. E isso é a memória. Ela é seletiva e, portanto, como Levi mesmo afirma, falaz. (HENRIQUES, 2014, p. 35).

⁷ Trecho original: Preservation of large quantities of digitized materials does not translate into usable past, however.

A Web 2.0, por outro lado, traz uma nova configuração, em que tudo é lembrado. Dessa forma, discussões abordam o próprio direito ao esquecimento, uma vez que as informações, ao estarem na rede, eternizam-se, em um fenômeno denominado de *superinformacionismo*. Há, entretanto, que se ponderar sobre aquilo que deve ser esquecido.

O superinformacionismo é esse contexto em que nos encontramos. Uma busca na internet diz mais do que somos do que nós mesmos imaginamos. E não são apenas os dados que se coletam com facilidade, mas até mesmo os dados de acesso que nos expõem. Até que ponto pode ser divulgada, invadida, destruída ou desnudada a personalidade de cada um de nós? Quanto tempo uma pessoa pode pagar por um crime, mais que aquele em que permanece numa prisão? (RULLI JÚNIOR e RULLI NETO, 2013, p. 15).

Rulli Júnior e Rulli Neto (2013) ponderam que, na área penal, o direito ao esquecimento já existe, uma vez que os registros de um crime já cumprido não podem ser utilizados permanentemente contra o sujeito que o cometeu. O mesmo deveria ser aplicado, nesse sentido, para o contexto da Web 2.0, uma vez que a disponibilização eterna de uma informação pode acabar por punir indivíduos de forma desnecessária e, até mesmo, injusta.

Todas essas reflexões, no entanto, são apontamentos para uma nova forma de se entender a memória social. O mundo vive um processo de transformação que perdura já há um tempo, tendo sido ele causado pelas novas tecnologias da informação. Entretanto, é importante ressaltar que a tecnologia não delimita o cotidiano, já que é a sociedade a responsável por definir as consequências, a partir da relação que estabelece com essas novas tecnologias. É importante que estejamos, entretanto, atentos a todos esses fenômenos, já que tais desdobramentos trazem consequências positivas e negativas para a sociedade.

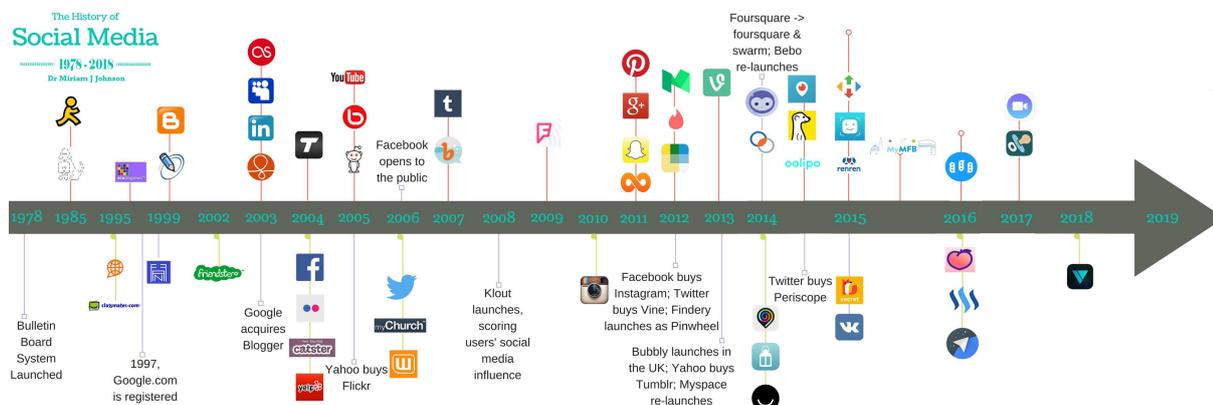
2.2. AS REDES SOCIAIS E A MEMÓRIA DIGITAL

A origem da internet data de 1960, quando tal tecnologia foi utilizada nos meios militares. Posteriormente, em 1993, a gestão foi transferida para a iniciativa privada, momento em que foi incorporada pelo público como um todo e começou a se popularizar, tendo chegado ao Brasil somente em 1995 (NICOLACI-DA-COSTA, 1998). Castells (2005) defende que tal rede mundial de computadores foi uma verdadeira revolução tecnológica da informação, similar à criação de fontes de energia, no contexto da Revolução Industrial. Esta nova modificação possibilitou a descentralização do conhecimento e, mais tarde, foi palco das redes sociais digitais.

Antes de abordar a relação entre tais redes sociais e a memória digital, é importante entender quais as características dessas plataformas, além do histórico de desenvolvimento dos portais. De acordo com Boyd e Ellison (2008), os atributos das redes sociais são normalmente similares, embora as características culturais que emergem delas sejam variadas. As autoras alegam que é possível definir tais plataformas como serviços de web responsáveis por permitir que indivíduos: a) construam um perfil público ou semi-público, b) mantenham uma lista de usuários com os quais possam compartilhar uma conexão, e c) expandam tais listas de conexões. Por fim, as pesquisadoras também explicam que há normalmente a possibilidade do envio de mensagens ou de comentários.

Segundo Boyd e Ellison (2008), a história das redes sociais começou em 1997, quando a *SixDegrees.com* foi lançada. Através dela, usuários podiam criar perfis, listar amigos e, a partir de 1998, navegar entre tais listas. A rede se promoveu enquanto ferramenta que tinha o objetivo de auxiliar as pessoas a se conectarem. Em 2000, entretanto, ela foi fechada, devido a razões financeiras, embora os caminhos para o surgimento de outras plataformas tivesse sido aberto.

Figura 1: Timeline com o surgimento das redes sociais (1978 - 2018)



Fonte: Miriam J Johnson (2018)⁸

Entre 1997 e 2001, outras redes se centraram na articulação de amigos, tais como a *AsianAvenue* e a *Black Planet*. Além disso, a plataforma *MiGente* possibilitou a criação de perfis pessoais, profissionais e de namoro. Esta última se diferenciava, uma vez que usuários

⁸ Tradução: 1978 - Lançamento do Sistema Bulletin Board; 1997 - Registro do domínio Google.com; 2003 - Google adquire o Blogger; 2005 - Yahoo compra a Flickr; 2006 - Facebook é aberto ao público; 2008 - Klout lança o score de influência dos usuários de redes sociais; 2012 - Facebook compra o Instagram, Twitter compra o Vin e Findery é lançado como Pinwheel; 2013 - Bubbly é lançado no Reino Unido, Yahoo compra o Tumblr, Myspace é relançado; 2014 - Foursquare se divide em Foursquare & Swarm, Bebo é relançado e Twitter compra o Periscope. Disponível em: <http://www.booksaresocial.com/social-media-timeline-2018/>

podiam classificar uns aos outros como amigos, sem haver, necessariamente, a aprovação prévia. Em 1999, o *LiveJournal* também teve como atributo tal unilateralidade de amizade, porque pessoas se adicionavam umas às outras, sem haver a necessidade de aprovação, para que assim pudessem ler os *Journals* publicados, ou seja, diários. Tratava-se, portanto, de uma rede social que também incorporava elementos da blogosfera, tendo os blogs⁹ sido muito populares ao início do século XXI.

Na Figura 1, elaborada por Johnson (2018), são apresentadas as datas de lançamento das principais redes sociais. Naturalmente, como este trabalho não objetiva a descrição detalhada da história de tais portais, nem todos eles foram abordados nesta dissertação. Em sua publicação, a autora ressaltou que a problemática do trabalho é a ausência de redes sociais não ocidentais. De qualquer forma, a timeline é interessante para se ter um panorama visual acerca de tal histórico.

A diversidade de redes sociais e a popularidade delas caracterizaram um fenômeno que emergiu a partir da Web 2.0, a organização de comunidades on-line, nas quais os indivíduos se tornaram centrais e puderam produzir conteúdo, além de compartilhá-lo. A nova lógica de uma cultura participativa, tal como ilustrado por Jenkins (2006), pôde ser vista ainda em 2004, com o MySpace, plataforma que se tornou popular entre bandas e permitiu o diálogo com fãs.

Essa mesma época foi marcada pelo lançamento de muitas outras redes sociais, sendo que, posteriormente, tais portais também permitiram o compartilhamento de mídias, a exemplo do Flickr (fotos), Last.FM (músicas) e YouTube (vídeos). Também no ano de 2004, o Facebook foi fundado, embora inicialmente a sua participação fosse restrita apenas a alunos de Harvard. Posteriormente, a plataforma foi aberta, tornando-se um fenômeno mundial, devido à sua popularidade. Mesmo com os escândalos recentes relacionados à Cambridge Analytica¹⁰, em 2019, o Facebook continua a crescer, apresentando 2,3 bilhões de usuários, sendo que ao menos 1,5 bilhões deles se conectam ao menos uma vez por dia. Trata-se, assim, da plataforma mais popular em 153 dos 167 países, ou seja, 92% do globo. (CONSENZA, 2019).

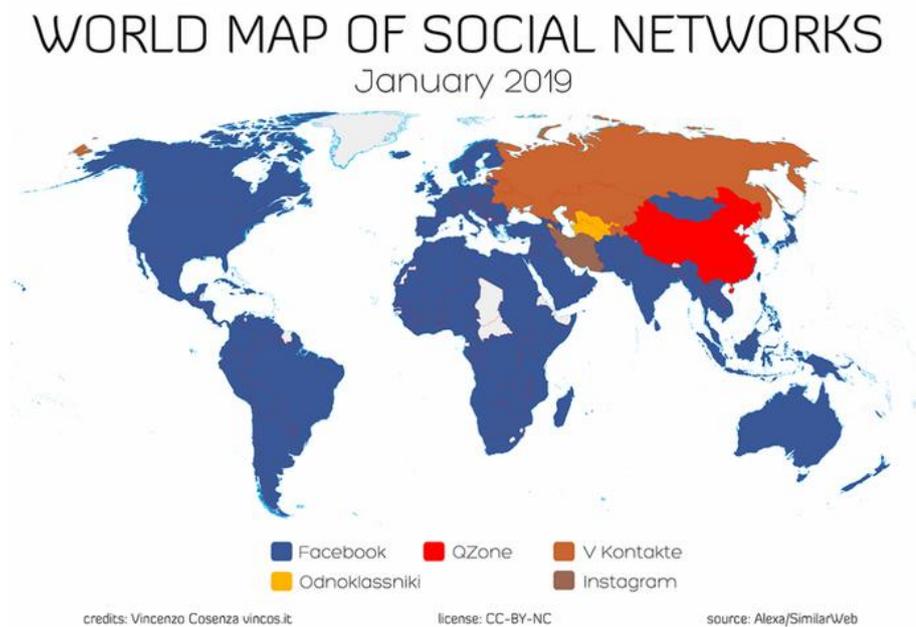
Na Figura 2, é possível visualizar as redes sociais mais populares em cada país, sendo ela responsável por evidenciar uma divisão entre ocidente e oriente, em relação às mídias mais utilizadas no dia a dia. Nos países ocidentais, por exemplo, vê-se uma predominância do Facebook, enquanto na Rússia, a V Kontakt, mais conhecida como VK,

⁹ Os blogs são páginas na internet que permitem a atualização rápida e facilitada.

¹⁰ Em 2018, o Facebook e a Cambridge Analytica atraíram atenção internacional, devido ao escândalo de vazamento de dados privados de usuários, responsável por influenciar nas eleições dos Estados Unidos.

prevalece. Na China, a plataforma mais popular é a QZone. No Irão, por outro lado, o Instagram predomina. Por último, no Turcomenistão e Uzbequistão, a rede popular é a Odnoklassniki, plataforma também popular na Rússia e em outros países da antiga União Soviética, que tem o objetivo de facilitar o contato entre estudantes que perderam o contato. Em 2018, de acordo com o Relatório Digital Global¹¹, a rede atingiu 3 bilhões de usuários.

Figura 2: Mapa com as redes sociais mais populares em cada país



Elaborado por Cosenza (2019)¹²

Conforme Boyd e Ellison (2008) ilustram, o fenômeno das redes sociais não se restringe ao ocidente. Embora grande parte das plataformas tenha como origem os Estados Unidos, tais portais também se popularizaram no oriente, havendo aquelas que se originaram especificamente no outro lado do globo. Neste ano, em 2019, a rede QQ chinesa, por exemplo, conta com 800 milhões de usuários, enquanto a QZone, do mesmo país, contabiliza 632 milhões de contas. Já na Rússia, a VK atraiu 500 milhões de integrantes, mesmo número da japonesa Tik Tok.

Além de permitir novas formas de socialização, responsáveis por trazer o conceito de “cultura participativa” para as discussões acadêmicas, as redes sociais também permitiram, além de tudo, a formação de novos arquivos digitais pessoais, construídos por

¹¹ Disponível em: <https://wearesocial.com/uk/blog/2018/01/global-digital-report-2018>

¹² Disponível em: <https://vincos.it/world-map-of-social-networks/>

seus usuários, que formavam um novo repositório, à medida que os conteúdos eram publicados.

Os blogs evoluíram para os fotologs e videologs, experiências de deixar seus registros na internet, seja por meio de textos, fotos ou vídeos. A etapa seguinte na evolução histórica da internet, com relação à interação com os usuários, foi o surgimento da web 2.0. A ideia por trás do conceito da web 2.0 é justamente a possibilidade de interação do público com a internet, através de wikis, postando vídeos no YouTube ou comentando assuntos em sites de notícias. A criação de espaços de autoria na rede mundial de computadores incentivou o registro e a disponibilização das memórias, sejam elas em forma de texto ou de imagens. As redes sociais substituíram, em larga escala, a experiência das pessoas com os blogs e os comunicadores instantâneos (tais como MSN, ICQ), que eram os grandes atrativos da comunicação mediada pelos computadores na internet 1.0 (HENRIQUES, 2014, p. 82).

Dessa forma, conforme Henriques (2014) argumenta, além de permitir novas formas de sociabilidade, as redes sociais atuaram na formação de uma nova configuração de memória, já que passaram a se portar também como arquivos pessoais, nos quais há a disponibilização de opiniões, fotografias, vídeos, dentre outras informações. Nesse sentido, nos perfis, é possível encontrar histórias e fotos compartilhadas pelos usuários, havendo, dessa forma, um emaranhado de experiências, memórias e narrativas. Estas experiências, por sua vez, são publicadas no momento do acontecimento, tendo uma lógica do instante e, posteriormente, ficam disponíveis para acesso, através de um *feed* pessoal.

As discussões entre a relação das redes sociais com a memória não se restringem ao universo da memória individual. Por se tratar de uma nova forma de articulação social, as próprias instituições memoriais têm se atentado para a importância da preservação do conteúdo de tais plataformas, de forma que tais informações sejam utilizadas para a historiografia.

Essa realidade fica evidente, no momento em que a US Library of Congress anunciou que, a partir daquele momento, começaria a coletar os arquivos do Twitter para a formação de um registro da vida contemporânea (RAYMOND, 2010). De acordo com Heninger e Scifleet (2016), ao investir na preservação de uma rede social, a biblioteca sinalizou uma mudança de pensamento acerca de tais plataformas, já que ficou evidente o reconhecimento de que tais tecnologias da memória fazem mais do que possibilitar a comunicação interpessoal entre indivíduos, por também poderem ser utilizadas enquanto valor histórico, como parte da memória social.

De fato, a decisão da US Library of Congress ilustra apenas o fenômeno já claro de que o grande número de pessoas presente nas redes sociais, assim como as suas constantes

publicações, têm transformado a cultura contemporânea. É possível afirmar isso, uma vez que se observa uma mudança na forma como vivemos e pensamos, através de novos procedimentos, bases, efeitos e possibilidades de atividade coletiva. As massas devem ser entendidas, nesse sentido, enquanto sujeitos e produtores de história, por meio de relações complexas (CERTEAU, 2009).

Além disso, de acordo com Manovich (2012), justamente devido a essas condições de mudança, é necessário priorizar tais redes sociais para a preservação da memória social. De fato, é possível ver o caráter documental de tais plataformas, ao se entender o documento como qualquer índice concreto ou simbólico, que seja preservado com a função de representar, reconstruir ou provar um fenômeno físico ou intelectual (BRIET, 2013). Nessa mesma perspectiva, é possível reconhecer o status de comunicações, feitas nas redes sociais, como documentos.

Entretanto, os avanços, no campo da preservação dessas informações, ainda são tímidos, justamente devido à novidade do fenômeno e à dificuldade, já ilustrada neste capítulo, de se selecionar aquilo que deve ser preservado, no contexto da quantidade massiva de dados.

No momento, muitos registros “históricos” do Facebook e do Twitter, a exemplo da Primavera Árabe e alagamentos de *Queensland* estão fora da custódia de instituições públicas e sendo perdidos. O desafio para tais instituições é imenso, já que as diferenças entre os tipos de documentos, sejam eles publicados ou não publicados, estão obscuras, por serem eles mais dinâmicos e muitas vezes produzidos apenas para o curto prazo (...). Nessa perspectiva, as instituições de memória respondem a essa realidade, ao acessar, publicar, monitorar e examinar tais coleções de documentos das redes sociais. (HENNINGER e SCIFLEET, 2016, tradução nossa, p. 280)¹³.

É importante mencionar, no entanto, que, mesmo de forma incipiente, outras iniciativas também ilustram o reconhecimento das redes sociais como fontes de memória, tais como a coleção voltada para o Facebook, também da biblioteca do congresso; e uma outra de vídeos do YouTube e também de *tweets*, de iniciativa do Arquivo Nacional do Reino Unido e da Internet Memory Foundation. Além disso, a Biblioteca do Estado de South Carolina também arquiva postagens realizadas no Twitter, Facebook e YouTube das agências do Estado. Em relação às Olimpíadas de Londres, o Museu de Londres abriga uma coleção de *tweets* relacionados ao evento, tendo o arquivo já sido disponibilizado em uma exposição. (HENNINGER e SCIFLEET, 2016).

¹³ Trecho original: At the moment many new “historic” records from Facebook and Twitter, for example the Arab Spring and the Queensland Floods, sit outside the custody of public institutions and are being lost. The challenges for collecting institutions are immense, differences between types of documents, including published and unpublished, are blurring, they are more dynamic and often produced only for the short term (...). Memory institutions are responding by accessing, publishing, monitoring and trialling the collection of SNS documents.

No Brasil, o Museu dos Memes, iniciativa da Universidade Federal Fluminense, também vai ao encontro desta mesma ideia, estando ele dedicado ao estudo, catalogação e preservação dos memes¹⁴. De acordo com o projeto, em tal museu, os memes, normalmente efêmeros, são transformados em memória. Em 2019, o site já registrava mais de um milhão de acessos, havendo visualização, inclusive, de outros dez países. Neste mesmo ano, o acervo também já contava com mais de duas centenas de famílias de memes. Além da constituição de tal acervo, o Museu dos Memes também tem o objetivo de organizar referências bibliográficas, debates e eventos relacionados ao tema, além de exposições temporárias (físicas e virtuais), sendo todas essas ações sem fins lucrativos.

Abaixo, apresentamos uma tabela que resume algumas das iniciativas distribuídas pelo globo, consideradas de relevância, já voltadas para o arquivamento de postagens.

Quadro 1: Novos projetos de documentação voltados para as Redes Sociais

Instituição	Iniciativa
Library of Congress (Estados Unidos)	O arquivo do Twitter tem o objetivo de coletar todos os <i>tweets</i> públicos desde 2006.
South Caroline State Library (Estados Unidos)	A Social Media Library and Archive pretende documentar todos as postagens do Facebook, Twitter e YouTube de contas oficiais feitas por agências do estado de South Caroline.
Museum of London (Reino Unido)	A iniciativa arquivou <i>tweets</i> relacionados às Olimpíadas de Londres. Posteriormente, tal coleção fez parte de uma exposição.
The National Archives (Reino Unido)	O UK National Archives trabalha em conjunto com a Internet Memory Foundation para desenvolver ferramentas de arquivamento de comunicações publicadas pelo governo do Reino Unido no Twitter e no YouTube, de forma que sejam mantidas como registro público.
State Library of NSW (Austrália)	A State Library of NSW da Austrália tem estudado a Vizie como uma ferramenta de coleta das redes sociais. A Vizie é uma ferramenta desenvolvida por eles, que permite a pesquisa, em plataformas múltiplas, por <i>tweets</i> , blogs e postagens de relevância. Posteriormente, ela disponibiliza um resumo das atividades das redes sociais, permitindo que determinados elementos sejam isolados e colecionados.

¹⁴ Memes são utilizados para descrever arquivos de mídia, como imagem ou vídeos, com um tom de humor, que se propagam na internet.

Projeto Arcomem (União Europeia)	O projeto Archive Community Memories (Arcomem) desenvolve metodologias e ferramentas para o arquivamento das redes sociais.
International Internet Preservation Consortium (Reino Unido)	O projeto TwitterVane, liderado pela British Library, investiga o uso do Twitter para a construção de arquivos digitais.
O Museu dos Memes (Brasil)	Criado em 2015, o projeto é destinado ao estudo, catalogação e preservação de memes, tornando elementos que usualmente são efêmeros em memória.

Fonte: Adaptação e tradução da tabela feita por Henninger e Scifleet (2016), com novas informações adicionadas.

A partir do que foi abordado, evidencia-se a existência de uma série de iniciativas voltadas para a preservação de postagens de redes sociais e de fenômenos que emergem delas, tais como os memes. No futuro, é provável que surjam mais tentativas de se arquivar aquilo que nasceu efêmero, como uma postagem de uma rede social, já que agora os fenômenos históricos são documentados na rede, por meio das fotografias, narrativas e filmagens de usuários, formando um patchwork de visões sobre um novo evento. Isso pode ser demonstrado, por exemplo, nas manifestações de junho de 2013 no Brasil e na Primavera Árabe, que foram documentadas, em tempo real, nas redes sociais, tendo sido perenizadas nos arquivos de tais portais.

A preocupação com a preservação das redes sociais demonstra a relevância de sua atuação na memória coletiva, já que, conforme já abordado neste capítulo, as redes sociais também são responsáveis por moldar a própria memória individual¹⁵, por meio de iniciativas próprias de cada uma das plataformas. Como estratégia de marketing e com a finalidade de fidelizar clientes, ao final do ano e em outras datas selecionadas por tais plataformas, são comuns iniciativas que rememoram os momentos marcantes do período.

Em 2014, por exemplo, o Facebook disponibilizou, como comemoração dos seus dez anos, um aplicativo no qual usuários poderiam produzir um vídeo de um minuto com a trajetória individual, de forma a rememorar os fatos marcantes de cada uma das contas. De acordo com Henriques (2014), os vídeos tinham uma trilha sonora emotiva, responsável por fazer o usuário se sensibilizar. Inicialmente, a edição dos materiais audiovisuais não era possível, mas, depois, tal função foi liberada, de forma que cada um dos usuários pudesse selecionar as fotos que seriam usadas. A novidade gerou comoção e foi propagada na rede.

¹⁵ Halbwachs (1990) complementa o conceito da memória individual com o da coletiva. Segundo o autor, a primeira só existe a partir da outra, uma vez que todas as reflexões individuais são inspiradas pelo grupo, pela mídia e pela nação.

Posteriormente, ao final do ano, a rede social disponibilizou uma iniciativa similar, que procurava rememorar os momentos marcantes do ano, fato que passou a ser tradicional no Facebook. Agora, além de tais possibilidades, a plataforma também atua na comemoração de aniversários de amizades, determinado a partir da data em que os dois usuários se “adicionaram”. A ação também procura relembrar os momentos marcantes, utilizando o mesmo modelo dos vídeos já mencionados. O título é: “Vídeo de aniversário de amizade com Fulanx” e traz postagens feitas por ambos, identificadas através das marcações.

No primeiro ano em que o Facebook trouxe a possibilidade da rememoração anual, essa nova “curadoria automatizada” (LAMBERT ET ALL, 2016), focada no passado, foi problematizada no blog de Eric Meyer, um pai que perdera a sua filha e se viu diante da frase: “Foi um ano maravilhoso! Obrigada por fazer parte dele!”¹⁶. A mensagem era acompanhada pela foto da filha e, diante de tal surpresa, o pai em luto desabafou em seu blog acerca do acontecimento. O trecho foi traduzido abaixo:

Essa crueldade algorítmica indevida é o resultado de um código que, na maioria dos casos, relembra às pessoas do quão maravilhosos os seus anos foram. Ele mostra *selfies* tiradas em festas, baleias avistadas de barcos a vela ou a praia do lado de fora de uma casa de férias. Mas para aqueles que viveram a morte de pessoas amadas, passaram um bom tempo no hospital, vivenciaram um divórcio, a perda de um emprego ou uma dentre inúmeras outras crises, pode ser que não seja tão desejável olhar para o ano que se passou. Mostrar a face de Rebecca, com a frase “Olhe como foi o seu ano!”, é chocante. Se fosse feito por uma pessoa real, seria considerado errado. Entretanto, quando a responsabilidade é do algoritmo, trata-se apenas de um incidente lamentável (MEYER, 2014, tradução nossa)¹⁷.

Meyer (2014), ao final do texto, aponta que o design de uma iniciativa como essa tem em mente apenas o usuário ideal, aquele feliz, sem problemas, e que tenha uma vida boa, não levando em conta outros aspectos. Para ele, deveria haver uma forma de prever tais crises. Lamber et al (2016) alegam que, ao utilizarem códigos para filtrarem e reorganizarem dados visuais, de forma a produzir novos produtos, as plataformas digitais promovem uma curadoria algorítmica das vidas digitais.

Além do Facebook, a Google também apresentou iniciativa similar em 2013, a *Google’s Auto Awesome*, responsável por selecionar fotos arquivadas no Google Drive para

¹⁶ Frase original: “It’s been a great year! Thanks for being part of it.”

¹⁷ Trecho Original: This inadvertent algorithmic cruelty is the result of code that works in the overwhelming majority of cases, reminding people of the awesomeness of their years, showing them selfies at a party or whale spouts from sailing boats or the marina outside their vacation house. But for those of us who lived through the death of loved ones, or spent extended time in the hospital, or were hit by divorce or losing a job or any one of a hundred crises, we might not want another look at this past year. To show me Rebecca’s face and say “Here’s what your year looked like!” is jarring. It feels wrong, and coming from an actual person, it would be wrong. Coming from code, it’s just unfortunate. Disponível em: <https://meyerweb.com/eric/thoughts/2014/12/24/inadvertent-algorithmic-cruelty/>

depois combiná-las. Por meio da ferramenta, era possível sequenciar diversas fotografias tiradas em uma viagem, por meio do *Google Plus Story*. Além disso, o mecanismo *Google Plus Movies* tinha a capacidade de gerar vídeos automáticos, que contavam com transições profissionais, efeitos e trilha sonora.

É importante entender, entretanto, que esses algoritmos contextualizam a informação, utilizando como base metadados. Entretanto, eles não têm a capacidade de articular emoções e histórias pessoais, realidade que torna tais ferramentas repletas de falhas, justamente pela ausência da subjetividade. Em seu anúncio publicitário, a Google promove tal aplicação, por meio da argumentação de que o indivíduo agora não teria a necessidade de ocupar o seu tempo pessoal e se preocupar com a seleção das imagens, como se tal processo fosse cansativo e um fardo.

O processo de uma lembrança individual, no entanto, foi durante muito tempo artesanal. Famílias selecionavam as fotos mais marcantes e as organizavam em álbuns de fotografias. Agora, com a quantidade de imagens captadas em todos os dias, arquivadas na nuvem ou publicadas no Facebook, esse processo se modifica. Mais ainda, ao se considerar a nova curadoria que emerge e sistematiza uma seleção do que merece ser lembrado ou esquecido. Entender tais fenômenos, portanto, torna-se tarefa primordial para estudiosos da memória, embora tais estudos ainda estejam em seu início e sofram modificações constantes, devido à velocidade de disrupções que acontecem. O desafio é mapear e entender todas essas transformações, levando-se em conta não só a influência das redes sociais para as novas políticas de arquivamento, mas também a própria relação do sujeito com o ato de lembrar e esquecer, a partir desses novos desdobramentos.

2.3. O JORNALISMO E A MEMÓRIA

Os meios de comunicação, assim como já abordado, atuam de forma ativa na formação de memórias. Segundo Sarlo (2007), a memória é uma construção narrativa, sendo ela, portanto, expressão da subjetividade humana. Para a sua formação, ocorrem disputas entre o lembrar e o esquecer, o real e a ficção, o privado e o público, sendo que tais embates acontecem através da mídia.

O jornalismo, ao ser disseminado por tais meios, tem um papel protagonista nestas formações memoriais. Barbosa (2004) compara jornalistas com senhores de memória, uma vez que eles são responsáveis por “fazer memória”, ao selecionarem temas que serão lembrados. As narrativas jornalísticas, entretanto, assim como a própria memória, são

resultados de disputas e, dessa forma, o seu passado narrado é conflitante, não sendo consensual.

Ao selecionar o fato, transpondo-o do lugar da normalidade para o da anormalidade, transformando-o em acontecimento, e ao escolher a forma da narrativa, o jornalista está construindo o próprio acontecimento e criando uma memória da atualidade. Uma memória que obedece a critérios subjetivos e engendra a questão do poder. (BARBOSA, 2004, p.4).

Esta relação entre o jornalismo e a construção da memória coletiva se dá, especialmente, devido ao caráter oficializador da escrita, conforme a própria autora aborda. Ao legitimar o acontecimento, a imprensa configura realidades históricas, sendo que a historicidade, por sua vez, é determinada pelas instituições de poder. Entretanto, mesmo com as transformações já abordadas, responsáveis por fazerem emergir novos textos fragmentados e, portanto, discursos até então silenciados, ainda hoje, os jornais têm papel fundamental na definição do agendamento das pautas políticas e das percepções sociais.

Wolton (1999), por exemplo, alegou que a rede pôde ter democratizado o acesso à informação, mas tal quantidade massiva de dados faz surgir a necessidade de novos intermediários, tais como jornalistas, arquivistas e editores, de forma a exercer uma curadoria, selecionando, assim, o que importa ser consumido, lido. Já neste ano, o autor questionou se a internet poderia atingir o seu potencial democrático, diante do fato de ela ter se voltado para uma lógica mercantil. Para ele, a aproximação desse fundamento capitalista seria responsável por inviabilizar a ideia utópica de democratização defendida por outros autores.

Tal como Wolton previa, temos vivenciado outras formas de curadoria, exemplificada pelos novos veículos, plataformas de comunicação e, até mesmo, por *youtubers*¹⁸. Entretanto, mesmo com essas transformações observadas na produção de conteúdo, os jornais ainda possuem uma importância grande, já que o jornalismo se readapta, chegando hoje à internet com as suas páginas em *websites*, Facebook, Instagram e com a produção de novas formas de conteúdo, como o *podcast*¹⁹. Dessa forma, é possível afirmar que os jornalistas ainda têm um papel ativo na construção memorial, sendo, dessa forma, fundamental entender tal inter-relação, em especial diante dos grandes veículos de comunicação, como o *New York Times*, que influencia no próprio agendamento político.

Os flertes entre o jornalismo e a memória se evidenciam, por exemplo, no fato de historiadores consultarem arquivos de jornais para escreverem a história. Muitas vezes, é dito que as notícias são commodities descartáveis, por serem elas produzidas exclusivamente para

¹⁸ Youtubers são produtores de conteúdo, em formato audiovisual, que utilizam a plataforma do Youtube. A estética de tal conteúdo é a conversa cara a cara com a câmera, fato que passa a impressão de proximidade com o público alvo.

¹⁹ Conteúdos, em áudio, que podem ser baixados e ouvidos sob demanda.

o consumo naquele dia. Entretanto, tal afirmação se equivoca, justamente pelos traços históricos encontrados nas coberturas jornalísticas e pelo interesse de instituições de poder por aquilo que é noticiado.

Dessa forma, o jornalismo se configura enquanto “espaço vivo de produção da Atualidade, lugar de agendamento imediato, e igualmente lugar de memória, produtor de repositórios e registros sistêmicos do cotidiano, para posterior apropriação e (re)construção histórica” (PALACIOS, 2010, p. 39-40). Para tal reconstrução, é importante tanto o dito, quanto o não dito.

Ademais, o jornalismo também aciona a memória para a produção de suas pautas em datas comemorativas. A notícia e a reportagem, portanto, não se estabelecem apenas no acontecimento da ordem do dia, mas também naquilo que deve ser lembrado e, conseqüentemente, ressignificado.

Em 2015, por exemplo, a Rede Globo comemorou a efeméride “Globo 50 anos de jornalismo”, na qual houve a presença de jornalistas. O programa tentava retratar as cinco décadas de atuação da empresa, por meio dos relatos de profissionais, que atuaram em coberturas importantes ao longo da história. Esta iniciativa não é a única, já que ela desenvolve, desde a década de 1990, o projeto “Memória Globo”, que é “marcado por uma série de iniciativas das empresas de comunicação do grupo da família Marinho, buscando preservar a memória dos veículos que a compõem”. (VIANA e MUSSE, 2018, p. 5).

Em 2018, por outro lado, o *New York Times* lançou uma lembrança sobre 1968, tendo abordado os principais acontecimentos da época e recirculado notícias antigas, como uma forma de valorizar a sua tradição e história, além de reforçar a própria marca. Essa é uma tendência do jornalismo como um todo, que também sofre os reflexos do boom da memória, fenômeno observado na contemporaneidade, passando a também comercializar temáticas do passado (HUYSSSEN, 2000).

Um olhar sobre o próprio processo do fazer jornalístico revela que, em inúmeras ocasiões, o recurso à memória na produção dos conteúdos jornalísticos é evidente. O acionamento da memória é condição de produção em peças jornalísticas de caráter comemorativo (aniversários de eventos ou pessoas) e naqueles em que o fato presente está sinalizando um fim de trajetória, como nos obituários, por exemplo. É este, sempre, o caso em peças jornalísticas que marcam o fim de processos que se estenderam e foram (jornalisticamente) acompanhados ao longo de uma dada temporalidade, sejam tais processos a vida e a morte de um homem de qualidade (Musil, 1989) – presidente, Papa ou monstro –, seja a discussão e a aprovação de um novo projeto de lei. Ainda mais evidente está o recurso à memória nas reportagens-sínteses, nas retrospectivas dos fatos marcantes do ano, inevitáveis a cada final de dezembro, nas páginas dos jornais, nas telas das TVs, nos sites jornalísticos. (PALACIOS, 2010, p. 41-42).

Dessa forma, o jornalismo promove uma interseção de tempos para a produção do acontecimento, mesclando o passado e o presente, mas também incorporando o futuro, ao tratar das expectativas. Nessa perspectiva, o jornalismo se relaciona com a memória de formas distintas. Em alguns casos, a notícia ou a reportagem aborda o passado como elemento central, a exemplo de matérias comemorativas ou rememorativas, como os especiais sobre o 11 de Setembro²⁰, a retomada da tragédia de Mariana e Brumadinho²¹, dentre outros acontecimentos. Em outras ocasiões, a cobertura está centrada no presente, mas traz elementos do passado para contextualizar ou agregar mais informações. Matérias de economia, por exemplo, muitas vezes, abordam a inflação ou crises financeiras, que acontecem no presente, em uma perspectiva histórica e comparativa.

Conforme Zelizer (2008) argumenta, o jornalismo e a memória podem parecer dois primos distantes e até mesmo inconciliáveis à primeira vista, mas um não existe sem o outro, já que o primeiro depende da memória para contextualizar eventos da atualidade, enquanto o segundo depende do jornalismo para a sua construção.

A autora alega que, mesmo diante de tal interdependência, os estudos da memória social, tanto do passado, quanto da atualidade, falham em abordar a importância do jornalismo para a memória coletiva. Para tais teóricos, segundo ela, são reconhecidos os papéis das instituições, tais como a religião, a educação e o sistema político, na construção da memória social, mas pouco se fala sobre o jornalismo nessa formação memorial. Zelizer (2008) acredita que essa falha de percepção ocorra, por a sociedade assumir que o trabalho dos jornalistas está centrado no aqui e no agora, estando o passado, assim, fora das fronteiras de assuntos abordados pela imprensa. Há, então, uma divisão imaginária acerca dos papéis assumidos por historiadores e jornalistas. Os primeiros devem se ocupar do passado, e os segundos, do presente.

Tem havido poucas tentativas de se ressaltar o quanto o jornalismo trata dos dias do passado. Além disso, as discussões da memória também não reconhecem que as abordagens do jornalismo sobre o presente muitas vezes incluem o passado. Por fim, os teóricos também não ressaltaram o fato de que o tratamento sobre o passado feito pelo jornalismo tem a tendência de ser diverso, maleável e dinâmico, assim como outros tipos de trabalhos de memória. O jornalismo e os jornalistas são um lugar de memória não óbvio e os seus status como agentes de memória deve ser entendido. (ZELIZER, 2008, tradução nossa, p.81).²²

²⁰ A data ficou na história pelos atentados terroristas, feitos pela organização islâmica al-Qaeda, contra os Estados Unidos.

²¹ Os desastres ou crimes ambientais de Mariana e Brumadinho ocorreram devido ao rompimento de barragens sob a responsabilidade da empresa Vale, em Minas Gerais, Brasil.

²² Trecho original: Not only has there been little attempt to single out what is unique about journalism in addressing the days of yore, but discussions of memory have not sufficiently recognized that journalism's treatment of the present often includes a treatment of the past. Nor have they accounted for the fact that journalism's treatment of the past tends to be as variable,

Agora, no contexto do *Big Data*²³, é provável que essa relação do jornalismo com a memória tenha se evidenciado mais e, nesse sentido, esteja sendo mais abordada por teóricos, especialmente ao se considerar as discussões acerca da temporalidade. Com a quantidade massiva de informações disponíveis nos arquivos digitais, o jornalismo de dados tem apresentado crescimento, havendo bons exemplos ao redor do mundo e também no Brasil. Tais bases de dados, entretanto, são elementos do passado e, nesse sentido, o jornalismo evidencia a sua relação com a memória, ao trazer à tona elementos até então esquecidos.

Além de servirem de matéria prima para este tipo de jornalismo, as bases de dados também são responsáveis por ampliar o tensionamento entre a memória e o esquecimento, tal como abordado por Dalmonte e Silva (2016). De acordo com os autores, a aceleração foi responsável por reduzir a durabilidade da matéria jornalística, que agora é ofuscada, diante das novas, que são produzidas a todo o momento. Entretanto, as matérias antigas, que antes ficavam restritas aos arquivos empoeirados, são disponibilizadas agora nas grandes bases de dados, sendo elas, então, “eternizadas” e não havendo o esquecimento, elemento central da memória.

Ademais, a digitalização também serve de matéria prima para outras notícias, a exemplo do *New York Times*, objeto desta dissertação. As capas de notícias são rememoradas no Twitter, e o acesso ilimitado ao arquivo histórico se apresenta enquanto um diferencial para os assinantes do jornal, na *Times Machine*. Por fim, as fotos arquivadas são recirculadas no *Instagram nytarchives*, e outras são novamente contextualizadas em matérias históricas, na editoria do site denominada *Past Tense*.

Nesse sentido, a relação entre jornalismo e memória, sempre tão evidente, tem ganhado ainda mais formas e desdobramentos, diante da cultura digital. A aceleração, conforme já mencionado, provocou mudanças na temporalidade, diante de uma lógica presentista. O futuro já não é pauta como outrora, no século XX, quando o progresso era o elemento de ordem. Pelo contrário, agora a sociedade tem medo do que está por vir, diante dos alarmes que são disparados pela mídia, em relação, por exemplo, ao futuro do trabalho e do meio ambiente. Como consequência, nos voltamos para o passado, vendo nele uma âncora, uma estabilidade, que o presente não é capaz de entregar. O entrelaçamento, dessa forma, entre jornalismo e memória se vê ainda mais fortalecido e se torna inegável.

malleable and dynamic as other kinds of memory work. Journalism and journalists are an unobvious but fertile site of memory, and their status as memory agents needs to be better understood.

²³ O termo se refere à grande quantidade de dados gerados e armazenados.

3 O INSTAGRAM

Neste capítulo, apresentamos o Instagram, rede social objeto desta pesquisa, de forma que seja possível conhecer o seu breve histórico, a sua mecânica e principais ferramentas, além da sua relação com a memória. Nesse sentido, o capítulo se divide em três sub-tópicos, sendo eles: 2.1: Breve Histórico; 2.2: A Mecânica da Rede e 2.3: O Instagram como lugar de memória.

Tal percurso importa, uma vez que esta é a rede social estudada. Nesse sentido, para abordar as principais transformações da rede, ao longo do tempo, foram utilizadas reflexões de Barros (2017), Musse, M.F (2017), além de dados da própria plataforma, encontrados no portal que documenta cada uma de suas iniciativas, em um percurso histórico. É importante, também, para esta pesquisa, entender o funcionamento da rede social, ou seja, a sua mecânica, abarcando, para tanto, as suas principais características e peculiaridades. Por fim, para traçar uma relação entre o Instagram e a Memória, uma interseção deste estudo, foram utilizados autores, como: Gye (2007), Rettberg (2014) e Van House (2004).

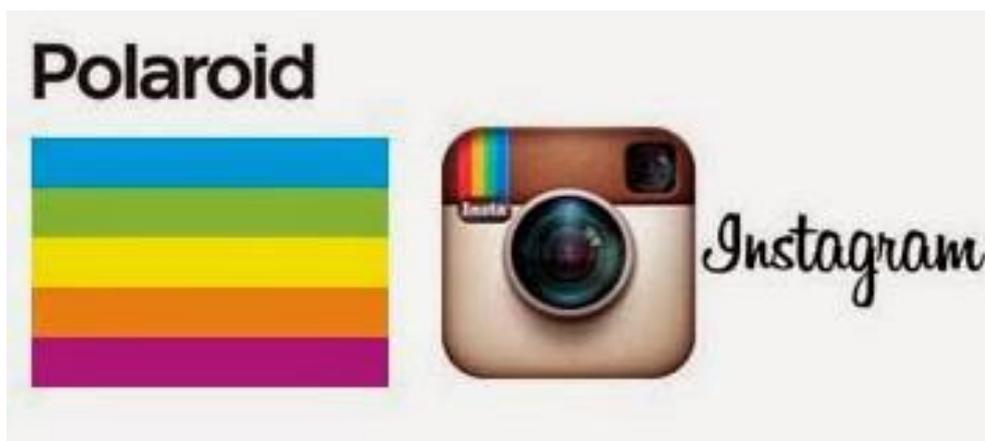
3.1. BREVE HISTÓRICO

A história do Instagram começou em 2010, mais especificamente no dia 6 de outubro, quando foi lançado um aplicativo exclusivo para iPhones, tendo sido ele idealizado pelo norte-americano Kevin Systrom e o brasileiro Mike Krieger. A inauguração da rede social foi marcada pela primeira publicação de Kevin, que trazia apenas a descrição “*test*”, sem *hashtags* e a foto do seu *Golden Retriever*. O diferencial da rede, inicialmente, era o conjunto de filtros que traziam efeitos analógicos, *vintage*, para as fotos compartilhadas, podendo elas ser publicadas apenas em formato quadrado, fazendo, assim uma referência à Polaroid e à Kodak Instamatic, a partir do reforço à estética analógica (BARROS, 2017).

O Instagram, entretanto, não foi a primeira tentativa da dupla, já que ambos já haviam lançado o Burbn, que trazia como ferramentas a realização do check-in, além do compartilhamento de fotos e dos planos para os finais de semana. Kevin e Mike, então, perceberam que o Burbn trazia muitas funcionalidades, sendo que a ferramenta que estava sendo mais utilizada era justamente a de publicação de fotos, tendo sido as outras deixadas de lado. Dessa forma, o Instagram surgiu enquanto rede social que tinha como principal característica a imagem, de forma que seus usuários pudessem compartilhar momentos do cotidiano. (MUSSE, M.F, 2017).

Ao ser lançado em 2010, o Instagram cresceu rapidamente, tendo alcançado a posição número 1 dos aplicativos de fotografia em apenas algumas horas. De acordo com Musse, M.F (2017), a primeira logomarca do Instagram fazia referência à Polaroid²⁴, que usa o espectro de cores na horizontal, sendo ele formado pelo roxo, rosa, laranja, amarelo, verde e azul. O Instagram, por outro lado, utiliza apenas quatro cores: rosa, amarela, verde e azul.

Figura 3: Logotipos da Polaroid e Instagram



Fonte: Logotipo das duas marcas, lado a lado

A partir dessa referência feita pela rede social, entende-se que o seu conceito é similar ao da Polaroid, o da instantaneidade, uma vez que as câmeras da marca permitiam a revelação de fotos imediata. Além disso, o Instagram permite o uso de filtros em suas publicações, fato que também remete às imagens da Polaroid, que tinham uma coloração distinta.

O que importa, no caso das Polaroids, é ver com o mínimo de tempo possível o resultado final da fotografia, ou seja, quase instantaneamente. É basicamente isso que o Instagram resgata para seus usuários: a possibilidade de em poucos cliques tirar a foto, tratá-la e publicá-la. (MUSSE, M.F, 2017, p. 143).

Em dezembro daquele ano, a rede social já reunia mais de um milhão de usuários e a sua popularidade foi crescendo gradativamente. Nos dois anos posteriores, foram adicionadas novas ferramentas, tais como *hashtags*²⁵, novos filtros, fotografia em alta resolução, a rotação com um clique, além de outras. No início do segundo semestre de 2011, já haviam sido publicadas mais de 150 milhões de fotos e a rede passou a reunir mais de 10 milhões de usuários (WOODS, 2013).

²⁴ Marca de câmeras fotográficas, que ficou conhecida por um de seus produtos, que permitiu a impressão instantânea das imagens feitas.

²⁵ Método de classificação de conteúdo. Ao adotar uma ou mais *hashtags*, o conteúdo passa a ser reunido nelas, sendo possível, assim acessá-los com base em tais classificações.

Até abril de 2012, o Instagram permaneceu disponível apenas na Apple Store, mas, neste período, a versão para sistema Android foi então lançada. Neste mesmo ano, o aplicativo foi comprado pelo Facebook pelo valor de um bilhão de dólares, fato que fez a rede social aumentar ainda mais a sua popularidade (CSATHY, 2017). O número de usuários, então, chegou a 80 milhões, oito vezes mais do que no ano anterior. Além da compra, foram adicionadas novas funcionalidades, tais como a marcação de localização das fotos. Além disso, o aplicativo também alcançou o maior número de traduções até o momento, tendo sido disponibilizado em 25 idiomas.

No ano de 2013, o *feed* do Instagram passou a também poder ser visto pela web e já em dezembro daquele ano, foi atingida a marca de 100 milhões de usuários. Outras funcionalidades também foram incorporadas, tais como a marcação de amigos nas fotos, a possibilidade de publicação de vídeos curtos, de até 15 segundos, com a chance de utilização de 13 filtros específicos para produtos audiovisuais. Nesse mesmo ano, o aplicativo presenciou mais uma expansão, tendo sido disponibilizado também para o sistema Windows Phone. Finalmente, em dezembro, a rede social lançou o seu último recurso, sendo ele o *Instagram Direct*, que permitiu, pela primeira vez, a forma direta de compartilhar vídeos e fotos para amigos, o que sinalizou, assim, uma demanda dos usuários para um maior cuidado com a privacidade, tal como foi abordado no blog da empresa:

Existem momentos de nossas vidas que queremos compartilhar, mas com grupos menores de pessoas, tal como uma piada interna entre amigos, um momento especial em família ou até mesmo uma foto a mais de um filhote. O *Instagram Direct* ajuda a compartilhar estes momentos. (INSTAGRAM, 2013, Tradução Nossa)²⁶.

Em 2014, foram adicionadas novas ferramentas criativas para o Instagram, tendo o usuário a possibilidade de ajustar brilho, contraste e saturação, além de cinco filtros novos. Nesse mesmo ano, também foi lançado o *Hyperlapse*, responsável por permitir a captura de vídeos em *time lapse*²⁷. Ao final de 2014, a empresa contabilizou a marca de 300 milhões de usuários e, segundo ela, eram compartilhadas mais de 70 milhões de fotos e vídeos ao dia.

No início de 2015, a empresa anunciou um novo aplicativo, sendo ele o *Layout* Instagram, que permitia a combinação de fotos em uma mesma imagem, formando, assim, uma espécie de mosaico. Além disso, foram adicionadas novas ferramentas criativas para a edição de imagens, a *color* e *fade*, que mudam o tom da imagem, tais como as lançadas no

²⁶ Trecho original: There are, however, moments in our lives that we want to share, but that will be the most relevant only to a smaller group of people—an inside joke between friends captured on the go, a special family moment or even just one more photo of your new puppy. Instagram Direct helps you share these moments.

²⁷ Técnica em que capturas de longa duração são exibidos em poucos segundos, no formato de vídeo.

anterior, que permitiam a alteração da saturação, contraste e brilho. Ademais, foram adicionados três novos filtros, além do uso de *emojis*²⁸ em *hashtags*. Nesse ano, o aplicativo também permitiu o compartilhamento de fotos no formato paisagem, não havendo mais a restrição apenas das imagens quadradas; e introduziu a ferramenta *Boomerang*, que tira uma série de fotos e as reúne, formando um vídeo. Mais uma vez, a rede social apresentou um crescimento alto, tendo tido mais 100 milhões de registros, conquistando, assim, 400 milhões de usuários.

A nossa comunidade evoluiu e se tornou mais global, com mais de 75% dos usuários vivendo fora dos Estados Unidos. A todos os novos instagrammers: Sejam bem vindos! Entre os últimos 100 milhões que se registraram, mais da metade vive na Europa e Ásia. Os países que adicionaram a maior parte dos Instagrammers incluem Brasil, Japão e Indonésia. (...) Além disso, alguns nomes de destaque também se juntaram ao Instagram entre estes 100 milhões. As contas mais seguidas incluem David Beckham, do Reino Unido; Caitlyn Jenner, dos Estados Unidos; Raffi e Nagita, da Indonésia; o jogador de futebol alemão Toni Kroos e o rapper T.O.P, da Coreia do Sul. (Instagram, 2015, Tradução Nossa)²⁹.

Em 2016, a rede social passou a adotar uma curadoria em algoritmo para exibir as fotos e vídeos no *feed*. Segundo ela, devido ao crescimento da rede, os usuários estavam perdendo uma média de 70% das postagens. Dessa forma, passou a ser adotada uma nova forma de ordenamento das imagens, aparecendo primeiramente a de pessoas com as quais o usuário se relacionava mais, por meio de *likes* e comentários.

Ao final de 2016, foi lançada a função *Instagram Stories*, que possibilita que os usuários compartilhem fotos e vídeos pelo período de 24 horas. A ferramenta imita o aplicativo *Snapchat*, que traz exatamente o mesmo conceito e foi introduzida logo após a tentativa de compra frustrada da rede social pelo *Facebook*. Além de copiar o recurso de compartilhamento, pelo período de 24 horas, para o público ou para usuários específicos, foram introduzidos também recursos similares à concorrente, como o uso de *Stickers*, tipos de figurinhas divertidas.

Ao longo da existência do Snapchat³⁰, ficaram evidentes as estratégias mercadológicas agressivas do Facebook para conseguir superá-lo em concorrência, variando em ofertas de aquisição e criação de serviços similares. Mark Zuckerberg, dono do Facebook, já é conhecido por tais práticas de guerrilha contra a concorrência, com histórico de aquisição de serviços que

²⁸ Imagens que transmitem a ideia de uma palavra.

²⁹ Trecho original: Our community has evolved to be even more global, with more than 75 percent living outside of the US. To all the new Instagrammers: welcome! Among the last 100 million to join, more than half live in Europe and Asia. The countries that added the most Instagrammers include Brazil, Japan and Indonesia. (...) Also, a few notable names have joined Instagram in the last 100 million. The most followed accounts include David Beckham from the UK, Caitlyn Jenner from the US, Indonesia's Raffi and Nagita, German soccer player Toni Kroos and South Korea's T.O.P.

³⁰ Rede social de imagens, sendo possível adicionar filtros e compartilhá-las para amigos. Na rede social, o conteúdo pode ser visto apenas uma vez e depois é autodestruído, tendo, assim, uma natureza efêmera.

demonstram tendência de crescimento e popularidade, como o próprio Instagram, em 2012, e também o WhatsApp³¹, em 2014. Outras táticas evidentes da empresa para combater quaisquer concorrentes à hegemonia do Facebook foram o lançamento de serviços extremamente semelhantes aos oferecidos por empresas potencialmente concorrentes – que foi o que aconteceu com as Stories³² no Instagram. (BARROS, 2017, p. 44).

A tentativa de derrubar o Snapchat por Mark Zuckerberg pareceu, de fato, efetiva, já que, em apenas nove meses de existência, a plataforma Stories atingiu a marca de 200 milhões de usuários ativos, contra 160 milhões do Snapchat. Em contrapartida, o crescimento de usuários do Snapchat apresentou uma redução significativa, fato que alarmou os investidores da rede social.

Por fim, é importante mencionar que, em 2016, a empresa também reformulou a sua identidade visual, com uma nova que “representa uma câmera mais simples e o arco íris está presente na forma gradiente”. (INSTAGRAM, 2016, tradução nossa)³³. O novo conceito pôde ser visto na logomarca da empresa e nos outros aplicativos voltados para a criatividade, como o *Layout*, *Boomerang* e *Hyperlapse*.

Figura 4: Nova identidade visual da marca



Fonte: Instagram, 2016.

De acordo com o designer gráfico da empresa, a mudança de identidade visual ocorreu, devido à própria evolução da comunidade *instagrammer*, que reúne um compartilhamento crescente de fotos e vídeos, além de novas ferramentas, tais como o *Boomerang* e o *Layout*. (SPALTER, 2016). Nesse sentido, a rede social procurou uma forma de apoiar essa evolução e, ao mesmo tempo, estar em harmonia com o espírito e o legado do Instagram. Dessa forma, o ano de 2016 marcou um período de transformações, a exemplo da

³¹ Aplicativo que permite o envio de mensagens de texto e outras mídias, além de ligações via vídeo ou áudio. Por meio dele, é possível trocar mensagens diretas com indivíduos ou com grupos.

³² Modalidade de postagem do Instagram, que tem como principal característica o caráter efêmero, já que, normalmente, elas ficam disponíveis por apenas 24h. É possível, entretanto, destacar o conteúdo, fato que faz com que a sua publicação não tenha limitação temporal.

³³ Trecho original: represents a simpler camera and the rainbow lives on in gradient form.

própria adoção do algoritmo pela rede. A mudança de logotipo, nesse sentido, trata-se de um sintoma de uma transformação mais profunda na própria empresa e nas suas estratégias.

A evolução da comunidade, tal como sinalizado Spalter (2016), continuou ao longo dos últimos dois anos. Em janeiro de 2017, a rede social introduziu a *Live Stories*, tendo sido permitida, a partir daquele momento, a transmissão ao vivo por meio das *Stories* do Instagram. No mês seguinte, a plataforma possibilitou a publicação de várias fotos em uma só postagem, formando, assim, uma espécie de galeria. Segundo a rede social, com tal aprimoramento, o usuário já não teria que escolher uma única foto para publicação. “Compartilhe os seus momentos favoritos do aniversário surpresa do seu melhor amigo, da organização, até o momento de sua chegada. Ou crie uma receita de bolo passo a passo que pessoas possam sempre encontrar no seu perfil”. (INSTAGRAM, 2017, Tradução Nossa)³⁴. No ano, também foram introduzidas novas opções de filtros, além de *Stickers*, havendo alguns pacotes temáticos, como *St. Patrick Day*, Dia das Mães e Orgulho Gay. Além disso, foi adicionada a possibilidade de salvar as *Stories* publicadas no celular, além da realização de *Live Stories* com amigos. Por fim, foi comemorada a marca de 700 milhões de usuários.

Em 2018, foram introduzidos novos *Stickers* em *Gifs*³⁵, além da possibilidade de se digitar na *Story*, havendo, assim, o compartilhamento de textos personalizados, e não apenas mais de fotos ou vídeos. Também como novidade dos *Stories*, foi incorporada a viabilidade do uso de trilhas sonoras, sendo possível adicionar, por exemplo, uma música ao fundo de um vídeo.

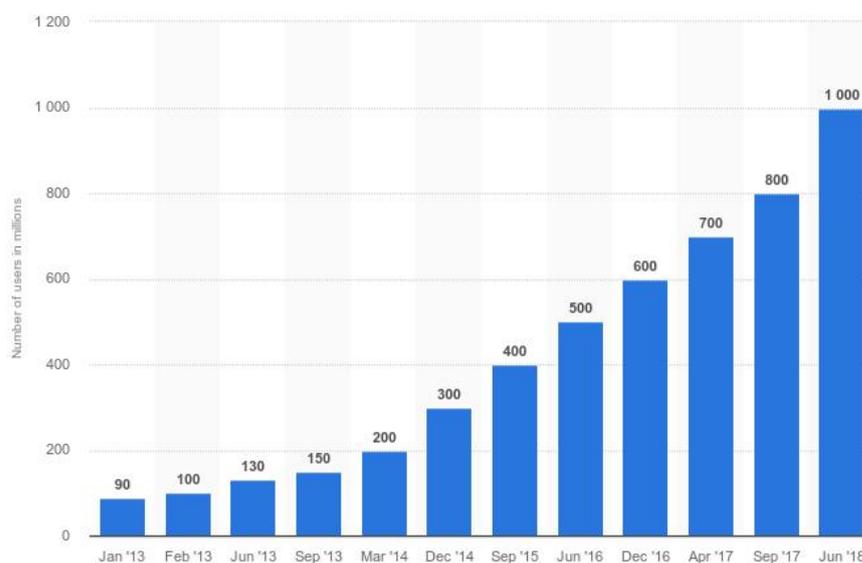
Uma outra novidade relevante, no ano de 2018, foi a IGTV, que trouxe a possibilidade de criação de um canal de vídeos de até uma hora de duração, trazendo uma lógica similar ao YouTube, mas com vídeos na vertical. Ao lançar a nova ferramenta, o Instagram comparou a IGTV à própria televisão, que começa a funcionar, assim que o usuário abre o aplicativo, sem haver a necessidade de procurar, uma vez que há a exibição de pessoas que já são seguidas na rede. A ferramenta também viabiliza a participação do usuário, havendo *likes*, comentários, além da possibilidade de compartilhar os vídeos para os amigos por *Direct*.

Nesse período, o Instagram também atingiu a marca de 1 bilhão de usuários na rede, evidenciando, assim o seu crescimento ao longo dos anos, como sinaliza a imagem abaixo:

³⁴ Trecho original: Share your favorite moments of your best friend’s surprise birthday party, from setting up to when they walk through the door. Or create a step-by-step cake recipe that people can always find on your profile.

³⁵ Formato de imagem muito utilizado na web, sendo tais figuras estáticas ou animadas.

Gráfico 1: Número de usuários ativos (em milhões) - Janeiro de 2013 a Junho de 2018



Fonte: Statistica (2018)³⁶

O histórico do Instagram, assim, traça uma série de modificações sofridas pela rede, mas é necessário, além de entender tal percurso, também se atentar para a mecânica da rede, ou seja, o seu modo de funcionamento, além de possibilidades trazidas, sendo este o tema do próximo tópico deste capítulo.

3.2. A MECÂNICA DA REDE

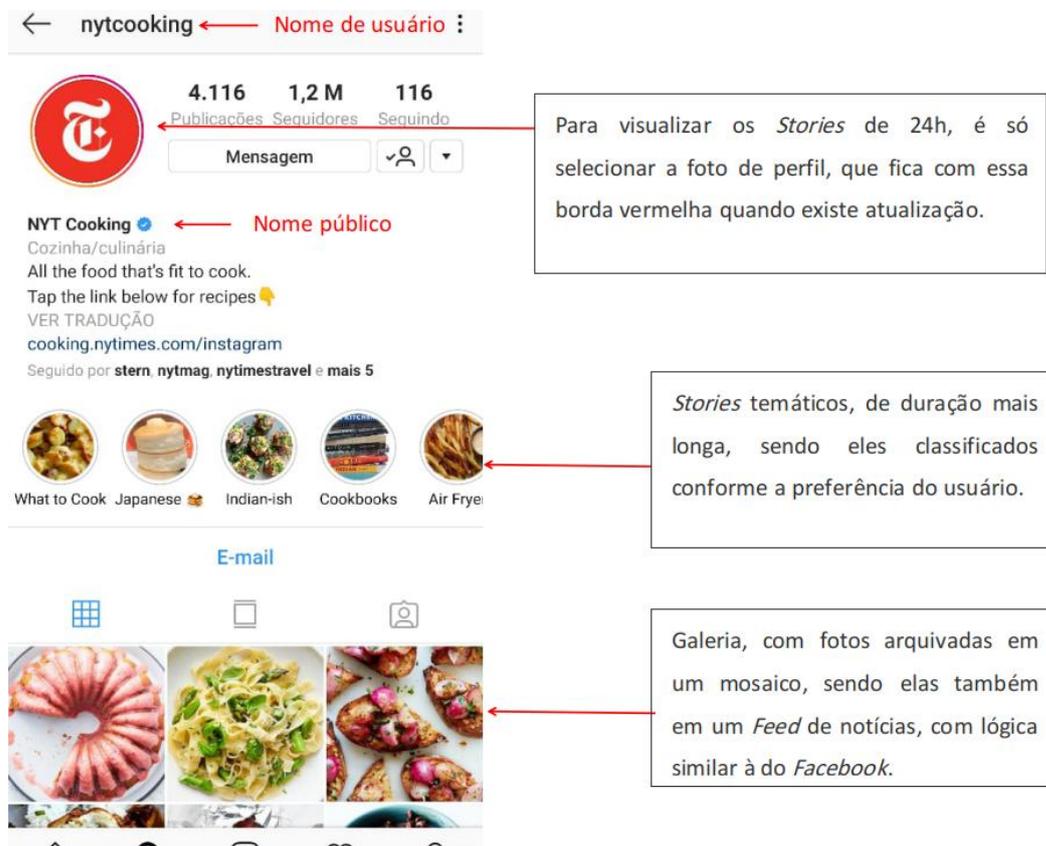
Para utilizar o Instagram, o usuário pode entrar por meio do seu cadastro no Facebook ou efetuar um novo, elegendo, para isso, um nome de identificação. Ao realizar o cadastro, o membro deve escolher entre duas opções de nome, o nome a ser exibido e o nome de usuário, sendo o último, único e utilizado para a melhor localização e menção das contas, seguindo o modelo @nomedeusuário. Dessa forma, não é possível ter dois nomes de usuários iguais, atuando eles como uma espécie de endereço individual para cada uma das contas.

Nesse primeiro momento de acesso à rede social, é possível também definir se o perfil será público ou privado, embora também seja permitido restringir ou abrir o acesso em qualquer ocasião, a partir da configuração de privacidade da conta. Ao se tratar de uma conta privada, o usuário é o responsável por aprovar os seguidores. Em uma conta aberta, por outro lado, todo o conteúdo é exibido publicamente, além de não haver restrição para seguidores,

³⁶ Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/253577/number-of-monthly-active-instagram-users/>

com exceção daqueles bloqueados por razões adversas. Além disso, é possível seguir o número de contas desejadas, havendo restrição, da mesma forma, para aquelas privadas, dependentes da aprovação. No Instagram, é possível seguir e não ser seguido, não havendo, dessa forma, a reciprocidade do Facebook, na qual, ao aceitar uma solicitação de amizade, os dois usuários estão imediatamente conectados. Nesse sentido, a mecânica do Instagram é classificada enquanto assimétrica, já que se o usuário A seguir o usuário B, o usuário B não precisa seguir o A de volta, sendo esta a mesma lógica do Twitter. (HU, MANIKONDA, KAMBHAMPATI, 2014).

Figura 5: Demonstração dos elementos do Instagram



Fonte: Elaborado pela autora

Conforme já evidenciado nessa dissertação, o Instagram prioriza a postagem de fotos ou vídeos, sendo possível publicá-las de duas formas: no *feed*, sendo essa opção mais perene, por elas ficarem depois disponibilizadas em uma galeria, estando todas elas arquivadas; e nas *Stories*, que desaparecem após 24h, a não ser que o usuário decida destacá-

las, dividindo-as, inclusive, por temática, permanecendo elas, assim, por um período superior a tal limitação temporal na página do usuário.

Na figura 5, apresentamos uma imagem que representa a localização de cada um dos elementos citados, utilizando como exemplo a conta *NYT Cooking, Instagram*, de culinária, do *New York Times*. Nesse sentido, são demonstrados o nome de usuário, nome público, *stories* exibidas por 24h, *stories* classificadas por temáticas e com duração temporal maior, além da galeria.

Para a postagem das fotos e dos vídeos, a rede social disponibiliza uma série de opções de filtros (no total, 16), além de outras possibilidades de manipulação de imagens. O usuário, assim, consegue editar as fotos por meio do próprio aplicativo, alterando a tonalidade da foto. Tal modificação de fotos e vídeos é permitida tanto nas fotos destinadas ao *feed* quanto aos *stories*. Nos *stories*, entretanto, são acrescentados filtros similares aos oferecidos pelo Snapchat, havendo a possibilidade de utilizar *emoji*, adicionar localização, temperatura, horário e *stickers*, além de desenhar na imagem. Por fim, é importante também mencionar a viabilidade de responder, de forma privada, aos *stories* postados.

No caso do *feed*, após a edição da imagem, é possível acrescentar uma descrição, podendo ela ser acompanhada por *emojis* e até mesmo *hashtags*, que atuam como formas de classificar o assunto das imagens. Ao clicar em uma *hashtag*, o usuário acessa todas as imagens que receberam a mesma classificação. Além disso, além da descrição, é permitido também marcar outros membros da rede em uma foto, sendo ela publicada em seus respectivos perfis. Por fim, é possível inserir o local em que a imagem foi fotografada e, ao clicar sobre ele, é exibido um mapa, além de outras fotos publicadas no local. Nesse sentido, tanto as localizações, quanto as *hashtags* atuam como grandes arquivos, ou seja, repositórios de imagem.

O consumo dessas fotos acontece por meio de um *feed*, que mostra as imagens por ordem de relevância, definidas a partir do algoritmo. Anteriormente, as imagens eram vistas a partir da ordem cronológica inversa, ou seja, da mais atual para a mais antiga, entretanto, essa lógica foi modificada, sob justificativa do grande número de usuários da rede, conforme já abordado nessa dissertação.

Ao ver o *feed*, os usuários podem interagir com cada uma das postagens, curtindo ou comentando. Além disso, a imagem, após ser publicada, também fica arquivada no perfil do usuário, em uma galeria, formando uma espécie de álbum de fotos. É interessante refletir, assim, sobre a relação da rede social com a memória, já que, mesmo considerando o seu caráter instantâneo, ao acessar a galeria pessoal de cada um, é possível traçar uma história,

traçada a partir da sequência de fotografias (MUSSE, M.F, 2017). Abordaremos mais a fundo tais entrelaçamentos entre o Instagram e a memória no próximo tópico.

3.3. O INSTAGRAM E A MEMÓRIA

A fotografia surgiu no século XIX, mas foi a partir da Kodak, no século XX, que houve um crescimento de sua popularidade no dia a dia da sociedade. Graças às publicidades da empresa, a fotografia passou a ser correlacionada, na imaginação pública, com a memória. Os slogans da Kodak traziam frases, como: “uma maneira de manter as memórias de Natal Frescas”³⁷ (1903); “Traga as suas férias de volta para casa com a Kodak”³⁸ (1905); “Existem histórias Kodak em todos os lugares”³⁹ (1909). Além disso, as câmeras da marca estavam sempre associadas à simplicidade e à facilidade de uso, fato que foi um motivador para o aumento da popularidade do hobby de fotografar.

A ênfase no controle do usuário é uma característica de longa data da fotografia pessoal. Ser fácil de usar era um ponto de venda chave para Kodak Eastman, sendo que as propagandas reforçavam para os seus consumidores que qualquer um podia ser fotógrafo - até mulheres e crianças⁴⁰. (GYE, 2007, p.282, tradução nossa).

Essa relação entre a memória e a fotografia foi posteriormente ilustrada por Bourdieu (1990, p.30), quando o estudioso alegou que a “fotografia produz imagens privadas da vida privada”. Segundo ele, os fotógrafos entendiam (e entendem até hoje) que a função principal da fotografia era (e é) a da recordação da vida familiar. É interessante perceber que esse ofício de rememoração se aplica tanto ao âmbito pessoal, quanto ao de um grupo no qual a pessoa se insere, como a família, a equipe de trabalho ou um grupo de amigos.

As fotografias pessoais não nos ligam apenas aos nossos próprios passados, mas também ao passado de grupos sociais aos quais pertencemos. A documentação de grupos sociais pela fotografia reforça a nossa ligação com os outros. Fotografias são, muitas vezes, imagens que tecem a narrativa memorialística de um grupo.⁴¹ (GYE, 2007, p.281, tradução nossa).

Além da função de rememorar, a fotografia possui outras empregabilidades. Em um estudo realizado por Van House (2004), foram ilustrados três usos pessoais da fotografia,

³⁷ Tradução livre de: “(...)as a means of keeping green the Christmas memories”

³⁸ Tradução livre de: “Bring your vacation home in a Kodak”

³⁹ Tradução livre de: “There are Kodak stories everywhere”

⁴⁰ The emphasis on user control is a long-standing feature of personal photography of all kinds. Ease of use was a key selling point for Kodak Eastman in the early twentieth century and remains so for all kinds of cameras today. Kodak Eastman advertising assured its customers that anyone could be a photographer—even women and children!

⁴¹ Personal photographs not only bind us to our own pasts—they bind us to the pasts of those social groups to which we belong. The documentation of social groups through photography reinforces our connections to others. Photographs are often the sutures that bind the narratives of group memory.

sendo eles: i) construção da memória pessoal e de um grupo (conforme já citado); ii) criar e manter relações sociais; e iii) expressão e apresentação pessoal.

Além da função memorialística, a fotografia também atua no fortalecimento de laços afetivos, através de seu compartilhamento. No passado, por exemplo, era comum enviar fotos por cartas. Hoje, este hábito pode ser visto no ambiente virtual, quando as pessoas enviam imagens de um encontro pelo WhatsApp ou as postam on-line, criando diálogos e reforçando os laços.

Por fim, outro uso da fotografia é a expressão e apresentação pessoal. “Fotografias usadas para a apresentação pessoal refletem a visão de nós mesmos que queremos projetar no mundo.” (GYE, 2007, p 282, tradução nossa).⁴² Nessa perspectiva, indivíduos, ao tirarem e compartilharem fotos, também mostram um pouco de si.

Anteriormente, com as câmeras analógicas, o ato de fotografar era reservado aos momentos especiais. Era comum ouvir o clique do disparo da câmera em aniversários, viagens, casamentos e em outras ocasiões que não deveriam ser esquecidas, aos olhos de seus viventes. Essa realidade contrasta com o século XXI, quando o uso dos celulares e a facilidade do mundo digital deslocam o lugar da fotografia para o dia a dia, seja em momentos ordinários ou extraordinários. Parte dessa mudança pode ser atribuída às redes sociais e, em especial, ao Instagram, que prima pelo compartilhamento de fotos.

É possível afirmar que, no ciberespaço, as funções da fotografia ilustradas por Van House (2004), citadas anteriormente, são ainda mais reforçadas, especialmente ao considerarmos as redes sociais. Os apelos da fotografia são ampliados no Instagram, que permite a rememoração, o compartilhamento e a projeção da visão de si. Diante disso, fica claro o porquê do sucesso da rede social, uma vez que ela permite a ampliação desses usos imagéticos.

Nesse sentido, é inegável o caráter duplo do Instagram, que pode ser instantâneo, a partir do que é visto no *feed*, ou atuar como um álbum de fotos, ao exibir o histórico de postagens do usuário, em *grid*, na página do perfil. Partindo dessa reflexão, Rettberg (2014) compara as redes sociais a diários que são escritos em tempo real. “O ato de começar um blog ou um Instagram ou Facebook carrega em si a intenção de escrever ou compartilhar um novo dia.” (RETTBERG, 2014, p.46, tradução nossa)⁴³. Segundo o autor, ao fazer um álbum de

⁴² Photographs which are taken or used for self-presentation reflect the view of our selves that we want to project out into the world.

⁴³ The very act of starting a blog or an Instagram or Facebook account carries with it an intention to write or share more, again, anotherday.

fotos ou ao postar uma foto no Instagram, é feita intencionalmente uma seleção do que o usuário deseja ser lembrado ou esquecido.

Esse entrelaçamento entre o Instagram e a memória pode ser visto, por exemplo, em uma publicação da própria rede pessoal, em seu blog, no ano de 2015, conforme visto no trecho abaixo:

Intragrammers continuam a capturar fotos e vídeos incríveis de todos os cantos da terra (e até do sistema solar). Nós já vimos momentos inspiradores, como a primeira imagem da superfície de Plutão, as celebrações da Champions League, além de locais incríveis, como as Piscinas Brancas da Turquia e a cidade deserta e fantasma da Namíbia. Essas são apenas algumas das 80 milhões de imagens publicadas todos os dias pelo Instagram. (INSTAGRAM, 2015, Tradução Nossa)⁴⁴.

Dessa forma, o Instagram é visto enquanto um instrumento para compartilhar momentos, servindo, assim, como forma de testemunha de eventos cotidianos e marcantes da humanidade, fato que ressalta o seu caráter duplo, devido à sua ligação com o presente e com o passado, sendo, ao mesmo tempo, uma rede social do instante e um arquivo de memórias.

Pensando, então, no papel do Instagram enquanto tecnologia da memória, no caso específico do *New York Times*, o próximo capítulo visa a apresentar as iniciativas digitais da empresa, assim como as suas estratégias comunicacionais dentro da rede social estudada. Conforme será visto adiante, o NYT se utiliza da personalização do conteúdo, criando, assim, redes sociais para públicos específicos. Estas serão vistas no próximo capítulo e, no último, será analisado o Instagram da empresa específico para e a rememoração dos arquivos fotográficos.

⁴⁴ Instagrammers continue to capture incredible photos and videos from all corners of the earth (and even the solar system). We've seen inspiring moments like the first surface image of Pluto and Champions League celebrations, as well as striking locales like the white pools of Turkey and a Namibian desert ghost town. These are just a few of the more than 80 million photos per day shared on Instagram (INSTAGRAM, 2015)

4 O *NEW YORK TIMES*

Este capítulo tem o objetivo de apresentar um breve histórico do *New York Times*, partindo de suas origens até chegar aos dias atuais, de forma a entender as suas principais transformações e a sua preocupação atual com as iniciativas digitais. Para tanto, foram utilizadas reflexões de Molina (2009), que traça um breve histórico dos jornais mais relevantes, a nível mundial; Schudson (2010), que traça a relação do jornalismo com a objetividade e com a imparcialidade, abordando, para isso, as origens deste discurso; e Talese (2000), jornalista reconhecido mundialmente e que trabalhou, durante grande parte de sua carreira, no *New York Times*, tendo escrito um livro específico sobre o veículo.

Ainda neste capítulo, procura-se apresentar o contexto da produção jornalística do periódico no ciberespaço, entendendo, para tanto, as suas produções audiovisuais, hipermidiáticas e em *podcasts*. Para tanto, foi feito um mapeamento de suas principais iniciativas na Web. Por fim, o capítulo apresenta quais são as contas no Instagram da empresa, assim como as suas características, uma vez que o objeto de estudo desta dissertação é uma das páginas, nessa rede social, administradas pela empresa, sendo necessário, dessa forma, entender as estratégias do *New York Times* nesse âmbito.

4.1 Breve Histórico

O *New York Times* foi fundado em 18 de setembro de 1851 por Henry J. Raymond e George Jones, tendo sido chamado, inicialmente, de *New-York Daily Times*. O periódico se consolidou rapidamente, sendo que nos primeiros quinze dias, vendia 10.000 exemplares. Ao longo do tempo, os números apresentaram um crescimento considerável. Ao final do primeiro ano, por exemplo, eram circuladas 26 mil edições, tiragem que aumentou em 1857 para 50 mil. O periódico ganhou prestígio, principalmente, por seu tom moderado, em uma época na qual o jornalismo era marcado pelo sensacionalismo. Um de seus destaques históricos foi a sua cobertura sobre a Guerra de Secessão, em 1861, quando atingiu a marca de venda de 75 mil exemplares (MOLINA, 2009).

Mesmo com o seu início promissor, a empresa também vivenciou períodos de crise. A partir da morte de seus fundadores, por exemplo, o jornal entrou em decadência, tendo acumulado a dívida de 300.000 dólares, quantia que aumentava a cada dia. Tal realidade foi mudada a partir da administração de Ochs, que, em 1896, comprou o periódico, iniciando a sua recuperação. Na época, o jornal era o último em circulação de Nova York, dos

13 jornais disponíveis, vendendo apenas 9.000 exemplares. Em contrapartida, o *World*, principal em circulação, atingia a marca de 600.000; e o *Journal*, o segundo colocado, de 430 mil.

De acordo com Schudson (2010), o jornal norte-americano *World* provocou uma revolução no jornalismo estadunidense ao longo do século XIX, época em que esteve sob a liderança de Joseph Pulitzer. Naquele período, Pulitzer adotou, como modelo de notícias, a produção de matérias com um tom sensacionalista. Além disso, ampliou o espaço da publicidade para 50% das páginas, característica que contribuiu para o aumento da circulação, já que os custos de produção foram reduzidos, a partir da maior entrada de capital publicitário. Tal modelo do *World* foi responsável por definir o ritmo do jornalismo moderno, caracterizado por uma circulação nunca antes vista no jornalismo. Naquele período, as três funções da atividade jornalística eram: informar, interpretar e entreter. As reformas trazidas por Pulitzer foram responsáveis por dar início, no solo norte-americano, à chamada *Penny Press*, ou seja, imprensa do centavo, já que o *World* passou a ser vendido por somente um centavo, tendo influenciado, posteriormente, outros a tomarem tal iniciativa, visando à competitividade.

Naquela época, ao comprar o *New York Times*, Adolph Ochs se viu diante de um desafio e, ao invés de aderir ao mesmo modelo sensacionalista concorrente, adotou uma postura que confrontou à do *World*. Ao mesmo tempo, reduziu os custos, vendendo as suas edições também a um centavo, estratégia que contrariou a investidores, que acreditavam ser um erro. “O *New York Times* não iria rebaixar em caráter, apenas em preço, disse ele, acrescentando que um grande número de nova-iorquinos interessados em pechinchas poderia mudar dos jornais baratos para o *Times*, se o preço fosse o mesmo” (TALESE, 2000, p.84).

Em seu primeiro anúncio público, Ochs alegou que não trocaria o editor, não mexeria no quadro de empregados contratados e tampouco alteraria a política editorial. Segundo ele, o *New York Times* continuaria a se dirigir para um público seletivo de pessoas, caracterizadas pela inteligência (SCHUDSON, 2010). Foi nesse ano que o nome “*New-York Daily Times*” foi alterado para *New York Times*, corroborando para a mudança de *branding* da empresa, com uma gestão de marca que procurava relacionar os seus leitores à inteligência, fato sinalizado em sua primeira declaração, publicada no dia 19 de agosto de 1896:

Se eu quiser sinceramente conduzir um jornal de alta qualidade, limpo, digno e confiável, é necessário honestidade, vigilância, seriedade, diligência e conhecimento prático, aplicado ao senso comum. Eu tenho a esperança de que eu possa ter sucesso, mantendo a alta apreciação que as pessoas inteligentes têm sempre tido com o *The New York Times*. É de meu interesse principal que o *The New York Times* publique as notícias, todas as notícias, de forma

concisa, atrativa, com linguagem adequada para a boa sociedade e publicá-la tão cedo quanto possível. Além disso, publicar as notícias com imparcialidade, sem medo ou favoritismo, independentemente de partido, facção ou interesses envolvidos; fazer a colunas do jornal um fórum para as considerações de quaisquer questões de importância pública; e, para isso, convidar o debate de todos os tipos de opinião⁴⁵ (OCHS, 1896, tradução nossa).

Segundo Molina (2009), a partir da administração de Ochs, o NYT passou a investir nos princípios de imparcialidade e objetividade, publicando notícias variadas de negócios, ciências, educação, legislação e cidade. De acordo com Schudson (2010), tal ênfase podia ser vista, por exemplo, no slogan adotado posteriormente: “Toda notícia que se deve publicar”, que procurava relacionar a imagem do jornal com os valores de precisão e respeitabilidade. A estratégia de Ochs foi a de criar um novo público leitor, não concorrendo, portanto, diretamente com o *World* e com o *Journal*.

O *New York Times* se vendia como um produto distinto e superior, renegando às características dos dois jornais líderes em circulação. Nessa perspectiva, ele travava uma guerra moral de jornalismo. Para tanto, ao assumir o periódico, Ochs parou de publicar os folhetins românticos de ficção que permeavam as páginas dos jornais durante a administração da direção anterior, evitou histórias escandalosas, fofocas e ampliou a cobertura de notícias relacionadas ao mercado financeiro. Além disso, a atenção do jornal se voltou para as atividades oficiais do governo, ignoradas por outros veículos da época, fato que poderia ser atribuído à um maior alinhamento do jornal com os interesses econômicos do país. O conteúdo era escrito de forma direta, e a ênfase em matérias relacionadas à economia atraiu a leitura de empresários e, conseqüentemente, aumentou a receita publicidade. Ademais, é importante ressaltar que Ochs também atraiu novos assinantes e anunciantes a partir de um reposicionamento da marca, em anúncios que diziam que o leitor do *New York Times* ganhava um selo de respeitabilidade.

Segundo Molina (2009), ao longo de sua cobertura jornalística, o periódico se destacou, uma vez que, em muitos casos, noticiou conteúdos em primeira mão. Em 1909, por exemplo, o NYT foi o primeiro a noticiar que o *Titanic* afundou. Além disso, o jornal publicava artigos sobre temáticas que não recebiam tanta atenção por outros veículos de

⁴⁵ But if a sincere desire to conduct a high-standard newspaper, clean, dignified, and trustworthy, requires honesty, watchfulness, earnestness, industry, and practical knowledge applied with common sense, I entertain the hope that I can succeed in maintaining the high estimate that thoughtful, pure-minded people have ever had of The New-York Times. It will be my earnest aim that The New-York Times give the news, all the news, in concise and attractive form, in language that is parliamentary in good society, and give it as early, if not earlier, than it can be learned through any other reliable medium; to give the news impartially, without fear or favor, regardless of party, sect, or interests involved; to make of the columns of The New-York Times a forum for the consideration of all questions of public importance, and to that end to invite intelligent discussion from all shades of opinion. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1996/08/19/opinion/without-fear-or-favor.html>

comunicação, tais como a Teoria da Relatividade de Einstein e o lançamento de *A Origem das Espécies* de Darwin. Durante o século XX, o *Times* era a fonte mais completa de informações confiáveis do país e tinha como público alvo leitores curiosos e inteligentes. Entretanto, a informação era apresentada de forma monótona. Segundo Talese (2000), Ochs desejava que o *Times* fosse um testemunho, publicando, para tanto, o registro de todos os acontecimentos, tais como: os incêndios da cidade; e a hora exata do pôr do sol e do nascimento da lua. A partir de tais características e estratégias, o jornal tentava vender, ao público leitor, o princípio da imparcialidade.

O *Times* de Van Anda⁴⁶ estava repleto de informações e explicações sérias, precisas e confiáveis sobre uma ampla variedade de assuntos de interesse. Ele queria que o jornal fosse a fonte primária de informação; um jornal moderado e responsável, que medisse com cuidado a repercussão do que publicava, sem pretender mudar a ordem estabelecida. Mas Van Anda não tinha muita preocupação com a forma ou o estilo, e nem ele nem Ochs estavam interessados em publicar opiniões. O essencial eram os fatos, não o que se pensasse sobre eles (MOLINA, 2009, p. 143-144).

Nos 24 anos de administração de Ochs, o jornal aumentou a sua circulação para 343 mil exemplares, tendo se configurado como modelo de jornalismo. Antes de falecer, o alemão ficou obcecado por seu testamento, tendo consultado os seus advogados, com o objetivo de que o seu legado fosse preservado. Uma de suas principais exigências foi o controle do jornal por seus familiares, característica que garantiu o estabelecimento de uma dinastia, encontrada até os dias atuais. Ochs esperava que seus herdeiros administrassem a empresa visando não somente os lucros, mas também a qualidade editorial, a virtude. Para isso, era necessário que os seus familiares se dedicassem ao jornal, de forma que ele continuasse a prosperar da mesma maneira.

Quanto tempo viveria, isso iria depender evidentemente de como seus herdeiros se saíssem nas décadas seguintes. Nada destruiria seus alicerces com mais rapidez do que disputas de família, ambições egoístas ou objetivos acanhados. Seus sucessores teriam de ganhar dinheiro, sem deixar seduzir por ele, teriam de manter as tendências, sem se deixar levar por elas, teriam de contratar pessoas de talento, mas não pessoas tão talentosas ou egocêntricas a ponto de se tornarem especiais demais como redatores ou indispensáveis como editores. Ninguém podia ser indispensável no *New York Times*, nem mesmo Ochs. O jornal, esperava ele, continuaria indefinidamente acima de indivíduos e grupos, e sua família trabalharia em conjunto, reprimindo qualquer animosidade pessoal em nome do bem maior e, se possível, escolheria parceiros para casar que também se casariam com o *Times*. (TALESE, 2000, p. 25).

Após a morte de Adolph, o controle da empresa foi colocado em um fundo em benefício dos netos, dando início, portanto, à chamada dinastia Ochs, em uma empresa

⁴⁶ Chefe de redação do *New York Times* a partir de 1904. A sua função foi designada por Ochs.

administrada por familiares. O segundo a assumir a empresa foi Sulzberger, o marido de sua filha Iphigene, que teve a função de *publisher*. Quando entrou no cargo, o NYT já era considerado o melhor do país, vendendo 500 mil exemplares em dias úteis e 700 mil aos domingos. Naquela época, entretanto, ele era pouco rentável, fato exemplificado ao se analisar a edição de domingo de 1951, que tinha 330 páginas e pesava quase dois quilos, o que encarecia o produto.

Esse problema de rentabilidade reflete uma das características do jornal, que era a de primar pela qualidade editorial, mesmo diante dos custos. De acordo com Molina (2009), durante muito tempo, as famílias Ochs/Sulzberger não se preocuparam com a ampliação do lucro do NYT, entregando somente entre 1% e 2%. Esse posicionamento se justificava, uma vez que era de interesse do jornal manter a qualidade. A partir de 1969, entretanto, o seu capital foi aberto na Bolsa de Valores dos Estados Unidos, fazendo com que o veículo ficasse suscetível a pressões de acionistas. Mesmo assim, o *Times* tem tentado não ceder à pressão, procurando priorizar a informação aos dividendos pagos, característica responsável por gerar disputas dentro do mercado.

A ambição do jornal poderia ser exemplificada por uma das histórias que Iphigene, a filha de Ochs, mais gostava de contar pelas redações. Nela, um viajante encontrava três cortadores de pedra. O primeiro dizia, ao ser questionado sobre o que fazia, que estava cortando a pedra; o segundo alegava que estava fazendo uma pedra angular. Por fim, o terceiro respondia que estava construindo uma catedral. Iphigene Sulzberger, então, ao se referir ao *New York Times*, alegava que a sua equipe era de construtores de catedrais, não de cortadores de pedra. Nesse sentido, tal conto serve para demonstrar a ambição do jornal e o que ele procurava realizar nos Estados Unidos. (TALESE, 2000).

A história de Iphigene ilustra a preocupação do jornal com a sua qualidade editorial, que foi comprovada ao longo da sua história em diversos momentos e já mencionada nesta dissertação. Na 2ª Guerra Mundial, por exemplo, o *Times* preferiu informar sobre os principais eventos do conflito, priorizando tais reportagens, em detrimento da publicidade. A escolha fez com que o periódico conquistasse 100 mil novos leitores e, ao final do conflito, atraiu mais publicidade do que os jornais concorrentes.

Nesse sentido, não é de surpreender o reconhecimento do veículo diante dos Estados Unidos e do mundo. Durante décadas, o NYT ficou em primeiro lugar no *ranking* dos principais jornais. Na revista *Fortune*, o periódico também já foi escolhido como a empresa mais admirada pela mídia. Além disso, atualmente, a empresa possui 125 prêmios Pulitzer, que é dedicado à excelência jornalística em uma série de categorias. Dessa forma, a partir de

tal reconhecimento, é possível constatar que o *New York Times* possui uma grande influência nacional e internacional, sendo responsável, portanto, por pautar noticiários da rede de televisão, bem como jornais locais, além de influenciar na agenda pública (MOLINA, 2009).

The New York Times não é o jornal de maior circulação do mundo e está longe de ser o mais rentável. Mas suas informações e suas opiniões têm um peso extraordinário na Casa Branca, no Congresso, em Wall Street, nas chancelarias, nas universidades, nos organismos internacionais e no resto da mídia. Seria uma questão acadêmica avaliar se é ou não “o melhor jornal do mundo”. É, com certeza, o jornal mais importante do país mais poderoso. (MOLINA, 2009, p.112).

O reconhecimento do periódico se deve ao seu cuidado com o seu fazer jornalístico, vendendo-se, para tanto, enquanto imparcial, independente politicamente, preciso e justo. Tal discurso garantiu que ele ampliasse a sua base de leitores. Segundo Molina (2009), Max Frankel, um dos antigos editores do NYT, por exemplo, certa vez alegou que a obsessão de atribuir as informações a determinadas fontes era tão grande, que se um jornalista escrevesse “o sol se levantou hoje”, algum integrante da redação acrescentaria “segundo fontes oficiais”. Atualmente, essa característica tem se alterado, uma vez que o periódico também tem procurado, cada vez mais, produzir matérias analíticas, havendo, para tanto, uma preocupação com o estilo, com o humor e com o drama. “Há um visível esforço para lembrar que o jornalismo, como escreveu Frankel, é uma arte narrativa que une o passado ao futuro, a causa à consequência.” (MOLINA, 2009, p.119).

Mesmo com a sua história repleta de conquistas, o *New York Times* já teve os seus momentos negativos. Em 2005, por exemplo, ele caiu para a sexta posição no ranking dos principais jornais, devido ao impacto do Caso Blair, de 2003, quando o jornalista Jayson Blair falsificou entrevistas, inventou notícias, plagiou reportagens e bajulou superiores. Tal acontecimento foi um dos principais escândalos do veículo. No entanto, o NYT reconheceu os seus erros, tentando recuperar a sua reputação.

Atualmente, o *Times* tem procurado ampliar o seu alcance, focando, para tanto, a sua cobertura no território nacional e internacional, não se restringindo, assim, somente a Nova York. Uma prova disso é o fato de o jornal ser impresso em 20 localidades diferentes, sendo 52% de sua circulação fora da região Nordeste do país, local de origem do NYT. Além disso, outro ponto marcante do periódico é a sua preocupação com a tecnologia desde os seus primórdios, característica que garantiu, no século XXI, a sua reinvenção, diante das suas disrupções tecnológicas. Entretanto, de acordo com Watté (2013), já no século XX, essa era uma de suas premissas.

Em 1904, por exemplo, o jornal utilizou, pela primeira vez, a tecnologia sem fio para noticiar a destruição da frota russa em um dos conflitos da guerra Russo-Japonesa. Ademais, em 1926, ele foi o responsável por receber a primeira foto, diretamente de Londres, por meio da frequência de rádio, tendo a transmissão durado 1h45min. Na próxima seção, procuraremos entender um pouco mais acerca dessa relação do NYT com a tecnologia, de forma a ilustrar a realidade da produção jornalística do NYT no meio digital, que se caracteriza por uma diversificação de conteúdos e de plataformas.

4.2 A produção jornalística do NYT no meio digital

Atualmente, o *New York Times* Media Group é composto pelo site *NYTimes.com*; o jornal impresso *The New York Times*; o periódico *The International Herald Tribune* e a versão internacional do NYT editada em Paris. Ao longo de sua história, em função do seu posicionamento, da sua política editorial e das suas iniciativas tecnológicas pioneiras, o periódico se configurou como um modelo de jornalismo internacional, sendo referência tanto para os Estados Unidos, quanto para outros países. Nessa perspectiva, estudar o *New York Times* é importante para entender o jornalismo. Por ser referência, muitas de suas iniciativas se antecipam em relação aos outros veículos, fato que ajuda a influenciar diversas organizações.

As suas inovações ocorrem, principalmente, no âmbito tecnológico, tendo a empresa investido, a cada dia mais, em seu conteúdo digital. Essa preocupação, entretanto, é antiga, já que o NYT lançou o seu *website* em 1996, o mesmo ativo até hoje. Já naquele momento, o objetivo do *Times* era o de gerar audiência para uma nova plataforma. Tal investimento se fortaleceu, principalmente, a partir de 2005, uma vez que o relatório anual de acionistas de 2004 fez referência à necessidade de se operar em múltiplas plataformas de distribuição de conteúdo (NYTCO, 2005).

Essa transformação se intensificou ainda mais em 2006, uma vez que o título do relatório trazia a frase “Perseguindo um futuro multiplataforma” (NYTCO, 2006). Um trecho do documento deixava clara a mudança de estratégia do NYT, que, a partir daquele ano, procurou criar novos produtos, a partir de mídias variadas, além de ter investido em pesquisa com o objetivo de antecipar novas iniciativas para o futuro (WATTÉ, 2013).

Ao entrarmos na segunda metade da década, nossos consumidores têm maiores opções de mídia, a circulação dos jornais está sob pressão (...). *The New York Times Company* está respondendo a esse novo ambiente de negócios construindo de forma agressiva uma organização de mídia do século

XXI, que eleva a qualidade de seu jornalismo, reinveste nas alternativas impressas, abraça os novos usos das mídias, provê maiores formas de interatividade e encoraja o compartilhamento de interesses comuns e redes sociais (NYTCO, 2006, tradução de Watté, 2013, p. 55).

O objetivo de tal preocupação com o ciberespaço é o de atrair um maior número de assinaturas digitais, a partir de um modelo de negócios *paywall* poroso, que permite a leitura de uma determinada quantidade de conteúdo gratuita, com acesso ilimitado para assinantes (WATTÉ, 2013). O modelo é inteligente, por não afastar, de imediato, a não assinantes, uma vez que eles podem acessar a uma parte das notícias gratuitamente e, assim, se interessarem a assinar. No mercado brasileiro, alguns outros jornais utilizam essa mesma estratégia, a exemplo da Folha de São Paulo e do Nexo Jornal, que limitam o acesso a cinco artigos por mês.

Segundo o atual presidente do *New York Times*, Mark Thompson, a ambição do veículo é atingir 10 milhões de assinantes digitais, havendo um interesse também crescente em publicidade digital. O empresário entende que há a possibilidade de, no futuro, não haver mais a mídia impressa, embora ele acredite que tais edições ainda devam perdurar por mais dez anos, por haver um público fiel. Segundo ele, atualmente, a mídia impressa ainda é a que apresenta maior lucro, mas Thompson defende que existe grande mercado para o modelo digital. No entanto, por enquanto, ele deseja atender à base de clientes impressa até quando for possível. “Entretanto, ao mesmo tempo, pretendemos construir o nosso negócio digital, de forma que tenhamos um crescimento de sucesso e uma empresa de notícias que perdure muito tempo, mesmo após o fim da mídia impressa” (THOMPSON, 2018)⁴⁷.

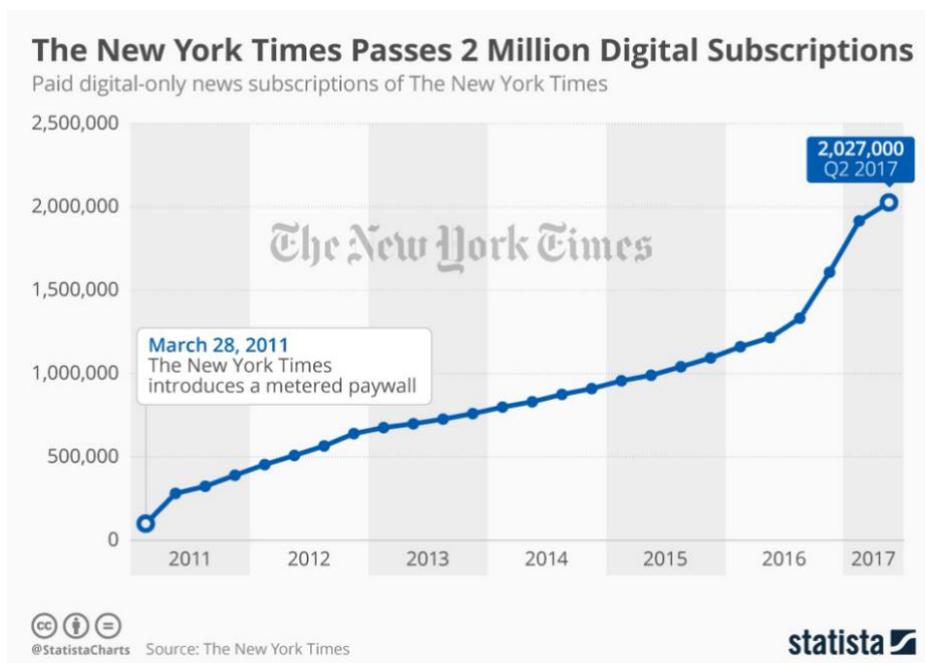
Atualmente, a empresa possui mais de 2 milhões de assinantes, como pode ser observado na Imagem 6, sendo que, apenas nos seis primeiros meses de 2017, houve o aumento de 400.000 assinaturas. Este investimento no mercado digital, assim como o cuidado com clientes tradicionais, os chamados migrantes digitais, tem permitido que a empresa perdure e alcance, até mesmo, relevância internacional, já que 13% das assinaturas são de outros países (DOCTOR, 2016)⁴⁸. Além disso, tal investimento também tem permitido alcançar o público mais jovem, ou seja, os nativos digitais, por meio de iniciativas inovadoras, tais como as redes sociais e outras plataformas. Em 2016, por exemplo, o *New York Times* lançou o *The Daily*, um noticiário em áudio, que foi o *podcast* mais baixado na Apple naquele ano. Ademais, o veículo também lidera a indústria de notícias em realidade virtual e vídeo em

⁴⁷ Our plan is to go on serving our loyal print subscribers as long as we can. But meanwhile to build up the digital business, so that we have a successful growing company and a successful news operation long after print is gone.

⁴⁸ Disponível em: <https://www.cnn.com/2018/02/12/print-journalism-may-last-another-10-years-new-york-times-ceo.html>

360°. Desde novembro de 2016, a empresa produziu um vídeo por dia neste formato, com jornalistas transmitindo notícias de 57 países (NYT, 2017).

Gráfico 2: Crescimento do número de assinantes digitais do *New York Times*

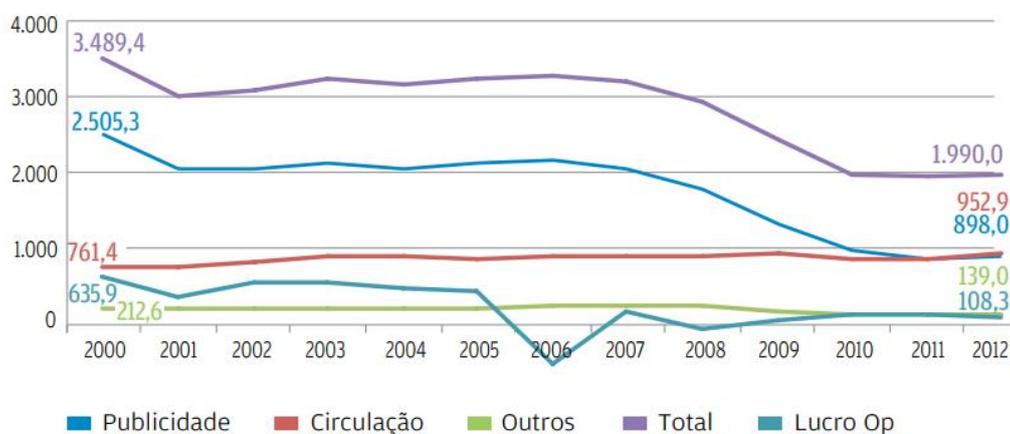


Fonte: *New York Times*

Provavelmente, o investimento no mercado digital, como parte dessa estratégia, vem da própria crise do jornalismo. Em 2000, por exemplo, o NYT faturou 3,5 bilhões de dólares, tendo o lucro de 636 milhões de dólares. Por outro lado, em 2012, a empresa viu a sua receita diminuir para 1,9 bilhão de dólares, tendo o lucro recuado para 108 milhões de dólares. (COSTA, 2013).

É possível que tal decréscimo tenha feito com que o NYT pensasse em novas formas de lidar com a crise no jornalismo. Segundo Costa (2015), para sobreviver à era digital, a imprensa tradicional precisa criar novas formas de receita. Para tanto, é necessário abraçar a tecnologia. O teórico ainda vai além, alegando que, para conseguir lucrar no mercado digital, é necessário se reinventar. A solução, segundo ele, começa, ao entender a nova cadeia de valor, sendo necessário observar as disrupções que se apresentam.

No Gráfico 3, abaixo, é possível visualizar tais resultados mencionados por Costa (2013), sendo apresentada a variação, em milhões de dólares, dos valores em publicidade, circulação, lucro, total e outros, entre 2000 e 2012.

Gráfico 3: Resultados do *New York Times* até 2012**RESULTADOS DA NEW YORK TIMES CO. |** EM MILHÕES DE DÓLARES

Fonte: NYT CO Investor Site: <http://investors.nytc.com/investors/default.aspx>

Fonte: *New York Times*

De acordo com Costa (2015), para lidar com a crise, os jornais “precisam repensar a forma como eles se relacionam com pessoas e respeitar as novas formas de consumo de informação e serviços. A fórmula antiga já não funciona mais, sendo ela válida apenas para a mídia impressa. Não funciona, portanto, para produtos digitais” (COSTA, 2015)⁴⁹. O teórico apresentou seis passos para um modelo de negócios bem sucedido no mercado digital;

1: Não tenha medo de reinventar a empresa. Comece do início e procure a colaboração de pessoas jovens, os nativos digitais. 2: Entenda que a indústria jornalística, na era industrial, era um negócio de distribuição. Perceba que a nova realidade pede por um serviço em que o relacionamento digital, com cliente, se torne estratégico. 3: Invista em tecnologia. 4: Produza uma informação que esteja alinhada com as mentes que nasceram digitais. 5: Alinhe a empresa à realidade do compartilhamento e da super distribuição, criando uma escala na rede. 6: Expanda o portfólio de serviços tradicionais, oferecendo novos produtos e serviços. (COSTA, 2015, tradução nossa).⁵⁰

A mudança de postura, da empresa, em relação ao mercado digital, pode ser datada em diversos momentos, já que a entrada do NYT nas redes sociais aconteceu ainda em

⁴⁹ Disponível em: <https://www.inma.org/blogs/keynote/post.cfm/6-pillars-of-a-revenue-generating-business-model-for-digital-journalism#ixzz3avNd1Nlp>

⁵⁰ 1: Don't be afraid to re-invent the company, start from scratch, and seek the collaboration of young people (the digital natives) 2: Understand that the journalism industry in the industrial era was a distribution business and that the new reality calls for a service whose management of the digital relationship with consumers becomes strategic. 3: Invest in technology. 4: Produce information in the spirit of minds that were born digital (not analog), aiming to capture younger audiences. 5: Attune the news company to the reality of information sharing and superdistribution, creating scale on the network. 6: Expand the traditional service portfolio, offering new products and services.

2007. Entretanto, naquela época, a lógica de produção de conteúdo para a *web* estava atrelada à rotina do jornal impresso. Segundo Saliba (2006), foi somente em 2013, no ano posterior aos resultados apresentados acima, que o editor-executivo do veículo, Dan Baquet, anunciou que o conteúdo digital seria deslocado do impresso, ou seja, ambos seriam independentes, de forma que o conteúdo on-line estivesse voltado para a experiência digital.

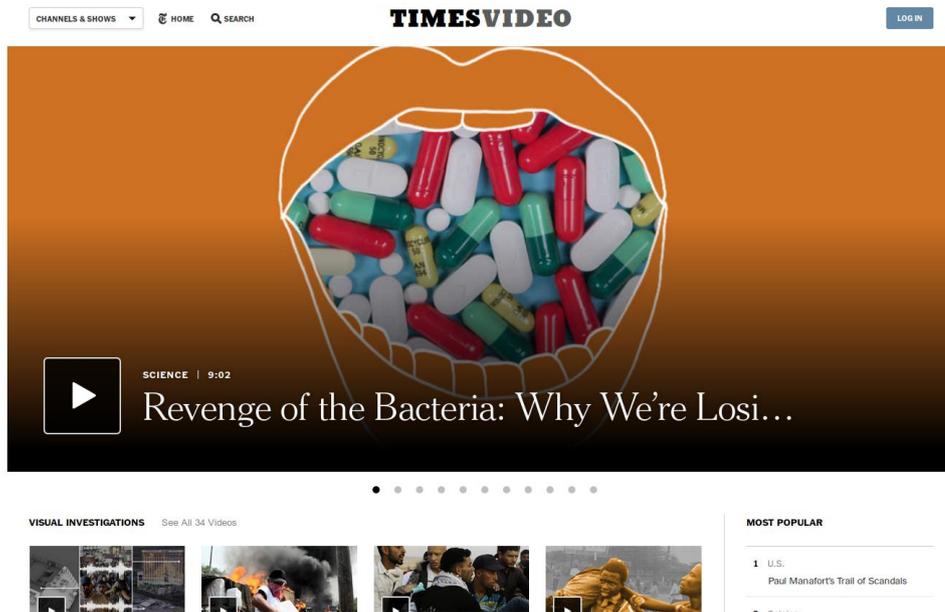
Diante disso, já antecipando o futuro e se adaptando ao presente, o *New York Times* tem investido, a cada dia mais, em seu conteúdo direcionado para a web. De acordo com Grueskin, Seave e Graves (2011), a convergência era a nova palavra de ordem, no contexto da produção de notícias, quando a televisão, as revistas, os jornais e os sites começaram a se parecer entre eles. No entanto, para os pesquisadores, a palavra-chave da atualidade é a “divergência”, uma vez que as organizações jornalísticas precisam distribuir notícias em formatos de apresentação distintos. Dessa forma, pensando nisso, o NYT passou a adotar um modelo diverso, utilizando as mídias para distribuir e diversificar o conteúdo.

Nessa perspectiva, o *New York Times* tem lançado *podcasts* direcionados a públicos distintos, conteúdos audiovisuais inovadores, além de ter trabalhado, cada vez mais, no aprimorado do *website* e do próprio aplicativo de notícias. Tal estratégia responde à fragmentação da audiência, característica da Web 2.0, que se divide em novos interesses e hábitos (GRUESKIN, SEAVE e GRAVES, 2011), sendo necessário, portanto, responder a essa realidade.

No ramo audiovisual, a empresa concentra todo o seu conteúdo no link www.nytimes.com/video, na página *TimesVideo*, onde lança novos produtos diariamente. Dentre eles, é possível encontrar vídeo reportagens curtas, em que o repórter está presente apenas em off, sendo que muitas delas contam com a presença de infográficos animados, o que torna o conteúdo mais atrativo para a *web*.

As reportagens produzidas comportam assuntos variados, havendo conteúdo de política internacional e nacional, economia, negócios, cultura, tecnologia, gastronomia, saúde, ciência, negócios e opinião. Os vídeos produzidos possuem formatos diversificados, havendo aqueles mais tradicionais, sem muitas intervenções criativas, e outros que se utilizam de recursos inovadores, como animações. Normalmente, as reportagens que se ancoram no formato tradicional são aquelas ligadas a assuntos quentes, fato que, provavelmente, faz com que seja necessário um menor tempo de produção.

Figura 6: Times Video



Fonte: *New York Times*

Por outro lado, no site da empresa, é possível encontrar uma série de produções diferenciadas, como: as reportagens em 360°, já citadas, que podem ser assistidas com os óculos de realidade virtual; o conteúdo da *T Magazine*, que comporta as temáticas de design, viagens, férias, moda e arte; as reportagens que permitem mais liberdade criativa, sendo elas, normalmente, de temáticas que despertam curiosidade e possuem uma maior durabilidade temporal de consumo, como cultura, tecnologia e ciência; e outros conteúdos não tão fixos, como a *webserie Modern Love* e a *webserie Conception*, traduzidas em iniciativas pontuais.

A *websérie Conception* foi publicada no início de 2018, tendo sido produzida a partir das histórias das seguintes mulheres: Marie, Laurin, Gabrielle, Yael, Cassandra, Catie e Jenn. Para a seleção de tais narrativas, o *New York Times* pediu a participação de seus leitores, tendo que escolher seis enredos, dentre 1300 respostas, recolhidas a partir de um formulário *online*, que foi novamente disponibilizado em julho de 2018 para a seleção das narrativas da segunda temporada. Posteriormente, as histórias foram narradas pela voz de Triona O'Neill, que participa de todos os episódios; e animados. Ao assistir, o espectador não tem acesso aos nomes completos da personagem, tampouco consegue saber como se parecem, uma vez que as narrativas foram ilustradas. Nesse sentido, a *webserie* se configura enquanto narrativa híbrida, que bebe de atributos jornalísticos, documentais e do cinema de animação.

De acordo com Munday (2018), para a criação da arte, o periódico contou com a participação de ex-alunos do *Moth Studio* (Sam Ballardini, Hannah Jacobs, Amelia Griller,

Jordan Bruner e Joanna Neborsky). Por meio de tal artifício, cada uma das histórias ganhou uma identidade distinta, uma vez que os animadores utilizaram os seus próprios estilos para o trabalho. Dessa forma, ao assistir a cada um dos episódios, o espectador tem acesso a uma nova história, que ganha a sua individualidade a partir das características da animação, além da própria originalidade do enredo.

Além dela, a *webserie Modern Love* também foi produzida através de animações, tendo 16 episódios, que foram lançados entre 2013 e 2015. Ela foi baseada na coluna de mesmo nome, que foi lançada no dia 31 de outubro de 2004 e, desde então, é publicada semanalmente nas edições impressas do periódico, além de estar disponível também na página da *web*. Na coluna, são publicadas histórias submetidas por leitores em formato narrativo⁵¹, com o uso de recursos literários, como narrador e uso de aspas. Os textos são publicados tal como escritos pelos prosumidores⁵², que, caso tenham suas histórias selecionadas, recebem o valor de 300 dólares americanos. Entretanto, o escritor também passa pelo processo de edição, tal como um jornalista, havendo sugestões e adequações para o aprimoramento do texto. Entre esta data e novembro de 2017, foram mais de 80.000 submissões de histórias, tendo sido elas responsáveis por inspirar livros, filmes, *podcasts* e uma série de televisão, que ainda está em produção pela Amazon (NYT, 2017).

Além das histórias publicadas semanalmente em formato escrito, em 2013 foi veiculada, no YouTube, uma *webserie* de mesmo nome, que também foi inspirada na coluna. Para tanto, ela foi produzida a partir de animações, totalizando 16 episódios curtos, lançados até 2015. Ao assistir a cada um dos vídeos, um link na descrição direciona para o conteúdo em formato escrito. Por fim, existe também um *podcast* de mesmo nome produzido pelo NYT, sendo ele publicado semanalmente, trazendo um conteúdo expandido.

Em 2019, a Amazon Studios está em processo de produção de uma série de comédia romântica, que é inspirada em tais histórias de amor moderno, havendo a previsão de 8 episódios para a primeira temporada. O conteúdo será escrito e dirigido pelo irlandês John Carney, conhecido por outras produções audiovisuais de renome, tais como *Mesmo se nada der certo*, *Sing Street* e *Apenas uma vez*. Ademais, também foram anunciados atores de renome internacional para integrar a série, exemplificados na figura de Anne Hathaway (*O Diabo Veste Prada*), Dev Patel (*Lion*), Tina Fey (*30 Rock*) e John Slattery (*Mad Man*). Em

⁵¹ Ao longo deste artigo, adotaremos a definição de narrativa de Motta (2013), que a define como “uma forma de sucessivo empalavrado dramatizado da realidade imediata para ajudar o homem e as coletividades a se situarem no mundo e na história” (MOTTA, 2013, p. 70)

⁵² Prosumidor é um conceito trazido por Jenkins (2014), que alega que uma das características da Web 2.0 é a existência de um público consumidor que também passa a produzir conteúdo.

2018, a produção foi anunciada pelo assistente editorial Sam Dolnick do *New York Times*, ao afirmar que “a coluna permanece como uma das mais populares, tanto no formato *on-line*, quanto impresso. Além disso, tornou-se um *podcast* semanal de sucesso (...). Agora nós estamos muito felizes que *Modern Love* vai também se tornar uma série da Amazon” (DOLNICK, 2018, Tradução Nossa)⁵³.

A expansão do conteúdo para múltiplas plataformas, no entanto, comprova o valor das interseções do jornalismo com diversos formatos, demonstrando o valor da mistura de linguagens distintas. A coluna possui 14 anos e é um grande sucesso do *New York Times*, tendo como característica o cruzamento entre o jornalismo e a literatura. Além disso, trata-se um exemplo de transmidiação, uma vez que traz um mesmo conteúdo em formatos variados e privilegia as ações de integração entre diferentes meios, através da distribuição de conteúdos associados, em uma lógica de convergência. (FECHINE, FIGUEIRÔA, 2011).

No caso da coluna *Modern Love*, é possível ler não apenas à coluna, mas também ouvir o *podcast* e assistir ao episódio isoladamente. Entretanto, ao acessar a todos, o consumidor poderá ter uma experiência completa de fruição. Ao mesmo tempo, *Modern Love* também se configura enquanto um conteúdo convergente, já que a coluna *on-line* também é veiculada para os leitores do jornal impresso, tratando-se, assim, de uma replicação de conteúdo.

Os exemplos trazidos nesse capítulo comprovam o investimento em iniciativas digitais fez com que o *New York Times* diversificasse o seu próprio conteúdo, permitindo, nessa perspectiva, a atração de interesses variados, por meio da personalização de conteúdo. Tal estratégia pode ser observada, por exemplo, nas opções de *newsletters* disponibilizadas para os seus leitores, uma vez que existem, hoje, 63 possibilidades a serem selecionadas, a maioria delas com periodicidade semanal, embora existam aquelas diárias, como a *Morning Briefing*. O conteúdo também é diversificado, havendo aquelas direcionadas para notícias e política; opinião; negócios e tecnologia; estilo de vida; diversidades; arte e cultura; e ofertas especiais. O leitor tem a opção a receber o conteúdo das quais tiver interesse, podendo parar a inscrição a qualquer momento.

⁵³ Trecho original: “It remains one of our most popular columns both online and in print; it has become a successful weekly podcast; (...) And now we are thrilled that Modern Love will become a TV show on Amazon.” Disponível em: <<https://www.hollywoodreporter.com/live-feed/modern-love-anthology-based-new-york-times-column-set-at-amazon-1118929>>

4.3: A Atuação do NYT no Instagram

Atualmente, o *New York Times* possui 13 perfis ativos no Instagram, sendo cada um deles direcionado a um segmento de público. A estratégia é interessante, uma vez que cada uma das contas revela um conteúdo distinto, fato que desperta o interesse de diferentes pessoas, não sendo elas necessariamente leitoras do *@nytimes*. Existe, por exemplo, uma conta diretamente voltada para viagens, onde o público tem acesso a cliques feitos por uma fotógrafa exclusiva que viaja pelo mundo, além de outras imagens tiradas por outros fotógrafos. A partir da temática da conta, é possível afirmar que não necessariamente apenas os leitores do periódico se interessariam pelas fotos dessa página, mas qualquer outro usuário apaixonado por viagens.

Quadro 2: Comparativo das contas do NYT no Instagram, por ordem decrescente de seguidores

Conta	Seguidores	Publicações
<i>@nytimes</i>	4,2 milhões	6.338
<i>@nytimesfashion</i>	2,5 milhões	9;764
<i>@nytcooking</i>	958 mil	3.603
<i>@tmagazine</i>	754 mil	4.939
<i>@nytimestravel</i>	631 mil	2.105
<i>@nytmag</i>	155,8 mil	680
<i>@nytimesopinionart</i>	125 mil	830
<i>@nytarchives</i>	120 mil	731
<i>@mynytimes</i>	36 mil	777
<i>@nytgender</i>	26,5 mil	202
<i>@nytbooks</i>	20,2 mil	44
<i>@cn.nytimes</i>	5.803	202
<i>@nytimesstore</i>	646	43

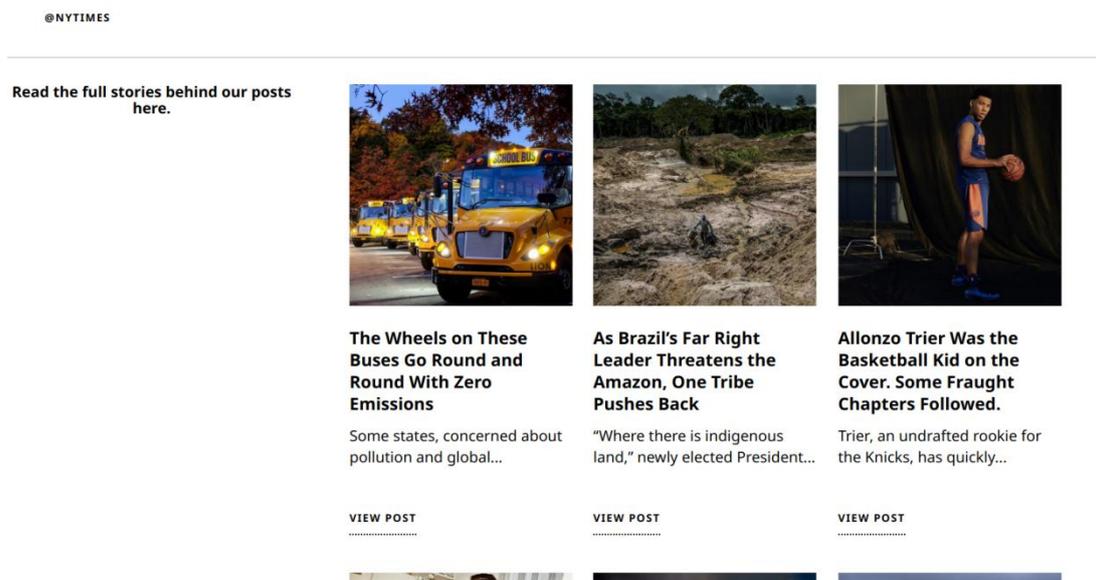
Fonte: Elaboração da autora. Dados de 2018.

No quadro acima, é possível visualizar as contas, do *New York Times*, encontradas no Instagram, com informações sobre cada uma delas, tais como: nome de usuário; número de seguidores; e quantidade de publicações.

Outra das contas mantidas pelo periódico é a *@nytimes*, que possui a descrição “contando histórias visuais / *nytimes.com/instagram*”. Nessa página, são postadas fotos variadas, estando elas relacionadas às matérias publicadas no portal de notícias do jornal. É interessante perceber que as imagens chamam a atenção por serem artísticas, trazendo enquadramentos que surpreendem e despertam o interesse do usuário. Em todas elas, há uma legenda que conta uma história. São trechos que informam por si só, mas que convidam o leitor, a todo o momento, a acessar o conteúdo completo, no endereço listado na descrição.

No site sugerido, o internauta se depara com uma página distinta, que imita a *grid*⁵⁴ do Instagram, com as mesmas fotos mostradas na página, mas em outro domínio. Nela, à esquerda, o leitor encontra a informação: “Gosta do que vê no *feed* do Instagram? Então leia as histórias completas por trás dessas fotos”. Ao selecionar a foto desejada, o leitor encontra a reportagem completa da qual a foto foi retirada.

Figura 7: Site com as histórias das fotos postadas no Instagram



Fonte: <https://have2have.it/nytimes>

A seguir, apresentamos um exemplo de descrição adotado no Instagram *@nytimes*, que adota um tom de casualidade, responsável por despertar o interesse do leitor:

Foi a primeira viagem de Charlie Buckets ao cinema e ele se vestiu para a ocasião. Bem bonito e com uma gravata florida, ele passeou pelo teatro histórico. Depois, sem aviso prévio, ele tentou se esgueirar para debaixo do palco. Charlie, um mix de Yorkie com Cairn de 18 meses, foi um dos primeiros a visitar o teatro Roxie em São Francisco na noite passada. No teatro, havia a prévia do novo filme de Wes

⁵⁴ As postagens do Instagram são organizadas em uma estrutura em *grid*, sendo que o *grid* é uma estrutura geométrica formada a partir do cruzamento entre linhas verticais e horizontais.

Anderson, o Ilha dos Cachorros. A reviravolta? A exibição permitia que os donos trouxessem os seus próprios cães. @peterprato tirou essa foto e esperou a exibição começar. Alguém rosou só um pouquinho. As luzes se apagaram. Deslize para a esquerda para ver mais fotos e se isso não for suficiente, visite o link no nosso perfil. (NYT, 2018, tradução nossa).⁵⁵

O terceiro Instagram do jornal é o @nytmag, sendo ele a conta referente a *The New York Times Magazine*, o suplemento dominical do periódico. A revista traz artigos maiores dos que aqueles normalmente encontrados nas edições do *New York Times* e se destaca por sua fotografia, em especial as relacionadas à moda. Além disso, o suplemento traz uma série de jogos para o leitor, como palavras-cruzadas, característica que chama a atenção dos norte-americanos, interessados neste tipo de conteúdo.

Assim como na conta @nytimes, as fotos desta conta chamam a atenção por seu cuidado estético, sendo possível perceber uma variedade de imagens, encontrando-se fotografias de lugares, comida e retratos, além de ilustrações. Novamente, as descrições são suficientes para informar o leitor, mas o conteúdo complementar pode ser encontrado no link disponibilizado na descrição. Em uma das ilustrações, a legenda trazia a história:

Quando Leslie Jamison estava estudando escrita em Iowa, ela passava as suas noites em bares de escritores e os dias lendo livros sobre outros escritores que haviam ficado bêbados naquela cidade antes de ela ficar bêbada por lá: John Berryman, Raymond Carver, Denis Jonson. “Os mitos das bebedeiras deles jorravam como rios subterrâneos sob toda a minha bebedeira”, ela disse. Jamison queria fazer parte do clube dos meninos, e entendia a sua bebida como parte de uma história acerca da criatividade que acontecia após as fronteiras do conforto. E depois ela parou. E depois ela parou de novo. E depois, sóbria, ela tentou encontrar histórias que poderiam mantê-la sóbria, da mesma forma como as outras histórias sobre bebida tinham a empurrado para aquele rio subterrâneo. Leia mais em um trecho do novo livro de Jamison em recuperação, no link da nossa descrição. #Ilustração por @cristianacouceiro. (NYT, 2018, tradução nossa).⁵⁶

A conta @tmagazine é referente à publicação *The New York Times Style Magazine*, publicação distribuída aos domingos dedicada à moda, beleza, férias, viagens, moradia e design, tendo sido lançada em agosto de 2004. A página do Instagram traz, portanto,

⁵⁵ It was Charlie Bucket’s first trip to the movies, and he dressed for the occasion. Looking sharp in a flowered bow tie, he glanced around the historic theater and took in his surroundings. Then, without warning, he tried to crawl under the stage. Charlie, an 18-month-old Yorkie-cairn terrier mix, was one of many first-timers at the Roxie Theater in San Francisco last night. The theater was holding a sneak preview of #WesAnderson’s new film, @isleofdogsmovie. The twist? The screening was BYOD, or Bring Your Own Dog. @peterprato took this photo, and waited for the show to start. Someone growled, just a little. The lights dimmed. Swipe left to see more photos. And if that isn’t enough, visit the link in our profile.

⁵⁶ When Leslie Jamison was studying writing in Iowa City, she spent her nights in writers' bars and her days reading about other writers who had gotten drunk in that town before she'd gotten drunk there: John Berryman, Raymond Carver, Denis Johnson. "The myths of their drinking ran like subterranean rivers underneath all the drinking I was doing," she said. Jamison wanted to be a part of this boys' club, to understand her drinking as part of a story about the kind of creativity that had to happen past the boundaries of comfort. And then she stopped. And then she stopped again. And then, sober, she tried to find stories that she could get and stay sober in, that pulled her into their sobriety and recovery the same way that stories about drinking had pulled her down into those subterranean rivers. Read more in an excerpt from Jamison's new book on recovery, with the link in our bio. #Illustration by @cristianacouceiro

conteúdos relacionados à revista, sendo retratados lugares, personalidades e ícones de interesse, tendo sido elas publicadas na revista. Assim como a *@nytimes*, a imagem traz uma pequena informação acerca das fotos publicadas, o que desperta o interesse do leitor e, ao mesmo tempo, está de acordo com as características do Instagram, que prioriza imagens a textos. Entretanto, a história completa pode ser vista no *website tmagazine.com*. Neste site, há todas as fotos publicadas no Instagram, mas os links redirecionam para as reportagens completas.

A página *@nytfashion* traz fotos de *looks*, personalidades, modelos e estilistas. Na maioria das postagens, as descrições são simples e trazem a informação em apenas uma frase. No dia 19 de março, por exemplo, a conta publicou uma imagem com a legenda: “Sundan Archives no SXSW⁵⁷, em Austin, Texas. Foto: *@drewanthonymith*. #sxsw #austin #texas #sudanarchives *@sudanarchives*⁵⁸.” (*@nytfashion*, 2018, tradução nossa). Outras descrições repetem a fórmula, informando sobre a personalidade fotografada, o lugar e o fotógrafo. Neste Instagram, não há imagens de lugares, sendo as pessoas as principais fotografadas, com foco nas roupas de cada um.

Além disso, a conta *@nytarchives* recircula fotos tiradas pelo veículo de comunicação no passado, recontando as suas histórias de forma resumida, na descrição das imagens. Ao postar conteúdos históricos, os fatos adormecidos são novamente lembrados por seus seguidores, funcionando como um gatilho de memória e gerando um processo de ressignificação. Atualmente, essa conta do *New York Times* possui 120 mil seguidores e posta fotos diariamente (salvo raras exceções) e, em alguns casos, mais de uma vez por dia. Todas as imagens postadas são em preto e branco, característica que dá às fotos um sentido de passado ainda mais forte, e as descrições informam a época em que foram tiradas, assim como o seu contexto. As legendas, no entanto, são breves, não havendo links para postagens exteriores. Nesse sentido, o contexto da imagem é revelado no próprio Instagram, em combinação com a foto. A página será um dos nossos objetos de análise e receberá mais atenção posteriormente, com maior detalhamento.

Com a temática voltada para a culinária, a conta *@nytcooking* possui, atualmente, 958 mil seguidores e 3674 publicações. A descrição da página traz uma brincadeira com o slogan oficial da empresa “*All the news that fit to print*” (Toda a notícia a ser publicada). Na página voltada para a culinária, o slogan escolhido foi: “*All the food that’s fit to cook*” (Toda a comida a ser cozinhada). A descrição também traz o convite para que o leitor conheça as

⁵⁷ Conjunto de festivais de música, tecnologia e cinema que acontece em Austin, Texas, na primavera.

⁵⁸ Sudan Archives at SXSW in Austin, Texas. *@drewanthonymith#sxsw #austin #texas #sudanarchives@sudanarchives*

receitas completas das fotos no link *cooking.nytimes.com/instagram*. Assim como as outras contas do Instagram, percebe-se, na página, a presença de uma preocupação estética com as fotos, sendo todas elas agradáveis visualmente. Além disso, a grande maioria das fotos publicadas são de comida, sendo elas muito coloridas, fato responsável por evidenciar ainda mais os pratos retratados. Por fim, as imagens dos alimentos são acompanhadas com breves descrições sobre as suas formas de preparo e sabor.

A página *@nytimeesopinionart* traz uma seleção de artes publicadas na seção de opinião do *New York Times*, que integra uma *newsletter* enviada aos domingos para o interessados, com reportagens e escritos de humor selecionados pelos editores. As descrições das artes publicadas trazem, entre aspas, o título original da matérias, uma pequena observação e os créditos da ilustração. São parágrafos pequenos, de apenas cinco ou seis linhas. Nesse sentido, fica evidente que há uma valorização da imagem, em detrimento da informação escrita, já que a principal mensagem é entregue pela arte. Atualmente, a conta possui 128 mil seguidores e 864 publicações, sendo, portanto, nova. A frequência de publicação dessa página é menor do que outras, não havendo, assim, publicações diárias.

Além das contas já mencionadas, outra página encontrada no Instagram é a *@nytbooks*, que publica um conteúdo voltado para a literatura, trazendo imagens de autores e livros. As fotos publicadas são acompanhadas por pequenas descrições que revelam um pouco mais sobre os livros e autores, sendo elas curtas e adequadas ao tamanho do Instagram, não havendo, portanto, links externos. Alguns parágrafos são compostos por trechos selecionados de entrevistas de escritores, outros são trechos de *reviews* já publicadas pelo NYT, e há aqueles mais descritivos, com tom informativo, sendo, portanto, responsáveis por contextualizar a imagem escolhida. Atualmente, a conta possui 24 mil seguidores e 97 publicações. Trata-se, nesse sentido, de uma página recente.

Uma conta que chama atenção é a *@cn.nytimes*, que comprova o interesse, já mencionado nesta dissertação, de o NYT se expandir para além dos Estados Unidos, conquistando, também, o público internacional. Esta página traz conteúdos em chinês, sendo, portanto, específica para um público oriental. Não foi possível compreender as descrições, mas assim como outras contas, o tamanho é reduzido, de apenas um parágrafo, não havendo links externos. Além disso, as imagens escolhidas também merecem destaque por seu caráter estético, responsável por chamar a atenção do público. A página traz conteúdo norte-americano, mas percebe-se que a maioria das postagens procura abordar a cultura chinesa de alguma forma, sendo priorizado, dessa forma, um certo nacionalismo na escolha dos temas. A página possui apenas 6949 seguidores e 224 postagens. Dessa forma, assim como a última

página descrita, esta também se trata de uma conta nova. Além disso, os conteúdos são publicados diariamente.

Como o próprio nome sugere, a *@nytimesstore* procura promover, a partir de suas postagens, os produtos do NYT disponíveis a venda. São divulgadas roupas com a marca da empresa, objetos personalizados, como bonés, canecas, cadernos, ecobags, bolsas, aventais, canetas, dentro outros itens. Ademais, também são encontradas fotos dos livros publicados pela empresa. A página tem atualizações ocasionais, sem uma periodicidade certa. Atualmente, possui 1066 seguidores e 51 publicações, a primeira dela em maio de 2018. Tal conta demonstra a preocupação do NYT em não oferecer apenas conteúdo, mas em se tornar, de certa forma, uma *love brand*⁵⁹, por vender itens com a sua própria logomarca, apelando, dessa forma, para o lado afetivo de seu público.

A penúltima conta, a *@mynytimes*, procura trazer a participação do leitor, convidando-o a contribuir, a partir do compartilhamento do ritual de leitura. Na conta, são publicadas fotos enviadas pelo público, contribuindo, assim, para o diálogo entre a empresa e os clientes. A página possui 36 mil seguidores e 777 publicações, sendo a frequência dependente da quantidade de fotos enviadas. Há dias, dessa forma, em que existe mais de uma publicação e, em outros, nenhuma.

Por fim, o *New York Times* possui a conta *@nytgender*, criada no dia 3 de abril de 2018, sendo uma das mais recentes. Atualmente, a página possui 8.778 seguidores e, em sua primeira postagem, a administração da *@nytgender* deu as boas-vindas aos seguidores, dizendo que aquela era uma conta oficial do *New York Times Gender Initiative*, sendo ela destinada a notícias e análises relacionadas a mulheres, gênero e cultura. A página também convida a colaboração dos seguidores, dizendo que, em caso de qualquer sugestão, era necessário enviar uma mensagem direta.

Dessa forma, com base no estudo feito sobre as contas no Instagram do periódico, fica evidente o cuidado do *New York Times* com a segmentação de público, já que, no total, foram criadas 30 contas distintas, destinadas a assuntos específicos. Nesse sentido, é possível afirmar que cada uma dessas páginas direciona o conteúdo a leitores interessados por um determinado tema, fato que contribui para a personalização de conteúdo do periódico. Tal personalização pode ser observada, também, nas *newsletters* elaboradas pela empresa, uma vez que o leitor possui a liberdade de eleger aquela que tem o interesse em receber na caixa de

⁵⁹ O termo *love brand* significa amor à marca, associado a marcas que procuram sair da relação simplificada entre cliente/empresa, tornando-se, assim, essenciais na vida daqueles que as consomem. Exemplos que podem ser ressaltados são: Netflix, Apple e Coca-cola. Para se tornarem *love brands*, é essencial o uso das redes sociais, de forma a estabelecer maior diálogo com o público consumidor.

e-mail. Atualmente, o *New York Times* possui 61 *newsletters*, ficando evidente o cuidado com a segmentação do público e com a personalização de conteúdo.

5 O NEW YORK TIMES ARCHIVES

O Instagram *New York Times Archives* possui, em 2019, 146 mil seguidores, já tendo publicado 846 fotos. As postagens são feitas diariamente, sendo recirculadas imagens do arquivo. Além disso, a estética da página traz um entrelaçamento com a história, uma vez que as fotos publicadas são em preto e branco, remetendo, portanto, a um tempo passado. A cada imagem recirculada, são dadas informações relacionadas ao contexto em que a fotografia foi tirada, a data, além do fotógrafo responsável. Logo abaixo do nome, a página traz a descrição “Nós temos milhões de fotos nos nossos arquivos. À medida que as digitalizamos, estamos compartilhando algumas das nossas favoritas aqui” (NYT, 2019, Tradução Nossa)⁶⁰. Na imagem abaixo, é possível ver a página:

Figura 8: *The New York Times Archives*



Fonte: *The New York Times Archives*

Na descrição, o leitor também se depara com um link, que, ao ser clicado, direciona o usuário para o especial *Perpetual Motion*, que traz fotografias antigas relacionadas à dança. A série sobre dança faz parte da seção *Past Tense* do site, na qual são

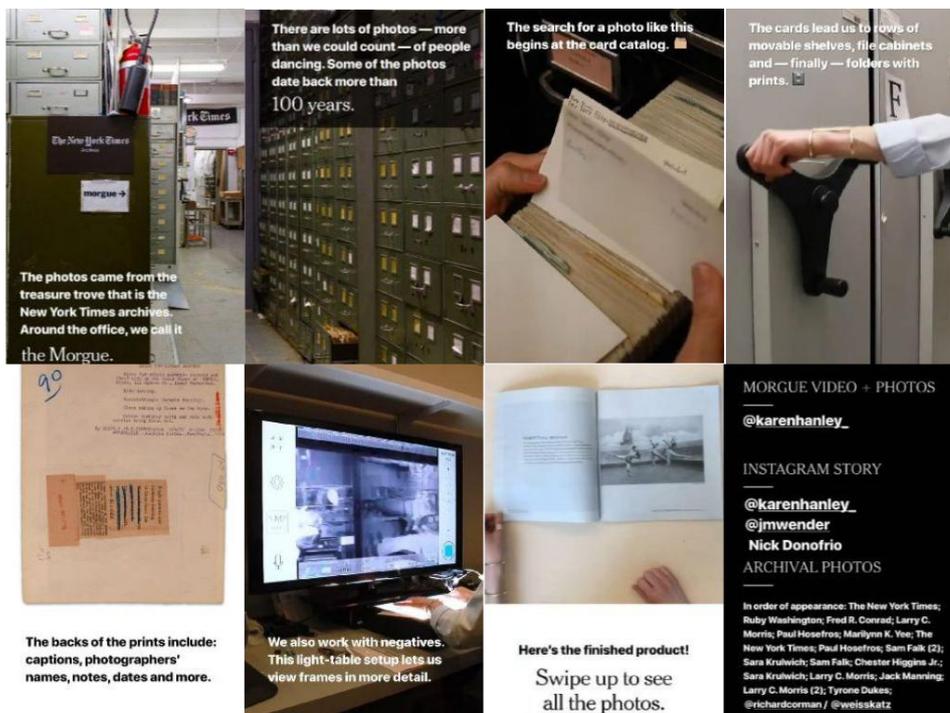
⁶⁰ Trecho Original: We have millions of photos in our archives. As we digitize them, we are sharing some favorites here.

encontradas matérias, relacionadas ao passado, feitas a partir das descobertas do arquivo. Em uma série de *stories* em destaque do Instagram, é abordada, através de imagens acompanhadas por legendas, como a seleção é feita nos arquivos do jornal.

As fotos vieram dos tesouros do *New York Times Archives*. No escritório, nós o denominamos de ‘O Necrotério’. Existem muitas fotos, mais do que podemos contar, de pessoas dançando. Algumas de mais de 100 anos atrás. Uma pesquisa por uma foto como essa começa em um catálogo formado por cartões. Os cartões nos levam a colunas de prateleiras móveis e, finalmente, a pastas com os arquivos impressos. Atrás de cada foto, são encontradas informações que incluem data, fotógrafos, nomes e mais. Nós também trabalhamos com os negativos, para que possamos ver as imagens com mais detalhes. Aqui está o produto final! Deslize para a direita para ver todas as fotos (NYT, 2019, Tradução Nossa).

A imagem abaixo ilustra alguns dessas *stories*:

Figura 9: Série de stories do @nytarchives



Fonte: *New York Times*

O *Instagram New York Times Archives* é curioso, por se configurar como um deslocamento da lógica da rede social, que prima pela instantaneidade. Ao mesmo tempo, demonstra como a memória é fluida, por poder ser ela reconstruída a todo o momento, à medida que eventos são lembrados. Nesse sentido, analisar a página permite entender quais temáticas são entendidas, pelo *New York Times*, como importantes de serem lembradas. Dessa forma, essa dissertação procurou analisar as imagens pelo período de um ano, durante

2018, sendo todos os meses contemplados. A cada mês, sete dias foram analisados, totalizando em 84 dias para a análise. Dessa forma, foram estudadas as postagens do seguinte período:

Quadro 3: Meses e dias de análise

Mês	Dias de Análise
Janeiro	1 a 7
Fevereiro	8 a 14
Março	15 a 21
Abril	22 a 28
Maio	29 a 31 / 1 a 4
Junho	1 a 7
Julho	8 a 14
Agosto	15 a 21
Setembro	22 a 28
Outubro	29 a 31 / 1 a 4
Novembro	1 a 7
Dezembro	8 a 14

Elaborado pela Autora

Para a análise, foi escolhida a metodologia de Mauad (2005), que propõe uma ficha de elementos a serem analisados, de forma que seja entendido o conteúdo das imagens. De acordo com a autora, a fotografia deve ser interpretada enquanto o resultado de “um processo de construção de sentido” (MAUAD, 2005, p. 144), comunicando-se ela através de mensagens não-verbais e incorporando funções sógnicas. Dessa forma, é fundamental entender a fotografia enquanto mensagem estruturada, sendo ela produzida a partir de um conjunto de escolhas.

Para a análise das imagens, Mauad (2005) propõe a atenção ao plano do conteúdo e da expressão. No caso do primeiro, são estudados os elementos relacionados ao contexto, ao corte temático temporal. No segundo, por outro lado, são entendidas as dimensões técnicas e estéticas. Por o objetivo do trabalho ser o de entender quais temas são rememorados, interessa para a pesquisa a compreensão do primeiro aspecto, ou seja, o plano do conteúdo. Nesse sentido, foi utilizada a tabela de análise da autora relacionada à dimensão contextual, sendo,

para tanto, realizadas adaptações importantes para a pesquisa. Na imagem abaixo, é apresentada a tabela original proposta pela autora.

Quadro 4: Ficha de elementos da forma do conteúdo

Agência produtora Ano				
Local retratado				
Tema retratado				
Pessoas retratadas				
Objetos retratados				
Atributo das pessoas				
Atributo da paisagem				
Tempo retratado (dia / noite)				
Nº da foto				

Elaborada por: Mauad (2005)

Por as fotos serem todas de uma mesma agência produtora, foi proposto fossem elencados os fotógrafos responsáveis por cada uma das imagens, de forma a entender, por exemplo, a porcentagem de fotógrafos homens e mulheres. Foram mantidos, por outro lado, os seguintes elementos: ano, local retratado (cidade, estado, país), tema retratado (contexto da imagem), pessoas retratadas (crianças, adultos, idosos, mulheres, homens, negros, brancos), objetos retratados, atributo das pessoas, atributo da paisagem (céu claro, muitas árvores, etc), tempo retratado (dia/noite). Por fim, foi adicionada a categoria cenário retratado (interno/externo), data em que a imagem foi recirculada, número de *likes* e número de comentários.

A partir das modificações listadas, chegou-se à seguinte tabela de análise:

Quadro 5: Elementos de Análise

Nome do fotógrafo
Data da fotografia
Data em que foi lembrada no Instagram
Número de <i>likes</i>
Número de comentários
Local (Cidade, Estado, País)
Tema retratado (Contexto)
Pessoas Retratadas
Objetos Retratados
Atributos das Pessoas (tipo de roupa)
Atributos das Paisagens (céu claro, muitas árvores)
Cenário Retrato (interno/externo)
Tempo retratado (dia/noite)

Fonte: Elaborado pela autora

Por meio de elementos, poderemos entender as características mais recorrentes das imagens e, nesse sentido, perceber o perfil de tal página, além dos temas considerados por ela como importantes a serem lembrados. Na próxima seção, é descrito o percurso da análise e, na última, os resultados encontrados.

5.1. ANÁLISE DA PÁGINA

Para melhor organização, dividimos a análise em meses, para depois estabelecermos os elementos observados como um todo. Ao final do capítulo, é evidenciado um resumo da análise, no qual são demonstrados, em gráfico, elementos como: (a) décadas das fotos lembradas; (b) gênero dos fotógrafos; (c) cor e sexo dos personagens retratados; (d) localidade das imagens; e (e) editoria contemplada pela foto. Nos anexos, disponibilizamos todos os *posts*, de forma que seja possível visualizar as imagens maiores, além das descrições feitas pela página.

5.1.1. Janeiro de 2018

Nos dias analisados em janeiro de 2018, houve sete postagens, tendo sido publicadas, portanto, as imagens em todos os dias. Nos três primeiros dias do ano, foi abordado, mesmo que indiretamente, o Ano Novo. Na primeira foto, por exemplo, feita por Carl T. Gossett, em 1971, foram retratados balões, tendo sido eles soltos por crianças do *Empire State Building*, em Nova York, a favor da organização *March of Dimes*⁶¹. Na descrição, é contextualizado o clima do Ano Novo, que, além das comemorações, também foi marcado por protestos na *Times Square* contra a Guerra do Vietnã. 1276 pessoas curtiram a publicação, tendo apenas uma comentado a imagem, sendo tal foto, dentre as analisadas no mês, a menos comentada. Não foram retratadas pessoas diretamente, mas é possível ver a cabeça de um homem, logo abaixo da imagem, sendo ele branco, e tendo como atributo uns óculos. A imagem foi tirada em um ambiente externo, durante o dia, sendo possível ver a vista de Nova York. Trata-se, assim, de um ambiente urbano.

Na segunda imagem, tirada no Queens, em Nova York, por Patrick A. Burns em janeiro de 1960, é retratada a queima de árvores de Natal. Na descrição, é dito que a maioria das árvores foi queimada, enquanto outras foram enterradas. São trazidos trechos do artigo publicado, tendo ele sido escrito por Gay Talese. Na figura, são retratados quatro homens de costas para a lente, que se vestem de forma igual, utilizando uniforme, composto por calça, casaco e chapéu. Por estarem de costas, é impossível ver se são brancos ou negros. A imagem foi feita durante o dia, em ambiente externo, sendo possível ver um terreno vazio, que é composto apenas por uma fogueira grande, maior que os homens retratados no primeiro plano. À esquerda da imagem, há uma pequena parte de um veículo não identificável. 859 usuários curtiram a foto, havendo sete comentários.

Na terceira imagem, o Ano Novo foi abordado pela última vez no corpus de análise. A foto foi também tirada nos Estados Unidos, mas, dessa vez, fora de Nova York, em Sugarbush Valley. Nela, é retratada a atividade de esqui no local, que é conhecido por ser frequentado por pessoas ricas. A imagem tem como foco uma pessoa, que é retratada em primeiro plano e de costas, estando ela coberta por equipamentos de esqui, não sendo possível identificar, devido à quantidade de roupa, o rosto ou a cor. A foto foi feita durante o dia, em ambiente externo, sendo retratada a paisagem da montanha de esqui, repleta de neve, com algumas árvores sem folhas em último plano. Na descrição, é informado que os esquiadores daquela região se vestiam muito bem, sendo, assim, um contínuo *show fashion*. Segundo a

⁶¹ Organização sem fins lucrativos, que tem como objetivo melhorar a saúde de mães e de seus bebês.

descrição, o ano novo foi comemorado uma hora antes, uma vez que, devido à lei do estado de Vermont, era proibido beber aos domingos. 1106 pessoas curtiram a imagem, havendo nove comentários.

No dia 4 de janeiro de 2018, foi publicada a quarta foto daquele mês, tirada em dezembro de 1923, sendo, portanto, a mais antiga dentre as sete. Entretanto, não foi identificado(a) o(a) fotógrafo(a) responsável. Essa é a primeira imagem do ano que tem como foco uma personalidade, tratando-se do retrato da atriz de comédia Billie Burke Ziegfeld, acompanhada por sua filha Patricia e quatro cachorros (Isabelle, Ziegy, Budge e Toddy), feito na casa da atriz, em Hustings-on-Hudson, Nova York. A menina e a atriz aparecem usando roupas de inverno, sendo que Patricia utiliza um gorro, calças e casaco, sendo o seu estilo mais esportivo. Billie, por outro lado, aparece de forma elegante, usando um casaco branco felpudo, saia, sapatos pretos e um chapéu também branco. A mãe e a filha posam sentadas na escada externa à casa da atriz, sendo possível ver apenas uma porta ao fundo, sendo o plano, assim, fechado nas duas personagens.

Na descrição, são trazidas curiosidades sobre a casa e o terreno, que tinha 19 quartos, chalés, estábulos, pontes japonesas, piscina e quadra de tênis. Por fim, chamavam atenção também os animais: rebanho de veados, filhotes de leão, perdizes, faisões, cocatuas, papagaios, elefante, dois búfalos, sete pôneis anões, gansos, cordeiros, patos, 300 galinhas e 15 cachorros. A imagem teve 1241 curtidas e 13 comentários.

A quinta imagem de janeiro, também sem autoria identificada, foi tirada em 1971. Ela retrata o corte Zampino italiano de carne, com três taças de vinho e acompanhamento, em uma estética similar à natureza morta. Trata-se de um ambiente interno, não sendo possível identificar, dessa forma, se é dia ou noite. Na descrição, é dito que tal corte de carne era relativamente desconhecido em 1971 e depois se popularizou em Nova York, em especial devido às inúmeras coberturas relacionadas à comida típica feita por Craig Claiborne, um antigo editor de gastronomia do *New York Times*. Apesar de a descrição abordar a cidade do jornal, não é sinalizado se a foto foi feita em New York, tendo sido ela classificada, portanto, como local desconhecido. Essa foi a imagem menos curtida das sete analisadas, tendo apenas 619 *likes*. Entretanto, foi a que apresentou mais comentários, 18, no total.

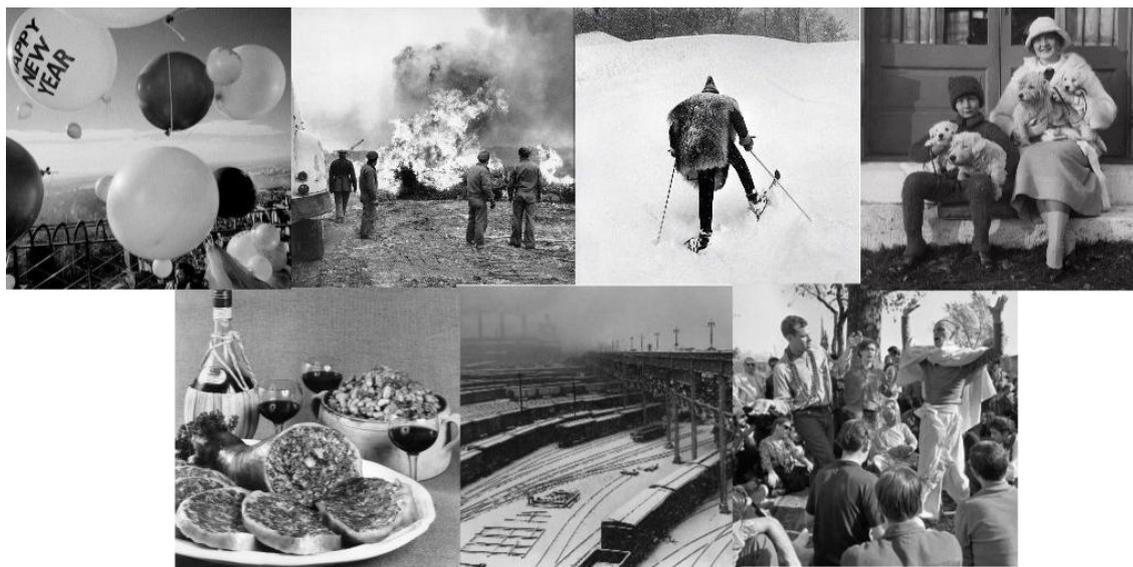
No dia 6, foi publicada a imagem de um pátio de cargas, tirada por Eddie Hausner, em dezembro de 1952, na qual era possível ver um ambiente repleto de neve. À direita, a foto trazia uma parte de uma rodovia, sendo possível avistar alguns carros. O ambiente, nesse sentido, é externo, tendo a foto sido tirada durante o dia, não sendo possível ver pessoas além de objetos. Na descrição, é ressaltado o frio de Nova York, que, naquele

período, chegou a ter a temperatura de -5° a -10° . A imagem foi a mais curtida, com 1665 *likes* e teve três comentários.

Por fim, a última imagem analisada de janeiro também é de autoria não identificada e foi feita em 1966. Nela, é possível ver, ao centro, dois homens que se movimentam, em uma espécie de dança/ritual. Eles utilizavam roupas casuais e eram rodeados por vários outros homens e mulheres, que se sentavam ou ficavam em pé, em um ambiente arborizado. Na descrição, é informado que a foto foi feita no Tompkins Square Park, em Nova York. Além disso, também é dito que a imagem retrata uma prática da religião Hare Krishna, que se popularizou na década de 1960/1970. Na descrição, é dito que muitos devotos eram homens brancos ocidentais, que estavam desiludidos com a Guerra do Vietnã. Allen Ginsberg⁶², que foi ao evento retratado, disse que, na prática, o ritual lhe fazia atingir um "estado de êxtase", não havendo, para tanto, o uso de qualquer estimulante. A imagem foi a segunda menos curtida, com 654 *likes* e teve o total de dez comentários.

Na imagem abaixo, é possível ver todas as fotografias, até agora, estudadas, agrupadas, na ordem de publicação, em uma colagem, de forma que seja mais fácil visualizar as categorias descritas. Na coluna de cima, à esquerda, é possível visualizar a primeira do ano, que faz referência ao Ano Novo, enquanto, na segunda coluna, à direita, é representada o ritual Hare Krishna.

Figura 10: Postagens de Janeiro



Fonte: *New York Times Archives*

⁶² Escritor, poeta, filósofo e ativista estadunidense, sendo considerado uma das principais figuras do Movimento Beat, fenômeno cultural das décadas de 1950 e 1960.

Dentre as imagens analisadas, três delas não tiveram o fotógrafo identificado e quatro foram feitas por homens, sendo eles fotógrafos do NYT: Carl T. Gossett; Patrick A. Burns; Barton Silverman e Eddie Hausner. A imagem mais curtida, com 1665 *likes*, retratou uma cena cotidiana de Nova York no inverno, sendo possível explicar esse número, nesse sentido, pela identificação dos leitores com a foto típica do inverno nova-iorquino. Paradoxalmente, a imagem com menos curtidas, do corte Zampino, apresentou um número alto de *likes*, 18, e, nos comentários, os leitores mostravam a identificação que tinham com o prato culinário ou corrigiam a página, sinalizando que o nome correto era, na verdade Zampone. Provavelmente, a imagem não foi tão curtida, justamente por trazer uma temática que afasta o público, que se aproxima da natureza morta e não remete, exatamente, a uma cena familiar, cotidiana. Talvez, pelo mesmo motivo de distanciamento, a primeira imagem do ano, que retrata balões de Ano Novo, foi a menos comentada, provavelmente por não retratar pessoas comuns que participaram da festa, mas ter um enquadramento mais abstrato, fato que causa maior afastamento do público.

É interessante perceber, entretanto, que, mesmo que determinadas imagens não foquem exatamente em rostos, em pessoas, elas procuram trazer, justamente, o tema ordinário. Dentre as sete fotos analisadas, por exemplo, apenas uma delas retratou uma personalidade e, na descrição, foi destacada a peculiaridade da casa da atriz, repleta de animais exóticos, fato responsável por provocar o estranhamento e, nesse sentido, o interesse dos leitores. Além disso, dentre todas as fotos analisadas, apenas uma foi tirada fora de Nova York, destacando, assim, o caráter local da página *New York Times Archives*.

5.1.2. Fevereiro de 2018

A primeira foto de fevereiro analisada foi postada, no NYT Archives, no dia 8, tendo sido ela tirada no dia 11 de fevereiro de 1921, com fotógrafo não identificado na descrição. A personalidade retratada é o inventor Thomas Edison, que aparece no centro da imagem, dando baixa no relógio de ponto, em New Jersey, nos Estados Unidos. Ele usa chapéu e terno e, na imagem, é possível vê-lo acompanhado pelo objeto, em um ambiente interno. A imagem recebeu 1305 curtidas e dez comentários, o maior número dentre as imagens analisadas do mês.

Na descrição, é informado que ele iria, naquele dia, almoçar por apenas 30 minutos, mesmo em seu 74º aniversário. Além disso, também é dito que, no dia anterior, ele tinha sido entrevistado pelo *New York Times*, tendo sido perguntado se ele poderia dar uma

dica de carreira a um homem jovem, que estivesse começando a vida no mundo dos negócios. Edison apenas respondeu: "Eu não posso dar nenhum conselho nesse aspecto, mas eu sei que se um homem atingiu 21 anos e está morto mentalmente, nenhum conselho, exemplo ou experiência irá mudá-lo, mesmo que minimamente. Se ele puder, entre 12 e 16 anos, estar interessado em algum assunto e se torne entusiasta, ele irá avançar e se tornar um grande homem. Se não, ele será um homem morto mentalmente".

É interessante perceber, nesse sentido, que, além de ilustrar uma personalidade importante, resgatando um dos seus depoimentos, a lembrança também permite entender o funcionamento do mundo do trabalho na década de 1920, uma vez que, na pergunta, o entrevistador faz referência especificamente ao homem, não sendo abordada, dessa forma, a figura da mulher nesse "mundo dos negócios". Além disso, percebe-se, pelo tom utilizado, que a própria ideia de meritocracia, tão conhecida nos Estados Unidos, já era vista neste momento. Há, assim, a percepção do mito do *self made man*, o homem que vem de baixo e supera tudo por meio do seu próprio entusiasmo e competência.

No dia 9 de fevereiro, foi publicada uma foto que havia sido tirada em fevereiro de 1969 por Jack Manning, fotógrafo do NYT. A imagem retrata a balsa de Staten Island, em Nova York, que deixa a doca e é avistada já afastada, sobre a água, durante o dia. À esquerda, é possível avistar uma parte da doca. A imagem recebeu 1065 curtidas e cinco comentários. Na descrição, é contado que Frank Balchaitis, de Merrick, Long Island, disse, em entrevista para o NYT, que "se você quiser um lugar para conversar à noite, este é o lugar. Essa é uma jornada que passa muito rápido". A balsa existe desde 1712, mas, no artigo de 1969 do NYT, a sua história não foi o foco, mas as pessoas que costumavam realizar tal viagem, que incluíam uma bêbada do meia idade; um jovem que tocava uma gaita, enquanto desconhecidos assistiam e casais jovens. Na roda do leme, havia o capitão Claude Haycock, que alegou gostar de dirigir o barco durante o inverno, por não precisar se preocupar com os iates e lanchas.

Nos dias 10 e 11 de fevereiro, não foram feitas publicações na página do *New York Times Archives*, sendo, assim, analisada, como terceira imagem daquele mês, a publicação do dia 12 de fevereiro de 2018. Nela, é possível ver uma mulher, sozinha na imagem, que usa um vestido e patins brancos e realiza movimentos em um ringue de patinação no gelo, de braços abertos, provavelmente se preparando para dar um rodopio. A imagem foi tirada no The Garden, em Nova York, por Tyrone Dukes, fotógrafo do NYT, no dia 10 de janeiro de 1977, tendo recebido 925 curtidas e cinco comentários.

Na descrição, é informado que a protagonista da foto é Dorothy Hamil, atleta que levou para casa uma medalha de ouro, em 1976, depois de vencer a competição nas Olimpíadas de Inverno, em Innsbruck, Áustria. Naquele ano, ela também ganhou o Campeonato Mundial. Em 1977, o fotógrafo Tyrone Dukes tirou a foto dela no ensaio, antes da abertura das Olimpíadas. O *New York Times* fez uma crítica morna, tendo descrito uma das apresentações como "elaborada, mas monótona" e outra como "intrigante, mas não tão interessante". O repórter Richard Erder, por outro lado, escreveu sobre "o poder e a precisão de Dorothy Hamil, que se deslocava pelo gelo sozinha, comandando toda a extensão do grande ringue e domando-o em semicírculos obedientes, triângulos e cata-ventos".

Por fim, a última imagem de fevereiro, publicada no dia 14, foi tirada no mesmo dia, em 1957, não sendo identificado(a), na descrição, o(a) fotógrafo(a) responsável. Nela, é possível ver, em primeiro plano, uma mulher abaixada, que usa um casaco pesado de inverno, próxima a uma lata de lixo, fazendo pegadas brancas no chão. Próximo a ela, é possível ver dois homens, que usam casacos pesados de inverno e chapéu. Na imagem, é possível avistar uma lata de lixo decorada, pegadas na calçada, além de carros estacionados e transitando, bem como prédios, tratando-se, assim de um ambiente urbano tipicamente nova-iorquino. A imagem foi a mais curtida, com 1428 *likes*, mas teve a menor quantidade de comentários, apenas dois.

Na descrição, é informado que a imagem retrata uma intervenção feita por nova-iorquinos, em 1957, no Dia dos Namorados. Estudantes fizeram pegadas até as latas de lixo e, nelas, colaram corações típicos da data, com os dizeres "Tenha um coração. Uma Nova York limpa depende de você". A descrição especula que é provável que alguns cartões tenham parado nas latas de lixo naquele dia, já que foi estipulado o total de 400 milhões de cartões enviados pelos Correios, naquele ano.

Neste mês, dentre as imagens estudadas, duas delas faziam referência a figuras de relevância, sendo uma delas empresário e inventor Thomas Edison e outra, a atleta Dorothy Hamil. Dentre as fotos que retratavam figuras célebres, a que recebeu mais curtidas e comentários foi a de Thomas Edison, sendo a última também a mais comentada dentre as quatro. Nela, usuários mencionaram amigos ou traziam mensagens entusiasmadas, como "Wow!" e "Wow! Eu amo o seu *feed*. Top!". Um dos comentários também trouxe uma manifestação saudosista, exemplificada na frase: "@scottjohnston incrível. Nós nascemos na época errada"; e outro elogiou a fala do intelectual: "Muito legal. Pensamento sábio dele... Eu queria que a sociedade focasse em permitir/encorajar indivíduos a cultivarem os seus interesses, ao invés de torná-los abelhas trabalhadoras".

Na figura abaixo, é possível visualizar as quatro imagens analisadas:

Figura 11: Postagens de Fevereiro



Fonte: *New York Times Archives*

Dentre as fotos do mês, apenas duas creditaram fotógrafos, sendo eles também homens, nas figuras de Tyrone Dukes e Jack Manning. Novamente, Nova York foi o lugar mais retratado, sendo que a foto que não mostrou exatamente a cidade foi feita em Nova Jersey, em um ambiente interno. Entretanto, é importante sinalizar que Nova Jersey fica muito próxima a Nova York e, nesse sentido, há muitas pessoas que vivem entre as duas cidades, podendo compará-las a uma dinâmica parecida entre Rio de Janeiro e Niterói, no estado do Rio de Janeiro.

5.1.3. Março de 2018

Na primeira foto analisada de março, publicada no dia 16, é possível ver a artista Nina Simone, uma mulher negra, usando um vestido claro e chique, com brincos grandes, cantando na região de Greenwich Village, em um clube de Nova York, em janeiro de 1961. Ela está em um plano fechado, sendo possível apenas vê-la e um microfone à esquerda. A imagem foi fotografada por Sam Falk, em um ambiente interno, durante a noite, e a postagem, no Instagram, recebeu 1137 curtidas e quatro comentários.

Na descrição, entretanto, não é falado nada especificamente sobre Nina Simone, mas acerca do Greenwich Village, uma região da cidade que tinha uma vida noturna distinta, devido à sua diversidade e vitalidade. Nessa vizinhança, a noite poderia custar de 50 centavos a 50 dólares por cabeça, tamanha era a variedade do público.

Também no dia 16, foi publicada uma segunda foto, tendo sido ela tirada no prédio do Antigo Senado (*Old Senate Office Building*), em Washington, por George Tames, em 1968, 50 anos depois. Nela, o ex-senador Robert Kennedy é fotografado de costas, e usa terno. A imagem do NYT mostra o salão repleto de fotógrafos e repórteres, todos homens e brancos, fotografando o político. Há poucas mulheres na foto, havendo uma à sua esquerda e outra à sua direita, ambas sentadas, ao lado do então presidenciável, de frente para a multidão. O cenário é composto por lustres, púlpito, luzes e câmeras, em um salão amplo e com pé direito alto, tratando-se, portanto, de ambiente interno, não sendo possível identificar o horário em que a foto foi tirada. A imagem recebeu 1216 curtidas e oito comentários.

No Instagram, é dito que a imagem retrata o anúncio da candidatura do senador Robert F. Kennedy, como presidenciável do Partido Democrata. Além disso, é abordado que, no dia 6 de junho daquele ano, três meses após a foto, Kennedy, assim como o seu irmão, quatro anos antes, foi assassinado. De acordo com o repórter Sam Roberts, que escreveu um artigo em 2016, a sua morte aumentou a motivação de americanos para lidar com as injustiças raciais e com a participação dos Estados Unidos na Guerra do Vietnã. Dois dias depois da morte do político, o dramaturgo Arthur Miller escreveu uma crítica na página de opinião do NYT, na qual pediu que os americanos entendessem o fato de que a violência nas ruas era uma violência nos corações.

A terceira foto analisada foi publicada no dia 17, tendo sido ela tirada em Manhattan, em Nova York, em 1971, por Patrick Burns. Nela, é possível ver um desfile, no qual meninas brancas usavam roupas típicas, uniformes de escola, e cada uma delas carregava um guarda-chuva aberto, com o trevo de três folhas estampado. A cena é externa e ocorreu durante o dia. A imagem recirculada no Instagram recebeu 1137 curtidas e nove comentários.

De acordo com a descrição, a fotografia retrata a Marcha do dia de São Patrício, em março de 1970. Membros da guarda de uma escola de ensino médio, de Wyncote, Pensilvânia, podem ser vistas com guarda-chuvas abertos, nos quais há a ilustração de um trevo, sendo o objeto utilizado apenas para a composição, já que fazia sol. Na descrição, são citadas algumas frases escritas por Charles McDermid, no NYT. O repórter contou, por exemplo, que cientistas nunca viram cobras na Irlanda, o que contradiz a lenda de São Patrício. Além disso, o patrono não era nem sequer irlandês. Por fim, também é dito que o

bife enlatado foi introduzido por irlandeses imigrantes que foram influenciados por vizinhanças judias de Nova York. Também é ressaltado que o São Patrício já foi representado com a cor azul, tendo sido o verde introduzido no século XVIII, a partir dos movimentos de independência da Irlanda.

No dia 18 de março de 2018, foi publicada uma imagem fotografada por Donal F. Howay, tendo sido ela tirada em 1971. Nela, é retratado Chuck Berry, um astro da música negra, que está no centro do palco e usa uma camisa escura estampada, com calças e sapatos brancos. Além do músico, é possível ver apenas luzes que iluminam o palco, além da guitarra e do microfone. A imagem foi retratada em ambiente interno, não sendo possível saber ao certo o período em que foi tirada, por isso não ter sido falado na descrição. Ademais, não é delimitado o local da fotografia. Ela recebeu 1540 curtidas e sete comentários.

Na descrição, é dito que John Lennon já defendeu que "se você tentar dar ao Rock 'n' roll um outro nome, você poderia chamá-lo de Chuck Berry". A foto foi postada, porque o artista falecera um ano antes, no mesmo dia da publicação. Na descrição, também são lembrados trechos do crítico Jon Pareles, que escreveu que "enquanto Elvis Presley foi o primeiro artista pop do rock e um ícone adolescente, Chuck foi o seu mestre e gênio conceitual, o músico que entendia o que as crianças queriam, antes que elas pudessem saber elas mesmas". Também é relatado que Berry nunca ganhou um Grammy, mas, em 1980, foi reconhecido enquanto pioneiro do rock, tendo sido premiado, em 1984, pela Recording Academy com o prêmio que reconhecia a realização de uma vida.

A imagem mais curtida de março foi a primeira publicada no dia 21 de março, com temática cotidiana, tirada também em Nova York, em março de 1993, por Suzanne DeChillo, a primeira fotógrafa mulher creditada durante a análise. Na imagem, uma moça aparece em primeiro plano. Ela está repleta de roupas escuras muito pesadas de inverno, segura um guarda-chuva destruído pela tempestade, e várias sacolas. Na paisagem, é possível ver uma árvore, prédios e um chão repleto de neve. Algumas pessoas caminham ao fundo. A imagem recebeu 1768 curtidas e nove comentários.

Na descrição, é dito que a imagem retrata uma tempestade que aconteceu em Nova York, em março de 1993, que foi descrita como tendo "o coração de uma nevasca e a alma de um furacão". A tempestade atingiu o nordeste, invadiu a cidade de Nova York, havendo muita neve e ventos fortes. Houve pelo menos 33 mortes, 14 na Flórida, e a energia de 2,5 milhões de casas foi cortada, forçando muitos a se refugiarem em outros locais. O Serviço Nacional do Tempo dos Estados Unidos declarou que "poderia ser a pior tempestade do século". O repórter Robert D. McFadden escreveu que "devido ao seu *timing*, tamanho e

poder destrutivo, a tempestade incorporou um tipo de grandiosidade e um senso de história”. Ela chegou uma semana depois da primavera, no aniversário de uma das maiores tempestades do país, que ocorrera em 1888 e durara três dias, matando 400 pessoas.

No dia 21 de março, foi publicada uma segunda imagem, a menos curtida dentre as analisadas no mês, com apenas 656 *likes* e cinco comentários. A imagem foi tirada em 1972 por George Tames e nela o senador Geoger McGovern aparece abaixado, de perfil para a câmera e em primeiro plano, à esquerda, conversando com a jornalista, escritora e ativista Gloria Steinem, que aparece também de perfil. É possível ver uma mulher à direita de Gloria e outra à sua esquerda, uma de costas para a câmera e a outra de perfil. Por fim, há também um fotógrafo, em último plano, que retrata a cena e é ofuscado pela câmera. George McGovern usava um terno e as mulheres usavam roupas variadas, mas elegantes. A foto foi feita em um grande salão, com pé direito alto, sendo possível ver luzes e um microfone, estando o plano fechado nas personagens e não sendo possível, assim, visualizar mais detalhes. A imagem retrata um cenário interno, não sendo possível saber se foi feita durante o dia ou à noite. Ademais, não é dito qual o local da convenção.

Na descrição, é relatado que a foto retrata uma convenção para 1000 mulheres, feita pelo Partido Democrata, que procurava incluir tais minorias no partido. Entretanto, nas matérias que saíam acerca do encontro, só se focava no estilo das mulheres. Em um artigo publicado no *New York Times*, por exemplo, havia uma fala de Gloria Steinem, uma das participantes, que alegou que se tratava de um “novo look dos representantes: um show de moda espetacular de todo deles”. Em outro artigo do jornal, um dos repórteres focou nas roupas das mulheres.

A última foto analisada de março também foi publicada no dia 21, tendo sido ela tirada por Neal Boenzi, fotógrafo do NYT, em 1964. Ela foi a segunda mais curtida, com 1629 *likes*, mas recebeu a maior quantidade de comentários, 18 no total. Na imagem, é possível avistar Walt Disney, vestido de terno preto, que interage com a figura de um filhote de dinossauro mecânico, recém saído de um ovo. Na paisagem, é possível avistar um ambiente que remete à pré-história, com montanhas e chão de terra. Além disso, além de Walt Disney e do filhote, é possível ver outras figuras mecânicas de dinossauro ao redor. A cena foi feita em um ambiente externo, durante o dia, em Queens, Nova York.

Na descrição, é dito que o *Corona Park*, no Queens, foi palco de duas Feiras Mundiais, uma em 1939/1940 e outra em 1964/1965. A primeira teve como foco o cenário automobilístico, com uma exibição sobre Futurama feita por Norman Bel Geddes, que tentava mostrar as estradas do futuro. A segunda feira procurou compensar o desastre financeiro da

primeira e criar um parque urbano no Queens. A exibição, assim, tinha a ideia de ser interessante para todos os públicos. Nesse sentido, Disney foi recrutado para criar quatro atrações, incluindo o percurso original *It's a Small World*. Na foto, é possível ver Disney no Pavilhão Ford, na atração principal *Magic Skyway Ride*. Nela, os visitantes se sentavam em conversíveis Mustang e em outros modelos da Ford e viajavam por entre figuras mecânicas animadas de dinossauros, mamutes e homens neandertais. Um ano antes de a foto ter sido tirada, o NYT tinha publicado outra foto de Ford e Disney olhando para o modelo do pavilhão.

Na imagem abaixo, é possível ver todas as fotografias analisadas, em ordem de publicação, da esquerda para a direita, sendo a primeira localizada na primeira coluna, à esquerda; e a última na segunda coluna, à direita.

Figura 12: Postagens de Março



Fonte: *New York Times Archives*

No mês de março, foram retratadas mais figuras célebres, aparecendo elas em cinco das sete fotos analisadas. Foram elas: Nina Simone, Robert F. Kennedy, Chuck Berry, George McGovern, Gloria Steinem e Walt Disney. Nas outras duas, foram abordados temas mais ordinários, sendo o primeiro uma data comemorativa, e o segundo, uma tempestade que ocorrera em Nova York no mesmo mês, mas em 1993. A imagem mais curtida do mês foi a da tempestade, sinalizando que os leitores se identificam mais com temas cotidianos, do que com celebridades.

Por outro lado, a imagem mais comentada foi a de Walt Disney e, nos comentários, os usuários não abordavam especificamente a celebridade, mas as lembranças e

o saudosismo que tinham da atração. Alguns exemplos são: “Eu vivo a alguma quadras do Meadows Park”; “Por que não temos outra Feira Mundial no mesmo lugar?”; “Incrível”; “Amo isso”; “Eu me lembro de todas essas atrações. E eu amava a Feira Mundial”; “Icônico”; “Legal!”; A atração era um paraíso de final de semana, ao crescer em 1970 no Queens”. Houve apenas um comentário que falava especificamente de Disney, sendo ele: “Eu já olhei para essa fotografia inúmeras vezes... lindo, mostra a grandeza de Walt Disney e a sua imersão completa na fantasia. Gênio verdadeiro”.

Novamente, o mês de março evidenciou o caráter local da página. Das sete imagens, não foi especificado o local em duas delas, mas, das outras cinco, quatro foram em Nova York e uma em Washington, Estados Unidos.

5.1.4. Abril de 2018

Assim como no mês de março e janeiro, em abril, houve a postagem de sete imagens, durante o período de análise, sendo ele do dia 22/04/2018 ao dia 28/04/2018. Entretanto, não houve um dia com mais de uma publicação, havendo a recirculação, portanto, de uma imagem a cada dia, com postagens diárias.

Na primeira imagem analisada de abril, a atriz Kathryn Ray aparece ao centro da foto, acenando para o fotógrafo. Ela usa um vestido florido, um sobretudo leve e branco aberto e um chapéu, em um look primaveril. Atrás dela, é possível ver uma parte da fachada de um prédio, além de alguns bancos, estando a foto, entretanto, centrada na figura da mulher. A fotografia foi tirada em 1925, por um fotógrafo não identificado, tendo recebido 924 curtidas e sete comentários.

De acordo com a descrição, Kathryn Ray ganhou o título de Miss Coney Island e competiria na categoria Miss America. Além de participar dos concursos de beleza, Kathryn também era membro de um musical da Broadway. A sua participação, devido ao seu outro ofício, foi vista de forma crítica por outra das candidatas ao título de Miss America. Ruth A. Malcolmson, a candidata ao título pela Philadelphia, alegou que Kathryn já era uma profissional, ganhando dinheiro por aparições de várias outras formas, como atriz. Nesse sentido, ela discordava da participação de Kathryn.

No dia 23 de abril, a foto recirculada foi tirada por Fred Conrad, em abril de 1980. A imagem retrata, em primeiro plano, cerca de cinco ciclistas, que atravessam a ponte com roupas de frio. Ao fundo da imagem, é possível ver outras pessoas que caminham ou andam de bicicleta, além da ponte de Queensboro. A imagem foi tirada em cenário externo, durante o

dia, sendo possível visualizar apenas uma parte da ponte e nenhuma outra localidade. No Instagram, ela recebeu 1027 *likes* e quatro comentários.

Segundo a descrição, em abril de 1980, houve uma greve de transportes públicos na cidade. No artigo do NYT, foi dito que a adversidade reforçou a semi-verdade que faz com que os nova iorquinos se sintam melhores sobre eles mesmos. A crença é a de que não importa o problema, eles podem lidar com ele com calma. Na primeira manhã da greve, foi fotografada a imagem de nova-iorquinos andando de bicicleta na ponte Queensboro. Outros foram para o trabalho de patins, barco ou carro. Um dos homens, que estava de bicicleta, falou ao NYT que ele não sabia o porquê de não ter evitado andar de metrô com mais frequência. "Existem vários Spas de saúde, mas você não pode vencer a caminhada". A greve, entretanto, estava só começando, e um dos policiais disse que "hoje é 'ha ha ha', mas é só uma questão de tempo e isso vai mudar". Ao final da greve, o NYT afirmou que "a greve de transportes públicos, para muitos nova-iorquinos, foi a imagem do ciclismo como algo saudável e benéfico". Além disso, de acordo com o artigo publicado no dia 12 de abril, "um pedestre viu a greve como uma guerra entre as pessoas que caminhavam e os ciclistas agressivos".

A terceira imagem de abril foi feita por Sam Falk, em Nova York, em 1964, tendo tido ela 1146 curtidas e nove comentários. Ela foi, nesse sentido, a imagem mais curtida e comentada dentre as sete analisadas. Nela, é possível ver uma criança, de perfil, conversando com uma tela, que mostra a imagem de uma mulher adulta. A fotografia foi feita em uma sala, na qual é apenas possível ver uma mesa, o equipamento e a criança.

De acordo com a descrição, trata-se do "Picturephone", tecnologia lançada em abril de 1964, na Feira Mundial de Nova York. Ela se diferenciava, por trazer um telefone com a imagem do interlocutor. Um ano depois da foto, um dos repórteres disse que o aparato poderia parecer com algo tirado do livro *1984*, de Georges Orwell, mas estava longe disso, porque algumas companhias perceberam que podiam vender de forma mais efetiva, através de tais demonstrações à distância, não havendo, assim, a necessidade de viajar. Entretanto, o "Picturephone" tinha limitações, podendo ser usado apenas em locais específicos. Além disso, ele era caro, já que uma ligação entre Nova York e Chicago, de apenas três minutos, custava 27 dólares, mais de 200 dólares de hoje, além das taxas. A cada minuto adicional, eram cobrados nove dólares.

No dia 25 de abril, foi publicada uma imagem fotografada por uma mulher, Teresa Zabala, em abril de 1974. Ela recebeu 997 curtidas e oito comentários. A foto foi a única, das sete analisadas de abril, tirada fora de Nova York, sendo a localidade registrada a

de Modesto, na Califórnia. Na imagem, é possível ver 12 jovens brancos, que se sentavam no chão, nos carros ou ficavam de pé, enquanto conversavam. Vestiam-se de forma despojada, com roupas típicas de 1970. Além deles, dois carros da década de 1970 também aparecem na imagem.

Na descrição, é dito que tais cenas de Modesto, composta por jovens, serviram de inspiração para o filme *American Graffiti*, de George Lucas. De acordo com a página, era comum ver carros, que percorriam as ruas da cidade durante a noite, cheios de jovens, que procuravam por encontros, festas ou qualquer outra coisa para quebrar a monotonia de San Joaquin Valley.

A quinta imagem analisada do mês foi feita por um fotógrafo não identificado, em abril de 1974, na Times Square, Nova York. Ela foi a foto menos curtida e comentada, tendo tido apenas 699 *likes* e dois comentários. Nela, é possível ver três soldados de uniforme e uma criança, identificada na descrição como uma atriz mirim, que usava vestido e sapatos brancos, além de um capacete do exército. Como a foto foi tirada na Times Square, é possível ver diversos prédios da rua, além das inúmeras propagandas que já compunham a avenida naquela época. Além dos prédios e das pessoas da foto, um canhão se destaca, estando a criança próxima a ele.

A imagem retrata a abertura da campanha para o Grande Fundo Monetário de Nova York (*Greater New York Fund*). No evento, o Senador Irving M. Ives declarou, a 1200 pessoas, que o país ainda era um lugar melhor do que todos os regimes totalitários idealizados pelos ditadores. O dinheiro levantado pelo fundo, com a meta de 6 milhões de dólares, seria distribuído entre os hospitais da cidade e agências de saúde do país. No lançamento, um canhão foi disparado pela atriz mirim Margaret O'Brien, sendo esta a cena retratada na imagem recirculada.

A penúltima foto analisada foi tirada pelo fotógrafo Sam Falk, em maio de 1958, tendo tido ela 895 curtidas e quatro comentários. Assim como a maioria das imagens, o cenário retratado é Nova York, mais especificamente o Central Park. Nela, é possível ver Lisaa Rasmussen, uma criança de três anos, que monta em um dos cavalos de um carrossel e acena para alguém, que não é visto na foto.

Na descrição, Sal Napolitano, que trabalhou por 39 anos no carrossel, disse que "primeiro você vai em uma carruagem ou em um cavalo que não vai para cima e para baixo; depois você vai para cima e para baixo com os seus pais; e depois os pais assistem do lado de fora". De acordo com Sal, os adolescentes paravam de frequentar o carrossel, mas depois retornavam com os seus namorados/namoradas e, mais tarde, com seus filhos. Tratava-se,

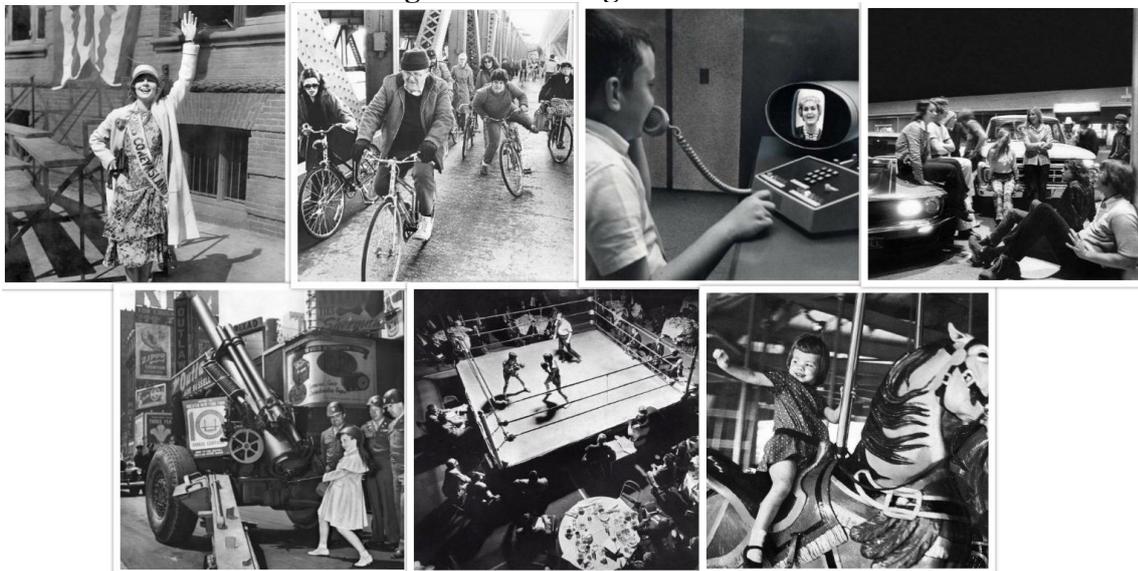
assim, de um ciclo. Lisa, que é retratada na imagem, disse que um dia ela tinha sonhado que uma boneca estava cavalgando e era por isso que ela gostava de cavalgar.

Por fim, a última imagem postada no mês de abril foi tirada por Larry C. Morris, em abril de 1970. Ela teve 782 curtidas e dois comentários, sendo também a imagem menos comentada, assim como a do dia 26 de abril. A foto foi tirada de cima, em um ângulo no qual é possível ver todo um ringue de boxe, além de algumas mesas ao redor. No ringue, dois boxeadores se enfrentam, sendo eles avaliados por um juiz, vestido de branco. Ao redor, pessoas assistem ao esporte, estando elas vestidas de maneira formal.

Segundo a descrição, a imagem retrata um evento no *Vanderbilt Athletic Club*, em Nova York, destinado à arrecadação de fundos para bolsas de estudos para grupos minoritários. De acordo com a página, naquela noite, 300 pessoas compareceram ao buffet, que também trazia a competição de boxeadores amadores dos times de Nova York e Chicago. Os lugares foram vendidos por 50 dólares e 100 dólares.

Na imagem abaixo, é possível ver as fotografias analisadas no mês de abril:

Figura 13: Postagens de Abril



Fonte: *New York Times Archives*

Dentre as sete imagens, apenas duas traziam personalidades, sendo elas as atrizes Kathryn Ray e Margaret O'Brien. As outras cinco traziam temáticas cotidianas, tendo sido a mais popular a terceira imagem publicada, que retrata o "Picturephone". Nos comentários, a maioria dos usuários menciona outras contas do Instagram. Alguns, por outro lado, retratam o saudosismo, sinalizado em falas como: "Eu me lembro de ver isso na Feira Mundial, quando

eu era criança”; “Esse era o telefone que aparecia no livro, que eu tinha quando criança”. Além disso, apenas uma imagem teve a localidade não identificada, cinco foram tiradas em Nova York e uma na Califórnia.

5.1.5. Maio de 2018

O mês de maio teve um período de análise distinto. Para que todos os dias fossem contemplados, não sendo excluídos, portanto, os dias 29, 30 e 31, os meses de maio e outubro tiveram, como corpus de análise, os dias 1 a 4 e 29 a 31, perfazendo, assim, uma semana de estudo. Nesse mês, foram realizadas oito postagens, tendo sido duas efetuadas no primeiro dia.

A primeira delas foi tirada em 1931, por um fotógrafo não identificado, e teve 858 curtidas e seis comentários, não tendo sido sinalizado, entretanto, o local em que a imagem fora retratada. Na foto, é possível avistar um homem branco, que usava chapéu e terno escuro listrado, e olhava fixamente para uma miniatura de uma espécie de barco-avião. Na descrição, é informado que o homem retratado é Igor I. Skorsky, importante cidadão russo-americano e inventor do setor de aviação.

É dito que a miniatura da foto é, na verdade, um modelo de barco-voador, o maior avião construído pelos Estados Unidos na época, que foi usado pela Pan American, nas rotas na América Latina. Na descrição, é abordado sobre como Igor I. Skorsky foi um pioneiro da aviação, tendo se inspirado nas ficções científicas de Jules Verne, autor que ele que lia, durante a sua infância, na Ucrânia. Igor trabalhava de 23h às 4h da manhã e foi o responsável por invenções importantes da aviação. Em uma entrevista, ele disse ao NYT, que tinha construído o helicóptero sem saber como fazê-lo, mas que tinha a única certeza apenas de que deveria construí-lo e pilotá-lo.

A segunda foto de maio, também postada no dia primeiro, retrata uma reunião de pessoas, que assistem, atentas, a uma espécie de desfile de elefantes, acompanhados por alguns homens, que andam lado a lado. A imagem foi tirada em Nova York, durante o dia, em uma das ruas da cidade, sendo possível, assim, avistar fachadas de lojas. As pessoas retratadas se vestem de forma elegante; os homens com ternos e chapéu, e as mulheres com sobretudo.

Na descrição, é informado que a imagem retrata o percurso de um circo até a Madison Square Garden, tendo os visitantes chegado ao Bronx de trem e depois caminhado até o local onde o espetáculo se instalaria, havendo elefantes, cavalos, pôneis, dentre outros animais. A imagem recebeu 1318 curtidas, 11 comentários e foi tirada por um fotógrafo não identificado, em 1937, mais especificamente em abril.

No dia 2 de maio, foi publicada a terceira imagem do mês, tendo sido ela fotografada por George Alexanderson, em 1942. Ela foi a terceira menos curtida do corpus de análise do mês, recebendo 681 *likes* e três comentários. A fotografia foi tirada em cenário interno, em Nova York, não sendo possível identificar o horário, mas, pelo contexto, supõe-se que em horário comercial. Nela, é possível ver uma grande fileira de mulheres que trabalham, em um aposento amplo. Todas elas se vestiam de branco, usavam touca para proteger a comida dos cabelos, e se concentravam no preparo de sanduíches, sendo possível avistar alguns ingredientes, como pães, além de utensílios de cozinha.

Na descrição, é informado que um dos fotógrafos do NYT havia visitado a Cozinha Central de Nova York, onde os almoços eram preparados diariamente para as escolas da cidade. Na imagem, especificamente, foi retratado o departamento de sanduíche. Além dele, as crianças recebiam tomate, sopa de feijão, um copo de leite e sobremesa. A operação era imensa e acontecia em uma antiga fábrica de Long Island City. Eram servidas refeições, em média, para 119.000 crianças por dia. O local era administrado pela Works Projects Administration, um programa *New Deal*, responsável por empregar muitas pessoas durante a Grande Depressão. Em ocasiões de guerra, tal cozinha e outras poderiam alimentar até 3.500.000 de pessoas, havendo o planejamento para o uso de tais locais, caso ocorressem conflitos.

No dia 3 de maio, foi publicada uma imagem de 1947, também de fotógrafo não identificado, tendo sido ela a mais curtida dentre as analisadas, com 1322 *likes* e 20 comentários. Ela foi tirada nos Estados Unidos, em local não especificado e interno, em um período do dia ou da noite não identificado. Nela, é possível avistar uma mesa, repleta de utensílios de chá, rodeada por sete homens brancos, de meia idade ou mais velhos, que se vestem de forma elegante e degustam a bebida. Na mesa, é possível ver várias tigelas brancas ocupadas, além de algumas latas não identificadas, e alguns homens levam colheres à boca, enquanto outros sentem o aroma do chá ou o bebem.

Na descrição, é informado que, caso o leitor ache que a imagem trata de um Chá da Tarde, não estaria muito enganado. A foto ilustra, na realidade, as experimentações de chá feitas pelo Conselho dos Estados Unidos. Tal equipe era responsável por determinar quais chás poderiam ser importados e provava cerca de 150 variedades. Mais ou menos meio século depois, o Congresso votou a retirada do governo da degustação de chá, alegando que se tratava de um anacronismo, que deveria ter acabado décadas atrás. De acordo com um artigo publicado no NYT, o ritual tinha aproximadamente 100 anos, mas custava aos contribuintes

200.000 dólares. O Senador Reid, na época, alegou que não havia um Conselho do Café e nem um Conselho do Doce, então, não era necessário um Conselho do Chá.

A quinta imagem publicada no dia 4 de maio, foi a menos curtida e comentada, recebendo apenas 517 *likes* e um comentário. Ela foi tirada em 1974, por Barton Silverman, em Louisville, Kentucky. A imagem, que retrata um cenário externo durante o dia, enquadra vários homens, sendo possível ver, mais detalhadamente, dois brancos à direita e um negro, à esquerda. Eles se vestem de forma casual, com elementos como calça jeans, camisa polo e boné e observam alguma coisa, que é ocultada pela imagem, mas é possível identificar que se trata de um cenário esportivo. Os dois homens brancos dividem a atenção entre a corrida e um papel com anotações. De acordo com a descrição, trata-se de uma corrida de cavalos, na qual Laguna Seca Ranch Ga Hai venceu quatro rivais.

No dia 29 de maio, foi publicada uma fotografia tirada por George Tames, em agosto de 1955, tendo ela sido a segunda menos curtida, com 638 *likes* e quatro comentários. Ela foi tirada em Long Island, no estado de Nova York, em cenário interno, não sendo possível identificar, assim, o período do dia. Nela, duas meninas brancas de uniforme se concentram em suas anotações, em um quadro transparente, não sendo possível identificar detalhes do local de trabalho, por se tratar de um ambiente escuro. O fotógrafo fez a imagem por trás do vidro, sendo possível ver, assim, o que havia sido escrito na tela, além das meninas realizando o trabalho. De acordo com a descrição, a fotografia foi feita na sede do Sistema de Alerta Antecipado Eastern Seaboard, em Long Island. Na matéria do *New York Times*, foi abordada a rotina dessa equipe, que tem a função de ficar atenta, durante todo o tempo, a qualquer possível ameaça de ataque aos Estados Unidos.

Na penúltima imagem de maio, do dia 30 do mês, o fotógrafo também não foi identificado, mas a fotografia foi tirada em 1935, tendo recebido, no Instagram, 708 curtidas e cinco comentários. Na imagem, feita na cidade de Nova York, é possível ver uma paisagem, composta por árvores, relevos acidentados, arbustos e vegetação, além de alguns primatas e dois homens. Um dos homens mexia no chão e o outro encostava em um gorila, evidenciando, assim, que se tratava de criaturas inanimadas.

Na descrição, é dito que uma parte da África estava sendo criada em Nova York na época, em uma exibição que procurava mostrar as bestas em seu ambiente nativo. A exibição era, na realidade, um memorial a Carl Akeley, um naturalista, escultor e inventor, que morreu em 1926, enquanto colecionava espécimes da Uganda, em um museu. Alguns meses antes da morte, ele sofreu um ataque nervoso. Na notícia que abordava a sua morte, foi informado que a sua mulher terminaria o seu trabalho. Sobre a exibição, o NYT escreveu que

ela era um sonho taxidermista e que, com certeza, se os animais pudessem ganhar vida, eles provavelmente se sentiriam em casa. A exibição procurava recriar as cenas, tendo como base as observações científicas, em uma junção de ciência com arte.

A última foto de maio foi tirada no dia 31 de maio de 2018, por Ernie Sisto, também na cidade de Nova York, em cenário externo, durante o dia. A imagem recebeu 847 *likes* e quatro comentários no Instagram. Na foto, é possível ver um homem, em um lugar alto, segurando uma lata de tinta. Ele usa uma roupa casual, tendo elementos como boné, luvas de proteção, camisa social curta, calça escura e tênis. Abaixo, é possível avistar uma ponte, sobre um cenário natural e arborizado, na qual carros passavam.

Na descrição, é dito que a imagem retrata um dos pintores da ponte do Bronx-Whitestone. Alguns trechos de uma matéria do NYT são rememorados, descrevendo o trabalho desses profissionais. De acordo com o artigo, a tarefa tinha o benefício de ninguém saber, ao certo, se a pintura estava boa, por ser impossível enxergar de perto. Por outro lado, tratava-se de um trabalho difícil, por ser feito nas alturas, em um tempo muitas vezes seco, e o vento, em alguns casos, atingia 24 quilômetros por hora. A ponte ficou pronta em 1939 para a Feira Mundial, tendo sido, na época, a quarta maior ponte suspensa do mundo. No período, era necessário pagar 25 centavos para cruzá-la, embora atualmente seja gratuito.

É possível ver as oito fotos de maio analisadas na figura abaixo:

Figura 14: Postagens de Maio



Fonte: *New York Times Archives*

Dentre as oito imagens, apenas uma delas trazia uma personalidade, sendo ele um importante inventor, com dupla cidadania russa e norte-americana. Outras seis imagens

traziam temáticas cotidianas, e uma outra abordava a montagem de uma exposição em Nova York. A mais curtida de todas foi publicada no dia 3 de maio, tendo sido ela também a mais comentada, com 20 reações no Instagram. Esta, por sua vez, abordava a temática cotidiana e, ao mesmo tempo, curiosa, da degustação de chás nos Estados Unidos, que, antes, era o pré-requisito para a entrada de produtos importados da mesma categoria. Nos comentários, identificaram-se reações bem humoradas, tais como: “Eu não tinha ideia que esse tipo de coisa existia”; “Que trabalho difícil, heim?”; “Valia a pena, agora, nós temos o Lipton Tea”; “Então isso explica a qualidade ruim dos chás dos Estados Unidos!”; “Parece o gabinete do Donald Trump”.

Metade das imagens teve os seus autores identificados, sendo todos eles homens. Além disso, das oito imagens, cinco foram tiradas em Nova York; uma em Long Island, também no estado de Nova York; outra em Louisville, Kentucky; uma não foi identificada e outra teve como o palco os Estados Unidos, mas não tendo sido especificado o local exato. Por fim, três delas foram tiradas em local externo, durante o dia; e cinco em cenário interno, não sendo possível afirmar, assim, com exatidão o momento da foto.

5.1.6. Junho de 2018

O *corpus* de análise de junho foi formado por seis imagens, tendo sido elas publicadas entre os dias 1 e 6 do mês. A primeira delas foi tirada por um fotógrafo não identificado, em junho de 1933, tendo sido ela a mais curtida, com 1146 *likes* e três comentários. Ela foi fotografada no Brooklyn, em Nova York, sendo o elemento central dela uma grande hélice e uma parte de um navio, demonstrando a magnitude do transporte. É dia e faz sol, sendo possível identificar isso, pela sombra feita pela grande embarcação. Em primeiro plano, é possível avistar cinco homens, minúsculos próximo ao navio, e todos eles usam uniforme, três deles com roupa branca e chapéu do tipo *cap*, e dois deles com roupa escura.

Na descrição, é dito que a imagem retrata a inspeção de uma das hélices do S.S Manhattan, um navio norte-americano. É explicado que ele já apareceu nas páginas do *New York Times*, uma série de vezes. Em 1936, por exemplo, ele transportou o time olímpico dos Estados Unidos aos 4º Jogos de Inverno da Alemanha e, em julho do mesmo ano, aos 11º Jogos de Verão, que ocorreram no mesmo país. Além disso, na 2º Guerra Mundial, ele recebeu um nome de guerra, *Wakesfield*, e foi usado para o transporte de tropas. Em setembro de 1942, após levar tropas às ilhas britânicas, o Manhattan pegou fogo e sofreu dano severo.

A segunda foto publicada em junho foi tirada em 1933 por Jack Manning, em local não identificado, tendo ela recebido 781 curtidas e quatro comentários. A imagem é externa, sendo possível ver um ambiente natural, composto por alguns coqueiros, em um dia ensolarado. Além disso, vê-se um grande grupo, que faz uma manifestação política e se veste de forma casual. Alguns deles estendem bandeiras cubanas, contando-se cerca de 15 delas. De acordo com a descrição, a imagem é referente ao filme *I am Cuba*, dirigido pelo russo Mikhail Kalatozov, que foi finalizado em 1964, mas foi lançado apenas em 1995. Na época, a obra recebeu uma crítica negativa pelo NYT.

A terceira imagem de junho foi feita por Carl T. Gossett Júnior. Na publicação do Instagram, houve 987 curtidas e cinco comentários. Ela foi tirada no Yankee Stadium, em Nova York, sendo possível ver uma multidão de pessoas, que circula um único homem, que entrega autógrafo a todos. É possível ver homens e meninos brancos, em um público de diferentes faixas etárias. Na descrição, é dito que a imagem retrata Ruth, um atleta aposentado. Nela, ele autografa vários cartões para admiradores jovens, antes do jogo no Estádio Yankee, em abril de 1946. É informado que ele morreu dois anos depois, de câncer na garganta. Ademais, a página também informa que o atleta ganhou três campeonatos com o Red Sox e quatro com o New York Yankees, tendo tido o recorde de 714 *home runs*, índice, que foi depois batido por Henry Aaron, em abril de 1974.

A quarta imagem, também de uma personalidade, foi feita por Ernie Sisto nos Hamptons, Estados Unidos, e retrata Truman Capote, importante escritor norte-americano. A publicação recebeu 706 curtidas no Instagram, o menor número do *corpus* de análise do mês, e seis comentários. A foto foi tirada em um ambiente interno, provavelmente na casa do autor, sendo possível avistar uma mesa, uma luminária, uma máquina de escrever e algumas folhas brancas, além, é claro, do autor.

Na descrição, é dito que assim como Capistrano é impensável sem as suas andorinhas, os Hamptons também eram impossíveis de serem imaginados sem Truman Capote. Além disso, é relatado que, na época, o escritor trabalhava em seu livro *Answered Prayers*, composto por três trechos que foram publicados separadamente na revista *Esquire*, em 1975 e 1976. Na época em que a fotografia foi tirada, Capote disse que esperava terminar o romance em dois anos, mas, depois disso, afirmou que o bloqueio de escritor acabara atrasando a finalização do seu trabalho. Em entrevista dada ao NYT, o autor alegou que o título fazia referência à Santa Teresa, mas que o livro era tão não religioso quanto podia ser, sendo, na verdade, completamente dedicado à maldade.

A segunda foto mais curtida, com 1083 *likes* e mais comentada, com sete manifestações, foi tirada, em 1965, por George Tames. Na imagem, é possível ver a candidata ao *Miss America* do Tennessee, que desfila. Em último plano, outras quatro candidatas também são vistas na passarela. Todas elas usavam roupas de banho. O cenário é interno, não sendo possível identificar o momento do dia. Além disso, ao fundo, avista-se um grande cenário, no qual está escrito *Concurso Miss America*. Por fim, há um pequeno conglomerado de pessoas, à direita, assistindo à competição.

Na descrição, é informado que a Organização do *Miss America* já não iria incluir a parte da competição em que havia o desfile com trajes de banho. De acordo com o NYT, este é o sinal de que o concurso tenta evoluir, em uma era do *#MeToo*. A página informa que a competição começou como um concurso de beleza, em 1921. Com o passar do tempo, a organização lutou para conciliar o concurso com a sua missão de empoderar mulheres e entregar bolsas de estudo, ao mesmo tempo em que exigia, de forma contraditória, que elas usassem trajes reveladores. Em 1965, o fotógrafo George Tames tirou a foto e, mais tarde, foi publicado um artigo no NYT sobre a competição, no qual é dito que as competidoras caminham com uma postura idêntica e perfeita, além de sorrirem sempre, com giros de cabeça graciosos para um lado e para o outro. Uma das competidoras de Virgínia, na época, confessou que odiava a parte do desfile de trajes de banho, porque era só chegar na pista, que via os binóculos começando a aparecer na plateia. Ela tinha 22 anos e planejava estudar Ciência Política, em Paris.

A última foto de junho analisada foi tirada em 1972 por Larry Morris, tendo ela recebido 724 curtidas e cinco comentários. Ela foi feita no *The Garden*, em Nova York, o mesmo local no qual a patinadora Dorothy Hamil foi fotografada, em imagem recirculada pelo *NYT Archives* em fevereiro de 2018, também objeto desta análise. Na imagem, é possível ver Elvis Presley, trajando uma roupa espalhafatosa branca, cheia de detalhes brilhantes, típica de suas apresentações. O enquadramento está centrado nele, não sendo possível ver nada além do seu microfone, e o cantor se apresenta em um público sem detalhes, escuro.

A página descreve que, em 1956, o NYT não estava nada impressionado, por ter escrito, na crítica, que Elvis Presley deveria, talvez, ser classificado enquanto um animador, ou como uma missão para o sociólogo. No artigo, a voz de Elvis é adjetivada como um gemido nada distinto, e é dito que a especialidade do cantor é um movimentar do corpo similar aos das pistas burlescas. Por outro lado, em 1977, a opinião do jornal mudou, já que, na data da morte de Elvis, o NYT o descreveu como o pioneiro e maior artista de *Rock'n Roll*.

Neste mesmo artigo, foi dito que a tonalidade da sua voz e sua sexualidade descarada redefiniram a música popular.

Todas as imagens de junho podem ser vistas na figura abaixo:

Figura 15: Postagens de Junho



Fonte: *New York Times Archives*

Dentre as seis imagens, três delas estavam centradas em personalidades, nas quais são retratados o jogador Ruth, o escritor Truman Capote e o cantor Elvis Presley. Nas outras três, por outro lado, os temas são distintos, sendo apenas um deles cotidiano, o da hélice do navio. Os outros, por sua vez, trazem temáticas, como o desfile *Miss America* e a gravação do filme *"I am Cuba"*. Cinco das publicações tiveram a autoria dos fotógrafos identificada, sendo todos eles homens. Além disso, três delas foram tiradas em Nova York, uma nos Hamptons e duas não tiveram identificada a localidade.

A imagem mais curtida de junho foi a primeira publicação, de temática mais cotidiana. Os comentários foram saudosistas, trazendo exclamações como "Manhattan Beach!" e "Wow", além do *emoticon* de um coração. A imagem mais comentada, entretanto, foi publicada no dia 7 de junho e tinha como temática o *Miss America*. Os comentários sinalizaram positivamente para o fim dos concursos em trajes de banho.

5.1.7. Julho de 2018

O período de análise de julho de 2018 contemplou os dias entre 8 e 14 do mês. A primeira dessa imagens, recirculada no dia 8 de julho, retratava um avião, que se encontrava

parado em um grande campo. O transporte poderia ser descrito enquanto pequeno, se comparado aos vistos nos dias atuais, mas a sua asa era tão comprida, que poderia se assemelhar a uma espécie de trampolim. Na ponta, um homem branco complementa tal referência, permanecendo de pé, todo vestido de branco, enquanto contemplava o restante da paisagem da altura da asa. Abaixo de tal transporte, vêem-se algumas pessoas reunidas, não sendo possível visualizar detalhes de seus atributos. Em último plano, dois outros aviões são avistados. O fotógrafo da imagem não foi identificado, e a foto foi tirada em 1928, durante o dia, em local externo. No Instagram, a postagem recebeu 870 curtidas e dois comentários.

De acordo com a descrição, a imagem foi feita em Londres, no Reino Unido, sendo ela, portanto, a primeira foto analisada, cujo cenário é externo aos Estados Unidos. O avião, que compõe a imagem, era considerado, na época, o maior do mundo, pesando 20 toneladas. A fotografia foi tirada por um fotógrafo do NYT, não identificado na postagem, e publicada na revista *Mid-Week Pictorial*, que se baseava em imagens para contar as suas histórias, sendo, portanto, uma publicação focada no fotojornalismo. De acordo com a descrição, não havia muitas revistas como essa na época, fato que explica o seu sucesso editorial.

A segunda imagem publicada no mês também foi postada no dia 8 de julho. Nela, é possível ver três meninos brancos, acompanhados por uma mulher branca, sendo ela provavelmente a mãe dos meninos, todos eles com trajes de verão. Os meninos da ponta direita e da esquerda usavam short, tênis e estavam sem camisa. O terceiro rapaz usava uma camisa listrada e shorts. Por fim, a mulher trajava um vestido e usava uma bolsa pequena, preta. O fotógrafo também não foi identificado, tendo sido a imagem tirada em 1954, em Nova York, em local externo, durante o dia. No Instagram, a postagem recebeu 1629 curtidas e oito comentários.

Em julho de 1954, o NYT publicou a foto e, na matéria, abordou as atrações favoritas de Nova York. De acordo com a reportagem, em todos os anos, 13 milhões de turistas tinham como destino a cidade, sendo o principal problema a escolha do que ver, diante do tempo limitado. De acordo com o Centro Turístico da cidade, as cinco atrações principais eram: a estátua da Liberdade, a sede da ONU, o Rockefeller Center, o Empire State Building e a Times Square. Alguns dias depois dessa matéria, foi publicada uma outra, com sugestões de destinos menos óbvios, como os Cloisters, os caminhos isolados do Central Park e dirigir na ponte de George Washington.

No dia 8 de julho, também foi postada uma terceira e última imagem, tendo sido ela tirada no dia 7 do mesmo mês, mas em 1929. Assim como as outras publicações, o

fotógrafo dessa postagem também não foi identificado. Além disso, houve 1931 curtidas e 23 comentários, sendo ela, portanto, a segunda imagem mais comentada e curtida dentre as analisadas do mês. Nela, é possível ver um homem idoso, vestido de forma elegante, com terno. Ele está diante de um grande bolo, repleto de velas, e olha para o fotógrafo, enquanto posa, cortando a torta. Ele está em um ambiente doméstico, provavelmente na sala de alguma casa, sendo possível ver algumas cadeiras, além da pequena mesa, onde o bolo tinha sido colocado. O cenário, portanto, é interno, e não se sabe se a imagem foi tirada durante o dia ou à noite.

Segundo a descrição, a foto faz referência ao aniversário de 90 anos do grande homem das finanças dos Estados Unidos, publicada no dia 8 de Julho de 1929, e recirculada no Instagram na mesma data, mas em 2018. A personalidade retratada, de acordo com o texto, é John D. Rockefeller, empresário, investidor e filantropo norte-americano, magnata cultuado nos Estados Unidos. No artigo publicado no NYT, foi informado que o homem tinha um dia repleto de planos para o aniversário. Segundo ele, às 7h30min, teria o seu café da manhã; às 9h, alguém leria para ele os jornais; e, depois, ele jogaria golfe no seu campo privado. Das 11h30min às 13h, John descansaria; para depois almoçar, às 14h. Posteriormente, faria uma sesta, seguida por uma viagem de carro em seu estado. Por fim, às 19h30min, o seu jantar de aniversário seria servido.

A quarta imagem, publicada no dia 9 de julho, foi tirada por George Alexanderson, em Nova York. A fotografia foi feita em julho de 1949 e, na rede social, recebeu 645 curtidas e três comentários. Nela, dois homens, com roupas de marinheiro, são retratados no salto de para-quedas no Steeplechase Park, sendo o cenário externo, durante o dia. De acordo com a descrição, os dois marinheiros eram, na verdade, Bob Bull e Fred Kolb, que chegaram a Nova York de porta-aviões para conhecer a cidade, em especial os pontos turísticos, como a ponte do Brooklyn, o Empire State e a Wall Street. Uma reportagem publicada no *New York Times* deu voz às impressões de ambos. Na época, era julho e, portanto, estava quente. De acordo com a descrição, os dois não ficaram impressionados com a cidade, tendo-a achado morta, sem gente. Entretanto, a falta de gente em Nova York se explicava pela multidão que se reunia nas praias de Coney Island.

No dia 10 de julho, foi publicada a fotografia feita por Don Hogan Charles⁶³, em julho de 1974, tendo ela recebido 1673 curtidas e 16 comentários. O cenário da imagem é também Nova York, mais especificamente, o Oyster Bar. A imagem retrata detalhes de tal estabelecimento, sendo possível avistar um balcão, no qual clientes se sentavam, enquanto

⁶³ Primeiro fotógrafo afro-americano do *New York Times*.

esperavam serem servidos. Todos eles eram homens brancos e usavam terno. Na imagem, é possível também visualizar uma espécie de quadro negro suspenso, que exibia o menu do restaurante. Por fim, avistavam-se também os cozinheiros do local, por trás do balcão, que trabalhavam e estavam vestidos de branco. A imagem, nesse sentido, foi feita em localidade interna, não sendo possível identificar o período do dia.

De acordo com a descrição, o restaurante havia sido fechado, em 1974, tendo sido ele conhecido por servir o melhor ensopado de ostras da cidade. Na época, diante do anúncio de fechamento, o NYT recebeu a autorização de publicar a receita. Por sorte, tal situação não durou muito tempo, já que o restaurante depois reabriu as suas portas, sob nova direção, naquele mesmo ano.

A sexta imagem analisada foi publicada no dia 11 de julho, tendo sido ela tirada por Neal Boenzi, em Nova York, no ano de 1948. No Instagram, ela recebeu 1673 curtidas e 16 comentários. A imagem retrata várias crianças e adolescentes, que usavam traje de banho e se divertiam em uma piscina, não tendo sido nenhum objeto, além de uma parte da piscina, retratado. O enquadramento está centrado nas crianças, reunidas ao redor da piscina, sendo possível ver, assim, apenas uma pequena parte da água. Nela, uma das crianças assume o protagonismo, por ter sido retratada no ar, no trajeto até a piscina. É possível ver que ela cai na água de costas e dois outros meninos, próximos, haviam sido responsáveis por jogá-la na água. Os outros adolescentes e as outras crianças, que estavam do lado de fora da água, assistiam à cena.

De acordo com a descrição, o menino empurrado para a água é Joe, e os outros dois são Mickey e Kivatisky, tendo sido o local da fotografia uma piscina de Manhattan. Mickey havia ganhado uma viagem ao oeste dos Estados Unidos e, ao retornar, trouxe Joe com ele, que conheceu a cidade por meio das duas crianças citadas. A visão de Joe sobre a cidade foi depois publicada, em uma série de três artigos, no NYT. Na descrição, não é explicado o porquê de ele ter assumido o papel de protagonista nas reportagens. Entretanto, vê-se que essa é uma típica cena cotidiana nova-iorquina.

A sétima imagem recirculada na rede social também não teve o seu fotógrafo identificado, tendo sido ela tirada em 1958. No Instagram, ela foi a menos curtida, no *corpus* de análise do mês, e também a menos comentada, com apenas uma manifestação dos usuários na rede. A imagem enquadra diversas tortas doces, de tamanhos distintos, em cima de uma mesa, além de um vaso com flores e de uma travessa com algumas frutas vermelhas. Trata-se, assim, de um ambiente interno, não sendo possível identificar o período em que a fotografia foi feita.

Segundo a postagem, as tortas foram feitas de amoras, framboesas, groselha e morangos. O texto da descrição informa que o verão de 1958 foi um período de alta para tais doces. No ano, um artigo no NYT Mag alertou sobre a possibilidade de um ataque surpresa russo, diante do que acontecia no cenário externo, e defendeu que o público deveria ter maior compreensão acerca do que acontecia em outras partes do mundo. Caig Claiborne, um crítico culinário, por outro lado, defendeu que havia algo mais urgente: assar uma torta de frutas vermelhas.

A penúltima foto do mês foi tirada em 1967, por Don Hogan Charles, em Newark New Jersey. Na rede social, a imagem recebeu 1625 curtidas e 14 comentários. Nela, em primeiro plano, avista-se uma criança negra, que estende as duas mãos ao alto. Ela caminha na direção do fotógrafo, mas não olha para ele, a sua cabeça está voltada para trás, atenta aos soldados que se aproximam. Estes soldados, por sua vez, usavam uniforme, capacete e armas, marchando juntos pelas ruas da cidade. Eram vários, não sendo possível saber quantos. À esquerda, vêem-se também outras pessoas negras, dentre elas, crianças, homens e mulheres, que olham para os soldados que passam. A fotografia foi tirada em uma rua de Newark, durante o dia, sendo possível avistar algumas fachadas de estabelecimentos comerciais, à direita da imagem.

De acordo com a descrição, houve rumores de que um motorista de táxi negro havia sido morto em uma delegacia de polícia. Entretanto, ele tinha sido preso e machucado. Mesmo assim, tal fato foi suficiente para inflamar a população. No dia seguinte, um artigo do NYT trazia a manchete: "Violência racial irrompe em Newark". Os acontecimentos continuaram até 17 de julho. Durante os dias, 26 pessoas foram mortas, muitas delas residentes negros, e mais de 700, machucadas.

A última foto do *corpus* de análise foi feita por Tyrone Dukes, em 1977. Ela foi a mais curtida e comentada dentre as analisadas, com 2958 *likes* e 27 comentários. Nela, é possível ver uma ampla sala escura, repleta de mesas de escritórios, telefones e máquinas de escrever. A peculiaridade da imagem é o fato de todos os presentes trabalharem à luz de velas. De acordo com a descrição, a imagem retrata repórteres trabalhando no NYT, à luz de velas, devido a um apagão que acontecera na cidade. Segundo a postagem, 9 milhões de pessoas ficaram sem luz durante mais de 25 horas. O apagão foi responsável por aumentar o número de ocorrências policiais, além de ter causado muitas perdas na economia da cidade.

Dentre as nove imagens analisadas, apenas uma delas retratou uma personalidade, sendo ela o empresário John D. Rockefeller. Destaca-se, também, a primeira imagem, dentre todas as analisadas, que foi tirada fora dos Estados Unidos, referente ao maior avião do

mundo, de 1928. A imagem menos curtida e comentada, publicada no dia 12 de julho, trouxe como temática tortas doces, que estavam em alta na época. É impossível traçar um paralelo entre ela e a publicação do dia 5 de janeiro, que trouxe o corte de porco Zambino, ambas foram as duas menos curtidas e comentadas do mês analisado, provavelmente por não trazerem personagens ou lugares com os quais as pessoas tenham uma relação afetiva.

As imagens analisadas, do mês de julho de 2018, podem ser vistas na montagem abaixo:

Figura 16: Postagens de Julho



Fonte: *New York Times Archives*

É interessante perceber que a imagem mais curtida e comentada de julho, publicada no dia 9 do mês, trouxe a temática dos bastidores do NYT. Na realidade, tal publicação foi aquela com maior repercussão dentre todas as analisadas, e tal sucesso pode ser explicado pelo carinho que seus leitores têm pelo *New York Times* ou pela própria curiosidade que o dia a dia do fazer jornalístico gera.

Nos comentários, foi possível identificar trechos acerca do dia a dia das redações, exemplificados em falas como: “@jummmmc, esses eram os equipamentos que eles usavam todos os dias. Não havia computadores”; “Como eles fizeram as prensas funcionarem?”; “Um período em que as redações funcionavam não importava o motivo. Não tinha eletricidade? Nenhum problema. Papel, máquina de escrever e filmes de 35mm. Jornalismo como deve ser”; “Eu acho que nessa época eles já usavam máquinas de escrever eletrônicas, mas provavelmente havia várias portáteis, usadas em reportagens de campo, que foram alocadas no escritório. Os repórteres deveriam estar ditando pelo telefone. Eu adoraria ouvir uma gravação de tal sala!” e “Eu amo isso. Fascinante”.

Outros comentários, por outro lado, traziam manifestações saudosistas, tais como: “Eu tinha sete anos nessa época e foi maravilhoso. Eu pude dormir tarde e usar luzes de velas!”; “@cecimaher, eu não acredito que foi há tanto tempo! Eu estava na Europa, e você estava experienciando tudo isso”; “Vários bebês foram concebidos durante o apagão”; “Hoje em dia, se não houver eletricidade, vai acabar com computadores, baterias, celulares e essencialmente com toda a comunicação”.

Diante do analisado no mês de julho, ficou evidente, mais uma vez, que o apelo pela temática cotidiana, nessas lembranças, era muito alto, algo exemplificado nos próprios comentários, que sinalizam a lembrança desencadeada pelas imagens nos usuários, já que as fotografias atuam como gatilhos de memória. Nesse sentido, uma história acerca dos bastidores do NYT não trouxe apenas lembranças sobre o jornalismo, mas também recordações de pessoas que vivenciaram tais acontecimentos e puderam compartilhar suas experiências nos comentários.

5.1.8. Agosto de 2018

Em agosto, foram sete fotos analisadas, tendo sido elas publicadas entre os dias 15 e 21 daquele mês. A primeira fotografia foi feita por Neal Boenzi, em agosto de 1946. A imagem foi feita em Nova York e retrata um homem branco, que se recosta em um banco de rua, localizado de frente para a praia, em um dia típico de verão, havendo, nesse sentido, diversos guarda-sóis e banhistas. No Instagram, a publicação recebeu 1009 curtidas e três comentários. De acordo com a descrição, o verão daquele ano foi muito quente, fato responsável por fazer nova-iorquinos se refugiarem em resorts ou em praias. A estimativa de um artigo do NYT foi de que, naquele período, houve 1 milhão de visitantes em Coney Island, 915 mil no Rockaways e mais de 300 mil na praia de Atlantic City.

Na segunda imagem publicada no mês, vê-se um homem, que usa roupas de inverno escuras, como um casaco pesado, calças, sapato e um chapéu. Ele sai de uma pequena porta, agachado e, além dela, vê-se apenas uma pilha de objetos à direita. Na descrição, é informado que o personagem da foto é, na realidade, o engenheiro Melvin Goodhue, que havia construído um iglu no porão da sua casa, em Long Island, no qual a temperatura chegava a -2° Celsius. A postagem foi a menos curtida do mês, com 580 *likes* e um comentário, tendo a imagem sido tirada em agosto de 1951.

No dia 17 de agosto, foi publicada a terceira imagem do mês, também fotografada em Nova York. Nela, vê-se um estádio lotado de jovens, que se vestem com

roupas casuais de verão. Destaca-se, entretanto, a figura de uma moça, ao centro da imagem, erguida por dois policiais contra a vontade, algo sinalizado na sua expressão de surpresa. De acordo com a descrição, a jovem tentara invadir o palco de um show dos Beatles, que havia sido realizado no bairro do Queens. Segundo a página, no ano anterior, em 1965, o show da banda havia lotado o estádio. Entretanto, em 1966, ano em que a fotografia fora tirada, 10 mil assentos ficaram vagos, havendo, assim, 45 mil presentes. A publicação recebeu 1394 curtidas e 15 comentários, tendo sido a foto feita por Barton Silverman.

A quarta imagem do mês é de autoria não identificada, sendo referente ao ano de 1977. Nela, vê-se um jovem, que se veste com roupa casual, senta-se em um carrinho de montanha-russa e ergue os braços, com um sorriso no rosto. Na descrição, é dito que ou você ama montanhas-russas ou as odeia. Richard Rodriguez, o homem retratado, é apaixonado por tais atrações, tendo o batido o recorde, na Inglaterra, da maior maratona já realizada, de 405 horas e 40 minutos, ou seja, 16 dias ao todo. A imagem publicada, entretanto, fora tirada em Coney Island, no verão de 1977. Nessa época, o jovem decidiu que quebraria o recorde de voltas consecutivas, 1001, no total, em homenagem ao aviador Charles Lindberg, que já havia declarado que tal montanha-russa era mais emocionante do que voar. Durante quatro dias, Rodriguez completou 2350 voltas, tendo sido permitida a pausa de cinco minutos a cada hora. Em 2017, de acordo com a descrição, ele retornou a Coney Island para celebrar o seu aniversário de 90 anos. A publicação foi a segunda mais curtida, com 1524 *likes* e a que mais recebeu comentários.

A quinta imagem da amostra mensal foi feita pelo fotógrafo Jack Manning, em agosto de 1983. Nela, vê-se uma criança com roupa de banho, que traça um desenho sobre a areia de uma praia. A descrição, entretanto, não faz referência à fotografia, por dizer que, naquele ano, havia sido pensada a possibilidade de se derrubar o *Parachute Jump*, uma atração de Coney Island. No entanto, em artigo do NYT escrito por Susan Chira, foi abordada a importância de tal atração, sendo ela comparada à Estátua da Liberdade. Assim como a imagem publicada no dia 16 de agosto, esta também foi a menos curtida, com 580 *likes* e nenhum comentário.

A penúltima foto do mês foi tirada em Nova York, em 1925, por um fotógrafo não identificado. Nela, vê-se uma mulher, com um figurino espalhafatoso, no centro de um palco decorado. Essa é a única personalidade retratada no mês e, de acordo com a descrição, trata-se de Claire Luce. Segundo a página, cada geração tem um grupo de artistas inesquecíveis. Em 1920, foi o caso da atriz Claire Luce, que fugiu de casa e se mudou para Nova York, ainda adolescente, tendo dançado em diferentes shows até 1924. Além disso, ela

também se apresentou em vários outros espetáculos, tornando-se a primeira atriz norte-americana a atuar em um dos papéis principais, no Teatro Memorial de Shakespeare, na Inglaterra. A imagem da postagem é referente a uma das suas performances, "*Paris en Fête*", de 1925.

Por fim, no dia 21 de agosto, foi publicada a última imagem do mês, de autoria de Neal Boenzi, que a fotografou, em agosto de 1946. A publicação foi a mais curtida da amostra mensal, com 1530 *likes* e cinco comentários. Nela, é possível ver uma multidão, com roupas de banho, na areia de uma praia. De acordo com a descrição, trata-se da celebração de aniversário de 156 anos da Guarda Costeira dos Estados Unidos, que simulou uma operação de resgate, na frente de mais de um milhão de pessoas.

As imagens analisadas no mês podem ser vistas na montagem abaixo:

Figura 17: Postagens de Agosto



Fonte: *New York Times Archives*

Todas as imagens foram fotografadas por homens, tendo sido quatro deles identificados. Ademais, apenas uma trouxe uma personalidade marcante, sendo ela Claire Luce. Novamente, destaca-se a predominância de temas locais, já que todas as fotografias tiveram como cenário Nova York. Dentre as imagens, a mais curtida foi publicada no dia 21 de agosto, com 1530 *likes* e cinco comentários, que, por sua vez, sinalizam a surpresa dos usuários com a quantidade de pessoas na praia. A imagem mais comentada, no entanto, foi a primeira do dia 19 de agosto, com 20 comentários, referente ao homem que quebrou o recorde de voltas em montanhas-russas. Nos comentários, um dos usuários perguntou se

alguns amigos gostariam de quebrar o recorde, outros sinalizaram a surpresa com o acontecido e houve aqueles que também sinalizaram saudosismo em relação à época. Um deles, entretanto, disse que a montanha-russa era a pior de todos os tempos, sendo este o único comentário negativo.

5.1.9. Setembro de 2018

As fotos analisadas de setembro foram publicadas entre os dias 22 e 28 do mês. A primeira delas, postada no dia 22, foi feita pelo fotógrafo Ernie Sisto. Nela, são retratados dois homens, que se vestem com trajes típicos de *baseball*, compostos pelo boné. Na mão deles, vê-se um papel, não sendo possível identificar do que o material trata. A fotografia foi feita dentro de um vestiário, em Nova York, no ano de 1964. Como o plano é fechado, não são vistos outros detalhes do local.

De acordo com a descrição, as duas personalidades são os jogadores Hank Bauer e Yogi Berra. Segundo a página, Yogi Berra esteve entre os nomes dos jogadores de *baseball* mais reconhecidos. Os dois atletas jogaram pelos Yankees por 11 anos, entre 1948 e 1959. Entretanto, na imagem, ambos não foram retratados enquanto jogadores, mas como diretores de diferentes times: Yogi, dos Yankees, e Bauer, do Baltimore. A postagem teve 952 curtidas e foi a mais comentada, totalizando dez respostas dos usuários.

A segunda imagem do mês foi de autoria não identificada, tendo sido fotografada em 1968. Nela, é possível visualizar um homem negro, perdido em um mar de plantas e frutas. Ele se sustenta através de uma escada e realiza a colheita dos frutos, na copa da árvore. A publicação foi a menos curtida e comentada, com 631 *likes* e zero comentários.

De acordo com a descrição, no passado, a colheita era realizada de forma comunitária em Hudson Valley, local em que a foto foi tirada. Durante o período, as crianças ficavam um mês sem ir à escola e ajudavam as mães no processo. A foto, tirada em 1968, demonstra uma mudança, quando as crianças pararam de deixar a escola, e migrantes passaram a ajudar no trabalho. A transformação, segundo a página, começou quando a IBM implementou uma fábrica, gerando emprego para 5.500 pessoas. Além dela, houve a construção de uma ponte, que permitiu que os trabalhadores vivessem em Hudson Valley.

No dia 25 de setembro, foi publicada uma foto feita por Neal Boenzi, em setembro de 1976. No centro dela, há um idoso, que usa terno. Ele estende as duas mãos e é fotografado de olhos fechados, entre dois homens que usam roupas mais casuais. Estes, por sua vez, se encaram, sendo possível ver uma tensão entre ambos, que se contém, devido às

mãos estendidas do mais velho, na tentativa de separá-los com as mãos estendidas. Atrás dos três, vê-se um grupo grande de pessoas, que assiste à cena. Segundo a página, o idoso retratado foi, na verdade, prefeito de Nova York, sendo ele Abraham Beame. Ele é retratado, enquanto tenta manter a paz entre os boxeadores Muhammad Ali, à esquerda, e Ken Norton, à direita, do lado de fora da Prefeitura. Os dois atletas tinham ido até lá para promover uma luta do campeonato, que aconteceria naquele mês, no estádio Yankee. A publicação teve 928 curtidas e um comentário.

A quarta imagem do mês também não teve a sua autoria identificada, sendo ela referente ao ano de 1957. Nela, vêem-se duas moças negras, trajadas com vestido, blazer e sapatos. Ambas carregam, nos braços, diversos materiais escolares e atravessam uma rua. Ao canto da foto, à esquerda, é possível ver um grupo de meninas brancas, com olhar fixo nas duas. Além delas, há um carro estacionado e a parte de um prédio. De acordo com a descrição, as duas são Elizabeth Eckford e Carlotta Walls, membras do grupo *Little Rock Nine*⁶⁴. Segundo a página, as duas foram estudantes negras, que iniciaram os estudos naquele ano. O período foi caracterizado por conflitos, por ter sido o momento em que negros começaram a frequentar a escola junto aos brancos, tendo havido, assim, retaliação por parte de outros estudantes brancos, que se posicionavam a favor da segregação. A imagem recebeu 1111 curtidas e cinco comentários.

A penúltima foto do mês foi tirada em 1961, sendo ela também de autoria não identificada. Nela, é possível ver uma costureira, vestida de preto, que trabalha em uma roupa, dentro de uma oficina, onde outras mulheres também estão. De acordo com a descrição, a imagem retrata o Bergdorf Goodman's Custom Salon, uma loja de departamentos, que funcionou, entre 1923 e 1969. Segundo a página, uma matéria do NYT alegou que o empreendimento era muito caro. Embora tivesse tido o faturamento de um milhão de dólares em 1961, a quantidade de empregados o encarecia. A publicação recebeu 857 curtidas e nove comentários.

A última foto do mês não teve nem o seu fotógrafo e nem o seu ano identificados, entretanto, ela foi a mais curtida da amostra mensal, com 2145 *likes* e sete comentários. Na imagem, avista-se um grupo de homens, retratados de costas, que observam um navio se aproximar ou se afastar da costa, enquanto tiram os chapéus, saudando-o. A grande embarcação se destaca pelo seu tamanho, vendo-se, ao alto, a bandeira britânica. De acordo com a página, trata-se do navio *Queen Mary*, que foi descrito enquanto o navio maior, mais

⁶⁴ Grupo de nove estudantes norte-americanas negras que foram matriculadas na escola Central de Little Rock. Elas puderam frequentar o colégio, depois que a Suprema Corte suspendeu a lei de segregação racial.

rápido e melhor do mundo. Segundo o NYT, o transporte funcionou durante 30 anos e, depois, chegou a Long Beach, a sua casa atual. Posteriormente, foi lançado o *Queen Mary 2*, como o seu sucessor. Além de não ter a sua autoria identificada, na descrição, também não é sinalizado o local em que a imagem foi feita.

As fotos analisadas do mês podem ser visualizadas na imagem abaixo:

Figura 18: Postagens de Setembro



Fonte: *New York Times Archives*

Dentre essa amostra, três imagens retrataram personalidades importantes, tais como os jogadores Hank Bauer e Yogi Berra, o prefeito Abraham Beame, e os boxeadores Muhammad Ali e Ken Norton, além das estudantes Elizabeth Eckford e Charlotta Walls, conhecidas na história do movimento negro norte-americano. Apenas dois fotografos foram identificados, sendo eles Ernie Sisto e Neal Boezi. Além disso, cinco imagens foram feitas no estado de Nova York, mas uma delas não teve o seu local identificado, tendo sido ela, inclusive, a mais curtida, com 2145 *likes*. Nos comentários, alguns usuários elogiaram a imagem, e um outro solicitou o ano da imagem. Na fotografia mais comentada, a primeira analisada em setembro, os leitores elogiaram a foto, e um deles questionou o porquê de Bauer estar usando um boné Yankee, se ele estava administrando o outro time.

5.1.10. Outubro de 2018

No mês de outubro, foram analisadas as imagens publicadas entre os dias 1 e 4 e 29 e 31, tendo sido postadas cinco fotos neste período. A primeira delas foi tirada em 1967, por Robert Walker, sendo possível ver uma mulher, de cabelo preto e vestido estampado, segurando uma cobra. Ao fundo, um homem olha a cena, e ele usa óculos escuros. O cenário, portanto, é interno, não sendo possível identificar o período em que a imagem foi tirada. Na descrição, é abordada a realidade dos parques de diversão, sendo a cobra, portanto, uma delas. De acordo com a página, os parques contavam com a frequência da classe trabalhadora para o lucro, sendo eles um negócio caro, já que cada novo equipamento tinha o custo entre 3 e 4 milhões de dólares. A postagem foi a menos curtida do mês, recebendo apenas 510 *likes* e um comentário. Além disso, não foi identificado o local da imagem.

A segunda imagem, feita em Nova York, recebeu 1490 curtidas e 15 comentários. Nela, é possível avistar uma típica paisagem de Nova York, com prédios altos e de diferentes formatos, em um cenário urbano. Em primeiro plano, entretanto, vêm-se alguns blocos de prédios menores e mais simples. Segundo a descrição, tais blocos foram uma tentativa de se criar apartamentos acessíveis no Lower East Side, sendo que eles estão até hoje presentes na cidade, sendo casa de mais de 4.200 pessoas. A imagem não teve a sua autoria identificada e foi feita em 1952.

No dia 3 de outubro, foi publicada a terceira foto do *corpus* de análise, tendo sido ela tirada em 1949, por fotógrafo não identificado. A fotografia enquadra vários homens e apenas uma mulher, que se vestem de forma elegante e sorriem para o fotógrafo. Alguns deles seguram diferentes caricaturas de um dos presentes, que, de acordo com a descrição, é o presidente Harry Truman. As diferentes caricaturas foram produzidas por diferentes cartunistas do país. Na época, o presidente utilizou uma estratégia distinta para atrair investidores para os títulos públicos, os cartunistas dos Estados Unidos. Não é abordada, entretanto, a forma como tal tentativa de venda foi feita e como os artista contribuíram para ela. A publicação recebeu 718 curtidas e seis comentários.

A penúltima imagem do *corpus* de outubro retrata uma mulher vestida de forma elegante, andando de bicicleta. Ela usa um casaco de pele, óculos, luvas e sapatos, estando o cabelo preso em um coque perfeito. Além da bicicleta, é possível ver apenas uma parte de um carro, estando o plano, portanto, fechado na moça. De acordo com a descrição, apesar de a imagem ter sido fotografada em 1982, ela não pareceria estranha no East Village, atualmente. Em um artigo de Anna Quindlen, foi abordado o requinte de se viver em Manhattan, mas a

crítica da autora foi o fato de, na região, não se saber ditar as fronteiras entre viver bem e não viver. A publicação foi a mais curtida e comentada do mês, recebendo 2650 *likes* e 29 comentários. A imagem também não teve a sua autoria identificada.

A última imagem, tirada em março de 1955, teve como cenário Nova York e recebeu 1327 curtidas e quatro comentários. Na foto, é possível ver um pequeno grupo formado por homens e mulheres, próximos à água. Todos se vestem com roupas de inverno, mas a imagem se destaca, pelo fato de todos usarem uma máscara branca de gato, enquanto olham para a câmera que os retrata. De acordo com a descrição, o contexto é o de um protesto contra o cancelamento de uma rota de barco no West Shore Railroad. Eventualmente, a linha acabou por ser cancelada, mas isso ocorreu apenas anos depois. Assim como em grande parte do *corpus* desse mês, a autoria da foto não foi identificada.

Na imagem abaixo, é possível ver as imagens analisadas do mês:

Figura 19: Postagens de Outubro



Fonte: *New York Times Archives*

Dentre as cinco imagens analisadas, apenas uma delas teve o seu autor identificado. Novamente, o cenário predominante das fotografias foi Nova York, em três dos casos. Nos outros dois, por outro lado, não foi dito o lugar exato em que a imagem foi feita. Duas delas foram registradas em cenário externo, durante o dia, e duas foram fotografadas em

local interno, não sendo possível saber, assim, o período do dia. Dentre as cinco publicações, apenas uma trouxe uma personalidade marcante, o presidente Truman.

A imagem menos curtida e comentada foi a primeira, que retrata a mulher segurando a cobra, tendo ela recebido apenas 510 curtidas e um comentário. Este, por sua vez, trouxe o link de uma postagem de uma página de Instagram distinta, na qual há o apelo para a proteção de espécies marinhas. Por outro lado, a publicação mais curtida recebeu 2650 *likes* e 29 comentários. Os usuários elogiaram a imagem, o estilo da mulher de bicicleta, e mencionaram amigos. Um deles, entretanto, disse que, ainda assim, preferia morar no Queens. Um terceiro usuário alegou esperar ansiosamente pelas histórias de Anna Quindlen, a autora citada na descrição. Por fim, um deles disse ter tido a impressão de a foto ter sido feita nos anos 1960/1970.

5.1.11. Novembro de 2018

Em novembro, o período de análise se deu entre os dias 1 e 7 do mês, tendo havido seis postagens, sendo uma delas composta por uma série de 5 imagens, a primeira a ser analisada nesse modelo.

A primeira delas, publicada no dia 2 de novembro, foi feita em um ambiente interno, sendo possível identificar apenas a parede do local, decorada por diferentes imagens. Nela, vêem-se dois homens ao centro. O primeiro está deitado e sem camisa, sendo possível identificar um machado sobre o seu peito, enquanto o segundo se prepara para acertar um objeto no primeiro. Ao fundo, veem-se três homens, vestidos de terno, que observam a cena, enquanto um deles a fotografa.

De acordo com a descrição, a imagem retrata uma atividade que potencialmente poderia reduzir o estresse. Ela foi tirada no Hall de Exibição dos Recordes Mundiais do *Guinness*. Nela, Ronald Champlain, conhecido profissionalmente como Mestre Chi, deita-se sobre uma cama de agulhas, com um machado em sua garganta, enquanto um assistente quebra um taco de *baseball* no machado. A imagem foi tirada em Nova York, em 1977, por fotógrafo (a) não identificado (a). No Instagram, a postagem recebeu 706 curtidas e sete comentários.

Na segunda foto do mês, vê-se uma rua ocupada por corredores, além de pessoas que assistem à cena. A imagem foi feita em cenário externo, durante o dia, em 1988, e sua autoria também não foi identificada. Segundo a descrição, a temática da postagem é uma maratona de corridas, tendo a competição sido realizada em Nova York, com 50.000

participantes. Naquela edição, menos da metade dos corredores conseguiu finalizar a prova, 22.000. A postagem recebeu 1353 curtidas e oito comentários.

Na terceira postagem, a imagem retrata mais de 20 pessoas, que correm sobre uma ponte. Ao fundo, avistam-se vários prédios de uma cidade, identificando-se assim um cenário urbano. Os corredores usavam roupas esportivas, compostas por short, blusa de manga curta e tênis. A foto foi feita durante o dia, em 1980 e, segundo a descrição, retrata uma outra edição da maratona de Nova York, mais precisamente a parte da prova que ocorre na Ponte Queensboro, que marca os 24 quilômetros da competição, em uma corrida de 41km. No ano da fotografia, 12.000 pessoas conseguiram finalizar a prova, apenas 55 a mais do que a corrida inaugural, de 1970. A postagem recebeu 1823 curtidas e dez comentários, os maiores números da amostra mensal.

A quarta imagem foi tirada por Bob Martin, em 1966, sendo a única do mês, que teve a sua autoria identificada. Nela, é possível ver um homem sorridente, que está vestido de terno e tenta pegar uma bola, que havia sido arremessada para ele. Além do indivíduo, vêem-se outras pessoas reunidas ao seu redor, em um ambiente cheio. De acordo com a descrição, o homem retratado é Ronald Reagan, em sua campanha para governador da Califórnia, em 1966. Na época, o político concorria com Edmund G. Brown, o pai atual do governador da Califórnia, Jerry Brown. Naquela ano, o político ganhou as eleições com 79% dos votos. A foto foi feita em cenário externo, durante o dia, em San Pedro, Califórnia, e recebeu 862 *likes* e sete comentários.

A penúltima postagem do mês, feita no dia 5 de novembro, foi a segunda mais curtida, com 1819 *likes* e seis comentários. A foto foi feita em Nova York, em 1960, não tendo sido o fotógrafo identificado. Na imagem, é possível ver um homem branco, vestido de terno, que acena para o público. Atrás dele, é possível ver uma multidão que lhe assiste, composta por homens brancos, com trajes também formais, sendo que alguns deles também usam chapéus. De acordo com a descrição, a foto retrata a campanha de John F. Kennedy, no Bronx (Nova York), durante a corrida presidencial de 1960. Na época, o político ganhou a eleição do adversário Richard M. Nixon, em Nova York, por apenas 5% dos votos.

As imagens analisadas podem ser vistas na Figura 20.

Figura 20: Postagens de Novembro



Fonte: *New York Times Archives*

A última postagem foi atípica, por trazer não apenas uma imagem, mas cinco, no formato galeria, possibilitado pelo Instagram. As fotografias retratam votações feitas nos Estados Unidos, mas não são identificadas as datas de cada uma das imagens, bem como o fotógrafo. A postagem recebeu 1219 curtidas e três comentários. Todas as imagens foram tiradas em cenário interno, mas não são identificados os locais de cada uma delas.

Na primeira, vê-se uma mulher, com traços orientais, depositando um papel em uma urna de votação. Ela usa sobretudo, luvas e uma bolsa. Atrás dela, um homem, vestido de terno, observa a cena, provavelmente por ser o fiscal da votação. Na segunda imagem, uma mulher negra vota, sendo ela acompanhada por dois filhos pequenos. Dois homens vestidos de terno observam a cena, sendo eles possivelmente fiscais. Na terceira imagem, é possível identificar quatro mesas enfileiradas, sendo elas ocupadas por quatro pessoas, que também votam. Na quarta imagem, vê-se um homem mais velho, com sobretudo preto e chapéu, e uma mulher, toda vestida de branco, além de outras pessoas ao fundo, não sendo possível identificar o contexto da imagem ao primeiro olhar. Por fim, a quinta imagem mostra uma criança, que olha por entre a cortina do local de votação. Atrás dela, é possível identificar que uma pessoa vota, pelas penas que aparecem por trás da cortina.

A série de imagens pode ser vista na Figura 21.

Figura 21: Postagem do dia 6/11/2018



Fonte: *New York Times Archives*

No mês de novembro, foram seis postagens, tendo todas elas sido feitas nos Estados Unidos, quatro em Nova York, uma em locais não identificados e outra em San Pedro, na Califórnia. Dentre elas, apenas uma, a primeira, do dia 4 de novembro, teve o seu fotógrafo identificado, sendo ele Bob Martin⁶⁵. A primeira imagem traz uma temática curiosa, digna dos livros recordes do *Guinness*, também retrata uma personalidade, embora não muito marcante, o Mestre Chi, na figura de Ronald Champlain. Posteriormente, as segunda e a terceira imagens retrataram a maratona realizada em Nova York, uma temática esportiva e, ao mesmo tempo, cotidiana. Por fim, as três últimas postagens fizeram referência às eleições dos Estados Unidos, por se tratar de um período eleitoral. Duas delas trouxeram políticos marcantes, Ronald Reagan e John F. Kennedy.

A imagem mais curtida e comentada foi a referente ao dia 4 de novembro, com 1823 *likes*. Nos comentários, os usuários elogiaram a imagem, relataram se lembrar da vista, e um deles concordou com a descrição, alegando se tratar do momento mais desafiador da corrida. Novamente, a preferência dos leitores da página por tal postagem sinalizou o gosto por temáticas cotidianas.

⁶⁵ Freelancer bem sucedido do jornalismo fotoesportivo, que já recebeu diversos prêmios. Tem fotos já publicadas em veículos renomados, como *Sports Illustrated*, *Times*, *The Newsweek*, *Life Magazine*, *Stern*, *Paris Match*, *The New York Times* e *The Sunday Times*.

5.1.12. Dezembro de 2018

O *corpus* de dezembro foi formado por cinco imagens, publicadas entre os dias 8 e 14 do mês. A primeira delas, postada no dia 10, retrata um ambiente tipicamente urbano e noturno, no qual é possível avistar carros, muitas pessoas circulando nas calçadas, além de letreiros que anunciam bares, restaurantes, dentre outros estabelecimentos. De acordo com a descrição, a foto foi feita por Larry C. Morris, em novembro de 1965, entre as 5ª e 6ª Avenidas, de Manhattan. Hoje, o ambiente conta com árvores altas, elementos que faltavam na imagem retratada. No Instagram, a publicação recebeu 2435 curtidas, o terceiro maior número da amostra mensal, e 21 comentários. A imagem foi feita em ambiente externo, durante a noite, não sendo possível ver fisionomias de pessoas específicas, sendo, assim, um retrato cotidiano da cidade, durante a década de 1960.

A segunda imagem do mês foi a menos curtida e comentada, tendo 910 *likes* e seis comentários. Nela, vêem-se duas mulheres, que se sentam em uma mesa de conferências e batem palmas. A da esquerda é negra, tem cabelos curtos, e se destaca por usar um chapéu de cowboy, enquanto a da esquerda é branca, tem cabelos brancos, e usa óculos de grau. Além das duas mulheres, vê-se uma parte de um pedestal de um microfone, assim como uma taça de bebida. Segundo a postagem, a imagem retrata as ativistas feministas Gloria Steinem e Florynce Kennedy, em um evento político nacional de mulheres. Atualmente, o debate interseccional⁶⁶, tema da conferência, está presente na pauta do movimento de mulheres. A foto foi feita em ambiente interno, não sendo possível, assim, identificar o período do dia. Além disso, o local da conferência não foi citado, mas, por se tratar de um evento nacional, ocorreu nos Estados Unidos.

A terceira imagem do mês retrata a Estátua da Liberdade vista de cima, sendo possível, assim, avistar pessoas que transitam abaixo e, ao mesmo tempo, entender a magnitude de tal monumento. A fotografia foi feita em cenário externo, durante o dia, em Nova York, pelo fotógrafo Barton Silverman em 1979. A publicação foi a mais curtida e comentada do mês, recebendo 4213 *likes* e 26 comentários. Segundo a postagem, no ano em que a estátua foi inaugurada, 1886, o *New York Times* escreveu que o monumento finalmente entregara ao porto o que faltava, uma figura dominante.

⁶⁶ O feminismo interseccional é uma das vertentes do feminismo. Tal corrente defende que devem ser feitos recortes de opressões e vivências, ao se estudar as estruturas sociais, tais como recorte de gênero, etnia, classe e orientação sexual. Tal separação é defendida, uma vez que se reconhece que as opressões vivenciadas por mulheres são distintas, de acordo com o lugar de fala de cada uma.

A penúltima imagem do mês foi feita em novembro de 1972, pelo fotógrafo John Stomayor, no bairro de Brooklyn, em Nova York, tendo recebido 1614 curtidas e 13 comentários. Nela, vê-se um carro de polícia, parado em uma rua, durante a noite, com os faróis acesos. Além dele, não é possível ver detalhes externos, sendo possível avistar apenas uma parte de dois carros estacionados, à esquerda, bem como o farol de algum outro veículo, ao fundo. Ademais, percebe-se que duas policiais brancas estão dentro desse carro, sendo que uma tem cabelo escuro, e a outra, mais claro, não sendo possível ver detalhes de suas fisionomias.

De acordo com a descrição, policiais mulheres eram figuras de exceção no passado. Em novembro de 1972, o *New York Times* escreveu um artigo sobre o assunto. Duas personagens da matéria foram as policiais Lucille Burrascano e a sua parceira Kathleen Slzano, retratadas na foto. As duas patrulharam uma região da cidade com alto índice criminal, como parte de um experimento, que tinha a intenção de tirar as mulheres das delegacias. Na época, elas eram chamadas de “mulheres policiais”, mas preferiam a nomenclatura “oficiais”. Entretanto, até hoje, as profissionais são descritas com a primeira forma.

Por fim, a última foto publicada em dezembro retrata um prédio modernista de Nova York, localizado em Manhattan, tendo sido ela tirada por John Orris⁶⁷ em 1958. A imagem recebeu 2739 curtidas e 24 comentários, sendo, portanto, a com o maior número de likes do mês e segundo maior número de comentários. De acordo com a descrição, o prédio foi projetado por Ludwig Mies van der Rohe e se tornou uma estrutura icônica da região. Na imagem, vê-se parte de um grande prédio, além de outros ao redor, próximos, em um ambiente tipicamente urbano, não sendo possível, assim, avistar pessoas. Abaixo dele, é possível avistar algumas árvores de natal, com pisca-piscas acesos, tratando-se, assim, de uma foto tirada próxima à data comemorativa. A fotografia foi feita durante a noite, em cenário externo.

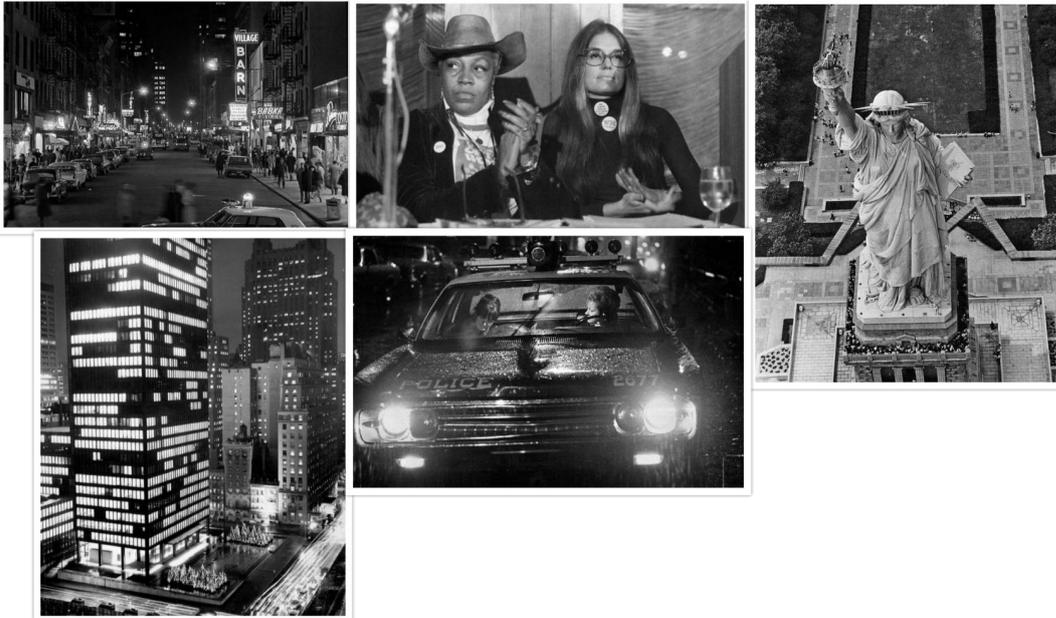
A imagem mais curtida e comentada do mês teve 4213 *likes* e 26 comentários. O número de curtidas, entretanto, se destaca em toda a amostra anual, tendo sido o maior entre todas as imagens analisadas. A foto retrata a Estátua da Liberdade vista de cima, sendo possível, assim, entender a sua magnitude, por ser possível ver várias pessoas, minúsculas, circulando ao redor do monumento. Nos comentários, a estátua e a fotografia são ressaltadas, tendo havido manifestações como: “Mágica, gloriosa e o seu significado muitas vezes mal compreendido”; “A nossa Senhora da Liberdade”; “Senhora Liberdade. Que foto linda”;

⁶⁷ Não é possível saber se o fotógrafo é contratado pelo jornal ou se é apenas um freelancer, já que não foram encontrados registros.

“Esse é um ângulo único, muito diferente daquele normalmente fotografado”. Outros, porém, apresentaram a sua visão crítica em relação ao monumento, por seu significado ter sido perdido, diante da situação política atual.

Na imagem abaixo, é possível ver as fotografias analisadas no mês de dezembro:

Figura 22: Postagens de Dezembro



Fonte: *New York Times Archives*

Surpreendentemente, a imagem menos curtida e comentada do mês trouxe duas ícones feministas norte-americanas, sendo elas Gloria Steinem e Florynce Kennedy. Provavelmente, os números indicam uma falta de preferência, dos leitores da página, por temas políticos, como ficou evidenciado em outros meses.

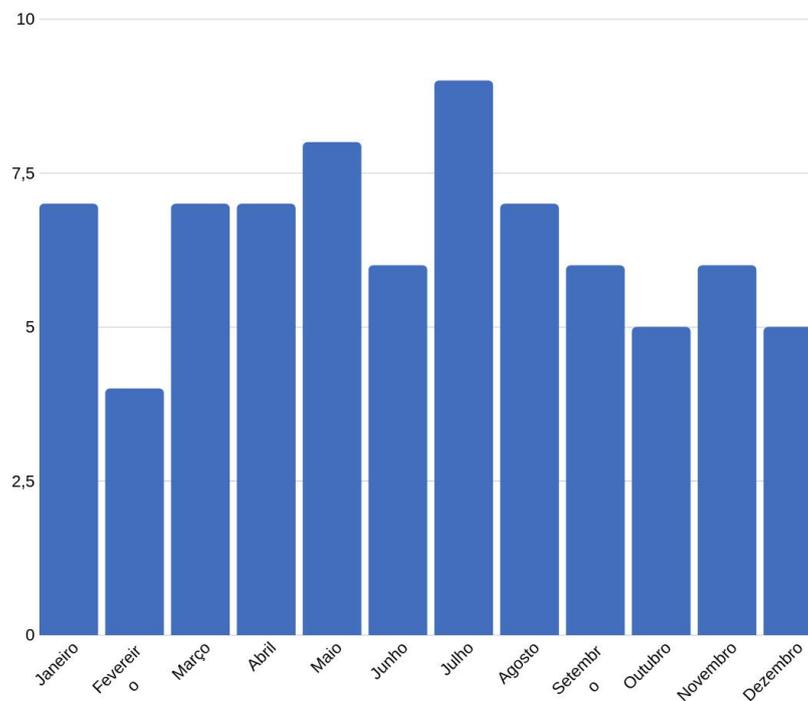
No próximo tópico, são apresentados os resultados quantitativos da análise compilados, de forma a cruzar os resultados qualitativos com os numéricos, possibilitando, assim, um entendimento do corpus como um todo.

4.2. RESULTADOS DA ANÁLISE

A análise qualitativa, feita postagem à postagem, é importante para entender as especificidades de cada uma delas. É fundamental, entretanto, complementá-la com uma perspectiva quantitativa, de forma a compreender, no aspecto macro, os fenômenos apresentados pela observação empírica, embasando, assim, as conclusões. Ao todo, foram 77

postagens analisadas, perfazendo o total de 81 imagens, já que, no mês de novembro, uma das publicações foi formada pela reunião de cinco fotos.

Gráfico 4: Quantidades de postagens analisadas, mês a mês

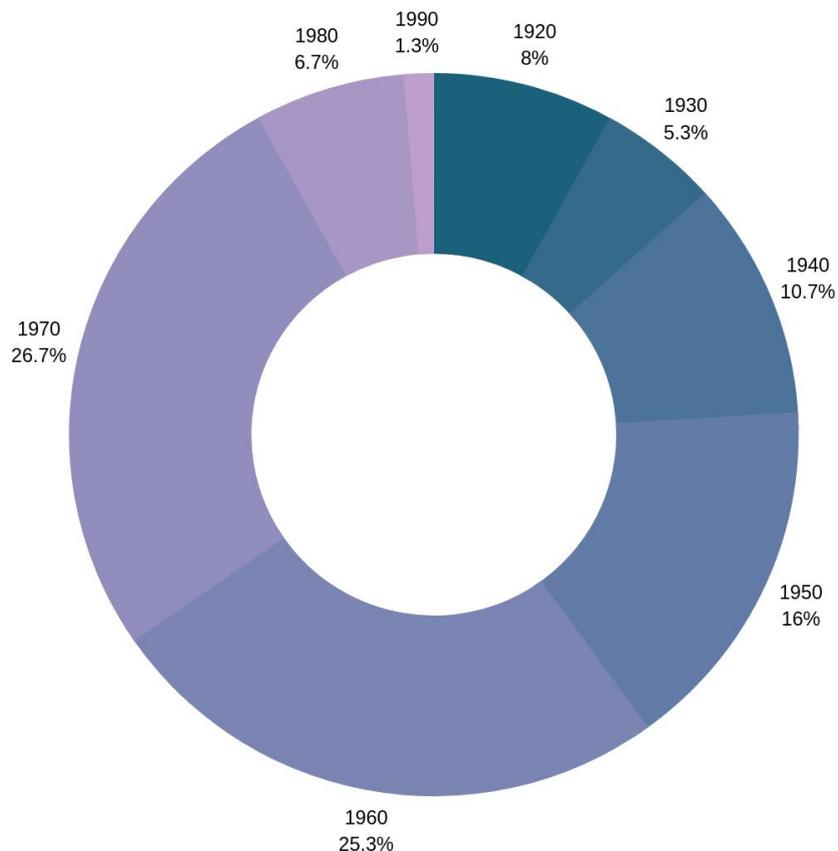


Fonte: Elaborada pela autora

Em relação às amostras analisadas, o mês com maior publicações, nas semanas estudadas, foi o de julho, totalizando nove postagens, seguido de maio, com cinco. Em janeiro, março, abril e agosto, foram publicadas sete imagens nas semanas amostrais. Além disso, os meses de junho, setembro e novembro tiveram o total de seis publicações, seguidos dos meses de outubro e dezembro, com o total de cinco publicações. Por fim, o período com menor número de postagens foi fevereiro, com o total de quatro publicações. A distribuição quantitativa por mês pode ser visualizada no gráfico acima.

Dentre as postagens, a década mais rememorada foi a de 1970, com 20 publicações, perfazendo, assim, 26,7% do conteúdo analisado. A segunda década mais recirculada foi a de 1960, com 19 das postagens, ou seja, 25,3%. Em terceiro lugar, a década de 1950, com 16% das publicações, com o total de 12 postagens. Juntas, as três reúnem 68% do *corpus* de análise. Os outros 32% foram divididos entre as décadas 1940 (10,7%); 1920 (8%); 1980 (6,7%); 1930 (5,4%) e 1990 (1,3%).

Tais resultados podem ser visualizados no Gráfico 5:

Gráfico 5: Porcentagens dos meses rememorados nas publicações

Fonte: Elaborada pela autora

A prevalência de postagens nesses dois períodos pode ser explicada pelo público alvo da página. Provavelmente, as pessoas que acompanham tal conteúdo tiveram, como épocas marcantes de suas vidas as duas décadas, identificando-se, assim com as imagens rememoradas. Essa possibilidade pode ser corroborada pelos próprios comentários visualizados. Embora não tivesse sido possível fazer uma análise mais aprofundada dos comentários, pelo próprio objetivo da pesquisa, identificou-se, nas postagens mais curtidas, um saudosismo por parte dos usuários, sendo que muitos deles comentavam as suas próprias experiências pessoais, assim como lembranças desencadeadas pelas postagens. As imagens, assim, em conjunto com suas descrições, atuam como verdadeiros gatilhos de memória.

Conforme Le Goff (1990), a fotografia é responsável por revolucionar a memória, uma vez que é capaz de multiplicá-la, democratizá-la e dar-lhe precisão e verdade até então não atingidas. Tal tecnologia da memória, assim, é capaz de guardar a memória do tempo e, além de tudo, despertá-la. Boni e Hoffman (2011), por exemplo, já utilizam a fotografia enquanto gatilho de memória, como proposta metodológica em projetos de pesquisa da

Universidade Estadual de Londrina, para que novas lembranças sejam engatilhadas nos entrevistados, a partir de associações causadas pelas imagens.

É importante também notar, ao analisar as datas de publicações, que somente são rememoradas imagens do século XX, não havendo, assim, qualquer publicação dos anos 2000 ou do século XXI. Essa preferência pode ser explicada pela necessidade de a página construir uma imagem de historicidade, ao repostar imagens de um passado relativamente distante e, ao mesmo tempo próximo, por provocar tal identificação.

Uma outra possibilidade pode ser o fato de o Século XX ser, em sua essência, o momento de popularização da fotografia. De acordo com Benjamin (2012), ainda no século XIX, já se pressentia que a hora dessa invenção chegara, já que, naquela época, diversos pesquisadores tinham o mesmo objetivo de fixar as imagens da câmera obscura. Nessa tentativa, Niépce e Daguerre alcançaram tal resultado, tendo sido o apogeu da fotografia o primeiro decênio de sua descoberta, ou seja, antes de sua industrialização, com Hil e Cameron, Hugo e Nadar.

Posteriormente, houve um grande desenvolvimento tecnológico, seguido de uma industrialização, caracterizada pelo aumento de uma reprodução técnica. Diante de tal marco, a fotografia passou a ocupar cada vez mais espaço, do final do século XIX em diante. As imagens, assim, passaram a ser parte integrante das páginas de revistas e jornais, sendo o conteúdo das cidades a principal temática (ARAUJO, 2016). É esse o momento do Século XX, assim como a nossa memória acerca de tal época. Ao se pensar neste século, são reavivadas, em nossas memórias, fotografias desses momentos, sendo elas caracterizadas pelo preto e branco, cores utilizadas pelo *New York Times* para as postagens de seu arquivo.

Em relação ao cenário das imagens, 61,6% foram tiradas em cenário externo e 38,4%, em ambiente interno. Além disso, 55,3% delas foram fotografadas durante o dia; em 36,8%, não foi possível identificar a hora da fotografia; e 7,9% foram feitas durante a noite. É relevante destacar, além disso, a predominância de fotógrafos masculinos, já que 57,1% das imagens foram feitas por homens; 40,3% não tiveram a autoria reconhecida; e apenas 2,6%, ou seja, duas fotografias, foram tiradas por mulheres.

Tal dado demonstra que, nos períodos rememorados, os fotógrafos do gênero masculino eram a grande maioria. Conforme uma matéria publicada pelo *New York Times* em março de 2019⁶⁸, a contratação de fotógrafas do gênero feminino começou a ser feita apenas na década de 1970, tendo sido a primeira delas Joyce Dopkeen, em 1973. A segunda delas foi Teresa Zabala, contratada em 1974, havendo uma de suas fotos no corpus de análise.

⁶⁸ Matéria completa: <https://www.nytimes.com/2019/03/29/nyregion/first-female-photographers-new-york-times.html>

Posteriormente, Ruby Washington, a primeira fotógrafa afro-americana, foi contratada, tendo atuado no jornal até 2014.

Na imagem abaixo, é possível ver quatro fotógrafas da década de 1970 do NYT.

Figura 23: Mulheres que fotografavam no NYT na década de 1970⁶⁹



Fonte: *New York Times*

Ainda em relação aos fotógrafos, das 77 postagens analisadas, apenas em 31 delas, ou seja, 40%, identificaram os fotógrafos responsáveis. Dentre eles, todos eram contratados pelo *New York Times*, com exceção de um, que era um fotógrafo freelancer reconhecido do cenário esportivo, sendo ele Bob Martin. Além disso, não foi possível identificar se John Orris era fotógrafo ou freelancer, já que não foram encontrados registros no site do *New York Times*. Ao pesquisar os fotógrafos, entretanto, identificou-se que todos foram destaques enquanto atuavam na profissão. Alguns deles, por exemplo, podem ser vistos em uma foto que reuniu diversos fotógrafos do veículo.

Na imagem abaixo, Figura 24, evidencia-se a predominância absoluta de fotógrafos homens e brancos em 1948. Conforme já dito anteriormente, o aumento da diversidade, em relação ao quantitativo de mulheres no veículo, só passou a ser observado na década de 1970, com a contratação da primeira fotógrafa mulher. Em relação ao número de fotógrafos negros, entretanto, o primeiro deles, Don Hogan Charle, foi contratado em 1948,

⁶⁹ Da esquerda para a direita, no sentido horário: Joyce Dopkeen, Teresa Zabala, Marilyn K. Yee e Ruby Washington.

sendo ele responsável por 2 das fotografias lembradas. Uma delas foi a icônica imagem da criança negra que levanta os braços e olha para trás, havendo uma série de soldados norte-americanos alinhados, marchando em direção a ela.

Figura 24: Alguns dos fotógrafos do NYT em 1948⁷⁰

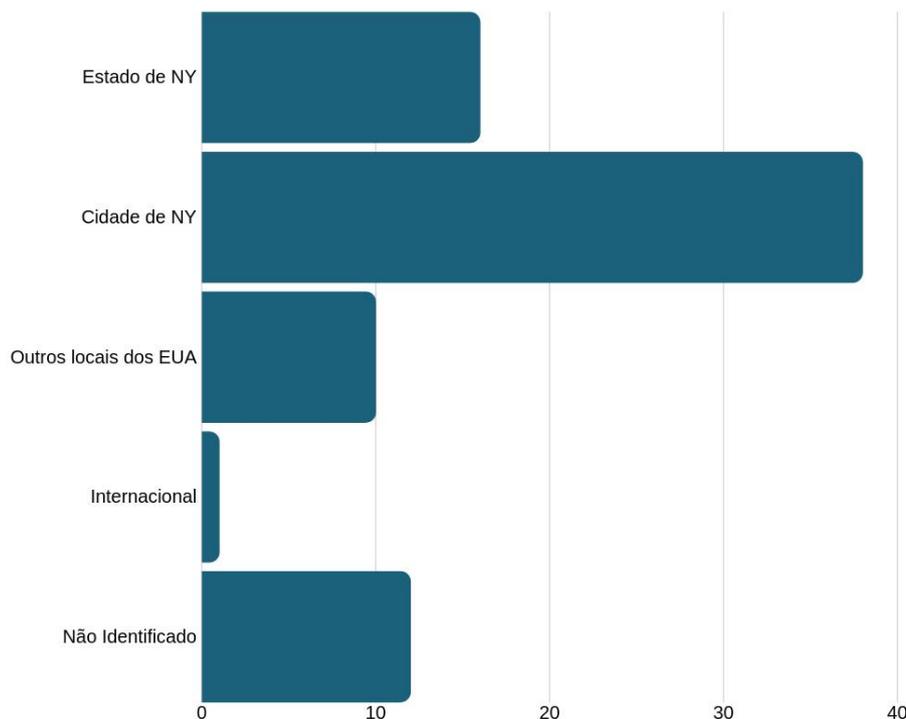


Fonte: *New York Press Photographers Association*

Durante a análise, também ficou evidente o caráter local da página, uma vez que há uma preferência por temáticas nacionais, em especial aquelas mais nova-iorquinas. Dentre as postagens, 49,9% abordaram especificamente a cidade de Nova York; 20,8%, o estado de Nova York; 15,6% não identificaram o local em que a foto foi tirada; 13% retrataram outros lugares dos Estados Unidos; e apenas 1,3% abordou uma temática internacional, tendo sido a fotografia feita no Reino Unido.

No Gráfico 6, é possível visualizar o gráfico que ilustra tais resultados:

⁷⁰ Da esquerda para a direita: Carl T. Gossett Jr., Larry C. Morris, George Alexanderson, Ernie Sisto, Patrick Burns, Arthur Brower (seated), John Dugan, Fred Sass, Bill Eckenberg, Neal Boenzi, Mike Liebowitz & Eddie Hausner

Gráfico 6: Locais em que as fotografias foram feitas

Fonte: Elaborada pela autora

A rede social, nesse sentido, serve não apenas para rememorar imagens relevantes de Nova York e região, mas também para construir uma identidade acerca da cidade e de seus habitantes, reforçando, assim, o sentimento de amor por ela, fato que se evidencia no tom saudosista e positivo dos comentários.

Essa rememoração do *New York Times* da cidade reforça a ligação que o jornalismo possui com o espaço urbano, tal como ilustra Silva Júnior (2008). De acordo com o pesquisador, o fluxo das notícias é alimentado pela cidade e esta, por sua vez, tem a sua imagem social formada a partir de tal representação noticiosa. A ligação do jornalismo com o espaço urbano se dá em sua própria origem, já que ele se consolida somente a partir das sociedades complexas urbanas. Nesse sentido, é possível afirmar que “o jornal é uma mídia das ruas, dos espaços urbanos” (SILVA JÚNIOR, 2008, p. 148).

A ligação com a cidade não é somente vista no jornalismo, mas na própria história da fotografia, já que eram reproduzidas, em imagens, representações sobre o cotidiano das cidades. Tal prevalência temática se explica pelo próprio fato de, nesses espaços urbanos, estar localizada grande parte dos produtores e consumidores de tais representações,

“que contribuíam para uma difusão cada vez mais ampla de determinadas noções a respeito das características distintivas das cidades retratadas, de seus caminhos e descaminhos rumo ao progresso” (ARAUJO, 2016, p. 9).

Não é possível, assim, dissociar as relações do jornalismo e da própria fotografia com a cidade, sendo tal entrelaçamento também notado no Instagram do *New York Times*, uma vez que, mesmo o veículo já tendo alcançado uma relevância nacional e, até mesmo internacional, com uma base de clientes forte em outras localidades, ainda assim há um esforço de rememorar Nova York, sendo tal cidade a grande inspiração das postagens, por ter sido ela o berço e a sede do veículo.

A cidade, ao ser rememorada nas publicações, é novamente descoberta e, de certa forma, recontada, reconstruída, já que, conforme Pesavento (1990), qualquer traço do passado é composto por uma sucessão de temporalidades que se acumulam. Para a pesquisadora, em tal processo de resgate, é importante datar tais camadas históricas, mas é também fundamental atingir os as temporalidades subjetivas contidas por tal lugar. De acordo com a autora, ao efetuar o resgate da história ou da memória de uma cidade, é necessário recolher registros de uma outra outra época, de forma que estes deem conta das transformações do espaço urbano no tempo. “Trata-se antes, pois, de tentar atingir, ou mesmo resgatar a capacidade evocativa e de significação que cada fragmento do passado possa oferecer à recriação imaginária de uma cidade” (PESAVENTO, 1990, p.13). Ao recircular cenas desse espaço urbano, acompanhadas por suas descrições, o veículo, assim, atua na reafirmação de um imaginário sobre a cidade, reforçando, dessa forma, o seu laço identitário.

Quadro 6: Postagens mais curtidas

Data de Postagem	Temática	Local da foto	Nº de curtidas
12/12/2018	Estátua da Liberdade de Nova York	Nova York	4213
14/7/2018	Repórtes do NYT trabalham à luz de velas	Nova York	2958
14/12/2018	Prédio modernista de Nova York	Nova York	2739
30/10/2018	Mulher passeia de bicicleta	Nova York	2650
10/12/2018	Bloco de Manhattan	Nova York	2435

Fonte: Elaborado pela autora

O caráter local e cotidiano, além de ser uma preferência do Instagram *New York Times Archives*, se mostra também enquanto temáticas de maior interesse do público. Ao listar as cinco postagens mais curtidas, identificamos que todas elas foram fotos tiradas em Nova York, sendo que três têm como temática especificamente a cidade, sem pessoas; e duas retratam pessoas comuns, não havendo, assim, celebridades. As postagens foram organizadas no quadro abaixo, do maior número de curtidas para o menor.

Tal preferência do público não se evidencia apenas ao se analisar as curtidas, mas também as postagens mais comentadas, já que, dentre as cinco mais curtidas, quatro delas também foram as mais comentadas do *corpus* de análise. Aquela que se diferenciou do primeiro quadro foi a quinta mais comentada, referente ao empresário John D Rockefeller, grande homem de finanças dos Estados Unidos, sendo, assim, a única personalidade do Top 5. É interessante, ao mesmo tempo, observar o sentido que a popularidade de Rockefeller, em tal lembrança, carrega, já que ele personaliza um ideal norte-americano de meritocracia, do *self-made man*. Ao ser a única personalidade em destaque nos comentários, fica evidente que tal conceito, ou seja, tal visão acerca do trabalho e do sucesso, ainda está presente na memória daqueles que consomem o conteúdo da página, sendo, assim, um elemento relevante, positivo.

Quadro 7: Postagens mais comentadas

Data de Postagem	Temática	Local da foto	Comentários
30/10/2018	Mulher passeia de bicicleta	Nova York	29
14/7/2018	Repórtes do NYT trabalham à luz de velas	Nova York	27
12/12/2018	Estátua da Liberdade de Nova York	Nova York	26
14/12/2018	Prédio modernista de Nova York	Nova York	24
8/7/2018	Homenagem a John D. Rockefeller	Nova York	23

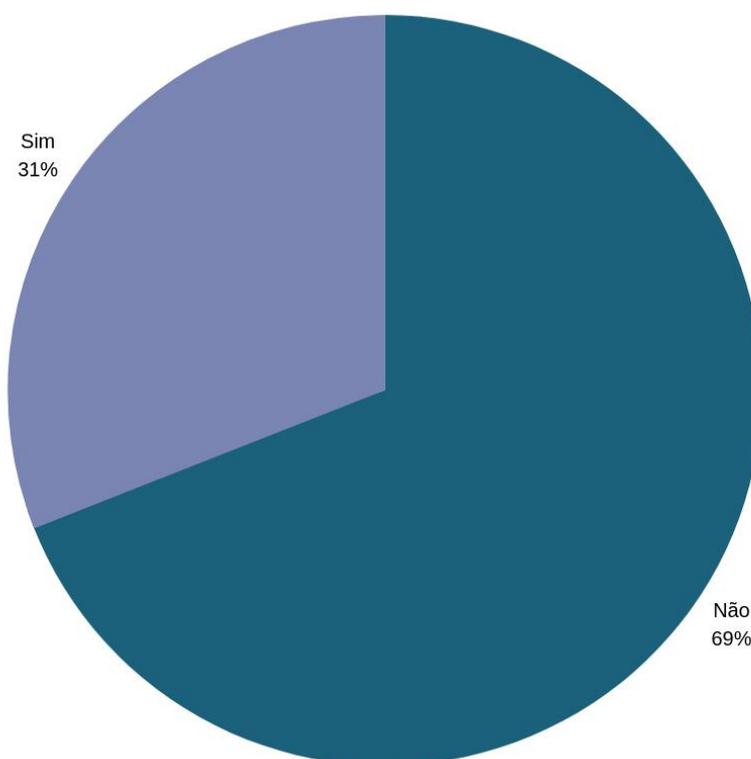
Fonte: Elaborado pela autora

O quadro acima, assim como os resultados anteriores, evidencia que a cidade se mostra enquanto temática preferida por seus leitores e pela própria página. Dessa forma, provavelmente o *New York Times* identificou que o público da página era oriundo, em sua maioria, de tal região. Nessa perspectiva, o público se identifica com tais publicações, ao se

ver ali representado naquele espaço urbano, em especial diante das figuras anônimas que dialogam com eles, mais do que qualquer outra personalidade.

Além da característica regional do Instagram, outro ponto que merece destaque é a sua rememoração, em especial, de temáticas cotidianas, já que, em relação ao conteúdo, 31% das postagens retrataram personalidades, enquanto 69% tiveram, como personagens, pessoas comuns. Dessa forma, a página não dá preferência para atores marcantes, políticos célebres ou cientistas renomados, já que a temática, em muitos casos, é o dia a dia da cidade, fato visto, por exemplo, nas imagens que ilustraram as tempestades de neve ou as maratonas de corrida. Tal resultado pode ser visualizado abaixo:

Gráfico 7: A imagem retratava personalidades?



Fonte: Elaborado pela autora

Com base na discussão dos resultados apresentada, é possível, então, perceber que, além de a página escolher, em sua maioria, temas do cotidiano, sem retratar, para tanto, personalidades de relevância dos Estados Unidos, ela também tem uma característica local, já que 49,9% das publicações são referentes à cidade de Nova York, e 20,8%, ao estado. Para além disso, os próprios usuários apresentam maior preferência por tal temática, fato que, provavelmente, pode ter sido identificado pelo *New York Times* ao analisar as métricas da

rede social. Fica evidente, assim, a ligação do veículo com a cidade, mesmo diante de sua relevância nacional e internacional, sendo ela o principal tema de suas lembranças.

Além disso, evidencia-se a sua preferência por temáticas cotidianas, havendo, além delas, muitas vezes o retrato do extraordinário, do pitoresco, ao se observar algumas imagens, que saem de fora da curva do fotojornalismo tradicional. Em março, por exemplo, uma das imagens escolhidas retrata Walt Disney, próximo a alguns dinossauros. Em maio, uma das fotografias trazia alguns primatas, além de dois homens. Já em agosto, foi lembrada a imagem de uma mulher, em um show tipicamente burlesco, com roupas e acessórios esplendorosos. Em outubro, vê-se uma mulher que segura uma cobra sendo observada por um homem de óculos escuros.

Barthes (1995) aborda que na fotografia, existem processos de conotação. Um deles, o esteticismo, faz referência à fotografia que se faz pintura, ao se lembrar uma obra de arte. É possível afirmar, assim, que esse tipo de imagem curiosa, que traz elementos quase extraordinários, pode ser configurada enquanto uma forma desse esteticismo. Ao analisá-las, é possível ver que elas também passam por um processo de embelezamento. Tratam-se, assim, de imagens que despertam o interesse dos leitores, justamente por trazerem essa diferenciação.

Há, ainda, aquelas fotografias, na página, que não trazem elementos do esteticismo, em si, mas fixam o interesse do leitor, por meio da contextualização feita na descrição. A imagem que retrata, por exemplo, vários homens reunidos ao redor de uma mesa, adquire um novo sentido, ao se tomar o conhecimento de que existia, anteriormente, o Conselho do Chá nos Estados Unidos. O mesmo pode ser dito de uma imagem publicada em janeiro, em que uma mulher e uma criança, segurando dois cachorros, posam para o fotógrafo. A imagem, em si, não seria nada extraordinária se não fosse a descrição, por meio da qual o leitor é informado que a personalidade retratada tinha, em sua casa, um rebanho de veados, filhotes de leão, perdizes, faisões, cacatuas, papagaios, elefantes, dois búfalos, 7 pôneis anões, gansos, cordeiros, patos, 300 galinhas e 15 cachorros. Nesse sentido, a página, ao escolher temas a serem lembrados, também se utiliza dos valores notícia do jornalismo, ao primar por eventos que são raros, fogem do comum.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta dissertação, procurou-se entender quais conteúdos são rememorados pelo *New York Times*. O estudo se torna importante, uma vez que, na construção de uma memória, o texto, em conjunto com a imagem, seja ela estática ou em movimento, são agentes fundamentais. As tecnologias da memória, assim, tal como sugerido pelo título da dissertação, são responsáveis por atuar nessa construção, sendo necessário, dessa forma, estudá-las, já que a memória está diretamente atrelada às construções sociais, afetando, nesse sentido, a percepção da realidade. Tal como já evidenciado, as tecnologias da memória existem desde muito antes do século XXI, estando elas exemplificadas nos inúmeros gatilhos de memória existentes, como os livros, as fotografias e os jornais impressos, além, certamente, do cinema, do rádio e da televisão.

O nosso tempo se diferencia, entretanto, uma vez que, no século XXI, as possibilidades de rememoração se multiplicam, já que vivemos em uma verdadeira era da informação. Provavelmente, devido à ausência de estabilidade, que essa era nos traz, procuramos nos agarrar à memória como uma forma de procurarmos ter certeza, vendo nela uma âncora, que a fluidez deste tempo não nos traz. Testemunhamos, assim, uma verdadeira emergência da comercialização da memória, que tem um apelo ao público, como exemplificado nos inúmeros filmes sobre o século XX ou mesmo nos remakes trazidos pelo cinema, que causam nostalgia em seus espectadores.

No processo da rememoração, efetuado pelas tecnologia, os jornalistas e os jornais são protagonistas, e os diferentes discursos, defendidos pelas mais distintas instituições, travam disputas simbólicas. A vencedora é aquela que permanece na memória coletiva, mas esse processo é sempre constantemente reavaliado, por meio das rememorações. Ao trazer de volta novamente essa memória, são evocados novos sentidos e, possivelmente, leituras distintas de um mesmo fenômeno.

Assim, vemos diversas iniciativas de rememoração, exemplificadas nos jornais, que trazem, cotidianamente, a lembrança de coberturas anteriores ou ressignificam eventos marcantes. Diferentes veículos recontam acontecimentos, nas datas comemorativas, e constroem sobre si mesmos a reputação de guardiães da memória, legitimando os próprios discursos. É o que ocorre com o *New York Times*, objeto deste estudo.

O jornal vai além, não restringindo as rememorações a datas comemorativas, mas fazendo-as no dia a dia, por meio de seu Instagram Histórico *@NYTArchives*. Nesse processo, o veículo também encontra a possibilidade de ampliar a sua base de clientes, ao se legitimar,

enquanto meio de comunicação tradicional, e ao restringir acessos ao arquivo somente para assinantes, tal como outros jornais brasileiros também o fazem. Por meio de tal estratégia, exemplificada em seu Instagram histórico, o jornal se coloca, enquanto testemunha da história e, por consequência, constrói uma narrativa sobre si de confiabilidade, o que pode reforçar a sua marca entre as corporações jornalísticas. Torna-se importante, assim, estudar tal objeto, por ser ele responsável por atuar na formação dessas memórias, através das imagens recirculadas, combinadas às suas descrições.

Nesse sentido, esta dissertação teve o objetivo de entender as temáticas rememoradas, as características das imagens, bem como os aspectos da página em que essa rememoração é feita. Para tanto, além de se analisar o corpus, foi imprescindível entender outros fatores teóricos, relacionados à própria memória, ao Instagram e ao *New York Times*. Por meio deste estudo inicial, foi possível traçar um panorama acerca do objeto, assim como entender teorias importantes, que embasaram o estudo.

Dessa forma, primeiramente, procuramos entender o conceito da memória digital. Ao se traçar o percurso teórico e pesquisar autores que abordam o tema, percebeu-se uma lacuna relacionada a essa temática, no Brasil. Nesse sentido, foi fundamental estudar a literatura externa sobre tal conteúdo, em especial artigos daqueles autores que publicam na *Revista de Estudos da Memória (Memory Studies Journal)*, que abarca, em suas publicações, as transformações sociais, culturais, cognitivas, políticas e tecnológicas, em relação à memória. Nesse primeiro momento, então, foram pesquisadas fontes distintas sobre a memória, de forma geral, mas também as características do cenário digital, para, posteriormente, se fazer uma interseção entre os dois temas, a partir do conceito de memória digital. Em seguida, procurou-se delimitar a temática da memória digital, especificando as suas interseções com as redes sociais.

No segundo capítulo, o protagonista foi o Instagram, justamente por ser esta a rede social que abarca a página estudada. Foi importante, assim, entender as principais características da mídia, analisando-se a sua mecânica, de forma a entender aspectos específicos e a forma de funcionamento. Procurou-se traçar, além disso, um histórico da rede social e as possíveis relações que ela tem com a memória, em especial, ao se entender a fotografia como um gatilho de memória.

Posteriormente, no terceiro capítulo, foi traçado o percurso histórico do objeto desta dissertação, o *New York Times*. Para tanto, foram utilizadas informações publicadas pelo próprio veículo, em seus relatórios para acionistas e matérias jornalísticas, além de outros

autores. Este capítulo também procurou apresentar as características do periódico, em especial a sua atuação no jornalismo digital e no Instagram.

Por meio dos três capítulos iniciais, foi possível criar a base necessária para o início da análise, que se concentrou no ano de 2018. Em relação ao corpus, procurou-se abarcar todos os meses daquele ano, sendo analisada, assim, uma semana de cada um deles. No total, então, foram 12 semanas estudadas, nas quais houve 77 postagens e 81 imagens, tendo sido cada uma delas analisada cuidadosamente para, posteriormente, serem traçados os resultados encontrados. Além da análise, foi enviada uma pergunta ao administrador da página, questionando sobre os critérios para a escolha dos temas rememorados. Entretanto, a mensagem não foi respondida.

Através do estudo, concluiu-se que o *New York Times* procura rememorar, principalmente, temáticas locais e nacionais. Dentre as porcentagens, por exemplo, 49,9% são referentes especificamente à cidade de Nova York; 20%, ao estado; 15,6% não identificaram o local; 13% eram referentes a outras localidades dos Estados Unidos; e somente 1,3% fizeram referência ao exterior, tendo sido a imagem registrada no Reino Unido. A partir desse resultado, inferiu-se que é provável que o *New York Times* tenha percebido que o público da página, em sua maioria, reside na cidade, identificando-se, assim, com as publicações locais.

Além disso, percebeu-se que a década de 1970 foi a mais rememorada, uma vez que foi recontextualizada em 20 postagens, ou seja, 26,7% do conteúdo. Nesse sentido, novamente, é possível concluir que as pessoas que curtem a página provavelmente viveram um momento marcante de suas vidas durante tal período. Essa conclusão pode ser feita, a partir dos próprios comentários postados na página, que rememoram as lembranças pessoais do usuário, diante do contexto da imagem.

Outro ponto que mereceu destaque, durante análise, foi a preferência da página por temáticas cotidianas, já que 69% das imagens traziam pessoas comuns, enquanto protagonistas, e somente 31% abordaram personalidades. Nesse sentido, concluiu-se que os usuários se sentem representados por figuras ordinárias, sendo essas imagens, inclusive, as mais populares para o público, ao se analisar o número de curtidas e comentários.

O estudo foi importante para entender uma das iniciativas digitais do *New York Times* especificamente voltada para a memória, sendo ela o Instagram *@NYTArchives*. É importante estudar tal temática, por serem os jornais veículos de memória, ao ditarem aquilo que deve ser lembrado e esquecido. Entretanto, é relevante mencionar as limitações desta dissertação, justamente devido ao tempo e objetivos do estudo. Em outras oportunidades, será válido, por exemplo, analisar os comentários com maior profundidade. Além disso, outras iniciativas

digitais, também voltadas para a memória, produzidas pelo próprio periódico, também merecem ser analisadas, tais como o seu arquivo digital e o Twitter *@nytarchives*, que traz, todos os dias, artigos antigos do jornal, a partir de suas efemérides.

Espera-se que esta dissertação possa contribuir para os estudos da memória, em especial aqueles que se aprofundam em suas interseções com o jornalismo e com as próprias rede sociais. A temática da memória digital ainda é um campo novo de estudo, que possui grandes possibilidades de exploração.

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Viviane da Silva. **Retratos do pitoresco**: tipos urbanos entre modernidade e tradição. In: II Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina, 2016, São Paulo. Anais do II Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina, 2016. p. 1-14.
- ARCHIVES, NYT (@nytarchives). Disponível em: <<https://twitter.com/NYTArchives>>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.
- ARTS, NYT (@nytimesarts). Disponível em: <<https://twitter.com/nytimesarts>>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.
- BARBOSA, Marialva. **Jornalistas, “senhores da memória?”**. Disponível em: <http://www.ccmj.org.br/sites/default/files/BARBOSA%20Marialva.pdf>. Acesso em: 28 de Março de 2017.
- BARROS, Laura Santos de. 2017. **Narrativas efêmeras do cotidiano**: um estudo das stories no Snapchat e no Instagram. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/163738>. Acesso em 11 de abril de 2019.
- BARTHES, Roland. **Lo óbvio e lo obtuso** - imagens, gestos, voces. 2ª Edición. Barcelona, ES: Paidós, 1995.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. 258p.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**: ensaios sobre a literatura e a história da cultura. Brasiliense: São Paulo, 2012.
- BOOKS, New York Times (@nytimesbooks). Disponível em: <<https://twitter.com/nytimesbooks>>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.
- BONI, Paulo César ; HOFFMANN, Maria Luisa . Guardiã de imagens: "memórias fotográficas" e a relação de pertencimento de um pioneiro com Londrina. Em *Questão* (UFRGS. Impresso) , v. 17, p. 149-166, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. **Photography: a Middle-brow Art**. Polity Press, Cambridge, 1990.
- BOYD, D. e ELLISON, N. **Social Network Sites: Definition, History, and Scholarship**. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 13, 210-230, 2008. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1111/j.1083-6101.2007.00393.x>
- BRIET, Suzanne. **O que é documentação?** Brasília: Briquet de Lemos, 2013.
- CANAVILHAS, João Messias. **A internet como memória**. Universidaae da Beira Interior, 2003. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-internet-como-memoria.pdf>>. Acesso em 20 de março de 2019.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

CENTER, NYT Reader (@readercenter). Disponível em: <<https://twitter.com/readercenter>>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. as artes de fazer; 16ª Ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. (pp. 35-55); (pp. 86-100).

CLIMATE, NYT (@nyclimate). Disponível em: <<https://twitter.com/nyclimate>>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.

COMMUNICATIONS, NYTimes (@NYTimesPR). Disponível em: <<https://twitter.com/NYTimesPR>>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.

CONSENZA, Vincenzo. **La mappa dei social network nel mondo** - Gennaio 2019. Disponível em: <https://vincos.it/2019/02/18/la-mappa-dei-social-network-nel-mondo-gennaio-2019/>. Acesso em 3 de abril de 2019.

COSTA, Caio Túlio. **Um modelo de negócio para o jornalismo digital**. Disponível em: http://www.omercadodenoticias.com.br/wp-content/uploads/um-modelo-de-negocio-para-jornalismo-digital_caio_tulio_costa.pdf. Acesso em: 4 de setembro de 2018.

COSTA, Caio Túlio. **6 pillars of a revenue-generating business model for digital journalism**. Disponível em: <https://www.inma.org/blogs/keynote/post.cfm/6-pillars-of-a-revenue-generating-business-model-for-digital-journalism#ixzz3avNd1Nlp>. Acesso em: 4 de setembro de 2018.

CRARY, J. **Suspensões da percepção**: atenção, espetáculo e cultura moderna. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

CSATHY, P. D. (2017) **Media 2.0(17): An Insider's Guide to Today's World of Digital Media & Where It's Going**. BookBaby

DALMONTE, Edson e SILVA, Wanise. **Jornalismo, base de dados e memória em tempos de convergência**: o Dever de informar X o Direito de ser esquecido.

ELI, Kellie. **Print journalism may last another 10 years**. Disponível em: <https://www.cnn.com/2018/02/12/print-journalism-may-last-another-10-years-new-york-times-ceo.html>. Acesso em: 23 de Julho de 2018.

ESPAÑOL, NYTimes (@nytimeses). Disponível em: <<https://twitter.com/nytimeses>>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.

FECHINE, Yvana; FIGUEIRÔA, Alexandre. **Transmídiação**: explorações conceituais a partir da telenovela brasileira. In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (Org.). **Ficção televisiva transmidiática no Brasil: plataforma, convergências, comunidades virtuais**. Porto Alegre: Sulinas, 2011, p. 17-59.

FOOD, NYT (@nytfoot). Disponível em: <<https://twitter.com/nytfoot>>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.

GILLIS, John R. **Memory and Identity: A History of a Relationship**. Commemorations: The Politics of National Identity. Ed. John R. Gillis. Princeton: Princeton UP, 1994. 1–24.

GRAPHICS, NYT (@nytgraphics). Disponível em: <<https://twitter.com/nytgraphics>>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.

GRUESKIN, Bill; SEAVE, Ava; GRAVES, Lucas. Chapter Four: The New Media.

Disponível em:

https://archives.cjr.org/the_business_of_digital_journalism/chapter_four_the_new_new_media.php. Acesso em: 4 de setembro de 2018.

GYE, Lisa. **Picture this: the impact of mobile camera phones on personal photographic practices**. Continuum: Journal of Media & Cultural Studies, 21:2, 279-288.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo, 1990. Editora Revista dos tribunais. Tradução Laurent Lépn Acchaffter.

HASKINS, Ekaterina. **Between Archive and Participation: Public Memory in a Digital Age**. RSQ 37.4 (2007): 401-422.

HENNINGER, Paul e SCIFLEET, Paul. How are the new documents of social networks shaping our cultural memory. Journal of Documentation, Vol. 72 Iss 2 pp. 277 - 298, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1108/JD-06-2015-0069>. Acesso em: 2 de abril de 2019.

HENRIQUES, Rosali Maria Nunes. Os rastros digitais e a memória dos jovens nas redes sociais. Tese de Doutorado em Memória Social. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2014.

HU, Yuheng; MANIKONDA, Lydia e KAMBHAMPATI, Subbarao. What we Instagram: A First Analysis of Instagram Photo Content and User Types. Disponível em: <http://rakaposhi.eas.asu.edu/instagram-icwsm.pdf>. Acesso em 16 de abril de 2019.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, momentos, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

INSTAGRAM. 2013. Introducing Instagram Direct. Disponível em: <https://instagram-press.com/blog/2013/12/12/introducing-instagram-direct/>. Acesso em 10 de abril de 2019.

INSTAGRAM. 2017. Share up to 10 photos and videos in one post. Disponível em: <https://instagram-press.com/blog/2017/02/22/share-up-to-10-photos-and-videos-in-one-post/>. Acesso em 11 de abril de 2019.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência: a colisão entre os velhos e os meios de comunicação**. Tradução de Susana Alexandria. 2ª Edição. São Paulo: Aleph, 2009.

KAPLAN, A.M e HAENLEIN, M. **Users of the world, unite!** The challenges and opportunities of social media. Business Horizons, Vol. 53 No. 1, pp. 59-68, 2010.

LAMBERT, Alex; NANSEN, Bjorn e ARNOLD, Michael. Algorithmic memorial videos: Contextualising automated curation. Memory Studies, Vol. 11(2), p.156-171, 2016.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas. Ed. Unicamp. 1990.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2000.

MAGAZINE, NYT (@NYTmag). Disponível em: <https://twitter.com/NYTmag>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.

MANOVICH, Lev. Trending: the promises and the challenges of big social data. In: Gold, M.K. **Debates in the Digital Humanities**. University of Minnesota Press, Minneapolis, 2012.

MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar - um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. Anais do Museu Paulista, jan.-jun., vol. 13, 2005.

MCLUHAN, Marshall. **Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem** (Understanding Media). São Paulo: Editora Cultrix, 1974.

MEDIA, NYT (@nytmmedia). Disponível em: <https://twitter.com/nytmmedia>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.

METRO, NYT (@NYTMetro). Disponível em: <https://twitter.com/NYTMetro>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.

MOLINA, Matías. **Os melhores jornais do mundo - uma visão da imprensa internacional**. São Paulo: Globo, 2008.

MUNDAY, Rob. **New York Times: Conception Series**. Disponível em: <https://www.shortoftheweek.com/news/new-york-times-conception-series/>. Acesso em: 24 de agosto de 2018.

MUSIC, New York Times (@nytimesmusic). Disponível em: <https://twitter.com/nytimesmusic>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.

MUSSE, Mariana Ferraz. Narrativas fotográficas no instagram: autorrepresentação, identidades e novas sociabilidades. Florianópolis: Insular, 2017.

MNYNYTIMES. Disponível em: <https://www.instagram.com/mynytimes>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.

NETWORK, NYT Learning (@NYTimesLearning). Disponível em: <https://twitter.com/NYTimesLearning>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.

NEWS, NYT National (@NYTNational). Disponível em: <https://twitter.com/NYTNational>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.

NEW YORK TIMES FASHION & STYLE. Disponível em:
<<https://www.instagram.com/nytimesfashion>>. Acesso em: 22 de outubro de 2018.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. **Na malha da rede**: os impactos íntimos da rede. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

NOGUEIRA, Luís. **Jornalismo na rede**: arquivo, acesso, tempo, estatística e memória, 2003. Disponível em: <http://www.webjornalismo.com/printfeature.php?artid=10>. Acesso em 28 de dezembro de 2004.

NORA, Pierre. **Les Lieux de mémoire**. Paris: Gallimard, 1984. (Entre memória e história: a problemática dos lugares. Vol. 1 A República, p. XVII-XLII, tradução de Kenzo Paganelli).

NYTCO. **Pulitzer prizes**. Disponível em: <https://www.nytc.com/pulitzer-prizes/>. Acesso em: 23 de Julho de 2018.

NYT BOOKS. Disponível em: <<https://www.instagram.com/nytbooks>>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.

NYT COOKING. Disponível em: <<https://www.instagram.com/nytcooking>>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.

NYT CHINESE. Disponível em: <<https://www.instagram.com/cn.nytimes>>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.

NYT OPINION ART. Disponível em: <<https://www.instagram.com/nytimesopinionart>>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.

NEW YORK TIMES - GENDER. Disponível em: <<https://www.instagram.com/nytgender>>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.

NEW YORK TIMES TRAVEL. Disponível em: <<https://www.instagram.com/nytimestravel>>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.

OBITUARIES, NYT (@NYTObits). Disponível em: <<https://twitter.com/NYTObits>>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.

OCHS, Adolph. **Without fear or favor**. Disponível em:
<https://www.nytimes.com/1996/08/19/opinion/without-fear-or-favor.html>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.

OPINION, NYT (@nytopinion). Disponível em: <<https://twitter.com/nytopinion>>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.

PALACIOS, Marcos. Convergência e memória: jornalismo, contexto e história. Matrizes. Ano 4 – Nº 1 jul./dez. 2010 - São Paulo - Brasil

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidade, espaço e tempo: reflexões sobre a memória e o patrimônio urbano. Cadernos do LEPAARQ, Pelotas, v. 2, n. 4, 2005. RONCAYOLO, Marcel. La ville et ses territoires. Paris. Gallimard, 1990.

PHOTO, NYT (@nytimesphoto). Disponível em: <<https://twitter.com/nytimesphoto>>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.

POLITICS, NYT (@nytpolitics). Disponível em: <<https://twitter.com/nytpolitics>>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, 1992.

RAYMOND, Matt. How Tweet it is! Library acquires entire Twitter Archive. Library of Congress Blog. Disponível em: <http://blogs.loc.gov/loc/2010/04/howtweet-it-is-library-acquires-entire-twitter-archive>. Acesso em: 2 de abril de 2019.

RETTBERG, Jill. **Seeing ourselves through technology**. Palgrave Macmillan, Nova York, 2014.

ROSSETTI, Regina. Supressão do tempo na sociedade midiaticizada. In: Christina Ferraz Musse; Herom Vargas; Marcos Nicolau. (Org.). **Comunicação, mídias e temporalidades**. 1ed. Salvador: EDUFBA, 2017, v. 1, p. 79-96.

RULLI JÚNIOR, A.; RULLI NETO, A. **O direito ao esquecimento e o superinformacionismo**: apontamentos no direito brasileiro dentro do contexto de sociedade da informação. Revista do Instituto do Direito Brasileiro, ano 1, n 1, p. 419-434, 2012.

RUMSEY, Abby. **When are no more** – how digital memory is shaping our future? London: Bloomsbury, 2016.

SALIBA, Raquel. **A construção do jornalismo audiovisual na web: um olhar sobre o New York Times e o Buzzfeed**. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/5443>. Acesso em: 29 de agosto de 2018.

SARLO, Beatriz. Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva. Tradução Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SCHUDSON, Michael. **Descobrendo a notícia**: Uma história social dos jornais nos Estados Unidos. Petrópolis: Vozes, 2010.

SHOW, NYTimes Travel (@NYTTravelShow). Disponível em: <<https://twitter.com/NYTTravelShow>>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.

SILVA, Juremir Machado. As Tecnologias do Imaginário. Porto Alegre, Sulina, 2006.

SILVA JUNIOR, JOSE AFONSO . Fluxos de notícias e cidades: redes digitais, urbanidade e o lugar do jornal.. In: Angela Prysthon e Paulo Cunha. (Org.). Ecos urbanos: a cidade e suas articulações midiáticas / organizado. Porto Alegre/ RS: Sulina, 2008, v. único, p. 83-102.

SPALTER, Ian. 2016. Designing a new Look for Instagram, Inspired by the Community. Disponível em: <https://medium.com/@ianspalter/designing-a-new-look-for-instagram-inspired-by-the-community-84530eb355e3>. Acesso em 11 de abril de 2019.

SPORTS, NYT (@NYTSports). Disponível: <<https://twitter.com/NYTSports>>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.

STURKEN, Marita. Memory, consumerism and media: Reflections on the emergence of the field. **Memory Studies**, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 73-78, jan. 2008. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/1750698007083890>>. Acesso em: 29 nov. 2018.

TALESE, Gay. **O reino e o poder**: uma história do *New York Times*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

TALKS, Times (@TimesTalks). Disponível em: <<https://twitter.com/TimesTalks>>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.

TECH, NYTimes (@nytimestech). Disponível em: <<https://twitter.com/nytimestech>>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.

THEATER, NYT (@nytimestheater). Disponível em: <<https://twitter.com/nytimestheater>>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.

THE NEW YORK TIMES. Disponível em: <<https://www.instagram.com/nytimes>>. Acesso em: 22 de outubro de 2018.

THE NEW YORK TIMES ARCHIVE. Disponível em: <<https://www.instagram.com/nytarchives/>>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.

THE NEW YORK TIMES MAGAZINE. Disponível em: <<https://www.instagram.com/nytmag/>>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.

THE NEW YORK TIMES STORE. Disponível em: <https://www.instagram.com/nytimesstore>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.

THE NYTIMES STYLE MAGAZINE. Disponível em: <<https://www.instagram.com/tmagazine>>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.

THOMPSON, E. P. “A história vista de baixo” (1966), IN: Negro, Sergio & Silva, Antonio Luigi (orgs). E.P. Thompson. **As peculiaridades dos ingleses e outros ensaios**. Campinas: Editora Unicamp, 2001

TIMES, The New York (@nytimes). Disponível em: <<https://twitter.com/nytimes>>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.

UPSHOT, The (@UpshotNYT). Disponível em: <<https://twitter.com/UpshotNYT>>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.

VAN HOUSE, Nancy; CHURCHILL, Elizabeth. Technologies of memory: Key issues and critical perspectives. **Memory Studies**, [S.l.], v. 1, n. 3, p. 295-310, set. 2008. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/1750698008093795>>. Acesso em: 29 nov de 2018.

VAN HOUSE, Nancy et all. **The social uses of personal photography: methods for projecting future imaging applications**. Disponível em: <http://morganya.org/research/berkeley04-vanhouse-photos.pdf>. Acesso em: 20 de Março de 2018.

VIANA, HUMBERTO; MUSSE, CHRISTIINA. Globo 50 Anos de Jornalismo: dos Bastidores da Rememoração à Credibilidade Factua. In: 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. [s.l.: s.n.], 2018. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1791-1.pdf>>. Acesso em: 3 jun. 2019.

VIDEO, New York Times (@nytvideo). Disponível em: <<https://twitter.com/nytvideo>>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.

WAR, NYT At (@NYTimesAtWar). Disponível em: <<https://twitter.com/NYTimesAtWar>>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.

WATCHING, NYT (@Watching). Disponível em: <<https://twitter.com/Watching>>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.

WATTÉ, Bruno. **O modelo de negócios do The New York Times na era da internet**: uma referência para a indústria de jornais / Bruno Henriques Watté. Belo Horizonte, 2013.

WOLTON, Dominique. Internet is not a media. Dominique Wolton in conversation with Catherine Mallaval, Liberation, 20/21 March 1999. Disponível em: <<http://www.nettime.org/Lists-Archives/nettime-l-9908/msg00118.html>>. Acesso em: 4 de abril de 2019.

WOODS, Ben. 2013. Instagram - a Brief History. Disponível em: <https://thenextweb.com/magazine/2013/06/21/instagram-a-brief-history/>. Acesso em 10 de abril de 2019.

WORLD, New York Times (@nytimesworld). Disponível em: <<https://twitter.com/nytimesworld>>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.

ZELIZER, Barbie. Why memory's work on journalism does not reflect journalism's work on memory. In: Memory Studies 1, 79, Sage, 2008. Disponível em: <<http://mss.sagepub.com/content/1/1/79.full.pdf+html>>. Acesso em: 03 set. 2009.

ANEXO A - *Corpus de análise*

 nytimes








 Curtido por **nytimes** e outras **1.275** pessoas

nytimes Wine, more than hard liquor, "seemed to be the favorite drink" on December 31, 1971, when young revelers gathered in Times Square to wait for midnight. When one young woman fainted, a police officer told [@nytimes](#) that it was "as much the wine as the crowd." "For the most part, the crowds were happy and orderly, but one major event hung over the celebrations: the Vietnam War. In the Times Square turnout, groups of antiwar demonstrators mingled with clusters of 'Jesus People,' each with their own banners," [@nytimes](#) reported. And in a New Year's Eve speech, Governor Rockefeller said it was "important that we remember a group of New Yorkers who cannot partake fully of the joyous seasonal spirit. These are the more than 100 families from our state who have sons, husbands, fathers in the prison camps of North Vietnam." Long before the ball dropped that day, our photographer Carl T. Gossett took this photo of children sending seasonal greetings into the sky on behalf of the March of Dimes from the 86th floor of the Empire State Building. The event, which took place every year, was part of a campaign for funding. — [@kermac](#), [@nytimes](#) social photo editor #HappyNewYear #NewYear

Ver 1 comentário

1 de janeiro de 2018 · Ver tradução

 nytimes








 Curtido por **nytimes** e outras **858** pessoas

nytimes It's time to say goodbye to the holidays, if you haven't already done so. In January 1960, a pile of Christmas trees went up in a "blaze of glory" in Queens as our photographer Patrick A. Burns looked on. "All over town yesterday Christmas trees still sparkling with tinsel lay discarded on sidewalks or in the streets," Gay Talese wrote in [@nytimes](#). "Then at 10 a.m., 200 Sanitation Department workmen with trucks began to pick them up and drive them to the junk yards to be cremated or buried." While some of the workers were tasked with burning trees, others dumped them into a barge under the Brooklyn Bridge. "From there they will be floated to a big fire tomorrow in Fresh Kills, Staten Island," our article said. Those trees that weren't burned were buried in dumping areas in Brooklyn, Queens, Staten Island and the Bronx. The Sanitation Commissioner told [@nytimes](#) that, within 20 years, there would be no more room in the city to bury the trees." — [@kermac](#), [@nytimes](#) social photo editor #🎄🔥 #ChristmasTrees

Ver todos os 7 comentários

2 de janeiro de 2018 · Ver tradução

 nytarchives



 Curtido por **nyt** e outras **1.105** pessoas

nytarchives "Hedonism reigned supreme," [@nytimes](#) reported in late December 1967, "as about 3,500 outlanders swarmed into Sugarbush Valley to ski out the old year and skoal in the new." This ski locale, found about 27 miles south of Montpelier, Vermont, had a reputation for attracting the wealthy, and as a result, its skiers with deep pockets were known for staging a "continuous fashion show" on Lincoln Peak, which was "sometimes called 'Mascara Mountain' because of the well-dressed skiers who schuss down its sides," [@nytimes](#) reported. Fashion statements, like this one captured by our staff photographer Barton Silverman, weren't limited to the slopes, though. [@nytimes](#) reported that on New Year's Eve, revelers sang "Auld Lang Syne" "dressed in everything from stretch pants and sweaters to formal evening clothes." There was just one catch: They did so on "Sugarbush Celebration Savings Time." Why did these ski bums celebrate an hour early? Because Vermont state law prohibited public drinking on Sundays. [@nytimes](#) reported that at 4:30 p.m. Saturday an announcement was made over a public address system informing skiers to set their watches ahead an hour so that 'midnight' would come at 11 p.m. and they would have an extra hour to imbibe. "What else can you do when you have the legislature against you?" grumbled one bar owner. — [@jlynnanderso](#), [@nytimes](#) social editor [#SugarbushValley](#) [#Skier](#) [#Skiing](#) [#SlopeStyle](#) [#🏔️](#) [#🐾](#)

Ver todos os 9 comentários

3 de janeiro de 2018 • Ver tradução

 nytarchives



 Curtido por **nyt** e outras **1.241** pessoas

nytarchives In December 1923, a photographer for [@nytimes](#) took this photo of the "great Broadway beauty" and movie comedienne Billie Burke Ziegfeld, right, and her daughter Patricia, left, with their dogs, Isabelle, Ziegy, Budge and Toddy, at their home in Hastings-on-Hudson, New York. Their 22-acre estate was called Burkely Crest. Its main house had 19 rooms, and its grounds contained cottages, stables, Japanese bridges, a swimming pool and a tennis court. "And then there were animals," [@nytimes](#) reported. "At one time, the Ziegfeld menagerie included a herd of deer, 2 bears, 2 lion cubs, partridges, pheasants, cockatoos, parrots, an elephant, 2 buffaloes, 7 dwarf ponies, geese, lambs, ducks, 300 chickens and 15 dogs." — [@jlynnanderso](#), [@nytimes](#) social editor [#BillieBurke](#) [#Ziegfeld](#) [#🐾](#)

Ver todos os 13 comentários

nyt Visit the link in our profile to see more photos of fine looking, well bred, aristocratic creatures — and the dogs they loved.



4 de janeiro de 2018 • Ver tradução

 nytarchives



620 curtidas

nytarchives "It's called zampino." This meat was a relative unknown in 1971, so the headline offered an introduction to readers of @nytmag. The Italian cut — a large boned pig's leg (often with trotter attached) stuffed with sausage — is even less common today. But Craig Claiborne, a former food editor of @nytimes, wrote about zampino several times while profiling butchers now long gone from the New York scene: the Molinari Brothers and Manganaro's. The latter popularized the 6-foot hero sandwich. A surviving butcher, Esposito Meat Market in Midtown Manhattan, sold zampino when this picture first appeared, but it said it no longer does. How to prepare the massive hunk of meat? The accompanying recipe called for simmering a pair of 8-pound zampini in water for a couple of hours, slicing them thin, and serving them with warm white kidney beans and tomato sauce. — @wonderdj, @nytfood #Italianfood

Ver todos os 18 comentários

alexandros_julus As he said above 🍷

kermac @marcoborciani i will take any excuse!



5 de janeiro de 2018 · Ver tradução

 nytarchives



1.665 curtidas

nytarchives "City Blanketed With Snow, but for a Short While," @nytimes reported in December 1952. Our staff photographer Eddie Hausner took this photo of the "dismal scene" at the freight yards at 72nd Street and 12th Avenue in Manhattan; on the right side of this photo, you can see cars moving cautiously along the West Side Highway. This weekend, New Yorkers won't be so lucky. Vivian Wang reported in @nytimes yesterday that the frigid air and icy, then slushy, messes that accompanied the "bomb cyclone" will linger on the East Coast for days. "With highs near 15 and lows around 9" in the New York area, "it will feel like 5 or 10 below zero with the wind," Vivian wrote. (That means that a hat and gloves are an absolute must!) — @jlynnanderso, @nytimes social editor #BombCyclone #WinterStorm #Snow #☁️ #❄️

Ver todos os 3 comentários

6 de janeiro de 2018 · Ver tradução

 nytarchives



654 curtidas

nytarchives The Hare Krishna movement was born in a former gift shop in the East Village in Manhattan. Today, it's more popular in India, but it was the United States that nurtured it in the late 1960s and '70s. "Early devotees were mostly white Westerners, many of whom were disillusioned with American culture as the Vietnam War bore on," Kaya Laterman wrote in [@nytimes](#) last month. The man known to his followers as Srila Prabhupada founded the Hare Krishna Society in 1966, the same year this photo was taken. The poet Allen Ginsberg, who attended this session in Tompkins Square Park, said that the chanting brought "a state of ecstasy." He explained: "For one thing, the syllables force yoga breath control; that's one physiological explanation." The ecstasy of the mantra had replaced LSD and other drugs for many followers, Ginsberg told [@nytimes](#). The swami and his followers gave up "all intoxicants," including coffee, tea and cigarettes. "In this sense, we are helping your government," he told [@nytimes](#). But he went on to say that the government had not appreciated the help. When his one-year visitor visa expired, he was asked to leave the U.S. — [@kermac](#), [@nytimes](#) social photo editor [#TompkinsSquarePark](#) [#HareKrishna](#) [#AllenGinsberg](#) [#VietnamWar](#)

Ver todos os 10 comentários

7 de janeiro de 2018 • Ver tradução

 nytarchives



1.305 curtidas

nytarchives A photographer for [@nytimes](#) took this photo of Thomas Edison punching out on the time clock at his plant in New Jersey on February 11, 1921. Our caption notes that the celebrated inventor was off to lunch, "allowing himself half an hour as usual for midday meal" — even on his 74th birthday. The day before, during an interview in which Edison voiced his opinions on topics including mankind, government, sales tax and international disarmament, one correspondent asked the inventor if he could give any advice to a young man starting a career in the business world. "I can't give any advice on this subject," he replied. Then he added: "All I know is that if a man has reached 21 and is dead mentally, no amount of advice, example or experience will ever change him in the slightest. If at some period between 12 and 16 he can be interested in some subject and becomes enthusiastic, he will advance and become a high type of man. If not, he will be a mental dead one." — [@nytryan](#) and [@jlynnanderso](#) [#ThomasEdison](#)

Ver todos os 9 comentários

11 de fevereiro de 2018 • Ver tradução

 nytarchives



 Curtido por **nytimes** e outras **1.064** pessoas

nytarchives "If you want a place to talk all night, this is the place. This is the ride that can eat up the clock," Frank Balchaitis of Merrick, Long Island, told [@nytimes](#) in February 1969. As you might have guessed from this photo, taken by our staff photographer Jack Manning, Frank was talking about the Staten Island Ferry, which he called "the last nickel date in New York, maybe in the United States." This "umbilical cord to Manhattan" has existed in some form since 1712, but our 1969 article focused less on the ferry's long history and more on the people aboard it at the time. This included, among others, a "middle-aged drunk," who "egged on by derisive youths, brayed old songs"; a young man who "blew vigorously into a harmonica while acquaintances nodded and beat time"; and young couples who "necked on the wooden benches or in the cold darkness of the bow." And at the wheel? Capt. Claude Haycock, a ferryboat skipper who told [@nytimes](#) that he enjoyed steering the boat during the winter because he didn't have to worry about "those damned armchair admirals in their yachts and cabin cruisers and speedboats and whatnot." — [@nytryan](#) and [@jlynnanderso](#) [#StatenIslandFerry](#)

Ver todos os 5 comentários

12 de fevereiro de 2018 · Ver tradução

 nytarchives



 Curtido por **nytimes** e outras **924** pessoas

nytarchives This year's women's Olympic figure skating champion will be crowned next week in Pyeongchang, South Korea. But in 1976, it was Dorothy Hamill who took home the gold medal for the United States at the Winter Olympics in Innsbruck, Austria. She won the World Championships that year as well, and she retired from amateur competition shortly thereafter. The following year, on January 10, 1977, our staff photographer Tyrone Dukes captured Hamill at [@thegarden](#), where she was rehearsing before opening night of the Ice Capades. She would go on to make her professional debut that night. [@nytimes](#) gave the show a mixed review, describing 2 of the numbers, a tropical island sequence and a country music hoedown, as "elaborate but dull," and a third, a magic show, as "puzzling without being interesting." But our reporter, Richard Eder, wrote glowingly about "the power and precision of Dorothy Hamill, bursting down the ice alone, commanding the whole expanse of the big rink and breaking it into obedient semicircles, triangles and pinwheels." During her first number, he wrote, "as she surged around, impaling and corkscrewing on her own movements, it was like one clear voice coming out of a tumult." — [@johannabarr](#), [@nytimes](#) assignment editor [#figureskating](#) [#olympics](#)

Ver todos os 5 comentários

13 de fevereiro de 2018 · Ver tradução

 nytarchives



1.428 curtidas

nytarchives On Valentine's Day in 1957, a group of New Yorkers set out to exercise their love for the city — and the environment. Armed with spray cans and stencils, a group of students from Claremont Secretarial School spent the day at work in Midtown Manhattan. "White enamel footprints, painted yesterday on the pavements of Times Square, led to litter baskets in a suggestion to pedestrians to keep the city clean," [@nytimes](#) reported. Each basket was adorned with a red heart and a message: "Have a Heart. A Clean N.Y. Is Up to You!" Perhaps some matching cards would have ended up in the bins that day. The total number of Valentine's Day cards bought and mailed that year was "a truly staggering tribute to romance — by latest count no less than 400,000,000," [@nytimes](#) reported in a separate article. One of our staff photographers took this photo of one of the students stenciling near one of the trash bins. The previous year, [@nytimes](#) covered another stunt aimed at cleaning up the area. "What is said to be the world's largest litter basket was placed in Times Square yesterday morning," the paper reported in January 1956. At 20 feet high, the bin could hold 40,000 pounds of trash. — [@kermac](#), [@nytimes](#) social photo editor #❤️ #ValentinesDay #environment #TimesSquare

Ver todos os 2 comentários

14 de fevereiro de 2018 • Ver tradução

 nytarchives



1.137 curtidas

nytarchives "A peculiar, although hardly fortuitous, combination of economic necessity, artistic aspiration and legal pressure has contrived to create in Greenwich Village a kind of night life probably unmatched in New York (or elsewhere) for variety and sheer vitality," [@nymag](#) reported in February 1961. In this New York City neighborhood, evenings could be "frittered away for as little as 50 cents or as much as \$50 a head," [@nymag](#) explained. Our article went on to note several other features of Greenwich Village — some tangible ("a dozen kinds of exotic coffee and 2 dozen of ambiguous pastry") and others intangible ("its genuine sophistication and tremulous innocence; its grim avant-gardism and winningly improvisatory air.") Our staff photographer Sam Falk took this photo of Nina Simone performing in Greenwich Village in January 1961. — [@jlynnanderso](#), [@nytimes](#) social editor #NinaSimone #GreenwichVillage #🎤

Ver todos os 4 comentários

16 de março de 2018 • Ver tradução

 nytarchives



1.216 curtidas

nytarchives On March 16, 1968, 50 years ago today, Senator Robert F. Kennedy announced his candidacy for the Democratic Presidential nomination. Our staff photographer George Tames, who chronicled 10 U.S. presidents, spanning from Franklin D. Roosevelt to George H.W. Bush, took this photo of RFK that day in the Caucus Room in the Old Senate Office Building. On June 6, 1968, less than 3 months after this photo was taken, Kennedy, like his brother 4 and a half years earlier, was murdered by an assassin. His death "deepened Americans' soul-searching as they grappled with the legacies of racial injustice and divisions over the nation's involvement in the Vietnam War," our obituaries reporter Sam Roberts wrote in 2016. 2 days after Kennedy's death, the playwright Arthur Miller penned a searing Op-Ed in which he demanded that Americans "face the fact that the violence in our streets is the violence in our hearts." — @jlynnanderso, @nytimes social editor #RobertKennedy #BobbyKennedy #RFK #OnThisDay

Ver todos os 8 comentários

16 de março de 2018 · Ver tradução

 nytarchives



1.137 curtidas

nytarchives Happy St. Patrick's Day! A number of myths and misconceptions surround this celebration of Irish culture. Allow us to present the facts: "Scientists say there were never any snakes in Ireland, for one thing, which contradicts the tale of St. Patrick driving them into the sea," Charles McDermid wrote this week in @nytimes. And as for the the real Patrick, who became a patron saint of Ireland? "He wasn't even Irish," Charles reports. What about the traditional corned beef? It was "introduced by Irish immigrants who bought it from Jewish neighbors in New York City." And then there's the color. "It was once St. Patrick's blue." Green, it turns out, dates to 18th-century Irish independence movements. Our staff photographer Patrick Burns took this photo at the St. Patrick's Day parade in Manhattan in March 1970. Here, members of the Bishop McDevitt High School honor guard, from Wyncote, Pennsylvania, can be seen twirling shamrock-bedecked parasols on Fifth Avenue. — @jlynnanderso, @nytimes social editor #StPatricksDay #☘

Ver todos os 9 comentários

17 de março de 2018 · Ver tradução

 nytarchives



1.530 curtidas

nytarchives John Lennon said, "If you tried to give rock 'n' roll another name, you might call it 'Chuck Berry.'" The rock legend Chuck Berry died 1 year ago today. "While Elvis Presley was rock's first pop star and teenage heartthrob, Chuck was its master theorist and conceptual genius, the songwriter who understood what the kids wanted before they knew themselves," our chief pop music critic, Jon Pareles, wrote last year in the musician's obituary. Berry never won a Grammy Award in his prime, but by the 1980s, he was recognized as a rock pioneer. In 1984, he was given a lifetime achievement award by the Recording Academy. 2 years later, he was in the first group of musicians inducted into the Rock & Roll Hall of Fame. Our staff photographer Donal F. Holway took this photo of Berry performing at a 1950s rock revival concert in 1971. — @jlynnanderso, @nytimes social editor #ChuckBerry #OnThisDay

Ver todos os 8 comentários

18 de março de 2018 • Ver tradução

 nytarchives
Union Square



1.768 curtidas

nytarchives Bundle up! In March 1993, a storm with "the heart of a blizzard and the soul of a hurricane" hit the Northeast. The storm, which spawned deadly tornadoes and 6-foot snowdrifts in the South, invaded the New York City region with "blinding snow, driving sleet and winds that sometimes reached over 100 miles an hour," @nytimes reported. Our staff photographer Suzanne DeChillo took this picture of one New Yorker braving the blustery day on 14th Street in Manhattan. The enormous storm was blamed for at least 33 deaths (14 in Florida). It also cut power to 2.5 million homes, forced thousands to evacuate flooded shores, closed many airports and roads, and virtually shut down normal life in the eastern United States. "This could be the worst storm of the century," the @nws declared. And in the words of our reporter Robert D. McFadden: "In its timing, awesome size and destructive power, the storm conveyed a kind of majesty as well as a sense of history. It arrived a week before spring on the anniversary of one of the nation's worst storms: the Blizzard of 1888, a 3-day onslaught that left 400 people dead." — @kermac and @lancebooth #❄️ #blizzard #BundleUp

Ver todos os 9 comentários

21 de março de 2018 • Ver tradução



nytarchives Curtido por **nytimes** e outras **655** pessoas
nytarchives "As Senator George McGovern learned the hard way this morning, this is the year of what might be called 'group identity' at the Democratic National Convention," @nytimes reported in 1972. Before an audience of about 1,000 women, the Democrat listened "with quiet satisfaction" while a speaker discussed the senator's efforts to open the party to political minorities. "The credit for that," he said, "must go to Adam." His words didn't go over well. That same day, our staff photographer George Tames took this picture of McGovern talking to @gloriasteinem. "The convention floor is going to look like the country, or almost like the country, for the very first time," @nytimes quoted her as saying in another article published that week. Its headline: "Delegates' New Look: A Sparkling Fashion Show All Their Own." Indeed, one of our reporters focused on convention fashion — "ironed hair and crisp minis; superbly-cut, hip-hugging bell bottoms; halters; double-knit suits; floor-length cottons; Bob Dylan boots and granny glasses." "I've never seen so many pretty girls collected under one roof in my life," one "dazzled" man was quoted as saying. Among the women who were interviewed were a 19-year-old with "long lashes and cropped black hair" and a 25-year-old "in a gauzy, embroidered lawn mini." — @kermac, @nytimes social photo editor #GloriaSteinem #WomensHistoryMonth

Ver todos os 5 comentários

21 de março de 2018 • Ver tradução



nytarchives Curtido por **nytimes** e outras **1.628** pessoas
nytarchives Flushing Meadows Corona Park in Queens was the site of 2 world's fairs, one in 1939-40 and another in 1964-65. "The first fair laid out a glorious vision for the automobile: General Motors' Futurama exhibition, designed by Norman Bel Geddes, depicted the multilane highways of the future. The second fair arrived with that vision mostly realized — and the automobile near the pinnacle of its power and prestige," Phil Patton wrote in @nytimes in 2014. Robert Moses saw the 1964 fair as a chance both to make up for the financial disaster of the first one — and to create a great urban park in Queens. To ensure his fair made enough money, he wanted an exhibition that had "something for everyone." So, among other things, he recruited Disney to create 4 attractions, including the original "It's a Small World" ride. Neal Boenzi photographed Disney himself at the Ford pavilion. On the main attraction, the Magic Skyway Ride, designed by Disney, visitors sat in new Mustang convertibles — and other Ford models — as they rolled past displays of mechanically animated dinosaurs, mammoths and a Neanderthal man. The year before this photo was taken, @nytimes published a photo of Ford and Disney looking over a scale model of the pavilion. — @kermac, @nytimes social photo editor #WaltDisney #WorldsFair #FlushingMeadows #Queens

Ver todos os 18 comentários

21 de março de 2018 • Ver tradução

12:12

Foto

nytarchives



924 curtidas

nytarchives In 1925, a staff photographer for @nytimes took this photo of Kathryn Ray, who had taken the title of "Miss Coney Island" and would be moving forward to compete for the "Miss America" crown. In addition to being a beauty queen, Kathryn was also a cast member of a Broadway musical. "Even though she is a professional beauty, Miss Kathryn Ray of New York ... will be accepted as an inter-city representative and be allowed to compete for the crown of 'Miss America,' the nation's most beautiful bathing girl," @nytimes reported. Some people had a problem with that. Ruth A. Malcolmson of Philadelphia, that year's "Miss America," declared that she wouldn't defend her crown if "professional girls" would soon be allowed to compete against her. She charged that by admitting "professional" entries like Kathryn — women making money — the pageant was being commercialized. @nytimes reported that "criticisms are being hurled about in the 'battle of the beauties,'" a dispute involving 3 beauty queens, including Kathryn and Ruth. "It has been charged that Miss Malcolmson has received pay for appearance in various localities, thus becoming a professional," the paper reported. — @kermac, @nytimes social photo editor #MissAmerica #BeautyPageant

Ver todos os 7 comentários

22 de abril de 2018 • Ver tradução

12:12

Foto

nytarchives



1.027 curtidas

nytarchives The city that never sleeps is also the city that never stops moving. New York was supposed to come to a halt on the first day of April in 1980 — but it refused. The city was heading into a transit strike that, as @nytimes put it, "reinforced a semitruth that tends to make New Yorkers feel better about themselves — that no matter what the adversity, they can handle it with aplomb." That morning, our photographer @fredconrad took this picture of commuters cycling — "albeit shakily" — across the Queensboro Bridge. Others got to work on roller skates, by boat and by car. One man, who walked, told @nytimes that he wasn't sure why he didn't avoid the subway more often. "All these health spas that they have — why, you can't beat walking," he said. Of course, the strike was just beginning. "Today it's ha ha ha," a police officer, John Maronna, told our reporter Clyde Haberman. "It's only a matter of time, and it's going to change." When the strike was over, @nytimes followed up on the bicyclists: "One casualty of the transit strike, for many New Yorkers, has been the image of bicycle riding as a beneficent, healthy thing," @nytimes wrote on April 12. "One pedestrian viewed it as a war between the walkers and some of the more aggressive riders." — @kermac, @nytimes social photo editor #NYCommute

Ver todos os 4 comentários

andyrobinsonphotos @nytarchives Is it possible to buy prints of any of those? Specifically tho this one :)

nytarchives @andyrobinsonphotos you can visit the NYT store to make requests: nytimes.com/store 📷

23 de abril de 2018 • Ver tradução



 Curtido por **nytimes** e outras **1.147 pessoas**
nytarchives Imagine a world before FaceTime. In 1964, our photographer Sam Falk took this picture of a boy using the "Picturephone," which debuted that April at the New York World's Fair. With Ford Mustangs, color televisions and "see-as-you-talk" telephones, the fair was a celebration of things to come. And the Picturephone stuck around — at least for a while. A year after this photo was taken, one of our reporters joined a group of businessmen as they called customers in Washington. "While this might sound like something out of 1984, it is far from that," @nytimes reported. "Some companies have found that they can sell effectively by demonstrating their products to customers miles away without actually traveling to see them." The men walked away with an order for nearly \$8,000 in merchandise — and saved both time and money in the process. Of course, there were limitations. To use a Picturephone, you had to go to an air-conditioned booth at Grand Central Terminal in New York, the Prudential Building in Chicago or the @NatGeo Building in Washington. And there was no time for small talk: A 3-minute "a see-as-you-talk call" between New York and Chicago cost \$27 — more than \$200 today — plus tax. Each additional minute: \$9. — @kermac, @nytimes social photo editor #📞 #Picturephone #WorldsFair #Queens #1960s

Ver todos os 9 comentários

annascaptain I suspect the phone was at Grand Central Terminal. There is a Grand Central station but it's the subway and I would be surprised if they had put the booth down there. Although that would have been pretty cool.

nytarchives @annascaptain very good point. Thank you!

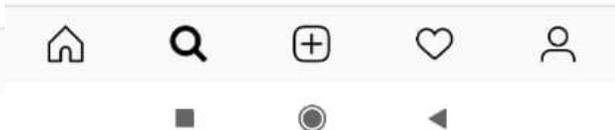
24 de abril de 2018 · Ver tradução



997 curtidas
nytarchives "It is nearly 10 o'clock on McHenry Avenue and the Friday night traffic and chatter along the 2-mile strip is reaching a neon intensity," @nytimes reported from Modesto, California, in April 1974. "The cars are jammed with teenagers cruising the avenue searching for a date, a party or anything else that can break the monotony of a long weekend in the San Joaquin Valley." Was it possible, @nytimes asked, that a pastime that dated to the 1950s was still popular with the kids? "Well, as the feather-dusted vernacular of the period would put it, you better believe it," our reporter, Jon Nordheimer, decided. The photographer Teresa Zabala captured this crowd of cool kids in Modesto, the inspiration for the 1973 George Lucas film "American Graffiti." It was "the time-incapsulated pop-image of Modesto in the summer of 1962 that is so effectively caught by the film," Jon wrote. "I felt empty at the end of the movie," one 17-year-old, riding in a Mustang, told him. "I didn't want it to end. I wanted to live back then." Jon seemed to scoff at that idea: "Live back then? In 1962? With brush haircuts and Madras shirts and the Twist? Abandon marijuana, streaking and hard acid rock?" — @kermac, @nytimes social photo editor #California #GeorgeLucas

Ver todos os 8 comentários

25 de abril de 2018 · Ver tradução



Foto

Foto

nytarchives

nytarchives
Central Park Carousel



699 curtidas

nytarchives "America is still a land of promise, Senator Irving M. Ives declared last night at a dinner in the Hotel Astor opening the 10th annual campaign for the Greater New York Fund," @nytimes reported in April 1947. The senator went on to tell the crowd of 1,200 that the country was "still a better place than all the totalitarian regimes that were ever dreamed of in the crooked philosophies of the dictators." The money raised by the Greater New York Fund that year – a target of \$6 million – was to be distributed among the city's hospitals and health and welfare agencies. To kick things off, "a 29-foot-long, 6-ton howitzer was 'fired' as the opening gun in the campaign," @nytimes reported. One of our staff photographers took this photo of a child actress named Margaret O'Brien doing the honors in Times Square the day before the evening event. – @kermac, @nytimes social photo editor #TimesSquare

Ver todos os 2 comentários
26 de abril de 2018 · Ver tradução



Curtido por nytimes e outras 894 pessoas

nytarchives "First you go in the chariot or on a horse that doesn't go up and down," Sal Napolitano, an attendant and vendor at the Central Park carousel, told @nytimes in 2009. "Then you go up and down with your parents. Then your parents watch from outside." Sal, who at that point had worked at the carousel for 39 years, then explained that riders would take a break during their teenage years. "Then they come back with their boyfriends and girlfriends. And then with their children. It's like a circle." Our staff photographer Sam Falk took this photo of Lisa Rasmussen in May 1958. The caption that accompanied this photo notes that the then 3-year-old "equestrienne" can be seen here waving from a "wild-eyed charger." What brought Lisa to the carousel that day? She told @nytimes that "one day in my dream a doll was riding, and that is why I like to ride." – @jlynnanderso, @nytimes social editor #CentralPark #CentralParkCarousel #Carousel #👧

Ver todos os 4 comentários
27 de abril de 2018 · Ver tradução





nytimes Curtido por **nytimes** e outras **781** pessoas

nytimes "Politics and sports, kissing cousins in New York for a long time, blended last night at the Vanderbilt Athletic Club in the Grand Central Terminal Building," **nytimes** reported in April 1970. "But there was boxing rather than kissing," our article clarified. That evening, 300 people attended a charity buffet dinner that concluded with 7 bouts between amateur boxers from the New York and Chicago teams in the International Boxing League. Seats were sold at \$50 and \$100 each, and the funds went to the Governor's Committee on Scholastic Achievement, an organization that provided scholarships for minority groups. Bill Mathis, the former captain of the New York Jets and then a stockbroker, served as chairman at the event. "I figured it was about time I contributed to this city rather than take," he told **nytimes**. "I had been a taker all these years." (The next year, Mathis was charged by the Securities and Exchange Commission with reaping illegal securities trading profits from insider information.) Our staff photographer Larry C. Morris took this photo of 2 boxers sparring during the charity event. — @lancebooth and @jlynnanderso #boxing #

Ver todos os 3 comentários
28 de abril de 2018 · Ver tradução



nytimes Curtido por **nytimes** e outras **857** pessoas

nytimes In May 1931, a photographer for **nytimes** photographed Igor I. Sikorsky with a model of his 4-engine flying boat. The largest airplane built in the U.S. at the time, the craft was used by Pan American on its Latin-American routes. Igor, who died in 1971, was a legendary aviation pioneer. His designs were inspired by the science-fiction novels of Jules Verne, which he'd read as a child in Ukraine, and Leonardo da Vinci's efforts to design a flying machine. Working between 11 p.m. and 4 a.m., Igor designed everything from a 2-engine plane (which flew successfully in 1913) to "the world's first practical helicopter." In 1939, the year the helicopter made it off the ground, he told **nytimes**: "I constructed the helicopter without knowing how to build it, but knowing one thing firmly — that I would have to build it and pilot it." His helicopter was "spindly, a seeming grab bag of steel tubing, gears and drive belts topped by a single 3-blade rotor and a 2-blade rotor at its tail," **nytimes** wrote in Igor's obituary. "Into its open cockpit climbed the 50-year-old Igor Ivanovich Sikorsky, dapperly clad in a black overcoat and a jaunty Homburg. He started the 75-horsepower engine, pulled on the pitch control and inched the plane off the ground until it hung clear for 10 seconds." He later called the helicopter "the servant of humanity." — @kermac, **nytimes** social photo editor #aviationhistory #flyingboat

Ver todos os 6 comentários
1 de maio de 2018 · Ver tradução





nytimes Curtido por **nytimes** e outras 1.317 pessoas

nytimes "Along First Avenue early yesterday afternoon children clustered to see Ringling Brothers, Barnum Bailey circus that was here once more and on its way to Madison Square Garden," **@nytimes** reported in April 1937, when a staff photographer took this picture. The visitors had arrived by train in the Bronx, and a "sprawling throng" gathered at the Mott Haven railroad yards to watch the "business of unloading." It was "the same complicated yet swiftly accomplished task that has intrigued watchers for years," **@nytimes** reported. After a close call in the unloading process, the parade began to make its way south. Seeing a large, canvas-covered wagon, children on every corner cried, "Hey, what's in there?" "It seemed a shame to yell back, 'property,'" **@nytimes** reported. By 3 p.m., elephants, horses, ponies and more were settled in at **@thegarden**. "The huge cellar reverberated to the trumpeting of the bulls and the whinnying of ring stock waiting for the opening of the circus on Thursday." — **@kermac**, **@nytimes** social photo editor #WW2 #elephants #circus

Ver todos os 11 comentários

1 de maio de 2018 · Ver tradução



nytimes Curtidas

nytimes In May 1942, our photographer George Alexanderson visited New York's centrally operated kitchen, where hot lunches were prepared daily for schoolchildren all over the city. The huge operation, in a former candy factory in Long Island City, had served as many as 119,000 kids a day. Run by the Works Projects Administration — a New Deal program that gave millions work during the Great Depression — the kitchen would be used to feed more New Yorkers only in the event of a war emergency, **@nytimes** reported. When the announcement was made, the staff there prepared and distributed about 70,000 meals a day. But in the event of a war crisis, the kitchen and similar facilities elsewhere would be able to contribute to "the simultaneous mass feeding of as many as 3,500,000 persons," **@nytimes** reported. Here, George photographed the sandwich department. Children also received a bowl of tomato and lima bean soup, a cup of milk and a dessert of stewed apricots and prunes. — **@lancebooth**, **@nytimes** photo editor #WW2 #LongIslandCity

Ver todos os 3 comentários

2 de maio de 2018 · Ver tradução





nytarchives



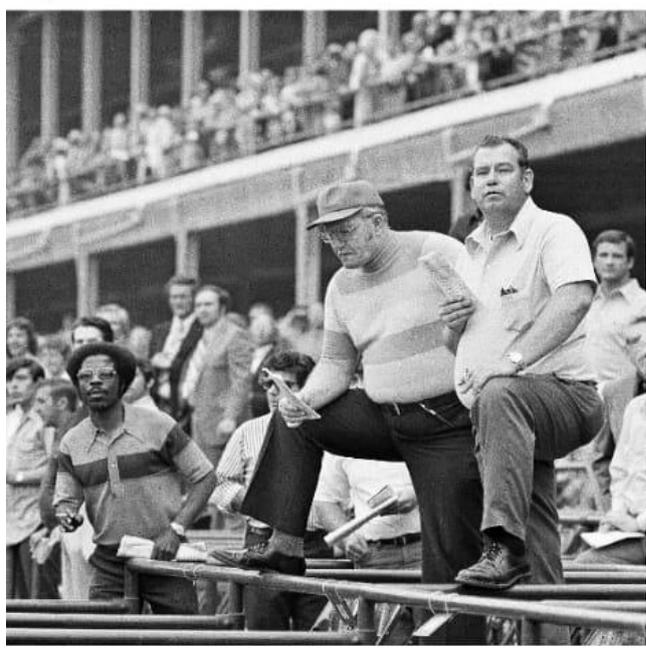
Curtido por **nytimes** e outras **1.321 pessoas**

nytarchives If you think this looks like a tea party, you're not far from the truth. In 1947, the members of the United States Board of Tea Experts gathered for their first annual meeting in 5 years. "7 middle-aged gentlemen are bending over a table with a rotating top determining with much solemn sniffing and sipping what sort of tea we Americans will be drinking in the coming year," [@nytimes](#) reported. One of our photographers took this picture of the group, whose goal was to establish standards for 8 to 10 different types of tea that would enter the U.S. that year. They were expected to taste about 150 varieties, judging them with appearance, aroma and flavor in mind. "The men use handleless, 8-ounce, white cups — white, so that color is readily apparent — and soup spoons in which to swoosh up the brew," [@nytimes](#) noted. And to prevent some serious caffeine highs, "no swallowing takes place," said Charles F. Hutchinson, the U.S. Tea Examiner. Nearly half a century later, in 1996, Congress voted to take the government out of the tea-tasting business, calling it an "anachronism that should have been done away with decades ago," according to a story that was published that year in [@nytimes](#). By that point, the ritual was nearly 100 years old — and cost taxpayers \$200,000. "We don't have a Coffee Board or a Candy Board," said [@senatorreid](#). "We do not need this Tea Board." In other words, it was not his cup of tea. — [@kermac](#), [@nytimes](#) social photo editor # 🍵 # 🍵 #teatime #timefotea #cupoftea

Ver todos os 20 comentários
3 de maio de 2018 • Ver tradução



nytarchives

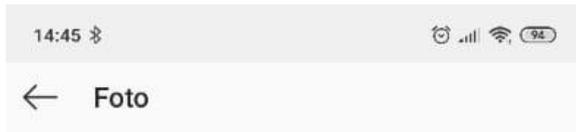


517 curtidas

nytarchives "Laguna Seca Ranch's Ga Hai defeated 4 rivals in what had to be one of the most unmemorable Derby Trials ever contested," [@nytimes](#) reported in May 1974. Our photographer Barton Silverman captured the race, which took place at Churchill Downs in Louisville, Kentucky. Although the event itself was forgettable — and the \$21,000 trial "brought only a yawn from most horsemen" — the California colt did come back from last place with about an 8th of a mile to go. Afterward, Ga Hai was expected to run in the Kentucky Derby, the main event. Reporters, too, seemed to be more interested in the Derby itself. "Even the shadow of a rumor (a horse with a hot ankle, a slow workout, a jockey about to be named to ride a 'no boy' horse) sends them scurrying off in another direction like schools of minnows," [@nytimes](#) noted. — [@lancebooth](#), [@nytimes](#) photo editor # 🐎 #kentuckyderby #louisville

Ver 1 comentário
4 de maio de 2018 • Ver tradução





nytarchives



638 curtidas

nytarchives "An enemy bent on destroying the United States would almost certainly rely on a sudden, massive air attack against our principal cities," @nytimes reported in August 1955. "If he used enough planes and enough stealth, some of them would almost as certainly get through with results that, in this age of nuclear destruction, are terrifying to contemplate." An accompanying photo essay, published in @nytmag, looked at divisions of the Continental Air Defense Command. "Here at this base" — Andrews Air Force Base in Maryland — "you get a vivid impression of the state of readiness of our air defense," @nytimes reported. "Around the clock, in all seasons, rocket-armed, fast-as-sound Sabre Jet fighters are poised to challenge within a matter of minutes any unknown intruder who ventures into the area it is their duty to guard," the introduction continued. The "men of ConAd" lived "perpetually in what would be a fireman's nightmare — an endless round of false alarms," @nytimes reported. "No hostile planes, obviously, have been sighted. But they are pledged never to relax their vigilance or rest their reflexes." This photo, taken by our staff photographer George Tames but not published at the time, shows the headquarters of the Eastern Seaboard Early Alert Warning System on Long Island, no "ConAd men" in sight. — @kermac, @nytimes social photo editor #GeorgeTames #1950s

Ver todos os 4 comentários

29 de maio de 2018 · Ver tradução



nytarchives



708 curtidas

nytarchives "A part of Africa is being created in New York." In 1935, the @amnh was putting the finishing touches on an exhibition that created "faithful exhibits of untamed beasts in their native environment." The exhibition, the Akeley Hall of African Mammals, was a memorial to Carl Akeley, a naturalist, sculptor and inventor who died in 1926 while collecting specimens in Uganda for the museum. A few months before his death, he'd suffered a nervous breakdown. "Wife will finish work," @nytimes reported at the time of his death. "Akeley is buried on a mountainside in the gorilla country, but this room is his memorial — the most perfect room yet designed for a museum," @nytimes wrote in 1935, adding that the new hall was "a taxidermist's dream. If the animals could come to life they would probably feel at home." The showcase, which still stands, recreated scenes based on scientific observations. "A museum to be effective must be alive," said James L. Clark, who was supervising the work. "Anything to be educational must be real, and we have joined science with art in these exhibits so that they will be exact reproductions of what the visitor would see if he were in a certain section of Africa." — @kermac, @nytimes social photo editor #NaturalHistory #AMNH #CarlAkeley

Ver todos os 5 comentários

30 de maio de 2018 · Ver tradução



 **nytarchives**
Bronx-Whitestone Bridge



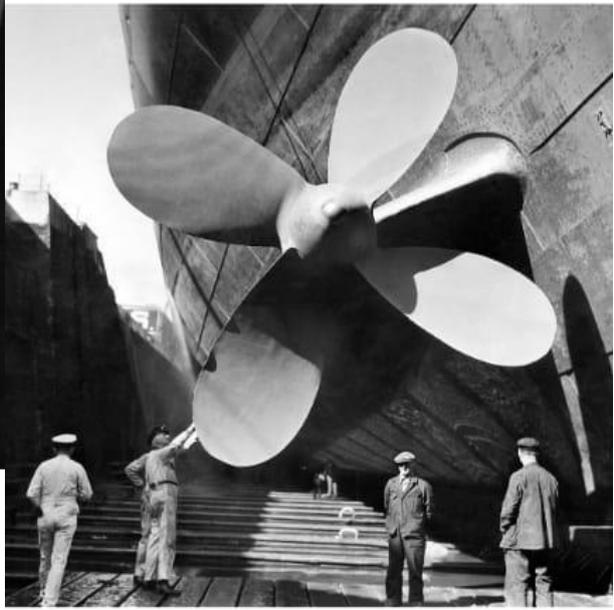
   

846 curtidas

nytarchives "One distraction they don't have: no one will poke a finger at the paint to see if it's really fresh." Our photographer Ernie Sisto took this picture of painters high above traffic on the Bronx-Whitestone Bridge in June 1953. The job wasn't easy: "They can work only in daytime and in dry weather," our caption said. "Moreover, wind velocity must be under 15 miles an hour." The bridge, which was rushed to completion in 1939 for the World's Fair, was the 4th-largest suspension bridge in the world when it opened. (It no longer holds that distinction.) At the time, it cost 25 cents to cross. (It no longer costs so little.) "Commissioner [Robert] Moses, who found time among his multitudinous activities to erect this structure, can be proud of it," [@nytimes](#) reported at the time. "But the real story is what the airplane passenger sees on a clear day: not merely another bridge or highway but a communications link set precisely where it ought to be." 40 years later, [@nytimes](#) reported on an anniversary celebration. Robert Moses spoke about the "airy, gossamer lightness" of the original bridge. It had since been reinforced with 14-foot trusses that "detracted a bit from the purity of its design, but kept it from swaying or falling as had been feared." [@nytimes](#) went on to note that "with people, even bridge-builders, adding strength is not so simply accomplished. Mr. Moses, now nearing 91 years of age, looked frail." — [@kermac](#), [@nytimes](#) social photo editor — [#BronxWhitestoneBridge](#) [#Bronx](#)

Ver todos os 6 comentários
31 de maio de 2018 • Ver tradução

 **nytarchives**



 Curtido por [nytimes](#) e outras 1.145 pessoas

nytarchives In June 1933, a photographer for [@nytimes](#) took this photo of one of the S.S. Manhattan's propellers being inspected at a drydock in Brooklyn. The ship popped up in [@nytimes](#) many times over the years. In January 1936, the Manhattan carried the U.S. Olympic team to the 4th Winter Games in Garmisch-Partenkirchen, Germany, and then in July of that same year, to the 11th Summer Games in Berlin. During World War II, the liner was called to duty; it was given a war name, Wakefield, and used to transport troops. In September 1942, after taking troops to the British Isles, the Manhattan caught fire and suffered severe damage. "A naval inquiry will try to place the blame where it belongs, and none of the rest of us have the right to pass judgment," [@nytimes](#) reported quite sternly. And in closing, the article made the argument that "no person found to be blameworthy should be allowed to handle ships again" because "a vessel damaged by carelessness, if there was carelessness, is as much a loss as one struck by the enemy." — [@jlynnanderso](#), [@nytimes](#) senior staff editor [#Brooklyn](#)

Ver todos os 4 comentários
1 de junho de 2018 • Ver tradução

15:04

← Foto

nytarchives



781 curtidas

nytarchives In June 1964, our staff photographer Jack Manning took this photo during the filming of "I Am Cuba." The film, directed by the Russian Mikhail Kalatozov, was completed in 1964, but ultimately wasn't released for another 3 decades. When it opened in 1995, "I Am Cuba" did not receive a favorable review by @nytimes. Our film critic Stephen Holden called the Russian-Cuban co-production "a nearly 2 1/2-hour swatch of cinematic agitprop that aspires to be the 'Potemkin' of the Cuban Communist Revolution." He complained that the film's characters were "little more than stick figures on which to hang the movie's revolutionary rhetoric" and went on to reduce the film as a whole to "an unwieldy but visually stunning burst of propaganda." — @jlynnanderso, @nytimes senior staff editor #Cuba #🇨🇺

Ver todos os 4 comentários
2 de junho de 2018 · Ver tradução

15:04

← Foto

nytarchives



987 curtidas

nytarchives "His name is Babe Ruth," our article began. "He is built like a bale of cotton and pitches lefthanded for the Boston Red Sox. All left-handers are peculiar, and Babe is no exception, because he can also bat. Between his pitching and batting at the Polo Grounds yesterday the Yankees were as comfortable as a lamplighter in a gunpowder factory." This is how @nytimes introduced readers to Babe Ruth — whom you might also know as the Sultan of Swat, the Caliph of Clout or the Great Bambino — in June 1915. Ruth went on to win 3 championships with the Red Sox and 4 more with the New York Yankees. His records include a .690 slugging percentage and 714 career home runs, a record that stood until Henry Aaron broke it on April 8, 1974, Mathew Brownstein wrote in @nytimes in August 2016. Our staff photographer Carl T. Gossett Jr. took this photo of a retired Ruth autographing scorecards for youthful admirers before a game at Yankee Stadium in April 1946. Ruth died 2 years later of throat cancer. — @jlynnanderso, @nytimes senior staff editor #BabeRuth #TheGreatBambino #YankeeStadium #Baseball 🇺🇸

Ver todos os 5 comentários
3 de junho de 2018 · Ver tradução





 nytarchives

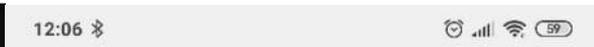


724 curtidas

nytarchives On this day in 1956, @nytimes was unimpressed. "Elvis Presley Rises to Fame as Vocalist Who Is Virtuoso of Hootchy-Kootchy," read a headline published the morning after the rising star made an appearance on the Milton Berle show. "The young man with the sideburns and mobile hips is the rage of the squealing teen-agers and his records are a top item in the never-never land of juke box operators and disk jockeys," the paper reported. "By any reasonable standards of success he is big business." But perhaps, @nytimes suggested, he should have been "classified as an entertainer." Or "as an assignment for a sociologist," the writer added. The story described Elvis's voice as "an undistinguished whine." His one speciality? "An accented movement of the body that heretofore has been primarily identified with the repertoire of the blonde bombshells of the burlesque runway." Our photographer Larry Morris took this photo of Elvis performing — hips included — at @thegarden in 1972. When Elvis died 5 years later, @nytimes deemed him "the first and greatest American rock-and-roll star," noting that his "throaty baritone and blatant sexuality redefined popular music." — @kermac, @nytimes social photo editor #ElvisPresley #Elvis #rocknroll

Ver todos os 5 comentários

6 de junho de 2018 · Ver tradução



 nytarchives



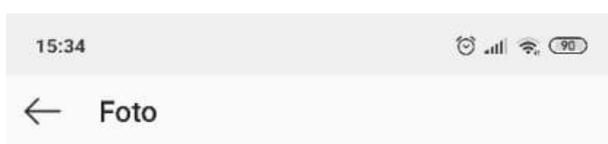
 Curtido por nytimes e outras 869 pessoas

nytarchives "A British colossus of the air: an airplane, said to be the largest in the world, which weighs 20 tons, arrives for an aerial pageant at Hendon," read the caption published with this photo in @nytimes in July 1928. The picture, taken by a photographer for @nytimes, appeared in our Mid-Week Pictorial. Unlike the main newspaper, which used photographs sparingly, the Mid-Week Pictorial relied almost exclusively on images to tell its stories, David W. Dunlap explained last year in @nytimes. "It went on sale on Thursdays for 10 cents a copy, or a little less than \$2.50 in today's dollars," he wrote. "Even today, the Pictorial can knock you out, with its 14-by-20-inch images. It's hard to imagine what a sensation it must have caused in the 1910s, when there had never been anything quite like it. This was Life magazine 2 decades before Life." — @kermac, @nytimes social photo editor #MidWeekPictorial #1920s #airplanes

Ver todos os 2 comentários

8 de julho de 2018 · Ver tradução





 nytarchives



 Curtido por **nytimes** e outras **1.628** pessoas

nytarchives In July 1954, @nytimes published a photo spread highlighting New York City's top tourist destinations — one of them being the top of the Empire State Building, where this photo was taken by one of our staff photographers. "Every year some 13,000,000 persons make New York their vacation or convention headquarters and their big problem is what to see in a limited time," @nytimes reported. "The Convention and Visitors Bureau reported that visitors had 5 favorites: the Statue of Liberty, the United Nations headquarters, Rockefeller Center, the Empire State Building and Times Square." A few days after we published the photo essay, a very short column called "Other Sites" made a few less obvious suggestions. While those sites represented the NYC seen in newsreels and magazines, "natives love the city as much for other virtues and treasures," @nytimes reported. Among the paper's suggestions: the Cloisters, the secluded paths of @centralparknyc and a nighttime drive across the George Washington Bridge — "all these should be seen, too, before the visitor goes home." — @sebantoniavega, @nytimes social media intern #1950s #NYC #EmpireStateBuilding #📍

Ver todos os 8 comentários

8 de julho de 2018 · Ver tradução



 nytarchives



 Curtido por **nytimes** e outras **1.836** pessoas

nytarchives John D. Rockefeller, America's "grand old man" of finance, as @nytimes put it, celebrated his 90th birthday on July 8, 1929. The day before the celebration, the paper reported on his plans: "He Will Rise at 7 as Usual Tomorrow to Spend Quiet Day at Pocantico Hills," @nytimes reported. At 7:30, he'd have his breakfast; at 9, someone would read him the morning newspapers. Next up: a game of golf on his private course. (Golf, our writer noted later on, had kept Rockefeller "strong and healthy" over the years.) The schedule continued: "From 11:30 to 1 o'clock in the afternoon he will rest, and at 2 o'clock luncheon will be served. A short after-lunch siesta will be followed by an automobile drive through his estate, and at 7:30 the birthday dinner will be served." And for the first time in quite some time, the renowned businessman and philanthropist would spend his birthday "without the disturbing smoke and tooting of locomotives on the Putnam Division of the New York Central Railroad below his property line on the westerly edge of Eastview," @nytimes reported. How? "Mr. Rockefeller recently bought that small community and the Public Service Commission has agreed that the tracks may be rerouted below his estate." — @kermac, @nytimes social photo editor #Rockefeller #golf #1920s

Ver todos os 23 comentários

8 de julho de 2018 · Ver tradução





nytarchives



Curtido por **nytimes** e outras **644** pessoas

nytarchives Bob Bull and Fred Kolb arrived in New York City by aircraft carrier. They came to see the Brooklyn Bridge, the Empire State Building, Wall Street. And they weren't that impressed. The sailors, "fresh off the Kansas prairies," as [@nytimes](#) put it, "looked on New York for the first time yesterday and found it a little dead, and weird." It was July 1949, and it was hot. New Yorkers had fled, leaving the city's great avenues "more deserted than North Broadway in Wichita," where Fred lived. "Even the gulls, customarily vocal, were partners in the Silence of the Great Heat," [@nytimes](#) reported. "They wheeled and drifted, slow-motion, over Fort Lafayette and over Hoffmans Island on still, indifferent wings," our writer continued. "Out on the prairie it gets hotter than this, but folks don't just all move out of it," Bob remarked. The sailors' questions were answered when they reached Coney Island. "Almost every inch of sand on the broad beaches was dense with baking humanity," [@nytimes](#) reported. They took in the smells: sizzling frankfurters and onions, knishes and hamburgers. And they took in the sights: "New York's holidaymakers in their hilarious uproar." Our photographer George Alexanderson captured Bob and Fred riding the 250-foot high Parachute Jump at Steeplechase Park. The ride was designated a landmark in 1977, years after the park was sold to a developer. — [@kermac](#), [@nytimes](#) social photo editor #[ConeyIsland](#) #[NYCtourism](#) #[sailors](#)

Ver todos os 4 comentários

9 de julho de 2018 · Ver tradução



nytarchives



Curtido por **nytimes** e outras **1.674** pessoas

nytarchives "When I want oysters on the half-shell and nothing more, where do I go?" The question came from a dismayed patron at the Grand Central Oyster Bar, which closed suddenly in July 1974. The restaurant, which was said to serve the best oyster stew in NYC, locked its doors at 4 p.m. on July 31, not long after our photographer Don Hogan Charles took this picture. "Employees, who had worked there as long as 55 years, got little more notice," [@nytimes](#) reported. With a "sad smile," the Oyster Bar's cook — who had worked there since 1919 — gave [@nytimes](#) permission to publish the recipe for the oyster stew, which included 1 piece of dry toast (if desired). Fortunately for the restaurant's staff, and its patrons, the closure didn't last long. The Oyster Bar reopened under new management later that year, stew and all. "That Same Old Creamy Bowl of Stew At a Slightly Facelifted Oyster Bar," read the headline published in [@nytimes](#). Little had changed: "Mink coats brush shoulders with workmen's shirts at the white Formica-topped counters; the atmosphere is casual and congenial, and there's enough clatter and chatter bouncing off the freshly scrubbed, vaulted ceiling to preserve the unique character of this underground institution." As for oysters on the half shell, they were back, too: "\$1 for a luscious Malpeque to 35 cents for a large succulent Bluepoint." — [@kermac](#), [@nytimes](#) social photo editor #[GrandCentral](#) #[OysterBar](#) #[oysters](#) #[1970s](#)

Ver todos os 16 comentários

10 de julho de 2018 · Ver tradução





15:36

← Foto

nytarchives
Newark, New Jersey



♥ ◻ ◂

Curtido por nytgender e outras 1.625 pessoas

nytarchives The fuse that ignited Newark, New Jersey, on the night of July 12, 1967 was a rumor. Word spread that a black cab driver had been killed inside a police precinct house. It wasn't true — he had been arrested and injured. Still, it was enough to inflame a population filled with years of pent-up grievances. The following day, the front page of @nytimes declared: "Racial Violence Erupts in Newark." It continued until July 17. Over several days, 26 people were killed — many of them black residents, as well as a white firefighter and a white police detective — and more than 700 were injured. Last year, 50 years after the uprising, @nytimes looked back at 5 days of #raceriots that shaped, and haunted, Newark. "To some, the flames and violence were riots, wrecking neighborhoods and driving away white and middle-class residents, feeding a notion that Newark was a dangerous and broken place," Rick Rojas and Khorri Atkinson wrote. But to others, it was a rebellion, "the uprising of a long-oppressed community that had finally had enough, and from that, a new sense of empowerment was born." Our staff photographer Don Hogan Charles took this photo of the @nationalguard on Springfield Avenue in Newark on July 14, 1967. — @jlynnanderso, @nytimes editor #Newark #NewarkRiots

Ver todos os 14 comentários
13 de julho de 2018 • Ver tradução

15:36

← Foto

nytarchives
Times Square, New York City



♥ ◻ ◂

Curtido por nytimes e outras 2.963 pessoas

nytarchives On this day in 1977, journalists for @nytimes worked in candlelight during a major blackout in New York City. They put their stories together using material fed to them over the telephone by reporters working from key spots in the city. More than 9 million people were left in darkness for just over 25 hours. "According to Consolidated Edison officials, the power failure was caused by a series of lightning strikes," @nytimes reported. As the company struggled to restore power to the region, "the sweltering city was plagued by the widespread looting and faltering transportation." During the blackout, city jails overflowed, "fires set by arsonists raged in several areas," nearly 100 police officers were injured and 42 firemen were hurt. An outraged mayor declared a state of emergency and said that losses to businesses were enormous. Ironically, the power failure occurred 3 days after the chairman of Con Edison said in a TV interview that he anticipated no major blackouts that summer. "As the lights came back on in neighborhood after neighborhood last night, sustained cheering in the streets was common reaction," @nytimes reported. Our staff photographer Tyrone Dukes photographed Robert D. McFadden, who wrote the front-page story that day, and other reporters at work. — @sebantoniovega, @nytimes social intern #1970s #NewYorkCity #NYC #blackout

Ver todos os 27 comentários
14 de julho de 2018 • Ver tradução

16:15 ✨

← Foto

 **nytarchives** ⋮



♡ 💬 📌 📌

 Curtido por **nytimes** e outras **1.008** pessoas

nytarchives In August 1946, our photographer Neal Boenzi took this photo on steamy day in the Rockaways. "As hot weather continued to make New Yorkers uncomfortable, thousands left their tasks to seek relief at the shore resorts," read the original caption in [@nytimes](#). "But this exhausted young man was too tired to bathe at Rockaway Beach." The same month, though, [@nytimes](#) reported on a "cool day in the city" that made New Yorkers so comfortable "that beaches were not overtaxed." There were still an estimated 1 million visitors at Coney Island, though, as well as 915,000 in the Rockaways and more than 300,000 at the beach in Atlantic City. In fact, the day sounded fairly chaotic: "There were 308 rescues from the surf at the Rockaways, 328 first aid cases and 106 lost children," [@nytimes](#) reported. "At Coney one rescue from drowning was made but 16 persons who became exhausted were pulled away from the surf. The police listed 21 children as having been separated from their parents." — [@kermac](#), [@nytimes](#) social photo editor [#RockawayBeach](#) [#hotday](#)

Ver todos os 3 comentários

15 de agosto de 2018 · Ver tradução

■ ● ◀



nytarchives

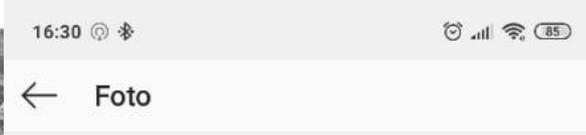


1.396 curtidas

nytarchives 52 years ago, our photographer Barton Silverman captured this photo of women being apprehended after trying to hurdle barriers at a Beatles concert. "The police, who had been idly standing by, suddenly found their hands full of struggling, weeping, hysterical teenagers," @nytimes reported. More than 45,000 people attended the concert at Shea Stadium in Queens. "As usual the noise was deafening, the music all but inaudible, the hysteria high and the money big — although not so big as in years past," @nytimes noted. Sid Bernstein, the Fab Four's "tireless promoter," was disappointed with the turnout and concerned that there wouldn't be much profit for him after expenses. The previous year, the Beatles filled the stadium and grossed \$304,000 from the concert. But in 1966, they were 10,000 seats short of the arena's capacity and grossed just \$292,000 from the event. Despite the dip in sales, Sid said he had high hopes for the group's future in the United States. After the event, "Mr. Bernstein said he believed the days of English rock 'n' roll groups, with the possible exception of the Beatles, were numbered," @nytimes reported. "From now on," Sid said, "it'll be all American. Remember what I said — I've never been wrong before." — @sebantoniovega, @nytimes social photo intern #1960s #thebeatles #rocknroll # 🙌 # 🎸

Ver todos os 15 comentários

17 de agosto de 2018 · Ver tradução



nytarchives

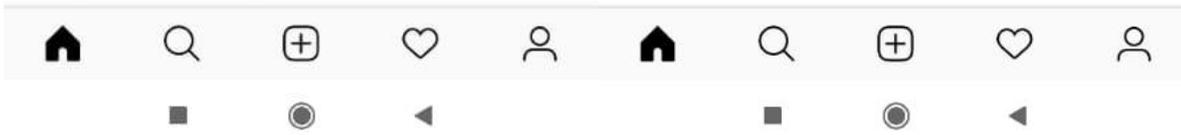


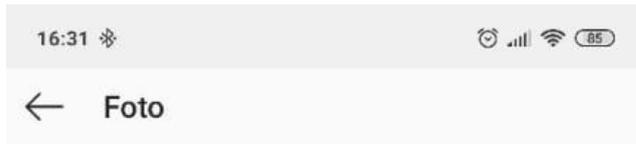
580 curtidas

nytarchives Here's one way to stay cool in the summer heat: In August 1951, William Melvin Goodhue built an igloo in his Long Island basement. The electrical engineer had been experimenting with one of his hobbies: low-temperature refrigeration. "The scene in the Goodhue basement is one that might have excited Jack London," @nytimes reported. "After several hours of work with a mold, 2 refrigeration compressors and an anti-freeze solution, Mr. Goodhue placed an authentic igloo model with walls an inch thick in a refrigeration tank where the temperature was 30°F below zero." Inside the igloo, though, the temperature was 60°F. "If you were small enough, you could live in here very comfortably, indeed," William told @nytimes. Here, our photographer George Alexanderson captured William emerging from his insulated, air-conditioned workshop. Comfortable? Maybe if he'd built higher ceilings. — @kermac, @nytimes social photo editor #igloo #hotdays

Ver 1 comentário

16 de agosto de 2018 · Ver tradução





 **nytarchives**
Coney Island Cyclone

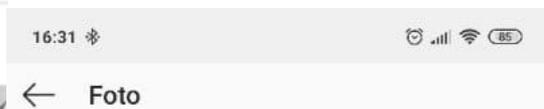


1.528 curtidas

nytarchives You either love roller coasters or you don't. Richard Rodriguez is enamored. He currently holds the [@guinnessworldrecords](#) title for the world's longest marathon on a roller coaster, 405 hours and 40 minutes (16 days straight!), which he set in 2007 in Blackpool, England. But the thrill began on Coney Island's own Cyclone roller coaster in the summer of 1977. The then 19-year-old decided he wanted to break the record for consecutive trips (1,001) in honor of the aviator Charles Lindbergh, who once declared the [#brooklyn](#) coaster to be more thrilling than flying. Over the course of 4 days, Rodriguez completed 2,350 circuits on the rickety, terrifying amusement. He was allowed a 5-minute break for every hour of riding and subsisted on a mostly liquid diet that included vanilla milkshakes. At one point, he had to be tied to the seat with ropes during a thunderstorm. Last summer he returned to Coney Island to ride the Cyclone for its 90th birthday. "It all started right here," he told [@nytimes](#). — [@wonderdj](#), [@nytcooking](#) editor [#rollercoasters](#) [#ConeyIsland](#) [#CycloneRollerCoaster](#)

Ver todos os 20 comentários

19 de agosto de 2018 · Ver tradução



 **nytarchives**



570 curtidas

nytarchives In August 1983, the City Parks Department was thinking about tearing down the Parachute Jump at Coney Island. "Tall and graceful from afar," by that summer it stood "silent and rusting, its base covered with graffiti," Susan Chira reported in [@nytimes](#). The ride had been closed since 1967. But "for many Coney Islanders who have watched the area bulldozed and burned, the possible loss of the jump means another blow to their vision that Coney Island could once again become the community they knew as children," Susan wrote. The parachute ride, she wrote, had come to symbolize "the demise of Steeplechase Park, the prostitutes working in the shadows of the rides, the abandoned buildings on the sunny side streets, the degeneration of a place, the end of an era." The estimated cost of renovation: nearly \$500,000. "To spend a half-million dollars to repair a totally useless structure — it's not the Eiffel Tower, and even that has a restaurant," Parks Commissioner Henry J. Stern said. Marie Scordaras, who'd lived nearby all her life, compared the Parachute Jump to another landmark. "It's the Statue of Liberty of Coney Island," she said. While on assignment in Coney Island that week, our photographer Jack Manning took this photo of a little boy playing in the sand — proof that some things hadn't changed. — [@kermac](#), [@nytimes](#) social photo editor [#ConeyIsland](#) [#beach](#)

19 de agosto de 2018 · Ver tradução



16:31 ✨

← Foto

nytarchives



790 curtidas

nytarchives Every generation has its group of starlets, ingénues and must-watch performers. In the 1920s, the dancer and actress Claire Luce was one of them. Early on in her career, Claire — who ran away from home and moved to NYC as a teenager — danced in shows like the 1924 “Music Box Revue.” When @nytimes reviewed the show, she was referred to simply as “a cute young person.” But she went on to perform in a number of productions, including “Ziegfeld Follies” in 1927 with Eddie Cantor, “The Gay Divorce” in 1932 with Fred Astaire, “Of Mice and Men” in 1938 and “The Taming of the Shrew” in London in 1942. She spent the war in Britain, where she entertained British and American troops. Afterward, Claire became the first American actress to play leading roles at the Shakespeare Memorial Theater in Stratford-on-Avon. One of our photographers took this photo of her performing in “Paris en Fete” in 1925. — @heyitsfranklin2, @nytimes social strategy editor #ClaireLuce #Ziegfeld #1920s

Ver todos os 7 comentários

20 de agosto de 2018 · Ver tradução

16:31 ✨

← Foto

nytarchives



1.530 curtidas

nytarchives What better way to celebrate being another year older than by showing that you’re still in your prime? That’s what members of United States Coast Guard may have been thinking when planning a celebration for the 156th anniversary of their organization’s founding in August 1946. @nytimes reported that the @uscg simulated a pair of rescue missions that afternoon — by air and by sea — off of Coney Island in front of an audience of 1 million people. A helicopter “saved” a cook from a life raft by carrying him to the open deck of a ship, while a flying boat parachuted a motor launch near 4 men on a raft, who then used the vessel to speed away. Our staff photographer Neal Boenzi took this photo of the sea of spectators standing onshore during the demonstrations. @nytimes noted that while show ran a mere 20 minutes, the crowd deemed it was “exceptionally satisfactory.” More heart-stopping, however, were the non-simulated (and unrelated) rescues of 19 exhausted swimmers that day. — @mattsedacca, @nytimes news assistant #ConeyIsland #USCG #1940s

Ver todos os 5 comentários

21 de agosto de 2018 · Ver tradução



 nytarchives

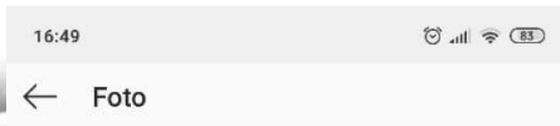


952 curtidas

nytarchives Yogi Berra was among the most recognizable names in baseball. He was a mainstay of 10 @yankees championship teams and an All-Star for 15 consecutive seasons. He also led the @yankees and the @mets to the @mlb World Series as a manager. But the man universally known as Yogi was perhaps best known as a cultural figure who had a seemingly limitless supply of memorable quips, or Yogi-isms — from “It’s déjà vu all over again” to “When you come to a fork in the road, take it.” In 1964, our staff photographer Ernie Sisto captured this image of Hank Bauer, a former All-Star outfielder for the Yankees, with Yogi in the Yankee Stadium locker room. The athletes had played for the Yankees together for 11 seasons, from 1948 to 1959. In this photo, both Yogi and Bauer were managers for teams: Yogi for the Yankees, and Bauer for the Baltimore @orioles. To see Yogi and Bauer together in the locker room? Well, you could say it was déjà vu all over again. — @tminberg, senior special projects editor #baseball #YogiBerra #Yankees

Ver todos os 10 comentários

22 de setembro de 2018 • Ver tradução



 nytarchives



631 curtidas

nytarchives In the past, the harvest was a community affair in the Hudson Valley. Children would take the first month off from school and “mothers and ministers labored side by side to get in the vital crop,” @nytimes reported. This photo, taken in 1968, captured a shift: Kids, who no longer took time off from school, were replaced by migrant laborers, sons were no longer keen on running their family farms. The changes began when IBM built its manufacturing plant in Kingston in 1955, creating jobs for 5,500 people. The plant was followed by a new bridge that allowed for the plant workers to live in the Hudson Valley. @nytimes reported that the number of trees producing apples declined to 95,132 in 1964 from 253,923 in 1949. “We used to have strawberries, cherries, apples, pears and grapes here,” said Albert B. Cole, the last in line of owner-managers of one of the oldest farms in the Hudson Valley. “Now we’re the bedroom of IBM.” — @adri_ninfa_gio, @nytimes news assistant #HudsonValley #applepicking #1960s

24 de setembro de 2018 • Ver tradução



nytarchives



927 curtidas

nytarchives Our staff photographer Neal Boenzi took this photo of the New York City Mayor Abraham Beame attempting to keep the peace between Muhammad Ali, left, and Ken Norton outside City Hall in September 1976. The two boxers had ventured there to publicize their heavyweight championship fight, scheduled for later that month at Yankee Stadium. In the days leading up to the match, there was, of course, the usual trash talk. "It shall not go more than 5 rounds," @nytimes reported Ali boasting. "Norton got knocked out in the second round by George Foreman, and I'm Foreman's daddy." Norton, unsurprisingly, disagreed. "He's been fighting a minute and a half each round," the challenger said. "He's going to have to fight 3 minutes a round this time, because I'm going to put the pressure on him." So whose talk proved to be more than just talk? Ali's, but the outdoor boxing match hardly went smoothly. "A police strike in the city led to unruly mobs outside the remodeled Yankee Stadium, and Ali's car was delayed in the scum," George Vecsey wrote of the fight in a 2010 sports column. "Once inside, Ali had a rough time against Ken Norton, but was ultimately given a controversial but unanimous decision that left Norton crying in frustration." - @jlynnanderso, senior staff editor #MuhammadAli #Ali #Boxing #

Ver 1 comentário
25 de setembro de 2018 · Ver tradução

nytarchives



1.111 curtidas

nytarchives "An impressive show of Federal force cowed racist agitators at Central High School this morning, permitting the integration of nine Negro students without serious disorder," began the September 26, 1957 @nytimes account of the integration of the school system in Little Rock, Arkansas. Written by our reporter Homer Bigart, who covered the civil rights movement extensively for The Times, the article describes a charged atmosphere as hundreds of pro-segregation students walked out of class in protest. "With bayonets fixed on their M-1 rifles, troops in battle dress broke up sullen knots of civilians as they formed," wrote Bigart. Seven people were apprehended by the soldiers and turned over to the local police, and while one man was hit on the head with a rifle butt when he tried to wrest the gun from a soldier's hands, the day passed with less violence than many had feared. The students who started school that day—including Carlotta Walls, left, and Elizabeth Eckford—became known as the Little Rock Nine. The group was presented with the Congressional Gold Medal by President Bill Clinton in 1999. #civilrights #freedom #blackhistory

Ver todos os 6 comentários
26 de setembro de 2018 · Ver tradução

 **nytarchives** 



857 curtidas
 nytarchives Bergdorf Goodman's Custom Salon was a consistent money-loser, @nytimes reported in 1961, despite doing nearly \$1 million in business the previous year. Soaring labor costs were the issue: The department employed "four dressmaker fitters, three tailor fitters, fifteen tailors (where once there were 165), twenty-six drapers and sixty-four finishers." But the customer list — 750 people, whose identities were closely guarded — counted Kennedys and Fords among its ranks. Leonard Hankin, the vice president of Bergdorf's at the time, described the customers as "chic, young, rich, busily involved in government and philanthropy, with no time for shopping." In this @nytimes photo from 1961, Henrietta Gabriel checked a muslin pattern on a mannequin that was conformed to the figure of a Bergdorf's custom customer. — @lancebooth, @nytimes photo editor
 #BergdorfGoodman #fashion #shopping #deathofretail
 Ver todos os 9 comentários
 27 de setembro de 2018 • Ver tradução

 **nytarchives** 



2.145 curtidas
 nytarchives Talk about making it rain! The launching of the Queen Mary—billed as "the world's largest, finest, fastest and safest ship"—was a rather grand affair, if tempered with a dose of British class hierarchy. "Queen Mary dashed a bottle of wine against the port bow of the liner," reported our correspondent, "and the King laughed heartily as its contents spattered down on the heads of a crowd standing on the launching platform below." The ship was in service for 30 years before finding its current home in Long Beach, California. Its successor, the Queen Mary 2—nearly twice as big as its namesake, by tonnage—was christened in 2004, and is still an active passenger liner today. #boats #sailing #yachtlife #luxury
 Ver todos os 8 comentários
 28 de setembro de 2018 • Ver tradução

nytarchives



509 curtidas

nytarchives "To urban bumpkins, intent on psychedelic cinema and electronic musicales, carnivals may seem to have gone the way of Congress boots and the hand-pump. Not so," the @nytimes reported in 1967. According to our coverage, the carnival relied on its working-class customers to stay running. And it was an expensive business, as new carnival equipment would cost anywhere from \$3 million to \$4 million each winter. "It's all paid for in dimes and nickels, so you can figure out how many people find fun in this," Irwin Kirby, Eastern news editor of the trade weekly, Amusement Business, told our reporter, Richard F. Shepard. The original caption for this photograph, taken by Robert Walker, read: "Carole Ash runs the wiggly pit under the name of Liana. Some carnival visitors have definite reactions to her friends." — @adri_ninfa_gio, @nytimes news assistant #history #wildlife #entertainment

Ver 1 comentário
1 de outubro de 2018 · Ver tradução

nytarchives
Alfred E Smith Park

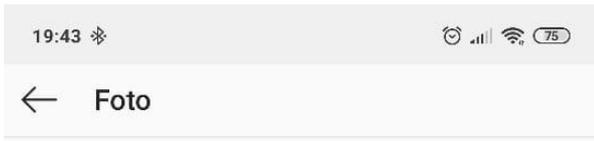


1.490 curtidas

nytarchives Affordable high-rise apartments in New York City? That was the idea at least in October 1952, when the Gov. Alfred E. Smith Houses (the complex in the foreground here) opened on the Lower East Side. Our reporter William M. Farrell noted the strange effect the developments took on when viewed from the air, setting them apart from the usual, rectangular cityscape. "Geometric pattern in spacing the buildings permits maximum space between structures, within the limitations of a given plot," explained the @nytimes article at the time. "Thus room is left for play spaces, shrub-bordered walks, bits of grassy areas, as well as access of the 'light and air.'" The buildings still stand today and are home to more than 4,200 people. #NewYork #realestate #housing #history

Ver todos os 15 comentários
2 de outubro de 2018 · Ver tradução

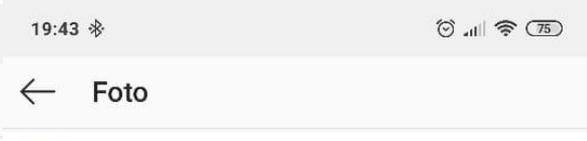




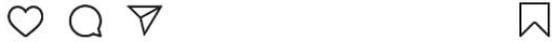
nytarchives
Weehawken, New Jersey



Curtido por **nytopinion** e outras **1.328 pessoas**
nytarchives Creepy, but not what it seems. This picture, published on March 15, 1955, is actually of commuters on the Weehawken Ferry, protesting the cancellation of passenger service on the West Shore Railroad. The line ran up the west side of the Hudson to Albany and then on to Buffalo. It did stop carrying passengers, but not until several years later. #photography #creepy #history
Ver todos os 4 comentários
31 de outubro de 2018 • Ver tradução



nytarchives
Empire State Building



707 curtidas
nytarchives TGIF! This stress-inducing photo of a potentially stress-reducing activity comes from 1977. At the Guinness World Records Exhibit Hall, located in the Empire State Building, "Ronald Champlain, known professionally as Master Chi, lies on a bed of nails, with an ax at his throat, as an assistant breaks a baseball bat over the ax." Don't try this at home, but you knew that. #history #photography #newyorkcity #hobbies
Ver todos os 7 comentários
2 de novembro de 2018 • Ver tradução



19:43

Foto

nytarchives
Williamsburg, Brooklyn



1.352 curtidas

nytarchives It's marathon day in New York City! Few things unite the 5 boroughs like watching the race – and, for more than 50,000 runners this year, finishing it. This @nytimes picture from 1988 shows members of the Hasidic community of South Williamsburg watching runners go by. The race that year was finished by 22,000 runners, fewer than half as many as are expected to complete it this year. On today's course, as in 1988, this spot is at roughly the 10-mile mark. #nycmarathon #newyork #history #photography

Ver todos os 7 comentários
4 de novembro de 2018 · Ver tradução

Home Search Add Heart Profile

19:43

Foto

nytarchives
Queensborough Bridge



Curtido por nytopinion e outras 1.824 pessoas

nytarchives In the New York City Marathon, if you've made it this far, you're more than halfway there. The Queensboro Bridge, which runners here are pictured crossing in 1980, marks roughly the 15-mile mark in the 26.2-mile race. That year, more than 12,000 people finished the course, up from just 55 in the inaugural race, run in 1970. #nycmarathon #newyork #history #photography

Ver todos os 12 comentários
4 de novembro de 2018 · Ver tradução

Home Search Add Heart Profile

19:44

← Foto

nytarchives
San Pedro, California

♡ 💬 🚩

nytarchives Curtido por **nytopinion** e outras **862** pessoas

nytarchives Go long for democracy! It's election day tomorrow, and here we have an vigorous Ronald Reagan campaigning for governor of California in 1966. This @nytimes photo was taken by Bob Martin in San Pedro, California as Reagan was running against incumbent Edmund G. "Pat" Brown, the father of current California governor Jerry Brown. Reagan won the race, with the voter turnout for the '66 election at an astonishing (by today's standards) 79 percent. #electionday #politics #history #photography

Ver todos os 13 comentários
5 de novembro de 2018 · Ver tradução

🏠 🔍 + ❤️ 👤

19:44

← Foto

nytarchives
Bronx, New York

♡ 💬 🚩

1.817 curtidas

nytarchives John F. Kennedy shows the Bronx some love, as he campaigns there during the 1960 presidential race. On his way to winning the Oval Office, the 43-year-old acknowledges supporters as he stands atop a convertible. JFK would go on to beat opponent Richard M. Nixon in New York state by roughly 5 percentage points. #electionday #politics #history #photography

Ver todos os 7 comentários
5 de novembro de 2018 · Ver tradução

🏠 🔍 + ❤️ 👤

 **nytarchives** 



 Curtido por **nytopinion** e **outras 1.218 pessoas**
nytarchives Today's the day. Did you vote, like these civic-minded souls from the @nytimes photo archives? #electionday #vote #politics #history #photography
Ver todos os 8 comentários
6 de novembro de 2018 · Ver tradução

 **nytarchives**
8th Street 



2.455 curtidas
nytarchives The neon wilderness of 8th Street in Manhattan. This block, between 5th and 6th Avenues, was shot in November 1965 by @nytimes staff photographer Larry C. Morris. Dominated back then by brightly lit signage and frenetic storefronts, today the block is lined with mature trees more than 20 feet tall. (For our story on the world of midcentury New York inspiring the hit show "The Marvelous Mrs. Maisel" — with many more vivid pictures like this — click the link in bio) #history #photography #newyork
Ver todos os 21 comentários
10 de dezembro de 2018 · Ver tradução

19:46

Foto

nytarchives



Curtido por nytopinion e outras 906 pessoas

nytarchives Intersectionality is a big part of today's conversation in the women's movement. In her deeply personal piece on Gloria Steinem, @rebeljunemarie talks about the feminist icon's commitment to women of color, and how @nytimes archival pictures of Steinem show a deep moral courage. (Click link in bio to read.) In this picture by staff photographer John Sotomayor, Gloria is pictured with fellow activist Florynce Kennedy at a meeting of the National Women's Political Caucus in 1974. #feminism #history #photography

Ver todos os 6 comentários

11 de dezembro de 2018 · Ver tradução

19:46

Foto

nytarchives Statue of Liberty



Curtido por nytopinion e outras 4.211 pessoas

nytarchives It doesn't get much more New York than this overhead shot of "Miss Liberty" taken in 1979 by longtime @nytimes staff photographer Barton Silverman. As The Times reported upon the statue's unveiling and dedication in October 1886, "It is not too much to say that the monument thus finally exposed gives to the harbor what it has heretofore lacked in a single dominant feature." Indeed, it certainly became the harbor's single, dominant feature that day, and has remained so in the century since. #newyork #history #photography

Ver todos os 26 comentários

12 de dezembro de 2018 · Ver tradução

19:46

Foto

nytarchives Bedford-Stuyvesant, Brooklyn



1.613 curtidas

nytarchives Female cops! It's hard to imagine a time when that was exceptional, but in the @nytimes in November 1972, a whole article was dedicated to the subject. Photographed by the staff photographer John Sotomayor in their squad car are Lucille Burrascano, then 29, and her partner, Kathleen Salzano, then 30. As the accompanying article noted, "They are policewomen (but prefer to be called 'officers') who have been patrolling the high crime precinct in Bedford-Stuyvesant since last June as part of a year-long experimental program designed to get policewomen out of the precinct houses and onto the streets." Apparently, their preference to be called "officers" went unheeded. #history #women #nyc #nypd #lawenforcement

Ver todos os 13 comentários

13 de dezembro de 2018 · Ver tradução

19:46

Foto

nytarchives Seagram Building



Curtido por nytopinion e outras 2.738 pessoas

nytarchives A Modernist icon's first Christmas. The Seagram Building – photographed here in 1958, the year of its completion – was designed by architectural titan Ludwig Mies van der Rohe. With its clean lines and assertive-yet-expansive footprint, the 38-story tower became one of Midtown Manhattan's defining structures. This picture by @nytimes staff photographer John Orris, shows the building adorned with 127 evergreen trees, strewn with 12,000 lights. #history #photography #architecture #nyc

Ver todos os 24 comentários

14 de dezembro de 2018 · Ver tradução